

Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som

**Super Festivais do GRIFE:  
produção, circulação e formação de  
cineastas no Super8 brasileiro (1973-1983)**

Flavio Rogerio Rocha

São Carlos  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
Flavio Rogerio Rocha

**Super Festivais do GRIFE:  
produção, circulação e formação de  
cineastas no Super8 brasileiro (1973-1983)**

Trabalho de dissertação do aluno Flavio Rogerio Rocha sob o título “Super Festivais do GRIFE: produção, circulação e formação de cineastas no Super8 brasileiro (1973-1983) “ – orientado pelo Prof. Dr. Alessandro Constantino Gamo –, apresentado à banca examinadora como parte integrante para a atribuição do título de mestre pelo PPGIS – Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som / UFSCar – Universidade Federal de São Carlos.

São Carlos  
2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

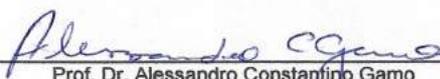
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som

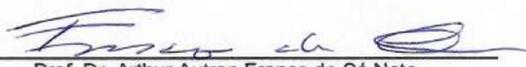
---

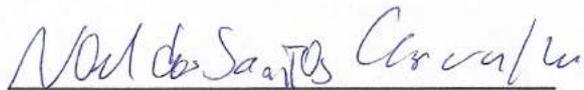
**Folha de Aprovação**

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Flavio Rogerio Rocha, realizada em 20/05/2015:

  
Prof. Dr. Alessandro Constantino Gamo  
UFSCar

  
Prof. Dr. Arthur Aufran Franco de Sá Neto  
UFSCar

  
Prof. Dr. Noel dos Santos Carvalho  
UNICAMP

Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio e Tereza,  
e às minhas filhas, Luara e Clarice;  
e à memória de Abrão Berman.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida – sem a qual este trabalho seria inviabilizado.

Agradeço ao PPGIS, pelo apoio ao longo em todo o percurso.

Agradeço as pessoas que, de alguma forma, estiveram envolvidas com o GRIFE.

Principalmente Malu Alencar, Henrique Macedo, Francisco Conde, José Augusto Iwersen e Antônio Leão, que foram muito solícitos em me auxiliar com suas memórias, materiais e incentivo.

Agradeço ao meu orientador, Professor Alessandro Gamo, por ter acreditado em mim.

Agradeço aos meus pais, Antônio e Teresa Rocha, sempre tão carinhosos comigo.

Agradeço às minhas três mulheres: Luara, Clarice e principalmente Patrícia Martins, companheira de longa data que sempre me apoio na vida, na *academia* e em tudo.

Agradeço a minha sogra Maria Emília, pelo apoio logístico, afetivo e fraternal.

Agradeço ao meu irmão Carlos e a sua linda família, Lucimara, Giovana e Luiza.

Agradeço à Joyce Cury e Daniel Maggi, por poder considerá-los meus “irmãos”.

Agradeço aos integrantes da banca examinadora, Professor Noel Santos Carvalho e Arthur Autran por se disporem a avaliar meu trabalho.

Agradeço aos funcionários da biblioteca do Museu Lasar Segall, a Alexandre Miyazato da biblioteca da Cinemateca Brasileira, a Patrícia Lira e sua equipe do setor de pesquisa do Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

Agradeço aos amigos Carlos Barbosa e Janaína Moscal, por me auxiliarem na correção do texto.

Agradeço a todos os amigos de São Carlos, que muito me auxiliaram nessa jornada:

Marina da Costa, Jonathan Jota, Valdir Maier, Silene Marques, Dario Mesquita, Felipe Rossit, Filipe Brito, Hugo Reis, Maria Inês Diuzeide, Patricia Vaz, Willian Pianco, Buchecha, Gil Franco, Tiago Severino, Daniel do Bandolim.

Agradeço aos amigos de São Paulo, que sempre me receberam de braços abertos quando precisei: Reinaldo, Cesar, Homer, Leco, Big Hands, Manoel, Gersinho e Marcelo.

E aos professores: Samuel Paiva, Flavia Cesarino Costa, Luciana Araújo, Suzana Reck, Leonardo Andrade, Josette Monzani e João Massarolo.

“A nossa proposta mais profissionalizante em São Paulo (e o projeto já é muito antigo) é a da exibição comercial do Super-Oito, de um determinado tipo de realização que se enquadre no Super-Oito espetáculo. (...) Os festivais que a gente promove (em São Paulo, pelo menos) fazem sentir que a massa popular que os acompanha é bastante representativa. É isso pode significar que o público está querendo alguma coisa nova.”

Abrão Berman

Super-8 é a bitola que preservará a memória nacional.

In: Jornal Voz do Paraná. Curitiba, semana de 1º a 7 de maio de 1977.

**Resumo:**

Este trabalho de pesquisa consiste na análise da trajetória dos *Super Festivais Nacionais do Filme Super8*, iniciativa do Grupo de Realizadores Independentes de Filmes Experimentais (GRIFE) da cidade de São Paulo, de sua primeira edição em 1973 até 1983, quando o festival termina. A ideia é traçar um panorama sobre esse importante capítulo da cinematografia brasileira, que ainda não despertou grande interesse entre os pesquisadores de cinema. Para este intuito lanço mão de extensa documentação e fortuna crítica composta em torno da produção superoitista nacional, como artigos em jornais e revistas, catálogos de mostras, entre outros, assim como documentos históricos relacionados a realização dos *Super Festivais* do GRIFE.

**Palavras-chave:** GRIFE, Festival de Cinema, Super8, Abrão Berman, Cinema Nacional.

**Abstract:**

This research is the analysis of the trajectory of Super National Festivals of Super8 film, an initiative of the Group of Independent Filmmakers Experimental Films (GRIFE) of São Paulo, of its first edition in 1973 until 1983, when the festival ends. The idea is to give an overview of this important chapter of Brazilian cinema, which has not aroused great interest among researchers of cinema. To this end I make use of extensive documentation and critical fortune composed around the national superoitista production as articles in newspapers and magazines, exhibitions catalogs, etc., as well as historical documents related to the realization of GRIFE's Super Festivals.

**Key-words:** GRIFE, Cinema Festival, Super8, Abrão Berman, National Cinema.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Abrão Berman e Malu Alencar em frente a sede do GRIFE, em 3 de julho de 1972. (Acervo pessoal de Maria Luíza de Alencar) – pg. 32.

Figura 02 – Anúncio da maleta *Fairchild* na revista Novidades Fotoptica número 66, de 1974, p. 44. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo) – pg. 36.

Figura 03 – Fotografia do Centro de Estudos de Cinema do GRIFE, retirada da reportagem “Câmaras na Mão”, da revista Veja de 14 de julho de 1976, página 71. – pg. 46.

Figura 04 – Capa do catálogo da ExpoProjeção 73, 1973. – pg. 52.

Figura 05 – Convite do *I Super Festival Nacional do Filme Super8 MM*. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo) – pg. 57.

Figura 06 – Fotografia de uma das noites de exibição de filmes no Teatro São Pedro durante o I Super Festival do GRIFE, retirada da revista Novidades Fotoptica número 63, de 1973. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo) – pg. 58.

Figura 07 – Convite do *II Super Festival Nacional do Filme Super8 MM*. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo) – pg. 74.

Figura 08 – Participantes do 1º Mostra Internacional do filme Documentário, promovido pela Escola Técnica Federal do Paraná em 1975. Na fotografia da esquerda para a direita: Percy Tamplin, Abrão Berman, Márcia da Fontoura, Mauro Alice, Pola Vartuk, Carlos Sampaio, Ozualdo Candeias, Valêncio Xavier e Francisco Alves dos Santos. Revista IrisFoto número 278, de 1975, p. 27. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo) – pg. 86.

Figura 09 – Convite do *IV Super Festival do Filme Super8 MM*. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo) – pg. 96.

Figura 10 – Foto (frente e verso) de divulgação do filme *Brazil, ou Aquarela do Brazil*, de Abrão Berman. Imagem pesquisada em <http://www.bcc.org.br/fotos/galeria/029943>, no dia 12 de janeiro de 2015. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo) – pg. 101.

Figura 11 – Chamada para inscrição de filmes no *V Super Festival*, patrocinado pela Embrafilme. Jornal do Brasil, 23 de junho de 1977. – pg. 111.

Figura 12 – Convite do *VI Super Festival Nacional do Filme Super8 MM*. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo) – pg. 127.

Figura 13 – Anúncio da *1ª Sala Permanente de Cinema Super8*. Jornal do Brasil, 8 de maio de 1979. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo) – pg. 135.

Figura 14 – Convite para o coquetel de lançamento do *VII Super Festival Nacional do Filme Super8 MM*. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo) – pg. 137.

Figura 15 – Convite do *VIII Super Festival Nacional do Filme Super8 MM*. (Acervo pessoal de José Augusto Iwersen) – pg. 150

Figura 16 – Convite do *IX Super Festival Nacional do Filme Super8 MM*. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo) – pg. 159.

Figura 17 – Convite do *X Super Festival Nacional do Filme Super8 MM*. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo) – pg. 167.

Figura 18 – Esquema de transcrição de filmes e slides para vídeo das Lojas Fotoptica, retirado de anúncio na revista *Novidades Fotoptica* número 110, de 1982. – pg. 169.

Figura 19 – Convite do *XI Super Festival Nacional do Filme Super8 MM*. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo) – pg. 178.

Figura 20 – Foto retirada da revista *Isto É* de reportagem feita a respeito do final do GRIFE, datada de 8 de fevereiro de 1984. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo) – pg. 183.

## LISTA DE SIGLAS

ABAF (RJ) – Associação Brasileira de Arte Fotográfica  
ACAI (RJ) – Associação Cinema Experimental  
AGACINE (RS) – Associação Gaúcha de Cinematografia  
ARES8 (SP) – Associação Paulista de Realizadores de Cinema Super8  
CACEX – Carteira de Comércio Exterior  
CONCINE – Conselho Nacional de Cinema  
CONSISO - Congresso Nacional de Cinema Super8  
ECA – Escola de Comunicação e Artes da USP  
ECAJA (AC) – Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos  
EMBRAFILME – Empresa Brasileira de Filmes  
ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing  
FAAP – Fundação Armando Alvarez Penteadó  
FUNARTE – Fundação Nacional de Artes  
GRIFE – Grupo dos Realizadores Independente de Filmes Experimentais  
IDART – Departamento de Informação e Documentação Artísticas  
IDHEC – Institut des Hautes Études Cinematographiques  
INC – Instituto Nacional de Cinema  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial  
SESC – Serviço Social do Comércio  
USP – Universidade de São Paulo  
UNICAMP – Universidade de Campinas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	pg. 13
<b>1. CAPÍTULO 1 – O GRIFE – A PROFISSIONALIZAÇÃO DO AMADORISMO</b> .....	pg. 24
1.1 – O setor comercial do GRIFE.....	pg. 36
1.2 – O Centro de Estudos de Cinema do GRIFE.....	Pg. 42
1.3 – GRIFE - Centro Cultural e polo de aglutinação superoitista.....	Pg. 48
<b>2. CAPÍTULO 2 - O INÍCIO E A CONSOLIDAÇÃO DOS SUPER FESTIVAIS NACIONAIS DO FILME SUPER8 MM DO GRIFE</b> .....	Pg. 57
2.1 – I Super Festival – um começo inspirador.....	Pg. 57
2.2 – II Super Festival – O Super8 e a proliferação dos festivais pelo país.....	Pg. 74
2.3 – III Super Festival – elevação no nível dos filmes e polêmicas em torno das decisões do júri.....	Pg. 84
2.4 – IV Super Festival – Sobe o nível dos filmes, mas Malu Alencar deixa do GRIFE.....	Pg. 96
2.5 – V Super Festival – Críticas, proibições, e a consolidação da mostra.....	pg. 107
<b>3. CAPÍTULO 3 – DO ÁPICE À DECADÊNCIA, “O SUPER8 MORREU, VIVA O SUPER8”</b> .....	Pg. 121
3.1 – VI Super Festival – MEC FUNARTE, ampliação da mostra e recorde de inscritos.....	Pg. 121
3.2 – VII Super Festival – I CONSISO, um contrato com a Kodak e um vencedor que não era de São Paulo.....	Pg. 133

3.3 – VIII Super Festival – o “papa do Super8” norte-americano, e o desabastecimento de insumos Super8.....	Pg. 145
3.4 – IX Super Festival – “ainda em clima de restrições”, mas o nível geral das produções sobe.....	Pg. 155
3.5 – X Super Festival – finalmente a internacionalização, mas o fim estava próximo.....	Pg. 166
3.6 – XI Super Festival – “O Super8 morreu, viva o Super8”.....	Pg. 174
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>Pg. 184</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>pg. 190</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>pg. 202</b>

## INTRODUÇÃO

A produção de filmes na bitola cinematográfica Super8 no Brasil teve uma grande importância durante toda a década de 1970 e também no início da década seguinte. Ocorreram diversos núcleos regionais de produção superoitistas, que foram marcados por uma grande gama de gêneros cinematográficos, desde os mais tradicionais até os mais experimentais. Grande parte dos realizadores que começaram a fazer seus primeiros filmes utilizando-se dessa nova tecnologia, surgida naquele momento, tornaram-se profissionais e construíram uma sólida carreira no audiovisual brasileiro.

Muitos foram os locais por onde as produções feitas na bitola Super8 circularam durante esse período no Brasil. Diversos circuitos de exibição abriram espaço ou simplesmente surgiram em torno da proposta de divulgar os resultados do *fazer cinema com poucos recursos*. Tal tecnologia cinematográfica se confirma como mais um impulso no sentido da popularização do cinema, em favor de sua manufatura pelas camadas médias da população.

Para aclarar essa questão, do ponto de vista técnico, o Super8 era o antigo formato 8mm que reduzindo o tamanho das perfurações na película, aumentava o espaço para o quadro de imagem em 50%. Ele rapidamente caiu no gosto de uma série de pessoas interessadas em trabalhar com cinema, mas que até aquele momento não haviam tido a oportunidade de fazê-lo, por causa de seus altos custos.<sup>1</sup>

Quando surge, o Super8 se generaliza por todo o mundo, e durante a década de 1970 alastra-se pelo Brasil. Este formato adquire, então, uma amplitude considerável por causa de suas características fundamentais: seu baixo custo de produção e sua maior liberdade de pesquisa e experimentalismo.

Segundo Denise Bottman:

A posse dos meios de produção é um fator determinante para a existência de um movimento em Super8. É também a posse dos meios de produção e o baixo custo da bitola que podem explicar o grau de liberdade e de autonomia na criação. Assim, a maior margem de

---

<sup>1</sup> SUPEROITO: mais forte e mais vivo. Panorama. Curitiba, n. 225, abriu de 1975, p. 21–23.

experimentação cinematográfica é que nos permite falar numa ‘linguagem própria’ do Super8.<sup>2</sup>

Aspirantes a cineastas, artistas plásticos, músicos, poetas, entre outros, lançaram mão desta nova ferramenta para expressar seus pensamentos e seus posicionamentos políticos, através das imagens produzidas por câmeras Super8. Havia uma crescente efervescência em torno das produções realizadas utilizando-se dessa bitola. Conseqüentemente, os superoitistas aglutinaram-se em torno de circuitos que exibissem seus filmes, criando redes alternativas ou se utilizando de espaços já estabelecidos em festivais e mostras consagradas ao cinema 35 mm e ao 16 mm por todo o país. Os realizadores de filmes Super8 estavam, também, atentos aos seus próprios canais de comunicação como colunas em revistas especializadas, espaços em programas de TV, e as discussões que envolviam as possibilidades de produção cinematográfica através dos cineclubes e sua organização em rede que, a partir da década de 1970, teve essa bitola em pauta.

Os espaços e circuitos alternativos eram, em sua grande maioria, festivais, mostras, cineclubes e galerias de arte, entre outros. Muitos desses locais representaram uma forma de respiro democrático, abrigando manifestações diversificadas, de contestação política e de enfrentamento à ordem estabelecida. Esses circuitos eram os espaços de criação cultural do Super8, seu local específico de exibição. A bitola, não tendo acesso a grandes circuitos de divulgação, encontrava nos festivais um espaço para sua existência enquanto movimento crítico. Eram nesses espaços que aconteciam os debates, conheciam-se as produções dos outros estados da federação e entrava-se em contato com novas propostas. Ou seja, era o local onde havia uma intensa circulação de ideias ligadas à temática.

Entre os principais circuitos voltados a produção superoitista brasileira, é possível destacar os *Super Festivais Nacionais do Filme Super8 mm* (SP), assim como a *Jornadas de Curta-metragem da Bahia* (BA), os festivais que aconteceram na cidade

---

<sup>2</sup> BOTTMAN, Denise. Super-8 Paranaense: Elementos para uma História. In.: História: Questões e Debates. Curitiba: Associação Paranaense de História, ano 3, n. 4, jun. 1982, p. 32.

de Curitiba (PR), os festivais da cidade de Campinas (SP), e o espaço dedicado ao Super8 nos *Festivais de Cinema de Gramado* (RS).

Os *Super Festivais*, iniciativa do Grupo dos Realizadores Independentes de Filmes Experimentais, ou simplesmente GRIFE, foram realizados entre os anos de 1973 e 1983, na cidade de São Paulo. Sendo esta mostra a mais perene dedicada somente ao Super8 no país. Por sua amplitude e divulgação o certame se configurou como, senão a maior, uma das maiores vitrines para a divulgação da produção superoitista brasileira. Durante sua trajetória de 11 edições, os *Super Festivais* contaram com a presença de centenas de realizadores e interessados em assuntos relacionados a bitola em questão. Diversos cineastas e produtores audiovisuais da atualidade participaram de alguma forma desse circuito, assim como de outras atividades promovidas pelo GRIFE.

A organização do certame contava, entre outras coisas, com a mostra principal, onde eram exibidos os filmes selecionados para competição, mostras paralelas, como a de filmes que não haviam sido selecionados, mostra informativas e mostras internacionais. Além disso, a partir da sexta edição, em 1978, o festival passou a ter um *seminário de estudos e debates sobre cinema super8*, com discussões sobre cinema alternativo, cinema curta-metragem, possibilidades de distribuição de filmes e de profissionalização no cinema, etc. O evento, durante sua mais de uma década de existência, contou também com a presença de figuras importantes da cinematografia superoitista mundial, como o norte-americano Lenny Lipton, o venezuelano German Carreño, a canadense Sheila Hill, entre outros. Os altos e baixos no nível dos filmes apresentados em competição, assim como polêmicas relacionadas aos critérios de seleção de filmes e as discutíveis decisões do júri oficial foram constantes durante as edições do festival.

Por sua vez, o GRIFE, principal promotor dos *Super Festivais*, foi uma empresa voltada para a produção e promoção de filmes Super8, durante a década de 1970 no Brasil. Fundado em 1972 por Abrão Berman e Maria Luiza de Alencar na cidade de São Paulo, surgiu primeiro como uma escola de ensino de cinema em Super8, e colaborou com a formação de diversos cineastas no país, naquele período. Outra importante atividade desenvolvida pela empresa foi a divisão comercial, que trabalhou com a bitola estreita fazendo pilotos publicitários para agências de propaganda,

elaborando e alugando filmes didáticos voltados para o público estudantil, produzindo filmes institucionais, entre outros produtos.

Além disso, o GRIFE em sua sede, localizada na rua Estado Unidos, 2204, em São Paulo, também funcionou como uma galeria de arte, recebendo exposições de diversos artistas plásticos, fotógrafos e cineastas, bem como funcionou como um polo aglutinador de interessados em cinema, fotografia, arte e assuntos afins.

Como atividade complementar, Abrão Berman, que foi considerado como o *papa do Super8* no Brasil, pelas diversas ações desenvolvidas em torno da produção superoitista naquele período, a partir de 1975, em parceria com a *TV Cultura* de São Paulo, leva a cabo um programa de televisão chamado *Ação Super8*. O *Ação*, como ficou conhecido o programa, serviu como importante meio de comunicação entre os realizadores e entusiastas da bitola durante, praticamente, seis anos ininterruptos.

Nesse sentido, os *Super Festivals*, foram o ápice de todas as atividades do GRIFE, movimentando parcela considerável da juventude paulistana e brasileira, assim como também estabeleceu uma conexão com o lado comercial envolvido em tal produção cultural. Dessa forma, conseguiu firmar parcerias com lojas especializadas em equipamentos de cinema, empresas de importação e/ou produção insumos cinematográficos, meios de comunicação, como jornais e revistas de grande circulação.

E é através desse objeto de pesquisa – o circuito cinematográfico constituído pela perenidade dos *Super Festivals Nacionais do Filme Super8* – que procuro investigar como se articulava a atuação e a postura do GRIFE em prol da profissionalização dos realizadores que produziam em Super8 e o reconhecimento da bitola enquanto viável comercialmente frente aos outros formatos cinematográficos vigentes na época, como o 16 mm e 35 mm. Nesse sentido, busco mapear as diversas forças e agentes envolvidos nesse contexto. Como, por exemplo, empresas e instituições que de alguma forma incentivavam esse tipo de produção, como a *Lojas Fotóptica* de propriedade de Thomaz Farkas<sup>3</sup>, a *Embrafilme*, a empresa Kodak, entre

---

<sup>3</sup> Thomaz Farkas é figura singular na fotografia e na cinematografia nacional, principalmente no que tange ao cinema documentário. Imigrante húngaro, que chegou ao Brasil com apenas 6 anos de idade, era herdeiro de uma das principais lojas, da cidade de São Paulo, de equipamentos e suprimentos para fotografia e cinema. Por sua condição abastada e seu impulso estético/criativo transformou-se em um dos principais produtores e mecenas do documentário brasileiro. Dentro de sua atuação junto ao cinema, sua obra de maior repercussão foi o conjunto de 39 filmes documentários, feitos a partir de 1964 até 1981, em sua maioria sobre aspectos da cultura popular do nordeste do país, em uma perspectiva

outras. Além disso, vislumbro, também, a polarização observada entre duas grandes tendências relacionadas aos superoitistas daquele período: os que estavam interessados em utilizar o suporte como forma de experimentar a linguagem cinematográfica de forma livre, ou seja os realizadores experimentais; e os ligados a uma postura voltada para o cinema clássico narrativo hollywoodiano, que pretendiam usar a bitola como degrau para chegar a profissionalização em formatos maiores.

A escolha por esse objeto de pesquisa se deu por diversos motivos, sendo um dos principais as escassas, mas não inexistentes, pesquisas acadêmicas a respeito do cinema Super8 no Brasil, e mais especificamente sobre os circuitos que surgiram em função dessas produções, ou que as abrigaram.

Segundo Rubens Machado, um dos principais pesquisadores sobre o Super8 no Brasil:

Não há, entretanto, nenhum estudo ou levantamento panorâmico sobre a produção nacional superoitista, exceto meia dúzia de livros ou teses sobre surtos regionais, (...) deixando de lado os centros maiores como São Paulo e Rio de Janeiro. Mesmo sobre os filmes de maior repercussão produzidos na bitola, pouquíssimas e breves linhas de caráter crítico foram escritas até hoje.<sup>4</sup>

O episódio que se encerra dentro da trajetória dos *Super Festivais*, se enquadra na descrição acima, por até hoje, a despeito de sua importância, não ter sido tratada de forma mais detida por nenhum pesquisador de cinema. Poucas linhas foram despendidas para descrever, analisar e contemplar esse importante capítulo da cinematografia brasileira, que se remete a questões como o cinema amador, o cinema independente, o cinema experimental, o cineclubismo, o curta-metragem e circuitos alternativos de produção e circulação de filmes.

Além desses motivos, desde a graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), tenho trabalhado com a temática, produzindo à época estudo sobre a produção superoitista paranaense, que resultou em projeto final de conclusão de curso<sup>5</sup>. Posteriormente, em pós-graduação *Lato-Senso* em Comunicação e Semiótica

---

preocupada com o debate e a compreensão da realidade brasileira do período. Esse conjunto de filmes ficou conhecido como Caravana Farkas.

<sup>4</sup> MACHADO, Rubens. *Marginália 70: O Experimentalismo no Super 8 Brasileiro*. São Paulo: Itáu Cultural, 2001, p. 7.

<sup>5</sup> Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de História, Setor de Ciência Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Orientador: Prof. Doutor Marcos Francisco

pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), desenvolvi pesquisa sobre as interfaces entre o Super8 e os primeiros formatos de Vídeo.<sup>6</sup> O trabalho que aqui se apresenta, se coloca como uma continuidade dos estudos desenvolvidos a respeito da produção e circulação superoitista no Brasil e busca contribuir para a formação deste panorama mais amplo que se quer construir.

Para elaborar esta dissertação lancei mão de uma série de documentos, diretamente ligados a produção cultural que envolvia as ações do GRIFE, assim como de assuntos correlatos, compreendendo outros circuitos de exibição espalhados pelo país. Dentre esses documentos pesquisados é importante destacar o material produzido pelos próprios membros do GRIFE envolvidos na organização dos *Super Festivais*, como programações oficiais, catálogos das mostras, *releases* enviados a jornais e revistas, correspondências originais, entre outros. Da mesma maneira, também destaco os periódicos que estiveram diretamente ligados ao assunto, como as revistas *Novidades Fotoptica*, *IrisFoto* e *Cinema em Close-Up*, assim como os jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Jornal da Tarde*, etc.

Em relação aos documentos produzidos pelos membros do GRIFE, encontrei vasto arquivo no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, onde se encontram depositados a maior parte dos originais relacionados ao certame e a empresa. Em relação aos periódicos associados ao tema, pesquisei na biblioteca do Museu Lasar Segall (SP), e na biblioteca da Cinemateca Brasileira (SP), onde também exista abundante arquivo relacionado ao GRIFE e ao Super8.

Como forma de complementação das lacunas deixadas pelos arquivos previamente pesquisados, também realizei entrevistas com pessoas, que de alguma forma, estiveram envolvidas com a realização do certame. Entre elas Maria Luíza de Alencar, sócia fundadora do GRIFE juntamente a Abrão Berman; Henrique de Macedo Netto, executivo das Lojas Fotoptica, patrocinadora de todos os *Super Festivais*; e os realizadores Francisco Conte e José Augusto Iwersen. As últimas duas entrevistas não foram utilizadas, porque os materiais reunidos para realização do trabalho davam conta

---

Napolitano de Eugênio: *A Produção Independente de Filmes Super8 no Estado do Paraná (1973 – 1980)* (2001).

<sup>6</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para conclusão da Pós-Graduação Lato-Senso em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, sob orientação da Profa. Dra. Celina Alvetti: *Experimentalismo como linguagem: Super-8 x Vídeo* (2005).

dos assuntos tratados. Todavia, com todos os citados consegui, também, importantes documentos relacionados ao tema, provenientes de seus acervos pessoais. Também foram contactadas outras pessoas envolvidas com os festivais, mas por questões de disponibilidade e de interesse dos mesmos, tais entrevistas não puderam ser realizadas.

Duas outras instituições contam, também, com razoáveis acervos relacionados a Abrão Berman e ao Super8 feito em São Paulo, a Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP-SP), onde o fundador do GRIFE lecionou durante o período de realização dos festivais, e o centro de documentação da *TV Cultura* de São Paulo, onde se encontram os arquivos relacionados a realização do programa de televisão *Ação Super8*. Todavia, pela enorme quantidade de documentos levantados e pela falta de tempo disponível para realização de pesquisa em tais locais, haja vista o prazo de dois anos para a concretização do mestrado, decidi por não acessar tais arquivos.

Para conseguir contemplar o desenvolvimento do GRIFE e de seus *Super Festivals*, frente a outros eventos e entidades, adotei uma metodologia com base em três objetos de análise: o material original produzido pelos organizadores da mostra (catálogos, *releases*, cartas, fotografias e impressos em geral); o material produzido pela imprensa especializada a respeito da mostra, de promoções semelhantes e assuntos correlatos (revistas e jornais); e entrevistas realizadas com pessoas que de alguma forma estiveram ligadas ao Festival. Sendo que todos esses tipos de materiais, em maior ou menor grau, tiveram grande relevância para a elaboração desta pesquisa.

O primeiro momento de contato para análise e organização das fontes investigadas demonstrou que tal tarefa não seria algo fácil, apesar de seu apelo cronológico por conta das edições do *Super Festival*. Assim, juntar esse material e fazê-lo me ajudar a construir a dissertação tornou-se um grande desafio. A diversidade de tipos de arquivo e principalmente a quantidade de material levantado, me obrigaram a ter que fazer escolhas bastante seletivas. Em muitos casos sacrifiquei ou, simplesmente, fiz breves menções a assuntos que, do meu ponto de vista, são muito relevantes para a história do cinema Super8 brasileiro e que tem ligação direta com meu objeto de pesquisa.

Fiz, também, extensa revisão bibliográfica a respeito da história da produção e dos circuitos superoitistas brasileiros, e em alguns países da América Latina. Todas foram muito úteis, tanto para conhecer o cenário do Super8 de forma mais ampla,

quanto para me auxiliar do ponto de vista metodológico. Dentre os trabalhos consultados destaco o livro *O Cinema Super8 em Pernambuco*, de Alexandre Figueirôa; e as dissertações de mestrado *O Super8 na Bahia: história e análise*, de Marcos Cruz; e *Verdes Anos do Cinema Gaúcho: o ciclo Super8 em Porto Alegre*, de Flávia Seligman. Além destes, destaco o livro *El Cine Súper8 en México: 1970-1989*, de Álvaro Vázquez Mantecón, que amplia o panorama para outro país do continente. Todos, fundamentais para a reflexão sobre o cinema Super8, trazendo informações importantes sobre o tema.

No confronto direto com as fontes arroladas, optei por dividir meu trabalho em três capítulos distintos, que tem por intuito dar conta de meu objeto de pesquisa e as questões colocadas frente a ele.

No primeiro capítulo, *O GRIFE – a profissionalização do amadorismo*, de forma introdutória, pretendi esmiuçar as atividades relacionadas ao GRIFE como empresa. Primeiramente foquei na trajetória de seus fundadores relacionadas ao cinema, e aos acontecimentos que se conjugaram para o surgimento do Grupo dos Realizadores Independentes de Filmes Experimentais. Dando sequência ao texto, dividi essa primeira porção do trabalho em três subcapítulos que se identificam com as principais atividades desenvolvidas pela empresa. Assim o primeiro subcapítulo, *O setor comercial do GRIFE*, relata as atividades comerciais da empresa, a forma como conseguiram se inserir no mercado audiovisual daquele momento, alguns de seus principais clientes, e a sua organização para a realização de tal intuito. O segundo subcapítulo, *O Centro de Estudos de Cinema do GRIFE*, reflete as ações da empresa a respeito de sua escola de formação de cineastas, a amplitude dessa atuação pedagógica, e alguns dos desdobramentos implicados nessa atividade. O terceiro e último subcapítulo, *GRIFE - Centro Cultural e polo de aglutinação superoitista*, discorre sobre os diversos projetos desenvolvidos pela empresa no sentido de dar visibilidade as produções superoitistas enquanto objeto de arte, e no amparo dado por eles a diversos artistas através de exposições em sua sede. Desta forma, servindo como local de reunião de pessoas interessadas nas mais diversas manifestações artísticas, principalmente cinema e fotografia.

No segundo capítulo, *O início e a consolidação dos Super Festivais Nacionais do Filme Super8 mm do GRIFE*, pretendi de forma cronológica discorrer sobre a

trajetória da primeira metade dos festivais, ano a ano. Assim, agrupei nessa parte do trabalho as cinco primeiras edições da mostra, tomando cada edição como um subcapítulo em si. Dessa maneira, procurando traçar o percurso histórico do evento que revela de seu início até a sua consolidação. Para isso, intentei fazer sempre menção aos principais acontecimentos ocorridos em cada ano do certame, como as polêmicas envolvidas relacionadas com a censura oficial, aos critérios de seleção de filmes, e as decisões do júri oficial, entre outras. Da mesma maneira, procurei relacionar cada edição da mostra com outros eventos ocorridos no mesmo período, e acontecimentos mais amplos relacionados ao Super8 que, de alguma maneira, tivessem ligação com o contexto envolvido em cada subcapítulo.

Assim, o título de cada subdivisão desse capítulo ficou disposto da seguinte forma: *I Super Festival – um começo inspirador; II Super Festival - o Super8 e a proliferação dos festivais pelo país; III Super Festival – elevação no nível dos filmes e polêmicas em torno das decisões do júri; IV Super Festival – mais uma vez sobe o nível dos filmes, mas Malu Alencar deixa o GRIFE; V Super Festival – críticas, proibições e a consolidação da mostra.*

O terceiro e último capítulo, *Do ápice à decadência, “O Super8 morreu, viva o Super8”*, segue a mesma lógica cronológica do capítulo anterior. Todavia, nesse segundo momento, discorrendo a respeito do sexto até o décimo primeiro festivais. Dessa maneira, procurei narrar o ápice da mostra centrada na sexta e sétima edições do evento, por conta do maior número de filmes inscritos, pela ampliação da promoção e pelo peso dos parceiros envolvidos na organização de tal certame. Da mesma forma, almejei demonstrar a decadência do certame, verificada de modo gradativo da oitava até a décima primeira edições que, entre outros fatores, é marcada pelas dificuldades de acesso aos insumos necessários para produção de filmes Super8, por conta de decisões na política econômica externa do governo ditatorial vigente na época. Outra questão, que busquei ressaltar, foi a deserção de parceiros importantes envolvidos na realização dos festivais, o fechamento de canais de comunicação relevantes para o superoitismo brasileiro, como o programa *Ação Super8*, e a progressiva inserção da tecnologia do vídeo, que aos poucos foi tomando espaço no mercado audiovisual do país na virada da década de 1970 para a década de 1980. No entanto, não deixei de acentuar que nos últimos dois anos de mostra, o evento tornou-se internacional, e que os realizadores brasileiros haviam adquirido considerável reconhecimento fora do país.

Contudo, de acordo com os documentos pesquisados, os rumos da produção superoítistas brasileira no início dos anos 80 do século XX foram minguando até se tornarem quase insustentáveis. Sendo um dos pontos finais dessa trajetória o encerramento das atividades comerciais e culturais do GRIFE, no início de 1984.

Dessa maneira, o título de cada subdivisão desse capítulo ficou organizada da seguinte forma: *VI Super Festival – MEC FUNARTE, ampliação da mostra e recorde de inscritos; VII Super Festival – I CONSIISO, um contrato com a Kodak e um vencedor que não era de São Paulo; VIII Super Festival – o “papa do Super8” norte-americano, e o desabastecimento de insumos Super8; IX Super Festival - “ainda em clima de restrições”, mas o nível geral das produções sobe; X Super Festival – finalmente a internacionalização, mas o fim estava próximo; XI Super Festival – “O Super8 morreu, viva o Super8”.*

Para finalizar, é necessário dar ênfase a dois pontos importantes em relação a pesquisa. Em sua obra *Historiografia Clássica do Cinema Brasileiro: metodologia e pedagogia*<sup>7</sup>, Jean-Claude Bernadet questiona a tradição metodológica na elaboração da história do cinema brasileiro calcada na perspectiva da realização de filmes. Este trabalho, assim como vários outros que vem sendo desenvolvidos nos últimos anos, almejar cotejar uma outra face imbricada na possibilidade da construção da história do cinema no Brasil. A face da circulação e divulgação de filmes através da realização de festivais, que tanto alimentava a produção independente de filmes quanto era alimentada por essa produção.

O outro ponto a ser levantado é que apesar deste extenso trabalho, lacunas ainda ficaram em aberto. Entretanto, é relevante que elas existam, para que assim a história possa se reelaborar e novas pesquisas possam surgir. O GRIFE, enquanto tema de pesquisa, representa um objeto com diversos desdobramentos, sendo os *Super Festivais* uma de suas facetas. Por isso, acredito que este trabalho representa uma contribuição válida para a construção da história do cinema Super8 brasileiro. Todavia, é mais um capítulo que aponta caminhos e que não encerra possibilidades.

---

<sup>7</sup> BERARDET, Jean-Claude. *Historiografia Clássica do Cinema Brasileiro: metodologia e pedagogia*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Annablume, 2008, p. 25.



## 1. CAPÍTULO 1 – O GRIFE – A PROFISSIONALIZAÇÃO DO AMADORISMO

O GRIFE, Grupo dos Realizadores Independentes de Filmes Experimentais surge da união de dois jovens interessados em cinema, que no início da década de 1970 decidem criar uma empresa para trabalhar com produção e formação de cineastas a partir da, então, recente tecnologia do Super8. Abrão Berman e Maria Luíza de Alencar, seus fundadores, vislumbraram as possibilidades dessa nova bitola e de suas aplicações artísticas e comerciais.

Foi partindo dessa perspectiva que Abrão Berman se interessou pela então nova tecnologia. Ele, desde o início da década de 1960, vinha demonstrando entusiasmo pela sétima arte quando começou a produzir seus primeiros filmes no formato *8 mm standard*, e a ganhar seus primeiros prêmios em festivais.

No entanto, por pressão familiar começou a cursar a faculdade de Química Industrial, que acabou largando após alguns anos. Prestou novamente vestibular para estudar Comunicação na atual Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), onde dedicou-se muito à linguagem do cinema.

De acordo com o que Abrão Berman relata:

Falar em seguir cinema como profissão, na época de meus 17 anos, era coisa de marginal. Além disso, não havia cursos ou escolas como hoje. O jeito foi seguir a química industrial, para a qual não sentia a mínima vocação. Até que abandonei o curso, o que me obrigou, anos mais tarde, a uma maratona de cursos supletivos para ingressar na Escola Superior de Propaganda.<sup>8</sup>

Especificamente em relação as primeiras experiências com cinema, ele diz:

Comprei uma câmara em oito milímetros e comecei a produzir, um filme atrás do outro. Levava os filmes para o cineclube de São Paulo, para poder ser criticado pelos outros realizadores, e saber se estava ou não certo. Levei cinco anos nisso e conclui que deveria me dedicar ao cinema em todas as suas fórmulas, largando a Química Industrial.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> BERMAN, Abrão. Abrão Berman: incentivando a bitola. In.: Momento Fuji. São Paulo, v. 2, n. 7, 1978, p. 6. Entrevista concedida à revista.

<sup>9</sup> BERMAN, Abrão. Super8 é bitola que preservará a memória nacional. In.: Jornal Voz do Paraná. Curitiba, semana de 1º a 7 de maio de 1977, p. 7. Entrevista concedida ao jornal.

Abrão expõe, com mais detalhes, seu início na realização cinematográfica, em outro relato:

Comecei a ‘fazer cinema’ aprendendo sozinho os passos mais elementares. Comprei a mais simples das câmeras, uma Kodak Brownie, e com um grupo de amigos começamos a parodiar filmes de longa metragem [sic] da época. O primeiro, com 15 minutos de duração, chamou-se ‘Psicoisinha’, parodiando ‘Psicose’, de Hitchcock. Os componentes de nosso grupo, cerca de 22 pessoas, faziam de tudo, embora tecnicamente fossemos primários. Não sabíamos, na época, que existiam as montagens, e assim filmávamos as cenas em sua seqüência exata de projeção.<sup>10</sup>

No início de sua carreira, ele também produz filmes em 16mm sentindo pela primeira vez o peso da questão da profissionalização e de como a economia e a falta de perspectivas de mercado influenciavam o cinema.

Fiz em 16 numa fase posterior ao Oito, ainda em fase de aprendizagem. Tive muitas desilusões porque, como amador, o 16 milímetros não encontra muito apoio. Há dificuldades tanto para conseguir filmes como para achar laboratórios que revelem o trabalho. Todos os meus filmes ficaram com uma qualidade bem crítica, bem ruim, abaixo do esperado, porque os laboratórios não podiam parar o seu ritmo de redução ou de revelação (no atendimento às televisões e estúdios profissionais) para atender a um amador. Ai desisti do 16.<sup>11</sup>

Em 1966 ele realiza, com um grupo de amigos, o filme *A Barreira*, com participação de Regina Duarte, que com a ascensão como atriz contribui para a divulgação do curta de 10 minutos. Com esse filme, Abrão Berman participou e ficou em primeiro lugar no Festival do Foto Cine Clube Bandeirantes<sup>12</sup> no mesmo ano. A

---

<sup>10</sup> BERMAN, Abrão. Abrão Berman: incentivando a bitola. In.: Momento Fuji. São Paulo, v. 2, n. 7, 1978, p. 7. Entrevista concedida à revista.

<sup>11</sup> BERMAN, Abrão. Super8 é bitola que preservará a memória nacional. In.: Jornal Voz do Paraná. Curitiba, semana de 1º a 7 de maio de 1977, p. 7. Entrevista concedida ao jornal.

<sup>12</sup> O Foto Cineclubes Bandeirantes é, desde 1939, a mais antiga sociedade de interessados em fotografia em atividade no Brasil. Grande foi sua influência sobre os rumos da fotografia e posteriormente da cinematografia amadora brasileira.

divulgação foi ampla e o cineasta Roberto Santos<sup>13</sup>, que fazia parte do júri do festival, gostou bastante da obra.

Esses fatores foram muito importantes para que o Abrão Berman conseguisse uma bolsa de estudos junto ao consulado francês para cursar o IDHEC (Institut des Hautes Études Cinematographiques) durante dois anos. Inclusive, por esse motivo, ganha notoriedade considerável, como é possível observar em nota do jornal *Folha de São Paulo*, em 4 de setembro de 1967:

#### IDHEC dá bolsa a amador

O cineasta amador Abrão Berman segue segunda-feira para Paris. Vai ficar dois anos na França, estudando no curso de Direção e Produção de Cinema do IDHEC – Institut des Hautes Études Cinematographiques. Abrão ganhou a bolsa do governo francês graças à experiência no cinema amador, realizando filmes em 8 e 16 milímetros, entre os quais estão “Grupo Compacto”, “Um Homem à Mesa”, “Manhã Verde”, “Do Amor e da Morte”, “A Barreira” e a última [sic] experiência, “A Pedra”, com Miriam Mehler no papel principal – o único – que será exibido brevemente pela Sociedade Amigos da Cinemateca.<sup>14</sup>

A partir de setembro de 1967 Abrão Berman segue para Paris, onde segundo ele: “...não (...) (pôde) aproveitar integralmente o currículo (...), pois o ambiente universitário se achava politicamente conturbado. “ Aquele período, às vésperas do *Mai de 68*, se demonstrava como um momento de grande agitação política envolvendo parte significativa dos estudantes universitários franceses, que em diferentes situações contestavam os valores de sua sociedade, eventos estes que tiveram grande repercussão por todo o mundo ocidental. Todavia, para aproveitar sua estadia naquele país: “ (fez) um curso sobre documentários jornalísticos, de Jean Rouch<sup>15</sup>, no Musée de l’Homme”.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> O cineasta Roberto Santos (1928-1987), foi um dos mais importantes cineastas brasileiros do século XX. Ele foi diretor, roteirista, produtor de cinema e televisão, professor universitário, e realizou 11 longas-metragens. Entre eles ‘O Grande Momento’ e ‘A Hora e Vez de Augusto Matraga’, além de dezenas de programas de televisão. Mais informações em <http://www.cineastarobertosantos.com.br>.

<sup>14</sup> IDHEC dá bolsa a amador. *Folha de São Paulo*. 2 ° Caderno. São Paulo, 4 de setembro de 1967, p. 2.

<sup>15</sup> Jean Rouch foi um importante cineasta francês ligado ao documentário etnográfico que produziu uma vasta obra. Ele é considerado o criador do estilo cinematográfico conhecido como *cinema verdade*, que influenciou diversos documentaristas pelo mundo afora desde a década de 1960.

<sup>16</sup> BERMAN, Abrão. Super8 é bitola que preservará a memória nacional. In.: *Jornal Voz do Paraná*. Curitiba, semana de 1° a 7 de maio de 1977, p. 6. Entrevista concedida ao jornal.

Além disso, ele também consegue significativa inserção no cenário parisiense, trabalhando em diversas áreas da produção cultural, principalmente como ator figurante. O que acabou o pondo em contato com o que realmente lhe interessava dentro do cinema, produção e direção.

Em sua palavras:

(...) acabei me entrosando não só no mundo da TV, como também com o cinema e do teatro parisiense. Sempre havia me interessado mais de perto pela produção e direção, mas lá descobri uma ocupação rentável, que ao mesmo tempo me punha em contato com profissionais de direção, passando então a ser muito requisitado para figurar em ‘pontas’ de filmes, inclusive os produzidos exclusivamente para a TV. Praticamente não existe papel coadjuvante que eu não tenha feito.<sup>17</sup>

No entanto, apesar de seu breve sucesso, logo percebeu que dificilmente poderia galgar os postos mais altos por ser estrangeiro. Ao mesmo tempo recebia notícias sobre o contexto cinematográfico brasileiro. Por esses motivos, a despeito de ter pensado em permanecer na França, decide voltar ao Brasil para continuar suas atividades ligadas ao cinema.

Nesse período, o país passava por uma conjuntura de maior repressão dentro do golpe de estado instaurado desde 1964, ao mesmo tempo que vivia o deslumbramento de novo impulso puxado pelo ‘milagre econômico’ brasileiro. Em 13 de dezembro de 1968, o governo militar anunciara em cadeia de televisão e rádio o Ato Institucional número 5, ou simplesmente AI-5. Essa medida inaugurou uma nova época na política e na cultura brasileiras, atingindo de chofre os anseios de intelectuais e a artistas que resistiam ao governo ditatorial. Dessa forma, os militares e simpatizantes recaem duramente contra a parcela mais crítica da classe média, a quem eles prometiam proteger e impulsionar, como discurso, desde 1964.

Contudo, para a maior parte da população que não se envolvia com a ideologia de esquerda, nem seu anseio revolucionário, o Brasil vivia uma época de prosperidade

---

<sup>17</sup> *Ibidem.*

no início dos anos 1970. Havia o pleno emprego, crédito farto e consumo aquecido, um frenesi na bolsa de valores e o país era tricampeão do mundo no futebol.<sup>18</sup>

Era na eminência desse cenário que Abrão Berman retorna ao país em 1969, e começa a trabalhar como assistente de direção em produções cinematográficas. Entretanto, percebe o campo do cinema brasileiro muito aquém do que ele esperava encontrar.

Segundo ele:

“(...) voltei para o Brasil para fazer cinema. Mas só que os meus contatos com o pessoal de cinema eram decepcionantes. Porque na verdade as pessoas faziam um cinema que era marginal e desinteressante. Mas eu tinha necessidade, como diretor de cinema formado, a praticar cinema muito rapidamente.”<sup>19</sup>

Em outro relato ele diz:

“Voltei, e comecei a trabalhar como assistente de diversos diretores, descobrindo que estes tinham pouco tempo para se dedicar à parte técnica e artística, já que deveriam também ser empresários, enfrentar bancos, levantar dinheiro etc. Coisa para qual não sentia (...) a menor vocação.”<sup>20</sup>

Durante todo o tempo em que esteve fora do Brasil, e depois em seu retorno, Abrão Berman estava somente trabalhando com o formato profissional do 35 mm. Havia efetivamente se profissionalizado e não pensava mais na viabilidade econômica de outros formatos de cinema. Porém, não havia abandonado a perspectiva artística envolvida na produção de cinema.

Por isso, segundo ele:

(...) na época, eu abri um cineclubes no teatro Paiol, chamado Cineclubes Paiol, cujo o dono era o Perry Salles, na época casado com a Miriam Mehler. E aí então a gente começou a montar festivais de

---

<sup>18</sup> NAPOLITANO, Marcos Eugênio. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Ed. Contexto, 2014, p. 160.

<sup>19</sup> BERMAN, Abrão. Mostra Nacional de Cinema Alternativo. Museu da Imagem e do Som de São Paulo. São Paulo, 26 de fevereiro de 1988. Entrevista em vídeo cedida a organização da Mostra Nacional de Cinema Alternativo – 1988.

<sup>20</sup> BERMAN, Abrão. Abrão Berman: incentivando a bitola. In.: Momento Fuji. São Paulo, v. 2, n. 7, 1978, p. 7. Entrevista concedida à revista.

cinema de curta-metragem, onde entravam filmes em 16, 8 e Super8. Em 1970 foi o primeiro festival que a gente montou.<sup>21</sup>

O festival do Cineclubes Paiol teve sua segunda e última edição em 1971, e como no primeiro, sem seleção prévia e com média de público de cerca de 300 pessoas, a cada uma das cinco noites de exibição.<sup>22</sup>

Abrão Berman havia se profissionalizado em 35 mm e estava trabalhando com publicidade, mas ansiava por desenvolver seus próprios trabalhos autorais. Foi justamente nesse período que ele retorna a se interessar por formatos menores de cinema. É nesse momento que ele redescobre o 8 mm, agora sob a forma do Super8.

O primeiro filme de Super8 que apareceu no festival, é um filme que eu não lembro o nome. Mas era um filme de ficção científica dirigido por Carlos Augusto Calil, que na época era da ECA da USP. E foi o primeiro filme Super8 que eu vi montado, editado e me fez perceber que a fotografia do Super8 era muito boa. Por que não começar a realmente considerar o Super8 como uma alternativa legal? Então a partir daí a gente decidiu ignorar o 8mm como uma bitola já superada, o 16 como uma bitola inacessível e própria para ser utilizada pela televisão, e abraçar o Super8 de uma maneira definitiva. Então no ano seguinte, 71, quando foi realizado um novo festival, a gente sentiu que havia aumentado o número de produções em Super8, e que realmente a qualidade era excepcional.<sup>23</sup>

A experiência com o Cineclubes Paiol fez com que Abrão Berman entrasse em contato com a incipiente produção cinematográfica em Super8, que desde o final da década de 1960 vinha dando seus primeiros passos no país. O crescimento na quantidade de filmes o fez despertar para as enormes possibilidades advindas da realização no novo formato 8 mm, já que sua qualidade de imagem havia aumentado consideravelmente.

É importante salientar que a primeira vez que Abrão Berman toma contato efetivo com o Super8, na qualidade de realizador, foi de forma comercial. Isso

---

<sup>21</sup> BERMAN, Abrão. Mostra Nacional de Cinema Alternativo. Museu da Imagem e do Som de São Paulo. São Paulo, 26 de fevereiro de 1988. Entrevista em vídeo cedida a organização da Mostra Nacional de Cinema Alternativo – 1988.

<sup>22</sup> FESTIVAL Super8. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 61, 1973, p. 38.

<sup>23</sup> BERMAN, Abrão. Mostra Nacional de Cinema Alternativo. Museu da Imagem e do Som de São Paulo. São Paulo, 26 de fevereiro de 1988. Entrevista em vídeo cedida a organização da Mostra Nacional de Cinema Alternativo – 1988.

realmente tem uma relevância significativa pensando em sua posterior cruzada pela profissionalização da bitola e dos profissionais que trabalhavam com o formato. Mesmo ele, teve de início certas reservas em relação ao Super8 por considerá-lo um suporte amador. Assim como muitas outras pessoas ligadas ao cinema naquele período.

Berman descreve essa percepção e seu contato como realizador superoitista da seguinte forma:

(...) compartilhava – por falta de contato maior – com a maioria dos preconceituosos as idéias quanto aos recursos do moderno cinema em 8 mm. Foi por um acaso que voltei as raízes e nunca mais abandonei. Um amigo cineasta e eu fomos obrigados a realizar um audiovisual para ser exibido simultaneamente em cinco locais, por ocasião de uma convenção de vendas. (...) Foi nessa ocasião que tive contato com os modernos recursos dos filmes em 8 mm, o que me deixou maravilhado, pela reprodução de cores, recursos das filmadoras, dos filmes etc.<sup>24</sup>

Com certa bagagem dentro da produção de cinema após suas participações em festivais, prêmios, seus estudos na França, suas experiências profissionais, a realização dos festivais no Cineclube Paiol, e munido de uma nova forma de encarar a evolução do 8 mm, chega ao ponto de, com mais maturidade, refletir sobre o que poderia propor para levar a frente seus trabalhos autorais. Foi dessa necessidade que acaba surgindo a proposta de formação do GRIFE.

Outra peça fundamental para o surgimento da empresa foi Maria Luíza de Alencar, ou simplesmente Malu Alencar. Ela fazia graduação em História na USP – Universidade de São Paulo, quando em 1969 foi proibida de se matricular, por estar envolvida com o movimento estudantil. Esse fato ocorrido na trajetória de Malu Alencar pode ser melhor compreendido olhando-se para o contexto histórico-político da época no Brasil.

No ano anterior, a partir de março, diversas manifestações estudantis eclodiram nas grandes cidade brasileiras, antes mesmo da movimentação do *Maio de 68* na França. O auge da mobilização foi em 26 junho na Passeata dos Cem Mil, com

---

<sup>24</sup> BERMAN, Abrão. Abrão Berman: incentivando a bitola. In.: Momento Fuji. São Paulo, v. 2, n. 7, 1978, p. 7. Entrevista concedida à revista.

grande adesão da sociedade, de intelectuais e artistas, no Rio de Janeiro. No mês seguinte o governo ditatorial proibiu expressamente essas manifestações.

Segundo Marcos Napolitano:

O ano de 1968 já foi chamado de ‘o ano que não acabou’, por expressão que traduz a sensação de interrupção de uma experiência histórica plena de promessas libertárias e que se encerrou, literalmente, por decreto, com a edição do famigerado Ato Institucional n° 5, em dezembro daquele ano. Na memória histórica brasileira, ele ocupa um lugar paradoxal: por um lado, foi o tempo de grande utopias libertárias, (...) por outro, tempo de repressão, início dos ‘anos de chumbo’ (...). (...) as contestações políticas e culturais foram manejadas com punições e perseguições pontuais e seletivas, pois o projeto estratégico do regime militar brasileiro era conservar a classe média brasileira como sócia (...) da modernização capitalista brasileira (...).<sup>25</sup>

O afastamento de Malu Alencar da USP se encaixa nas ‘punições e perseguições pontuais e seletivas’ de forma atenuada, já que ela havia sido somente expulsa. Mesmo assim, naquele momento, ela considerou seriamente terminar seu curso na França, como forma de se afastar do clima tenso do início dos ‘anos de chumbo’, conseguindo, até mesmo, uma bolsa de estudos para isso. Todavia, sua trajetória dá uma guinada quando é convidada a trabalhar com Barbosa Lessa, folclorista e jornalista gaúcho que viveu e trabalhou com comunicação na capital paulista durante bastante tempo. Ele a desencorajou a seguir uma carreira acadêmica e a convenceu a seguir a trabalhar na área da comunicação.

Segundo os relatos dela, cedidos por ocasião desta pesquisa:

Eu esperei quatro meses ele (Barbosa Lessa) me chamar. Eu fui ser redatora da Panan Casa de Amigos. (...) Daí fui prestar vestibular para Escola de Propaganda, que agora... que hoje é ESPM. Fiz a ESPM. A Escola Superior de Propaganda, que ficava na (rua) 7 de abril (...).<sup>26</sup>

O encontro dos dois fundadores do GRIFE aconteceu quando Malu Alencar pretendia contratar Abrão Berman para desenvolver, junto à agência de publicidade

---

<sup>25</sup> NAPOLITANO, Marcos Eugênio. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Ed. Contexto, 2014, p. 91

<sup>26</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

para a qual trabalhava, uma campanha dirigida a um de seus clientes. Malu Alencar descreve o encontro da seguinte forma:

Eu estava na América de Publicidade, que era uma agência de propaganda. E eu cuidava da conta do Arroz Brejeiro. E o Arroz Brejeiro queria fazer um grande evento. O dono da agência, Antônio Augusto Sampaio, ele me chamou e falou: ‘Malu vamos fazer alguma coisa diferente... imagine.’ Eu fiquei pensando o que? Eu tenho um amigo chamado Silvio Pires de Paula. Ele tinha uma... tem até hoje, a Demanda agência de pesquisa. E falou: ‘Você tem que conhecer o Abrão. O Abrão chegou da França. Ele é um cara criativo.’ E foi quando eu conheci o Abrão. E achei tão interessante as ideias dele, que invés de eu fazer o trabalho para o Arroz Brejeiro, eu pedi demissão e montamos o GRIFE.<sup>27</sup>

Da união dos dois surge a ideia da fundação de uma empresa que pretendia ensinar e trabalhar com cinema a partir do formato Super8. Um empreendimento arriscado ao mesmo tempo que promissor. Arriscado pelo fato de a bitola ter o estigma de amadora e pouco confiável sob os olhares dos profissionais de cinema, propaganda e televisão; e promissora por se tratar de um equipamento novo com todo um campo de desenvolvimento a ser desbravado e explorado por quem estivesse disposto. Principalmente em nichos de mercado nos quais o 16 mm e o 35 mm não conseguiam alcançar por seus altos custos.

Em 1972 os dois fundam o Grupo dos Realizadores de Filmes Experimentais, ou simplesmente GRIFE, com sede na rua Estados Unidos, número 2240, em São Paulo. Quando Malu Alencar conhece Abrão Berman, segundo ela: “(...) a ideia dele era montar uma escola. E quem deu a ideia de se ampliar, de ser uma produtora, fui eu. E juntos a gente montou e ampliou para centro de cultura e os festivais.”<sup>28</sup>

Na versão de Abrão Berman:

(...) o GRIFE surgiu de uma conversa que tive com minha amiga Malu de Alencar em 1972. Malu era o contato de uma agência de propaganda, eu transava comerciais em 35 mm. Bolamos uma produtora de filmes especializada em documentários na área do áudio-visual [sic]. Uma coisa nova, pois até então áudio-visual [sic] era somente por slide, embora a bitola de Super8 mm já fosse usada a algum tempo nos Estados Unidos e Europa. No princípio, encontramos uma enorme prevenção contra o Super8, o pessoal estava acostumado com aqueles filmezinhos mal feitos,

---

<sup>27</sup> *Ibidem.*

<sup>28</sup> *Ibidem.*

amadorísticos, tipo ‘minhas férias em Poços de Caldas’, que a gente vê completamente fora de foco em casa de amigos. Bem, tivemos que mudar essa imagem do Super8. Providência: junto com essas atividades de produção começamos a dar aulas de cinema no horário noturno do GRIFE.<sup>29</sup>



Figura 01 – Abrão Berman e Malu Alencar em frente a sede do GRIFE, em 3 de julho de 1972.

No início as duas principais atividades desenvolvidas pela GRIFE foram o Centro de Estudos de Cinema em Super8 e o setor comercial, que abarcava toda a produção de filmes encomendados por diversas empresas. Em outro depoimento, datado de 1977, ou seja, cinco anos após a fundação da empresa, Abrão explica como funcionava essa divisão e suas atividades:

O GRIFE começou em julho de 1972, definindo duas áreas de trabalho: produção de audiovisuais, onde o Super-Oito substituiria slides na parte de filmes promocionais, vendas e treinamento, e ensino. Atualmente o GRIFE se subdividiu em duas empresas distintas, com equipes e equipamentos distintos. Eu dirijo apenas a parte de estudos, ou seja o GRIFE – Centro de Estudos de Cinema,

<sup>29</sup> BERMAN, Abrão. Entrevista: Abrão Berman. In.: Cinema em Close-Up. São Paulo, v. 2, n. 5, 1976, p. 42. Entrevista concedida à revista.

onde se dá cursos avançados e básicos para amadores, promove-se concursos (...).<sup>30</sup>

O fato de em pouco anos o GRIFE ter que vir a ser dividido em duas empresas diversas, transparece o grau de especialização que seus serviços adquirem por necessidade imposta por sua demanda de trabalho. Com razões sociais diferentes, mas ocupando a mesma sede, o setor comercial e o Centro de Formação seguem em paralelo, complementando-se na cruzada na qual o GRIFE se lançou desde seu início: trabalhar com o Super8 de forma profissional e fomentar a produção de quem estivesse interessado em produzir seus filmes nessa bitola cinematográfica.

Um documento pesquisado junto ao acervo pessoal de Malu Alencar, datado de 1972, transparece a gênese da missão e das primeiras atividades do GRIFE, sua postura em relação ao que pretendia desenvolver e uma organização administrativa básica. (Anexo 01)

O GRIFE – é um grupo de gente que gosta de comunicação, idéias [sic] novas, e que criou um centro de estudos e pesquisas com as técnicas modernas / do Filme Super 8 mm. – no processo de dinamizar o audiovisual

O GRIFE – realiza filmes para os mais variados fins. Didáticos. Culturais. Artísticos. Recreativos. Experimentais. Para utilização nos mais diferentes setores [sic]. Treinamento de vendedores, apresentação de obras, tanta coisa, que somente o cinema pode reproduzir em seus movimentos naturais. Ao vivo ou animado. Em cores [sic] e sonorizado.

O GRIFE – realiza cursos de prática de filmagem e de fotografia, de curta / duração, para interessados com ou sem experiência anterior.

O GRIFE – proporciona um encontro de realizadores de filmes curtos e de gente que gosta de cinema, promovendo sessões semanais na sede, com projeção de filmes e debates.

O GRIFE – promove filmes curtos de todos os gêneros, realizando, pela primeira vez no Brasil, projeções em 8 e Super8 mm em locais públicos, com venda de ingressos, divulgando novos autores e suas obras. Com aprovação do Instituto Nacional do Cinema.

O GRIFE – está sob a direção de:

---

<sup>30</sup> BERMAN, Abrão. Super8 é bitola que preservará a memória nacional. In.: Jornal Voz do Paraná. Curitiba, semana de 1º a 7 de maio de 1977, p. 7. Entrevista concedida ao jornal.

Abrão Berman – Departamento de Criação, Produção e Realização de cinema.

Malu de Alencar – Departamento de Relações Públicas e Promoções.

Sérgio Cotrim – Departamento de Fotografia.

Antonio Gonçalves – Departamento Administrativo.

O GRIFE – está na Rua Estado Unidos, 2240 – Jardim América – Tel. 801704 – SP/SP<sup>31</sup>

Diversas questões são colocadas dentro desse documento, sendo a mais polêmica esteja ligada ao interesse das sessões de cinema pagas com o aferimento do Instituto Nacional de Cinema (INC). Esse foi um mote que percorreu toda a história da empresa e permeou muitas de suas discussões com os órgãos oficiais de cinema no país. Sendo essas questões discutidas mais detidamente no decorrer do trabalho.

---

<sup>31</sup> GRIFE. São Paulo, 1972.

## 1.1 – O setor comercial do GRIFE

O setor comercial do GRIFE começou conjuntamente ao Centro de Estudos de Cinema. Logo conseguiu destaque frente as necessidades de seus contratantes, que em grande parte eram agências de publicidade. A estratégia traçada para sua inserção no mercado foi oferecer aos seus clientes ao invés dos tradicionais *audiovisuais* – sequências de slides com trilha sonora e por vezes com alguma locução – a utilização do Super8 nas mais diversas produções. Desde de filmes de treinamento para empresas, institucionais, testes para publicidade, filmes didáticos, cobertura de eventos, entre outros.

A responsável pelo setor comercial era Malu Alencar que, assim como Abrão Berman, era profissional do mercado na área da publicidade e tinha livre acesso a uma gama extensa de contatos comerciais na primeira metade da década de 1970, em São Paulo. Essa inserção propiciada por Malu Alencar, deu um considerável impulso inicial as atividades comerciais do GRIFE.

A empresa passou a ter clientes importantes e conseguiu conquistar um nicho de mercado que respondia por uma demanda reprimida por serviços audiovisuais naquele período. Muitas empresas tinham o interesse em fazer pequenos filmes de treinamento, ou até mesmo institucionais, mas não tinham orçamento suficiente para dispor de uma produção em 16 mm ou 35 mm. Nesse sentido, eles tiveram uma grande visão empreendedora ao terem a percepção de que poderiam fornecer serviços cinematográficos para esse mercado.

Como a própria Malu Alencar coloca, em relação à postura do GRIFE frente ao mercado audiovisual de sua época: “tivemos um nicho de mercado que foi interessante.”<sup>32</sup>

Um grande aliado para o desenvolvimento das atividades comerciais do GRIFE foi a descoberta de um equipamento complementar para a divulgação da produção de seus filmes, que serviu muito bem às intenções de seus contratantes. A maleta *Fairchild* era um dispositivo bastante versátil, que servia tanto de projetor

---

<sup>32</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

quanto para passar os filmes produzidos através de uma tela embutida no aparelho. Não precisava de uma sala escura, nem de recuo para a projeção dos filmes, podendo ser disposta em qualquer local onde houvesse bancada provida de uma tomada próxima. Os rolos de filmes eram colocados em cassetes que, quando fechados, eram inseridas dentro de um compartimento da mesma forma que as posteriores fitas magnéticas de vídeo em um aparelho reproduzidor. Isso facilitou sobremaneira a forma com a qual o GRIFE apresentava o material de seus clientes e depois o divulgava.

**PROJETOR 70-07**  
**O PODER SECRETO DE VENDAS.**



Basta abrir a mala, inserir um cartucho de filme super 8 sonoro que a Fairchild 70-07 começa a vender por Você. Ou a ensinar por Você, ou a treinar pessoal por Você. O cartucho é contínuo e evita o problema de ajustar ou rebobinar o filme. Os controles de som, volume e enquadramento são simples e prontos para operar em poucos segundos. E além de tudo ela viaja tão fácil quanto sua pasta de documentos, cabendo direitinho sob o assento no avião. Você pode usar a Fairchild 70-07 em pequenos grupos - projetando o filme em sua tela embutida - ou em grandes audiências - projetando em telas de parede com um simples girar de espelho. Deixe que a experiência de Fairchild colabore na solução dos seus problemas de vendas, ensino ou treinamento. E nós sabemos quem produz os melhores filmes.

**FOTOPTICA** Rua Conselheiro Crispiniano, 49  
Tel. 239-4122, ramal 221 - São Paulo  
Departamento Audiovisual Av. Rio Branco, 156 - 22º - cj. 2226  
Tel. 242-7919 - Rio de Janeiro - GB

RETROPROJEÇÃO

PROJEÇÃO FRONTAL

FECHADO

Figura 02 – Anúncio da maleta Fairchild na revista Novidades Fotoptica número 66, de 1974.

Malu Alencar conta que:

(...) essa *Fairchild*, essa maletinha Super8, ela foi um achado pra gente, porque foi um senhor que não tinha nada haver com cinema. Ele mexia com alguma coisa de importação e exportação. Ele chegou com essa maletinha. Era uma maletinha 007, pesava 7 quilos e quando ele mostrou aquela maleta eu fiquei assim abismada. O Abrão achou fantástico. Eu falei: 'Abrão essa é a ferramenta que falta pra

gente entrar no mercado.' E assim foi. Durante algum tempo. Alguns meses, nós ficamos com a representação dessa maleta *Fairchild*. A gente chegou a vender 300 maletas pra empresas. Era assim... era pra filmes de treinamento, pra lançamento de produtos (...).<sup>33</sup>

Dessa forma, o GRIFE conseguiu um número grande de clientes importantes ao longo de seus pouco mais de 12 anos de existência. Em documento pesquisado no acervo pessoal de Malu Alencar, é possível verificar um número bastante significativo de empresas com nomes conhecidos do grande público. No documento intitulado *Histórico de Clientes do GRIFE desde 1972* há uma lista de nomes de contratantes, o ano de sua execução e uma pequena descrição do serviço prestado. (Anexo 02)

01. FISIBA –Fibras Sintéticas da Bahia – agência Hot Shop – julho/72 tipo: vendas – para captação de incentivos fiscais

02. Jóquei Clube – agência Delta Propaganda – agosto/72/ setembro 74

a. TAÇA DE PRATA: lançamento da campanha destinada à criadores de potros e potrancas – para inscreverem seus cavalos assim que nascerem, mostrando também o que era o concurso: TAÇA DE PRATA

b. documentação da 1ª. corrida de potros e potrancas – no concurso TAÇA DE PRATA

(...)

04. COMGÁS – a. filme institucional sobre a empresa - 73 b. filme técnico para engenheiros e construtoras mostrando como se coloca o gás encanado em edifícios – abril 73

(...)

08. PIRÂMIDES BRASILIA – agência Marcel's – set/73 – para pré testar mensagem ao consumidor – 5 filmes de 30

(...)

18. JOHNSON E JOHNSON – agência Lintas – filmes pré-teste sobre produtos diversos 73/74/75

(...)

25. OLIVETTI – filme para lançamento de concurso de vendedores – 75 – DPZ

---

<sup>33</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

(...)

28. GENERAL MOTORS – agência DPZ – filme comemorativo [sic] do cinquentenário da GM no Brasil, fazendo uma retrospectiva histórica da GM – 75

29. CREFISUL – (SGB) – dois filmes para vendas – colocados em vitrines para chamar atenção do público – sobre caderneta de poupança – 75

(...)

38. NESTLÉ – pré teste do comercial/ mensagem para TV – agência Norton – 75

(...)

41. ALIANÇA DA BAHIA – ag. Propeg – filme de treinamento para gerentes de bco. 75

(...)

47. UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – filme institucional – ag. ADS – 74<sup>34</sup>

Malu Alencar relata o trabalho com alguns desses clientes acima descritos da seguinte forma:

Então a gente teve vários momentos... Outro... o Jóquei Clube tinha ou estava lançando uma taça, um prêmio novo que se chamava potros e potrancas. Era o taça de prata e o Carlos Gutovich que era da (agência) Delta foi nos procurar. Vamos fazer. Foi um filme belíssimo e foi lançado... Então, a gente foi entrando num mercado que o 16 e o 35 não tinham chance porque eram muito... muito caro. (...)

Então, os nossos principais clientes... Bom, a Arno, a Fisiba era uma empresa da BAHIA, né? O diretor é Décio Franco de Almeida. O Jóquei Clube, Tintas Coral... Tintas Coral foi uma cliente muito grande. A Mercedes Benz, a Olivetti. Nós fizemos vários documentários para a Olivetti. A gente fez o cinquentenário da General Motors no Brasil. Foram 50 filmes feitos daquele jeito, através daquela cópia *Fairchild*. A Rodia era nossa cliente através da DPZ. Hotshop era uma agência de propaganda, a Lintas foi uma grande cliente. A Macan a gente fez coisas por causa da GM e tal. E a gente trabalhava muito, muitos clientes diretos. Maná de Manaus, Filtros Salus, a Estrela. Brinquedos Estrela.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> GRIFE. Histórico de Clientes do GRIFE desde 1972. São Paulo, 1975.

<sup>35</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

Mas ao mesmo tempo eles tiveram que enfrentar diversas dificuldades para se afirmar como produtores de filmes em Super8. Caso exemplar a respeito disso foi um trabalho realizado para o lançamento da primeira televisão em cores da *Phillips* no Brasil.

De acordo com o que relata Malu Alencar:

(...) a gente fez o lançamento da primeira TV a cores da Phillips, que tinha o Nicola que era um tapeceiro. A gente fez o pré-teste para a agência, (...). E ficou tão bom o comercial em Super8, para testar a TV a cores da Philips. A gente telecinou em vt na TV Cultura, que era a única que se fazia. E foi para o ar na Globo, o lançamento da TV Phillips a cores. (...) saiu em várias notícias. Na revista Propaganda, não sei o que tal. Imediatamente a Globo mandou tirar, porque o Super8 não era um bitola considerada profissional.<sup>36</sup>

O preconceito em relação ao Super8 era muito grande naquele período. Mesmo o filme tendo ficado com qualidade ao ponto de não ter sido detectado pelos técnicos da emissora Globo e ter sido veiculado em rede nacional por algum tempo, não pôde continuar sendo transmitido porque havia sido feito em Super8. Uma bitola amadora que não podia ter sua qualidade reconhecida.

No entanto, a própria Globo foi uma importante cliente do GRIFE encomendado a eles diversos serviços, entre os quais o de telecinagem para Super8 de alguns de seus programas para veiculação em espaços da emissora.

A Globo era nossa cliente. A gente passava todo esse material de Globo Reporter, documentários, tudo da Globo para Super8. A gente telecinava tudo e ficava lá no Jardim Botânico e aqui na alameda Santos... (...) e ficava passando nesse cartucho (*Fairchild*) os documentários.<sup>37</sup>

Mas o GRIFE não permaneceu como única empresa a trabalhar dessa forma com o Super8. Algumas empresas que vinham realizando *audiovisuais*, também começaram a trabalhar com Super8, assim como novas empresas também surgiram. O

---

<sup>36</sup> *Ibidem.*

<sup>37</sup> *Ibidem.*

principal concorrente do GRIFE, segundo Malu Alencar, foi a: “(...) Elicon, que era do Pedro Paulo Rataier, que competia em negócios.”<sup>38</sup>

No entanto, existiam outras produtoras. Algumas delas apareceram como fruto das próprias atividades do GRIFE. Como reflexo das ações da empresa sobre o mercado Super8 da época. A própria Malu Alencar fala sobre como o GRIFE influenciou o contexto de produção audiovisual da época, impulsionando a criação de novos nichos de realização:

(...) teve a SCOPE(...) E daí os nossos próprios alunos começaram a montar empresas. Eu não me lembro assim. Teve na (rua) nove de julho... tinha uma produtora que era uma escola de fotografia, do Claudio Matos, que daí se tornou também uma produtora. Daí começou a surgir várias produtoras. É natural. Mas assim, quem foi pioneiro foi (o GRIFE).<sup>39</sup>

A SCOPE acabou participando do mercado de produções comerciais em Super8 e também fazendo *audiovisuais* (slides com trilha sonora e locução). De acordo com o dono da produtora, Luis London:

Queremos utilizar o moderno 8 mm (...), como bitola profissional onde ainda dominam o 35 mm e o 16 mm. Tecnicamente isso é possível, porque existem equipamentos e filmes de excelente qualidade no mercado brasileiro, oferecendo os recursos necessários a uma boa produção.<sup>40</sup>

Como é possível observar, havia uma gama de empresas, muitas com reconhecido nome no mercado, que contratavam os serviços do GRIFE através de agências de publicidade. Nesse sentido, é inegável dizer que a empresa de Abrão Berman e Malu Alencar conseguiu trabalhar de forma profissional com a bitola Super8. Algo que é posto desde o início do GRIFE, da tentativa de dar uma outra visibilidade para tal suporte cinematográfico de forma a desconstruir a imagem doméstico/amadora que se impunha sobre ele desde sua introdução em território brasileiro.

---

<sup>38</sup> *Ibidem.*

<sup>39</sup> *Ibidem.*

<sup>40</sup> QUEREMOS difundir o novo 8 mm como uma bitola profissional. Momento Fuji. São Paulo, v. 4, n. 13, 1978, p. 8.

## 1.2 – O Centro de Estudos de Cinema do GRIFE

O Centro de Estudos de Cinema foi a menina dos olhos de Abrão Berman desde de o início do GRIFE, em 1972. Assim como no ano seguinte o início dos *Super Festivals*. Abrão tinha uma ligação forte com a questão do ensino e já naquele período ministrava aulas no departamento de Comunicação da Fundação Armando Alvarez Penteadado (FAAP).

Existiam pouquíssimos cursos especificamente de cinema no país, mesmo em São Paulo. E os que existiam não tinham estrutura para fornecer uma formação prática para seus alunos. Segundo a descrição de Malu Alencar:

(...) porque na ECA (Escola de Comunicação e Artes - USP) ainda não tinha... (...) tinha o curso de cinema, mas não tinha um curso de cinema prático. E muita gente foi passar... foi estudar no GRIFE. Qual foi a nossa grande sacada?! O GRIFE, ele começou a profissionalizar amadores. (...) O curso era bem completo. O primeiro momento foi a escola de cinema.<sup>41</sup>

O boletim *O Filme Curto – Pesquisa 1 – Volume 1* do IDART<sup>42</sup> de 1980, assinado por Carlos Roberto de Souza, refere-se à prática nos cursos superiores em Cinema e Comunicação da seguinte maneira:

(...) apesar da enorme aceitação que o Super8 tem por parte dos jovens, não existe realmente uma ampliação curricular significativa através das escolas de cinema de nível superior.

Os reais vínculos do Super8 com a escola e o comércio dão-se em outras faixas.

Se não existem departamentos de Super8 dignos de nota nas Escolas de Comunicações, existem escolas especializadas que difundem a prática da bitola.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

<sup>42</sup> IDART - Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira - Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

<sup>43</sup> SOUZA, Carlos Roberto de. *O Filme curto*. Vol. 1. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, IDART/Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980, p. 184.

Mesmo na FAAP onde, na primeira metade da década de 1970, Berman já dava aulas no departamento de Comunicação, em que ensinava cinema para os alunos de Publicidade e Propaganda, não havia por parte da instituição uma política em favor da utilização do Super8, ou de outras bitolas, na formação de seus alunos. Na instituição essa prática acontecia por uma preocupação do próprio Abrão Berman, e mesmo assim, segundo o que relata sobre sua conduta como docente na FAAP: “a preocupação maior era familiarizar os alunos com a linguagem do cinema na comunicação, ficando o papel do cineasta em segundo plano.”<sup>44</sup>

Na verdade, a falta de interesse e mesmo de infraestrutura das instituições de cursos superiores acabou beneficiando o GRIFE, já que a prática cinematográfica através do Super8 era a sua questão central. Abrão explica as diretrizes da empresa em relação ao Centro de Estudos da seguinte forma:

No GRIFE, estamos (...) preocupados em formar cineastas em 8 mm. A maioria de nossos alunos se beneficia mais dos ensinamentos, que os transformam em competentes cineastas amadores e que podem eventualmente apresentar trabalhos para concursos ou utilizar o cinema em 8 mm como ferramenta de trabalho. Ou ainda fazer um ‘álbum de família’ cinematográfico, dentro de padrões técnicos (...).<sup>45</sup>

Ou seja, havia uma preocupação em proporcionar uma real formação para os alunos matriculados no GRIFE, independente das intenções de cada um em relação ao que fariam com seus conhecimentos. Independente se estavam interessados em produzir melhores trabalhos por conta de uma realização pessoal, ou se estavam interessados em se profissionalizar em cinema, ou se mesmo queriam produzir melhores filmes caseiros de suas famílias.

Os cursos do GRIFE eram organizados da seguinte maneira: duravam cerca de dois meses, haviam diferentes turmas e as aulas aconteciam nos períodos da manhã, tarde e noite. Havia o curso básico para os iniciantes tomarem familiaridade com o equipamento, escreverem seus primeiros roteiros, aprender noções de sonorização, dublagem e montagem de filmes. Havia o curso de realização, para quem já tinha

---

<sup>44</sup> BERMAN, Abrão. Abrão Berman: incentivando a bitola. In.: Momento Fuji. São Paulo, v. 2, n. 7, 1978, p. 6 – 7. Entrevista concedida à revista.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

alguma prática, e a partir de sua experiência desenvolvia filmes com enredos e técnicas mais complexos. Também havia o curso de animação para os interessados em aprender suas técnicas específicas aplicadas ao suporte Super8. As turmas tinham no máximo 15 alunos, que pagavam uma taxa de cerca de Cr\$ 700,00 (preço referente ao ano de 1974) por toda a formação, onde estavam todos os materiais necessários inclusos. Quem já havia realizado algum dos cursos poderia vir a alugar equipamentos para futuras realizações.<sup>46</sup>

Algumas propagandas do Centro de Estudos, em revistas especializadas em fotografia e cinema, davam o tom de como queriam passar a sua própria imagem, assim como transpareciam o perfil dos alunos que gostariam que fizessem seus cursos. Na verdade, eram pequenos depoimentos transcritos de ex-alunos contendo suas impressões e experiências relacionados ao curso oferecido, e ao ambiente da sede do GRIFE. É isso que podemos observar no anúncio veiculado na revista *IrisFoto* número 283, de 1976. (Anexo 03)

NICOLAU GEMTCHUJNICOV, 67 anos, engenheiro eletromecânico, fez CURSO DE CINEMA no GRIFE:

‘Desde os primeiros passos eu gostei do ambiente informal, amigável e dinâmico. Gostei dos professores, competentes e entusiastas, que me contagiaram irremediavelmente. Assisti a projeção de vários filmes em Super8 e achei que muitos deles em nada ficavam devendo às outras bitolas, que o Super8 tem possibilidades e futuro, e que logo conquistará o seu lugar reconhecido no mundo do cinema. Sem tornar-se substituto das demais bitolas, é claro. Pode [sic] fazer cinema para mim, em véspera de me aposentar, é começar uma vida nova. (...) Com o Super8 encontrei a possibilidade de expressão, a comunicação que me faltava.<sup>47</sup>

Em outros anúncios veiculados na revista *IrisFoto* número 287, do mesmo ano, mais ex-alunos comentam sua experiência junto ao Centro de Formação do GRIFE: (Anexo 04)

QUEM FAZ CURSO DE CINEMA NO GRIFE TEM SEMPRE ALGO A DIZER:

---

<sup>46</sup> SUPER8: Um novo encontro em São Paulo. *Jornal do Brasil*. Caderno B. Rio de Janeiro, 04 de novembro de 1974, p. 10.

<sup>47</sup> NICOLAU Gemtchujnicov, 67 anos, engenheiro eletromecânico, fez curso de cinema no GRIFE. *IrisFoto*. São Paulo: Ed. Iris, n. 283, 1976, p. 16.

Oswaldo Ferreira Nunes, desenhista: ‘Aprendi a ligar o meu trabalho ao cinema e dar novas formas e ritmos à minha criação. Acho que vou conseguir sair do anonimato muito breve.’

Mariano Pereira, bancário: ‘No fundo acho que o que aconteceu de mais importante para mim é que aprendi também a curtir cinema. Deixou de existir aquela distância entre os filmes de Bergman, Fellini, Buñuel e eu.’

Maria Helena Moretti, universitária: ‘Depois do curso percebi que os filmes que eu fazia e que achava uma tremenda curtição eram mesmo uma droga. É que eu não sabia nem fazer o foco. Hoje pelo menos se eu desfoco alguma coisa é intencional e com motivo.’<sup>48</sup>

A partir desses depoimentos na publicidade do GRIFE é exequível pensar no perfil dos alunos que acabaram se matriculando nos cursos. Quem seriam essas pessoas que acabaram se interessando pela possibilidade de fazer cinema, mesmo que em Super8? Quem seriam essas pessoas que tomaram contato e foram atraídas pelo Super8? Quem seriam essas pessoas que tiveram condições de adquirir os equipamentos necessários para realizar seus próprios filmes?

Abrão Berman dá algumas indicações de quem era a maioria dos alunos do Centro de Formação, interessados em cinema Super8, no depoimento a seguir:

(...) para quem gosta de cinema mas não pode, por questão profissional, largar uma faculdade, ou mesmo para quem não sabe onde ir estudar, ele (Super8) pode ser uma boa escola de preparação. No sentido do sujeito vir a ser um dia um profissional. Da mesma forma, o cinema pode ser uma válvula de escape para quem, por questões financeiras, tem que seguir uma carreira, mas conserva a necessidade de se expandir. Muitas dessas pessoas que são médicos, advogados, engenheiros, mas que fazem cinema por hobby.<sup>49</sup>

Na texto introdutório da versão brasileira do livro *A Prática do Super8*, lançado em 1972, de Bau, há uma outra menção e esse público atingido pelo centro de formação, da seguinte forma:

A criação do Grife foi um fator decisivo para revelar cineastas de talento, escondidos atrás de profissionais liberais ou estudantes. Para

---

<sup>48</sup> QUEM faz curso de cinema no GRIFE tem sempre algo a dizer. IrisFoto. São Paulo: Ed. Iris, n. 287, 1976, p. 30.

<sup>49</sup> BERMAN, Abrão. Super8 é bitola que preservará a memória nacional. In.: Jornal Voz do Paraná. Curitiba, semana de 1º a 7 de maio de 1977, p. 7. Entrevista concedida ao jornal.

eles, fazer cinema deixou de ser um privilégio mítico de poucos. Encontram no Super8 um instrumento acessível, de utilização simples e resultados imediatos (...).<sup>50</sup>



Figura 03 – Fotografia do Centro de Estudos de Cinema do GRIFE, retirada da reportagem “Câmaras na Mão”, da revista Veja de 14 de julho de 1976.

De acordo com os documentos acima citados, as pessoas que começaram a se interessar pelos cursos do Centro de Formação foram estudantes, muitas vezes de Comunicação, que vislumbravam uma futura carreira em cinema, publicidade e televisão; ou pessoas relativamente estabelecidas em suas vidas profissionais e pessoais, principalmente profissionais liberais que se interessavam por cinema e queriam levar mais a sério e se especializar para realizar seus filmes.

No entanto, não havia somente o GRIFE trabalhando com o ensino das técnicas do Super8, apesar de ele ter sido pioneiro em vários aspectos. Havia outros

---

<sup>50</sup> BERMAN *apud* BAU, N. A Prática do Super8. São Paulo: Summus, 1972, p. 6.

polos de formação de cineastas e de produção de filmes que contribuíam para a conformação de um cenário Super8 brasileiro. Particularmente em São Paulo, existiam outras escolas que forneciam cursos voltados para a instrução de novos superoitistas, assim como outras produtoras também.

Em 1976 a Angel Escola de Cinema em Super8, também, entrava no mercado para oferecer cursos que se direcionavam tanto aos: “amadores como àquelas pessoas quem têm aspirações de realização pessoal, assim como aos publicitários.”<sup>51</sup>

Segundo o *release* oficial da escola:

O cinema é uma projeção dos sonhos e de vida interior de cada um. A Angel Escola de Cinema Super8, através de três cursos práticos de realização, tem por finalidade em primeiro plano transmitir aos alunos a visão global de toda a filosofia que envolve o cinema como forma de arte, criação e expressão.<sup>52</sup>

Os cursos oferecidos pela escola eram o básico, o intermediário e o Grupo Realizador Experimental, que congregava ex-alunos, cineastas, artistas plásticos e publicitários.

O boletim do IDART, *O Filme Curto – Pesquisa 1 – Volume 1*, traz as atividades da escola descritas da seguinte forma:

(...) a promoção da Angel acerta nos três traços que caracterizam o uso mais frequente da bitola em São Paulo, ao acenar com: a perspectiva da gratuidade, da grande realização e da publicidade. Três tipos de qualidade acenam ao Super8: ele é tão caseiro quanto goiabada feita em casa; tão ‘artístico’ quanto uma tela pintada a mão; tão bem pago quanto um negócio. Os produtos que dão corpo ao sonho: o filme da festinha de casamento; o filme ‘experimental’; e o audiovisual ‘cem por cento’.<sup>53</sup>

Como é possível observar, há uma similitude com a proposta do GRIFE em relação à forma como eles trabalhavam a formação de superoitistas. Esse influxo é

---

<sup>51</sup> SOUZA, Carlos Roberto de. O Filme curto. Vol. 1. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, IDART/Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980, p. 186.

<sup>52</sup> *Ibidem.*

<sup>53</sup> *Ibidem.*

pertinente, haja vista que a escola Angel surge posteriormente à iniciativa de Abrão Berman e Malu Alencar.

O Centro de Estudos de Cinema foi, sem dúvida, um grande polo de instrução de pessoas interessadas no aperfeiçoamento das técnicas de realização em Super8. De lá saíram diversos profissionais que foram trabalhar em televisão, publicidade e mesmo no cinema. Da mesma forma, serviu de base para a profissionalização do amadorismo de cineastas que tinham no Super8 seu grande *hobby*. O Centro de Estudos contribuiu enormemente para a formação de público e de possíveis realizadores que participariam dos *Super Festivals* do GRIFE e de outros circuitos competitivos de filmes Super8.

### 1.3 – GRIFE - Centro Cultural e polo de aglutinação superoitista

Algo tão importante quanto o setor comercial e o Centro de Estudos, foi a vontade de Abrão Berman e Malu Alencar em aglutinar o maior número de pessoas em torno de atividades relacionadas ao Super8 e de estimular eventos para a promoção da bitola estreita. Isso está posto no documento que transparece a gênese da empresa, já citado anteriormente: “O GRIFE – proporciona um encontro de realizadores de filmes curtos e de gente que gosta de cinema, promovendo sessões semanais na sede, com projeção de filmes e debates.”<sup>54</sup>

Era algo primordial para o GRIFE agregar as pessoas interessadas em torno da produção, da divulgação e discussão do cinema, e especificamente do cinema Super8.

Como descreve a própria Malu Alencar:

Nós começamos a centrar todo final de semana, sábados e domingos a tarde, mas principalmente no sábado, sessões e discussões com pessoas, com filmes que as várias... Paris filmes, Euro... essas distribuidoras forneciam pra gente. E começou todo um... uma discussão a respeito disso.<sup>55</sup>

Nesse sentido, o centro de formação foi o cerne, assim como essas sessões de cinema, para a construção de um público, uma *entourage*, em torno da produção e da divulgação dos filmes em Super8, sendo complementado com a realização dos *Super Festivals*. Era um ciclo que passava pela formação dos cineastas, pela possibilidade de trabalhar com cinema Super8 (a exemplo do próprio GRIFE), da divulgação das produções nos festivais promovidos pelo grupo, e em outros certames espalhados pelo país. Assim sendo, é possível dizer que eles foram um grande fomentador da produção e divulgação do cinema Super8 brasileiro, e principalmente paulista.

---

<sup>54</sup> GRIFE. São Paulo, 1972.

<sup>55</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

Muitas pessoas ligadas às artes, cinema, publicidade, música e tantas outras áreas estiveram ligadas ou frequentaram as atividades propostas pelo grupo. Entre elas, Malu Alencar revela que:

Daí começou a aparecer o Luiz Marinho, que começou a cuidar do som. Daí o Jorge Izar, que tinha feito Escola Superior de Propaganda comigo, que apareceu, que a namorada dele era aluna do Abrão. (...) Mas os primeiros professores foram... era o Abrão. Daí o Celso Petroni se tornou um grande professor. Outro professor foi o Raul Wasserman, que hoje ele dono de uma editora, a Summus editora. (...) Daí o Jean-Claude Bernardet foi professor do GRIFE. O Silvinho Campos, que era na época um diretor de RTV da (agência) DPZ também foi dar aulas (...) E a gente montava palestras. Mario Chamie era um palestrante. A gente promovia várias palestras, né? (...) se tornou um núcleo. O Hector Babenco, o Isay Weinfeld, que é um arquiteto, o Rubens Gerchman, o Marcelo Nietzsche, a Ismênia Quaraci, o Claudio Tozzi. Um aluno nosso foi o Jayme Monjardim quando ele veio da Espanha. Ele morava em São Paulo e (...) foi estudar lá. Primeira... acho que ele tinha 13, 14 anos, não sei. E o Julio Ribeiro foi... estudou. O Vinicius Mainardi, o filho do Ênio Mainardi. Um filho do Roberto Duailibi (agência DPZ) e aí começou.<sup>56</sup>

Assim o GRIFE conseguiu reunir em torno de suas atividades um número considerável de pessoas ligadas aos vários setores das artes em São Paulo, e manter conexão com diferentes polos de produção em Super8 pelo país. Essa reunião de pessoas em torno do Super8, através do GRIFE, está diretamente relacionada com o grau de inserção e de contatos que Abrão Berman e Malu Alencar dispunham. De acordo com Malu Alencar: “Abrão circulava muito numa área de artistas. Daí eu ter entrado. Eu circulava numa outra área. Numa área mais da área de propaganda, e na área mais de intelectuais. Assim de amigos acadêmicos. E ele na área artística. Então foi uma bela união.”<sup>57</sup>

Além disso eles se utilizavam de seus contatos como uma estratégia de divulgação que alimentava a visibilidade das propostas pretendidas por eles.

De acordo com Malu Alencar:

Eu tinha um contato da revista Exame. Orlando Marques. E ele me fez uma proposta, que se colocar encartes do GRIFE na revista e eu pagaria. Eu falei: 'Mas a gente não tem dinheiro pra pagar a editora

---

<sup>56</sup> *Ibidem.*

<sup>57</sup> *Ibidem.*

Abril'. Na época era uma... era ainda uma grande revista. 'A gente não tem dinheiro pra pagar'. Ele falou: 'A gente faz o seguinte cada... se você... de cada x tempo... se você fechar trabalhos você paga uma comissão'. E foi assim.<sup>58</sup>

Realmente eles tinham livre acesso aos meios de comunicação, como fica claro no trecho acima. Seus fundadores eram muito bem relacionados, a ponto de veicularem seus anúncios sem necessariamente pagar previamente em uma revista de razoável tiragem de uma das maiores editoras do país na época. Além disso, é fácil atestar esse alcance à mídia pela quantidade de fontes encontradas para a realização desta pesquisa, sejam em revistas, jornais, impressos diversos e afins. Mais uma vez Malu diz: “Porque nós tínhamos muito acesso à mídia. Abrão tinha muito acesso à mídia. E o GRIFE logo começou a entrar no noticiário do Jornal da Tarde, Diário de São Paulo. Começou a circular por tudo isso.”<sup>59</sup>

Isso se deve em muito pela empatia criada pela ideia de democratização dos meios audiovisuais que o Super8 proporcionava, de acordo com seu baixo custo de produção e seu maior acesso às pessoas. Eles souberam muito bem como capitalizar isso em favor da promoção e da movimentação em torno do fazer e divulgar cinema de forma alternativa.

O GRIFE também realizava uma série de outras atividades dentro de sua sede, além dos cursos de cinema e sua produção comercial. Na rua Estados Unidos, número 2240, também aconteciam festas, *vernissages*, exposições e uma série de acontecimentos para promover outras ações culturais. Como a própria Malu Alencar relata: “A gente fazia muito *happening*, muitas coisa. A gente fez o Cinemobile. A gente apoiou o ExpoProjeção, da Aracy Amaral em 73. E a gente aglutinava.”<sup>60</sup>

A primeira grande realização do GRIFE foi a parceira com Aracy Amaral na qual promoveram a ExpoProjeção 73, em 1973. Esse evento foi um marco importante no contexto de exposições de arte brasileira que aconteceram no início da década de 1970. Reunindo filmes em Super8, audiovisuais feitos com *slides* e obras sonoras, essa exposição foi pioneira, organizada em formato de mostra em que diversos artistas

---

<sup>58</sup> *Ibidem.*

<sup>59</sup> *Ibidem.*

<sup>60</sup> *Ibidem.*

brasileiros interessados no suporte cinematográfico divulgaram seus trabalhos. Entre eles estavam artistas como Antonio Dias, Antonio Manuel, Iole de Freitas, Lygia Pape, Mario Cravo Neto, Raymundo Colares, o próprio Abrão Berman, e os já citados Marcelo Nietsche, Claudio Tozzi e Rubens Gercheman, entre outros.

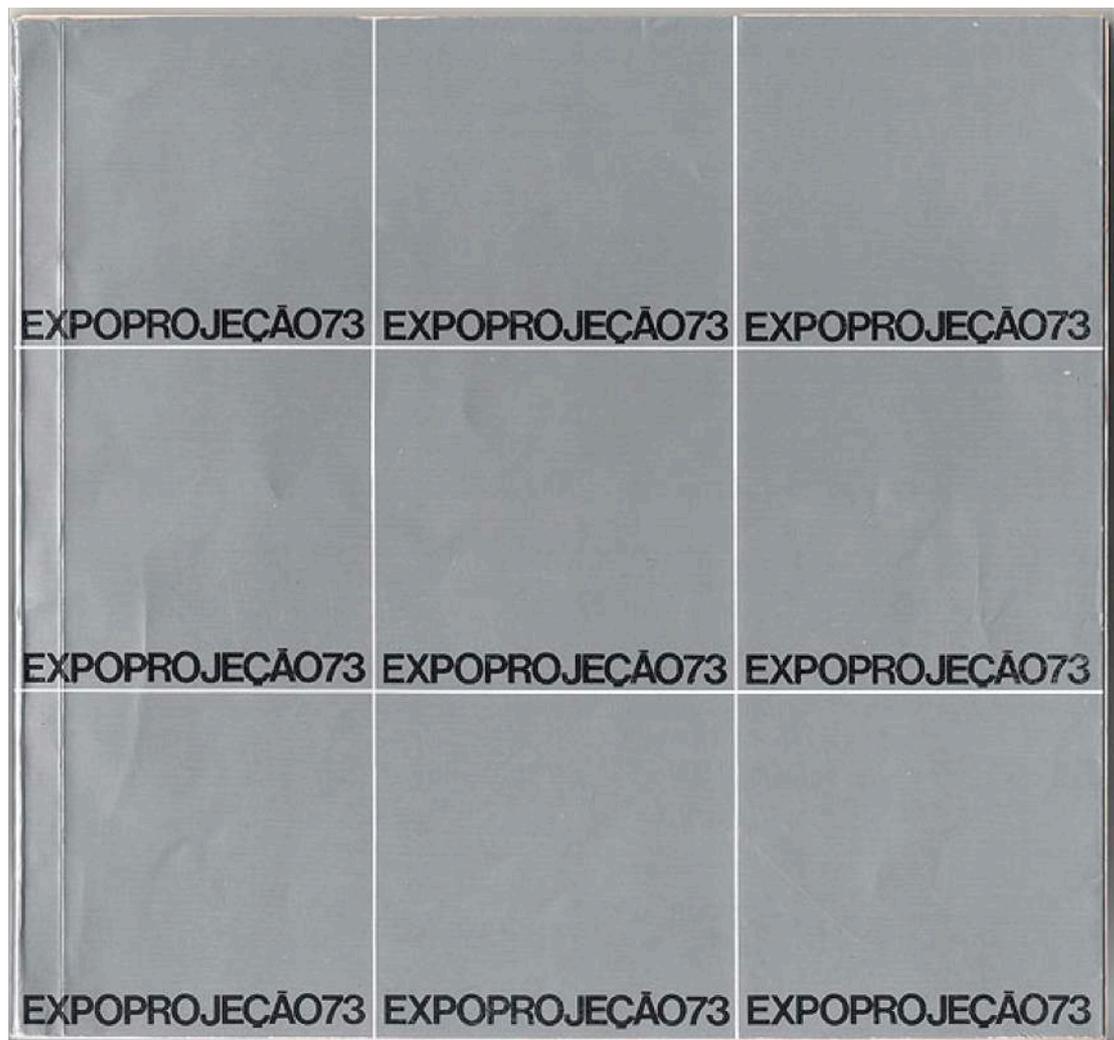


Figura 04 – Capa do catálogo da ExpoProjeção 73.

Aracy Amaral, em texto do catálogo da ExpoProjeção, explana que:

Num momento do artista brasileiro – entre o formalismo (...) a radicalização da vanguarda esotérica e as correntes que liberam o inconsciente (...), explodem por todo lado, como em outros países ocidentais, as experimentações (e / ou realizações) com filmes, audiovisuais, pesquisas com som. É o artista procurando lançar mão dos meios não convencionais para se expressar na ordenação seletiva da realidade, ou no registro (...)

(...) Super8, assim, para muitos, representa o ‘registro imediato e livre dos esquemas analíticos da montagem tradicional’. Essa qualidade preserva – sobretudo pelo descompromisso tácito de quem o faz com os circuitos comerciais – é a qualidade gestual existente na pintura desta tendência.<sup>61</sup>

De acordo com Roberto Moreira S. Cruz: “É possível traçar uma linha de tempo que se inicia exatamente neste evento e avança até os dias atuais, apontando as muitas tendências e estilos que se sucederam na produção de filmes e vídeos contemporâneos com a marca do experimental.”<sup>62</sup>

A ExpoProjeção<sup>63</sup> deu uma visibilidade muito grande ao GRIFE, reforçando sua imagem de empreendimento diferenciado e alternativo, além de alçá-lo a um outro patamar na visão de artistas e intelectuais naquele início de década, marcada pelo recrudescimento da ditadura militar pós AI-5 em 1968.

Como desdobramento quase imediato da ExpoProjeção, Abrão Berman conjuntamente ao artista plástico Claudio Tozzi decidem criar o projeto *Cinemobile* em 1974. Pouco tempo depois da realização da primeira edição do *Super Festival* do GRIFE, que excedeu todas as expectativas de forma positiva.

Por ocasião do evento o jornal *Folha de São Paulo*, do dia 19 de abril daquele ano, informou que:

(...) o *Cinemobile*, (...) será lançado às 21 horas, hoje, durante um coquetel na sede do GRIFE - Grupo de Realizadores Independentes de Filmes Experimentais (rua Estados Unidos, 2240) e apresentado por seus dois criadores, Abrão Berman, realizador de filmes em Super 8 milímetros, e Claudio Tozzi, artista plástico. Berman e Tozzi vão mostrar todas as formas de utilização dos *Cinemobiles* no happening que organizaram e durante o qual num ambiente de galeria de arte, os convidados não encontrarão óleos ou esculturas expostas. As paredes do GRIFE servirão de telas para uma exibição simultânea e ininterrupta dos filmes curtos em Super8, que constituem os *Cinemobiles*, e que já estão prontos para venda aos

---

<sup>61</sup> AMARAL, Aracy. CRUZ, Roberto Moreira S. (org's.). ExpoProjeção: 1973-2013. São Paulo: SESC, 2013, p. 43.

<sup>62</sup> *Ibidem*.

<sup>63</sup> A ExpoProjeção foi um evento artístico tão importante que mereceu uma segunda edição em 2013 no SESC Pompéia. Com curadoria de Aracy Amaral e Roberto Moreira S. Cruz, além dos originais contou com a adição de trabalhos mais recentes de outros artistas. Mais informações em: [www.expoprojecao.com.br](http://www.expoprojecao.com.br).

interessados. Eles podem ser projetados nas paredes, no chão, no teto, em muros, nas próprias pessoas e, enfim, em qualquer lugar (...).<sup>64</sup>

O projeto reunia 10 filmes, sendo quatro de Tozzi: *Gramma*, *Fotograma*, *A Morte da Galinha* e *Seio*; e seis de Berman: *Coiores*, *São Paulo*, *Caretas*, *Marilyn*, *Cinermania 50* e *Calendário*. O objetivo deles era durante a ação mostrar todas as formas possíveis da utilização desse conjunto de filmes.

Segundo Berman, o *Cinemobile* era:

(...) uma reunião das fórmulas da pintura, da gravura, da escultura, da fotografia num objeto só. Sua novidade é trazer nesse conjunto, também o movimento e o som, usando como base a película Super8, comprovando mais uma vez as inúmeras possibilidades dessa bitola.<sup>65</sup>

Além da questão artística possibilitada pelo suporte Super8, eles também enxergavam no projeto uma alternativa para comercializar sua produção da forma como eles as viam, como obras de arte. Sendo que “A ideia surgiu, inclusive, pelo interesse diante do filme Super 8. As lojas vendem, hoje, grande número de projetores sonoros e a procura de obras originais, por parte desses compradores, é intensa.”<sup>66</sup>

Havia na época uma profusão de títulos de filmes e desenhos animados, principalmente de grandes estúdios norte-americanos, que os consumidores de produtos Super8 compravam para assistir em suas casas. Foi justamente cogitando esse mercado que Berman e Tozzi criaram o projeto, procurando com o evento divulgar seus trabalhos para uma faixa de consumidores mais intelectualizados. Pois acreditavam “que o comprador ideal dos *Cinemobiles* serão as mesmas pessoas que estão habituadas a adquirir quadros, gravuras, filmes ou discos.”<sup>67</sup>

Atestando seu status de obra de arte, os *Cinemobiles*, no final do mesmo mês de seu lançamento, foram participar de uma exposição na Antuérpia, Bélgica.<sup>68</sup>

---

<sup>64</sup> CINEMOBILE, nova forma de usar o cinema, O. Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 19 de abril de 1974, s/ p.

<sup>65</sup> *Ibidem*.

<sup>66</sup> *Ibidem*.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

<sup>68</sup> *Ibidem*.

Além disso, diversas outras atividades culturais eram organizadas pelo GRIFE e/ou aconteceram em sua sede. O sobrado da rua Estados Unidos, número 2240, tornou-se um centro cultural e uma sala de exposições com um público cativo e uma agenda concorrida. Abrão Berman e Malu Alencar conceberam o GRIFE para que acontecesse uma significativa movimentação cultural ao seu redor.

Já em seu primeiro ano, em 1972, há registros de exposições em sua sede: “FOTOGRAFIA – 56 fotos de Israel feitas pelo fotógrafo Otávio Roth. Na Galeria Grife (Rua Estados Unidos, 2240). De 2<sup>a</sup> a sábado da 9h às 20:30m. Até o dia 20 de outubro.”<sup>69</sup>

Em 1977 o artista plástico: “Alex Flemmig, depois de se projetar no campo cinematográfico, expõem agora gravura na Galeria Grife, tendo como tema central as irrequietas ‘borboletas da consciência’.”<sup>70</sup>

Há relato de que em 1979 “Zelio Alves Pinto, irmão de Ziraldo, inaugurou no Grife uma exposição de mais recentes desenhos (...).”<sup>71</sup>

Nesse mesmo ano: “(...) o Museu de Arte Moderna de São Paulo (...) abrigou, de 5 a 9 (...), sessões diárias de filmes Super8 em torno do humor, numa programação cuidada pela Grife.”<sup>72</sup>

Como é possível constatar, a ligação do GRIFE com as artes foi sempre algo bastante valorizado e cultivado ao longo dos anos. O ambiente em torno de sua sede e as pessoas que a frequentavam criavam, junto ao que o próprio GRIFE queria, uma sinergia em prol de uma movimentação em torno do conceito de arte, que se queria ligada um desejado prestígio ao Super8. E isso se afirmava com toda a força quando aconteciam os *Super Festivals*, onde havia grande agitação ao redor da produção superoitista, reunindo aficionados de diversos lugares e diferentes propostas de realização na bitola. A reunião de pessoas e as outras atividades do GRIFE vão, conjuntamente a seus festivais, tomar forma ao longo da década de 1970 e início da

---

<sup>69</sup> PROGRAMA em São Paulo. Jornal do Brasil. Caderno B. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1972, p. 7.

<sup>70</sup> LINHA Reta. Jornal do Brasil. Caderno B. Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1977, p. 2.

<sup>71</sup> ZIRALDO lança “O Planeta Lilás”. Jornal do Brasil. Nacional. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1979, p. 8.

<sup>72</sup> NOVO no circuito nosso, De. Jornal do Brasil. Caderno B. Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1979, p. 2.

década de 1980, em favor da postura da empresa para o desenvolvimento do Super8 em suas mais diversas possibilidades. E principalmente na direção de uma profissionalização do ‘amadorismo’ superoitista e na viabilização de um nicho comercial para a bitola.

## 2. CAPÍTULO 2 - O INÍCIO E A CONSOLIDAÇÃO DOS SUPER FESTIVAIS NACIONAIS DO FILME SUPER8 MM DO GRIFE

### 2.1 – I Super Festival – um começo inspirador

O *I Super Festival Nacional* do GRIFE aconteceu entre os dias 23 e 26 de agosto de 1973. Pouco mais de um ano após o início das atividades da empresa, que já vinha conseguindo destaque dentro do cenário Super8 de São Paulo, e aos poucos no resto do país. Nesse período eles já haviam conseguido realizar, em parceria com Aracy Amaral, a *ExpoProjeção 73* em sua própria sede, e trabalhado comercialmente em alguns projetos encomendados por agências de publicidade. Além disso, o Centro de Estudos de Cinema já havia conseguido instruir um número considerável de alunos, que tinham uma boa quantidade de filmes prontos para exibir.



Figura 05 – Convite do *I Super Festival* do GRIFE.

Abrão Berman sentia a necessidade de continuar com a sequência de festivais que havia realizando no Cineclube Paiol, em 1970 e 1971. Todavia, agora focava-se somente no Super8 como grande possibilidade de realização cinematográfica com poucos recursos, fora dos esquemas maiores das bitolas 16mm e 35 mm.

O primeiro festival aconteceu no Teatro São Pedro, que tinha um auditório para cerca de 800 pessoas. Em todos os dias da primeira edição quase não havia lugares

vazios, reforçando a percepção dos membros do GRIFE das grandes possibilidades que o Super8 poderia apresentar como movimentação cultural.

Segundo Abrão Berman:

(...) realizamos em 73 o primeiro Festival Nacional do Filme Super8, que a gente pretensiosamente já batizou de Super Festival Nacional do Filme Super8, com o apoio da Fotoptica... que já vinha apoiando a gente na época do Paiol. Então fizemos esse festival, e a partir daí a gente sentiu que estava surgindo um movimento muito forte do cinema brasileiro. Não só na quantidade de filmes, como na quantidade de público. Porque o primeiro festival foi realizado no Teatro São Pedro, que era um teatro grande e durante uma semana inteira a gente teve uma platéia [sic] absolutamente lotada. Abarrotada de gente, a ponto da gente mesmo não saber onde ficar, de tão lotada que ficava a platéia [sic]. Para nós isso foi uma coisa sintomática. Foi uma resposta de que o caminho de que a gente tinha adotado era perfeito, que o Super8 era uma alternativa de cinema, e que havia público para se ver filmes Super8.<sup>73</sup>



Figura 06 – Fotografia de uma das noites de exibição de filmes no Teatro São Pedro durante o I Super Festival do GRIFE.

---

<sup>73</sup> BERMAN, Abrão. Mostra Nacional de Cinema Alternativo. Museu da Imagem e do Som de São Paulo. São Paulo, 26 de fevereiro de 1988. Entrevista em vídeo cedida a organização da Mostra Nacional de Cinema Alternativo – 1988.

Malu Alencar reforça o apoio que o GRIFE recebeu dos contatos que mantinham com pessoas ligadas à cultura nesse contexto. O diretor do Teatro São Pedro, na época, era Maurício Segall, filho do artista plástico Lasar Segall. Ele demonstrou grande interesse pelas iniciativas da empresa e contribuiu bastante para a realização do festival. O apoio e o reconhecimento ao trabalho do GRIFE são demonstrados, inclusive, pelo considerável acervo encontrado na biblioteca do Museu Lasar Segall, onde fiz pesquisas para este trabalho.

De acordo com Malu Alencar:

Bom, era um sonho do Abrão. O Abrão já fazia isso. Daí nós tínhamos muito contato com o Museu Lasar Segall... e o Mauricio Segall, ele era o diretor do (Teatro) São Pedro. (...) Desde o primeiro momento (...) Abrão tinha como sonho fazer o festival, e daí aconteceu.<sup>74</sup>

Além da colaboração encontrada no Teatro São Pedro e no Museu Lasar Segall, eles também recorrem à parceria que já tinha sido desenvolvida nos tempos do Festival do Paiol. As Lojas Fotoptica, de propriedade de Thomaz Farkas e sob direção executiva de Henrique de Macedo Netto, foi o principal incentivador dos festivais. De seu início em 1973, até seu término em 1983, quando o Super8 havia perdido espaço para a tecnologia do vídeo. A empresa Kodak também foi uma grande parceira que, assim como a Fotoptica, tinha interesses comerciais envolvidos.

De acordo com Malu Alencar:

Então... grande parceiro é a Fotoptica. A Fotoptica é fundamental com o Henrique Macedo. Henrique Macedo que era o braço direito do Thomas Farkas. Ele era quem cuidava (...) o Guerra que era do laboratório da Kodak que ficava na (rua) Brigadeiro Luiz Antônio, e a própria Kodak. Eram pessoas assim, que foram fundamentais. A Kodak tinha interesses comerciais de vendas de filmes e a Fotoptica tinha interesse de venda de equipamentos. Então se uniu... Se fez uma parceria que foi interessante pra todo mundo. O GRIFE ganhava com projeção, né? Por ser uma escola e um centro cultural e as outras foram grandes parceiras.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

<sup>75</sup> *Ibidem*.

Henrique Macedo esteve muito ligado ao GRIFE desde seu início. Inclusive, ligado a Abrão Berman mesmo antes da fundação da empresa. Eles se conheceram na FAAP, quando Abrão já era professor e Henrique começou a dar aulas na instituição. Estabeleceram uma forte parceria entre o GRIFE e as Lojas Fotoptica, e foram grandes amigos desde a década de 1970.

Segundo Henrique Macedo:

Fazia um marketing. Fazia parte de um marketing global, né? Eu era jovem artista e eu decidi fazer.... apoiar todas as atividades artísticas. Com a certeza de que os artistas que gostavam de arte eram formadores de opinião e que isso levaria as pessoas a quererem comprar na Fotoptica. Porque a Fotoptica aparecia em todas as exposições de fotografias, museus, em grupos de fotografia e apoiei tudo que era de vídeo. Primeiro tudo que era de Super8 e apoiei o GRIFE em tudo. Por que era os jovens...os jovens...os consumidores de amanhã... e realmente os jovens... a Fotoptica foi líder de mercado durante todo o tempo que eu dirigi a Fotoptica, que foi de setenta e três a oitenta e sete...e foi por causa disso... porque... por causa desse marketing de atrelar o nome da Fotoptica ao movimento cultural paulista.<sup>76</sup>

As Lojas Fotoptica, por intermédio de Henrique Macedo, forneciam equipamentos para o GRIFE e era grande incentivadora dos *Super Festivals* e também do próprio Centro de Estudos de Cinema.

Ele (Abrão Berman) quando precisava da gente... ele pedia pra Fotoptica e eu dava e era uma estratégia de marketing porque todos os fotógrafos... gente ligada ao cinema e tal... precisava de qualquer coisa, me procurava na Fotoptica e viravam clientes. Então foi uma estratégia de marketing muito inteligente pra Fotoptica e foi gostosa de fazer, né? (...) Mesmo na escola eu ajudei... ajudei... equipamentos pra eles na escola.<sup>77</sup>

Essa estratégia foi bastante exitosa para a Fotoptica, haja vista que a rede de lojas foi uma das grandes fornecedoras de materiais especializados em fotografia e cinema durante a década de 1970. Nesse sentido, viam no GRIFE uma ótima maneira de divulgar seus produtos.

---

<sup>76</sup> NETTO, Henrique de Macedo. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 14 de outubro de 2014.

<sup>77</sup> *Ibidem*.

De acordo com o boletim *O Filme Curto*: “Essas escolas (GRIFE e suas concorrentes) impulsionaram a comercialização do equipamento cinematográfico Super8 à medida que formam futuros consumidores.”<sup>78</sup>

Essa relação comercial estava diretamente ligada ao momento econômico pelo qual o país estava passando no início dos anos de 1970. O ‘milagre econômico’, como ficou conhecido esse impulso otimista da economia brasileira no começo dos anos 1970, no período militar, deu um novo, porém breve, ânimo à classe média do país, na medida em que possibilitou o acesso mais fácil e farto ao crédito. Isso deu margem para que a boa parte da população pudesse adquirir bens duráveis e, em certa medida, saciasse seu impulso consumista.

Da forma como Marcos Napolitano descreve:

A expansão do crédito para assalariados médios permitiu que a classe média, como um todo, consumisse bens duráveis, pagando a perder de vista. O ‘fusca’, modelo popular da Volkswagen, tornou-se o símbolo da expansão do consumo no Brasil. Mesmo para setores da classe média baixa composta por pequenos funcionários, comerciários, escriturários, o primeiro fusca e o sonho da casa própria podiam se tornar realidade (...)

Nunca fomos tão felizes! O projeto do Brasil Grande Potência parecia ter uma base material inédita.<sup>79</sup>

No entanto, esse otimismo, no que tange ao consumo de materiais fotográficos e cinematográficos, só encontrou consumidores nas camadas mais abastadas da sociedade, por conta de seus preços elevados. O próprio Abrão Berman, questionado sobre se os equipamentos para realização em Super8 estavam “realmente ao alcance de todos”, diz que:

Sim e não. Sim, porque todos podem ter a sua câmara. E não, porque não é uma cortição barata. Mas é a história: quem transa com som, ou fotografia, também não vê o preço na hora de comprar mais acessórios para o seu equipamento. Paga-se o preço de um gosto

---

<sup>78</sup> SOUZA, Carlos Roberto de. *O Filme curto*. Vol. 1. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, IDART/Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980, p. 185.

<sup>79</sup> NAPOLITANO, Marcos Eugênio. 1964: *História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Ed. Contexto, 2014, p. 163.

sofisticado, mas é um preço igual ao dos outros ‘hobbies’ que se utilizam das maravilhas da moderna tecnologia.<sup>80</sup>

Era uma classe média alta, em sua maioria intelectualizada e interessada em cultura. Faixa social que era a que frequentava tanto o GRIFE quanto as Lojas Fotoptica.

Essa relação comercial entre produtores culturais e patrocinadores se dava, não sem críticas. Jean-Claude Bernardet, pesquisador de cinema, que naquela época estava intimamente ligado ao GRIFE, referindo-se aos festivais de cinema dedicados ao curta-metragem, analisa essa situação da seguinte forma:

Numa sociedade burocrática, não vejo como surgir um grupo de filmes projetados sem ter uma instituição de apoio. Mas precisamos saber porque ela faz isso. A Fotóptica (São Paulo), por exemplo, patrocina um festival em Super8, porque ela vende equipamentos cinematográficos e espera um certo lucro a curto, médio ou longo prazo.<sup>81</sup>

Apesar do pioneirismo do GRIFE em relação às várias questões relacionadas ao Super8, o *Super Festival* não foi o primeiro certame a surgir unicamente dedicado à bitola. No primeiro semestre de 1973, entre os dias 14 a 16 de março, aconteceu em Campinas, interior paulista, o primeiro festival Super8 de que se tem notícia no país. O *1º Concurso de Filme Experimental em Super 8 mm*, com colaboração da Associação Paulista de Propaganda, foi uma iniciativa das seções Cineclube e Cinema Experimental do Departamento de Artes do Centro de Ciências, Letras e Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Consoante à programação oficial, o concurso tinha por finalidade:

Estimular a formação e o desenvolvimento de profissionais criativos para um mercado de trabalho novo e vários (cinema, tv, publicidade, informática, educação) e potencialmente promissor, como o é o do

---

<sup>80</sup> BERMAN, Abrão. Entrevista: Abrão Berman. In.: *Cinema em Close-Up*. São Paulo, v. 2, n. 5, 1976, p. 42. Entrevista concedida à revista.

<sup>81</sup> BERNARDET *apud* ALENCAR, Miriam. *O Cinema em Festivais e os Caminhos do Curta-Metragem no Brasil*. Rio de Janeiro: Embrafilme / Ed. ArteNova, 1978, p. 116.

Brasil, onde ainda muito tem que ser feito no campo da Informação e Comunicação.<sup>82</sup>

Ou seja, é possível ver, também, no primeiro certame de Campinas a preocupação com as possibilidades de ligação entre o Super8 e a plausível profissionalização advinda de sua prática na área de comunicação audiovisual.

De acordo com Claudinê Perina de Camargo, o principal articulador do evento:

O primeiro festival de Super8 feito no Brasil foi em Campinas, em 1973. Talvez o primeiro da América do Sul. (...) Campinas é a única não-capital que tem um festival em Super8. (...) Logo após o Festival de Campinas o GRIFE resolveu criar um festival em São Paulo. O Festival de Campinas marcou um grande sucesso: houve debates, lotou isso aqui, eu trouxe os maiores cineastas da época: Jean-Claude (Bernardet), (Maurice) Capovilla, toda essa turma. Discutimos tudo. Deu briga na noite do festival, na entrega dos prêmios.<sup>83</sup>

Observando o relato de Perina, é lícito cogitar uma certa de competição entre o que ele desenvolveu na cidade de Campinas e o GRIFE. Isso se reforça em outro depoimento sobre seu contato com o grupo.

Então eu parti para o Super8. Conheci o Berman em São Paulo, que montou o GRIFE, o primeiro órgão do Brasil que só trabalharia com Super8: filmes didáticos, de treinamento pessoal, filmes para fábricas, filmes de casamento – faziam de tudo. Era a maior picaretagem para ganhar dinheiro, para o Super8 entrar. (...) houve o Festival do GRIFE logo em seguida, já com sucesso, participei do festival, ganhei prêmio: Quadros em quadrinhos (filme).<sup>84</sup>

No ano seguinte, em 1974, o festival de Campinas não aconteceu por uma série de fatores, retornando somente em 1976 com o segundo festival. Entre os principais problemas enfrentados figura a mudança da diretoria do Centro de Ciências, Letras e Artes da Universidade de Campinas, numa época em que o próprio Claudine Perina não sabia se iria continuar na instituição.

---

<sup>82</sup> I CONCURSO de Filme Experimental. Revista CCLA. Campinas: UNICAMP, n. 1, dezembro de 1972, p. 26-28.

<sup>83</sup> CAMARGO *apud* SOUZA, Carlos Roberto de. O Filme curto. Vol. 1. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, IDART/Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980.

<sup>84</sup> *Ibidem*.

Outro importante certame que aconteceu no ano de 1973 foi a *II Jornada de Curta-metragem da Bahia*. Apesar de já na primeira edição da *Jornada*, em 1972, estar prevista a possibilidade de inscrição de filmes em Super8, além de 16 mm e 35 mm, e ter sido realizado um simpósio onde se discutia as *Perspectivas de profissionalização do Super8*, foram apenas seis inscritos com fitas nessa bitola. Todavia, em 1973, na sua segunda edição, esse cenário muda consideravelmente, tendo 31 filmes em Super8 inscritos. O espaço para a bitola havia sido ampliado, tendo nomes importantes discutindo questões relacionadas ao formato.

(...) o Super8 esteve na agenda oficial da Jornada sob várias formas. A começar pelo Simpósio sobre o Mercado do Filme de Curta-Metragem, uma das atividades principais do evento, que elegeu a bitola como um dos três temas abordados. Entre as comunicações individuais realizadas na primeira etapa do simpósio, Jean-Claude Bernardet apresentou Uma Atitude Cultural para o Super8. O cineasta Jorge Bodansky ministrou o Seminário do Filme Super8, que teve por objetivo “dar condições de maior aproveitamento (do Super8) ao público interessado” e discutiu os filmes da bitola inscritos naquela jornada.<sup>85</sup>

Ou seja, já havia uma real atenção voltada para a nova tecnologia, tendo em figuras como Jean-Claude Bernard e Jorge Bodansky interlocutores de peso.

Algo que não aconteceu em boa parte da primeira metade das edições dos festivais do GRIFE. Nessa primeira edição não houve seminários, mesas redondas, ou qualquer tipo de diálogo direcionado aos interessados na discussão sobre os rumos que a produção superoitista iria tomar. Apesar do intenso debate travado nos corredores do evento, entre realizadores, público e os membros do júri.

A única atividade que não estava prevista dentro da mostra competitiva foi a *Projeção Hors-Concours* dos filmes *Fantasia*, de Julia Pastrana e Laonte Klawa, que contava com a fotografia de Henrique Macedo; e *Estória*, de Naum de Oliveira, no último dia do festival, antes da premiação.

O *I Super Festival do Filme Super8 mm* contou com a inscrição de 54 filmes, dos quais 47 foram selecionados. Inclusive, três deles foram censurados e nem

---

<sup>85</sup> CRUZ, Marcos Pierry Pereira da. O Super-8 na Bahia: História e Análise. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo: São Paulo – SP, 2005, p. 10.

constaram na programa oficial da mostra. A seleção prévia foi instituída, diferentemente do que havia acontecido nos dois festivais do Paiol. Isso se deveu à intenção do GRIFE de colocar o Super8 em patamar próximo das outras bitolas cinematográficas profissionais (16 mm e 35 mm) e na reiteração por um produto audiovisual “tecnicamente o mais perfeito”.

É o que se revela no regulamento oficial do *I Super Festival*, publicado na Revista *Novidades Fotoptica* número 60, de 1973, onde consta uma pequena chamada para os realizadores, que da conta de que: (Anexo 05)

O Grife e a revista Novidades Fotoptica se preparam para um novo Festival: encontro, confronto, escola, comprovação de talentos e incentivo a amadores e veteranos de todo o Brasil que filmam em Super8. Se você pretende fazer parte e provar também que bitola não é ‘documento’ na realização cinematográfica, ponha já sua idéia em movimento, cuide para que o filme seja tecnicamente o mais perfeito e envie-o acompanhado de Ficha de inscrição que está na página ao lado. O prazo encerra-se dia 8 de agosto.<sup>86</sup>

A mesma postura pode ser observada no trecho de um artigo que analisou a realização da primeira edição do festival, no número 61 da revista *Novidades Fotoptica*, do mesmo ano. De acordo com o texto:

A exigência maior (do Festival): ‘O que importa é que o filme seja tecnicamente o mais perfeito’. O GRIFE insiste muito nesse ponto. Para mostrar que Super8 mm é cinema é preciso, segundo os organizadores do festival, demonstrar que ele não sofre mais de doenças infantis como falta de foco, fotografia deficiente, ‘colagem’ e não montagem, etc.<sup>87</sup>

Marlise Toni, importante personagem na realização de praticamente todos os festivais do GRIFE, a respeito da questão da seleção dos filmes declara no mesmo artigo que: “Não haverá qualquer limitação de gênero. Não pretendemos,

---

<sup>86</sup> 1° SUPER Festival Nacional do Filme Super8 MM. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 60, 1973, p. 16.

<sup>87</sup> FESTIVAL Super8. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 61, 1973, p. 39.

absolutamente, julgar o valor artístico de um trabalho, mas sim verificar se atende requisitos mínimos de realização cinematográfica.”<sup>88</sup>

A programação do festival foi dividida em quatro blocos de filmes entre os três dias de exibições competitivas, sem haver qualquer divisão por categorias. A partir do *Programa Oficial do festival*<sup>89</sup> é possível ponderar várias questões que se colocam frente ao caráter do certame. A mais premente reflete a especificidade do cunho nacional do evento. Dos 44 filmes da mostra competitiva, todos eram da região sudeste do país, sendo sua maioria esmagadora (38 filmes) da própria cidade de São Paulo. Do restante, um era da cidade de Campinas (interior paulista), e cinco de um mesmo grupo de realizadores, a ACAI - Associação Cinema Experimental, do Rio de Janeiro. É possível pensar que o GRIFE, apesar de uma considerável rede de interlocutores superoítistas espalhados pelo país, não conseguiu ter a divulgação e o alcance desejado. Assim o status de nacional, do qual o evento gostaria de desfrutar, não foi alcançado.

Pode-se levantar também outras questões em relação ao fato de a maioria dos filmes selecionados serem de realizadores radicados em São Paulo: primeiro – o fato das fitas serem únicas e os realizadores não estarem dispostos a enviar suas obras para um local distante; segundo – parte dos filmes não selecionados eram de fora da cidade de São Paulo e não atendiam aos critérios técnicos observados pelo GRIFE; e em terceiro – os filmes da cidade de São Paulo eram em maior número e melhor realizados do ponto de vista da organização do festival, já que boa parte de seus realizadores estavam ligados, de alguma forma, ao GRIFE.

A primeira hipótese levantada dificilmente poderá ser comprovada, trata-se de uma suposição sem um substrato passível de ser verificado. Todavia, a segunda e a terceira podem encontrar contraponto em um breve depoimento de Malu Alencar, na reportagem da revista *Novidades Fotóptica*, número 61, referida anteriormente:

Malu Alencar, do GRIFE, ficou surpresa com a repercussão que a idéia da realização do Festival, antes mesmo de uma divulgação sistemática, teve em vários pontos do Brasil. – Eu não sei direito como é que a notícia circulou. A revista ‘Novidades Fotóptica’ não havia ainda divulgado o regulamento e os prazos para a inscrição e nós já

---

<sup>88</sup> TONI *apud* FESTIVAL Super8. *Novidades Fotóptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 61, 1973, p. 39.

<sup>89</sup> O documento *Programa Oficial do I Super Festival Nacional do Filme Super8 mm* encontra-se no anexo 06 deste trabalho.

recebíamos pedidos de informações. Praticamente, podemos antecipar a presença, no Festival, de filmes do pessoal do Rio (onde existe o grupo ACAI), da Bahia, Estado do Rio, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Aqui em São Paulo os ‘ligados’ em Super8 já se encarregaram de fazer a idéia correr. Muita gente está concluindo seus trabalhos para participação no Festival (...).<sup>90</sup>

Nesse sentido, o que pode de ser verificado é que a primeira edição do festival movimentou superoitistas por todo país. Todavia, apesar do envio de filmes de outros estados da federação, mesmo que em menor número, eles não foram escolhidos por causa dos critérios de seleção do evento. Assim os realizadores paulistas foram contemplados por estarem mais em consonância com a visão sobre o Super8 defendida pelo GRIFE.

Outra questão que se coloca é o fato de não haver uma classificação pré-determinada para todos os filmes selecionados. O GRIFE, nessa primeira edição do evento não estabeleceu categorias, deixando a cargo dos realizadores a determinação do caráter de suas obras nas próprias fichas de inscrição. Foram listadas 15 definições dentro da programação oficial da mostra. Entre elas estão: ficção-experimental, colagem, documentário (com dez filmes), animação (com três filmes), pesquisa (com cinco filmes), experimental (com cinco filmes), fantasia (com dois filmes), drama (com quatro filmes), ficção (com quatro filmes), ficção realística, sátira (com dois filmes), semi-documentário (com três filmes), comédia, existencial e documentário-mensagem. Esta questão revela uma forma de experimentação em relação ao formato do festival. Tanto que a partir de sua segunda edição são determinadas pela própria organização do evento as categorias nas quais os filmes poderiam se inscrever.

O júri estabelecido para avaliar os filmes contou com pessoas ligadas a vários setores da cultura e das artes, principalmente radicadas em São Paulo. Isso está, também, diretamente vinculado ao respaldo e à postura profissional que os organizadores queriam impingir ao festival.<sup>91</sup> Entre os convidados a participar do júri estavam: Aníbal Massaini (cineasta), Antunes Filho (cineasta e diretor de teatro), Assis de Castro (crítico de cinema do *Jornal do Brasil*), Bruna Lombardi (modelo fotográfico), Bruno Barreto (cineasta), Jean-Claude Bernardet (crítico e professor de

---

<sup>90</sup> FESTIVAL Super8. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 61, 1973, p. 39.

<sup>91</sup> Para a lista completa de jurados consultar o anexo 06, documento *Programa Oficial do I Super Festival Nacional do Filme Super8 mm*.

cinema), Jefferson Barros (crítico de cinema da revista Veja), Joana Fomm (atriz), John Herbert (ator), Miriam Mehler (atriz), Nilce Cervoni (produtora de filmes de publicidade), Roberto Dualibi (publicitário), Thomas Farkas (cineasta), Walter Hugo Khoury (cineasta), além de outros.

Como é possível perceber, personagens importantes dentro da área cultural de nosso país, muitos deles com trajetórias marcantes e que continuam ativos até a atualidade. Todavia, dos 24 convidados somente 17 compareceram e fizeram parte da comissão julgadora do evento. Não é possível precisar quais deles estiveram presentes, por não haver documento que relate nome a nome dos que compareceram ao júri oficial.

A estrutura da premiação, dessa primeira edição, foi pensada para coroar as três melhores produções exibidas na mostra, além de contar com mais seis prêmios diversos. Afora isso, nas regras do festival também havia a possibilidade que outras premiações pudessem ser criadas conforme decisão do júri. Os prêmios<sup>92</sup> foram cedidos pelas Lojas Fotoptica e consistiam, nessa primeira edição, principalmente por equipamentos cinematográficos.

O que ficou patente durante o festival foi o clima jovem que impregnava o ambiente do evento, e que foi amplamente documentado pela imprensa especializada. Mesmo entre os realizadores, poucos eram os superoitistas que passavam dos 30 anos de idade. A revista *Novidade Fotoptica*, número 63, constata que: “Os realizadores apresentados no festival estão na faixa de 17 a 30 anos, muito poucos nascidos na década de 30 e só três entre 47 e 52 anos.”<sup>93</sup>

De acordo com a revista *IrisFoto*, a respeito da mostra:

A presença do público parece ter sido uma surpresa, mesmo para os realizadores do Festival (...). Talvez não fosse esperada uma participação tão ativa do público, que se comportou bem nos moldes dos festivais de música, que foram moda na década de 60, vaiando, gritando e fazendo suas gracinhas sempre que alguns dos filmes não se encaixavam dentro dos seus conhecimentos (...).<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> Para a lista completa de prêmios consultar o anexo 06, documento *Programa Oficial do I Festival Nacional do Filme Super8 mm*.

<sup>93</sup> SÃO PEDRO, o padrinho do filho mais novo do cinema. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 63, 1973, p. 26.

<sup>94</sup> I FESTIVAL de Filmes Super8 mm em São Paulo. *IrisFoto*. São Paulo: Ed. Iris, n. 257, 1973, p. 48.

Retomando a revista *Novidade Fotóptica*, número 63:

Apesar de um aparente uniformidade do público do festival, havia três níveis, três expectativas. A geração 18 anos, ansiando por ficção, por histórias existenciais. (...) as torcidas organizadas (de colégio), brigavam por aplausos & vaias. Uma outra geração, 25, 30 anos, exigia documentário mais sério, conteúdo pensado em histórias de ficção. E os bem estabelecidos, gente já engrenava de vez, se dividia em pesquisa estética e crítica social.<sup>95</sup>

Esse último relato puxa a questão dos diversos grupos e entendimentos a respeito da forma como era concebida a realização em Super8 naquele início de década. Eram grandes as possibilidades cinematográficas da utilização da bitola estreita, mas que ainda precisavam de propostas mais concretas por parte dos superoítistas.

Assim:

Talvez pelo próprio critério da Comissão Seleccionadora de não levar em conta a qualidade artística do filme, julgando apenas a necessidade de um nível técnico de realização para a inclusão no Festival. Não fosse assim teríamos um número bem reduzido de participantes e que talvez não fosse suficiente para caracterizar um festival.

O que foi apresentado era uma mistura de filmes experimentais, filmes domésticos e alguns poucos filmes que apresentaram um bom nível, tanto técnico como de consumo, e que provavelmente alcançariam os caminhos normais de distribuição, caso eles existissem.<sup>96</sup>

Nessa análise é observado como a concepção de muitos realizadores ficou aquém do esperado por parte do público e dos jurados. Tanto que uma das grandes discussões que se impôs durante o certame foi a questão de qual linguagem o Super8 deveria tomar, ou se o Super8 seria uma nova linguagem por si só.

Dessa forma, verificou-se uma divisão entre setores do público e do júri: a dos que eram partidários do experimentalismo, ou de um cinema mais narrativo, próxima ao que se fazia em outras bitolas. Assim: “(...) nessas linhas que se dividia público e

---

<sup>95</sup> SÃO Pedro, o padrinho do filho mais novo do cinema. *Novidades Fotóptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 63, 1973, p. 28.

<sup>96</sup> I FESTIVAL de Filmes Super8 mm em São Paulo. *IrisFoto*. São Paulo: Ed. Iris, n. 257, 1973, p. 48.

júri: uns preferindo o experimentalismo estético, outros a temática humana social. E os terceiros, votados para a animação.”<sup>97</sup>

Nesse sentido, Jean-Claude Bernardet, membro do júri, contrariado com o nível geral dos filmes apresentados: “(...) criticava as limitações dessa chamada nova linguagem, (e) reconheceu neste festival que nada tem contra o Super8, só não gosta do formalismo ou experimentalismo da maior parte dos realizadores.”<sup>98</sup> Outro jurado de peso, vai nessa mesma linha, observando que: “O homem, personagem central do cinema, esteve um pouco esquecido em muitos filmes – é o que pensa Thomaz Farkas, adepto incondicional do documentário humano.”<sup>99</sup>

Portanto, parece muito pertinente a análise encontrada na revista *IrisFoto*, a respeito do festival:

A maior parte dos realizadores, infelizmente, crê que a simples diferença de bitola dos filmes pode determinar uma nova linguagem cinematográfica, e como o custo de produção não é muito caro, eles se afastam dos seus objetivos, realizam-se experiências difíceis de serem compreendidas e aumentam a distância entre a sua mensagem e as pessoas que devem recebê-la, esquecendo que o cinema ainda é um meio de comunicação.<sup>100</sup>

O impasse principal do júri foi em relação ao contraponto às questões técnicas e às propostas estéticas e narrativas referentes aos filmes apresentados. Na verdade, a grande dúvida era a respeito de se premiar um filme tecnicamente perfeito, ou os filmes que: “(...) não eram tão perfeitos, do ponto de vista técnico, mas eram talvez mais originais no conteúdo.”<sup>101</sup> Assim, o primeiro lugar ficou entre o filme *O Quintal*, de Luiz Antonio Pio, o qual para muitos não devia em nada para uma produção em 35 mm, e o filme *O Homem Aranha contra o Dr. Octopus*, de Otoniel Santos Pereira, que trazia uma estética e uma proposta diferenciada em relação a sua narrativa. Nessa primeira edição do festival a estética venceu a técnica, e o filme de Otoniel Santos foi coroado o grande vencedor.

A despeito dessas questões e das inúmeras discordâncias relacionadas à concepção geral da forma dos filmes apresentados, o júri oficial, na noite do dia 26 de

---

<sup>97</sup> SÃO Pedro, o padrinho do filho mais novo do cinema. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 63, 1973, p. 27.

<sup>98</sup> *Ibidem*: 26.

<sup>99</sup> *Ibidem*.

<sup>100</sup> I FESTIVAL de Filmes Super8 mm em São Paulo. *IrisFoto*. São Paulo: Ed. Iris, n. 257, 1973, p. 48.

<sup>101</sup> SÃO Pedro, o padrinho do filho mais novo do cinema. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 63, 1973, p. 26.

agosto (domingo), resolveu premiar os seguintes filmes: melhor filme do festival: *O Homem Aranha contra o Dr. Octopus* (Otoniel Santos Pereira); 2º lugar: *Takes* (Fausto Pires de Campos e Ulrich Bruhn); 3º lugar: *Gigó* (Nayde Selva); prêmio especial do júri: *O Quintal* (Luiz Antonio Pio); melhor filme de animação: *Treinamento* (Jorge Izar); melhor documentário: *Sumário* (Ciro Meringolo, Gerson Camargo e Fernando Mascaro); melhor fotografia: *Vila Velha* (Roberto Saul); melhor trilha sonora: *Homem Aranha contra o Dr. Octopus* (Otoniel Santos Pereira); melhor apresentação: *A Visita* (Albino Antonio Silva e Antonio Lissaldo); melhor inovação: *Pra frente Brasil* (Jorge Bouquet); melhor ator: Paulo Hesse (filme *O Quintal*); e melhor atriz: Luiza Alvino (filme *A Visita*).

Além desses o júri decidiu dar menção honrosa para: *Quadrados em Quadrinhos* (Claudinê Pereira Camargo); *Zoom* (Marco Antonio Ferro); *Helvecia, a Cidade Perdida* (Fernando Pereira); *Cubo de Fumaça* (Marcelo Nietzsche); e *Microcinematografia* (Luiz Bussolotti).

Importante destacar que o prêmio de melhor documentário foi para *Sumário*, de Ciro Meringolo, Gerson Camargo e Fernando Mascaro. O filme foi um dos três que haviam sido proibidos pela censura, juntamente com o também documentário *Proibido para Menores de Qualquer Idade*, e a ficção *O Jardineiro*. Foi uma postura política do júri, em tempos de *anos de chumbo*, que fez questão de analisar os filmes mesmo eles não tendo sido liberados para exibição. De acordo com o jurado Rodolfo Konder: “o filme estava proibido para exibição, mas não para premiação.”<sup>102</sup>

A censura foi uma constante nas várias edições dos festivais, não só do GRIFE, mas em muitas outros certames espalhados pelo país. Apesar da menor exposição que os festivais Super8 tinham frente aos de outras bitolas, por lei todos os filmes tinham que passar pelo crivo da censura e receber um atestado de liberação dos órgãos competentes. Por mais que o governo militar não tenha criado a censura, instituída em 1946 pelo então governo Getúlio Vargas, o regime ditatorial a ampliou e politizou seu processo.<sup>103</sup> Mesmo assim, continuou com o discurso clássico de vigilância da moral e dos bons costumes.

De acordo com Marcos Napolitano, a ditadura:

“(...) realizou um trabalho de centralização burocrática, que culmina em 1972, com a criação da Divisão de Censura do Departamento da

---

<sup>102</sup> *Ibidem*: 26.

<sup>103</sup> NAPOLITANO, Marcos Eugênio. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Ed. Contexto, 2014, p. 129.

Polícia Federal. Apesar de todas as reformas, a prática da censura tinha muito de ação arbitrária, desigual conforme a área de expressão, e pouco sistematizada.”<sup>104</sup>

Parece estar nas chaves arbitrária e da moral e dos bons costumes a proibição dos filmes nessa primeira edição dos festival do GRIFE, pois como narra a reportagem da revista *Novidades Foptica*:

A censura cortou três – dois documentários, ‘Sumário’ e ‘Proibido para menores de qualquer idade, e um de ficção, ‘O Jardineiro’. Os documentários apresentam temática social, o primeiro sobre o homem do campo, e o segundo sobre menor abandonado no Rio de Janeiro. ‘O Jardineiro’, motivos morais – o jardineiro faz o jogo do amor com a dona do jardim que está sentada na janela, planta os botões, os botões desabrocham, corta com uma enorme tesoura e termina urinando de frente para a moça.<sup>105</sup>

Todavia, o GRIFE desenvolveu estratégias para, por vezes, conseguir burlar o aparato de censura em relação aos filmes selecionados para os festivais.

Malu Alencar conta que:

Todo o festival tinha que ter a censura. E tinha alguns que faziam... como eu diria... críticas veladas a ditadura. E a doutora Solange, que era a censora, (...). A minha função era enganar a Dra. Solange. Porque quando tinha filmes que a gente sabia que eram polêmicos, eu começava a perguntar da vida dela, (...). Que ela era uma senhora muito simpática, muito educada e ela... Ficamos amigas mesmo. Tanto é que eu fui alguma... uma vez jantar na casa dela. E dispersava a atenção. Então passava os filmes...<sup>106</sup>

De forma geral, a primeira edição do *Super Festival* do GRIFE atingiu os objetivos traçados por seus coordenadores. A organização do certame contou com parceiros importantes, houve a adesão de um número considerável de realizadores na mostra competitiva e o público de todas as sessões superou qualquer expectativa. Dessa forma, dava-se o primeiro passo em direção de um festival que vinha ao encontro dos anseios do GRIFE, de tornar o Super8 reconhecido como cinema, independentemente

---

<sup>104</sup> *Ibidem*: 129.

<sup>105</sup> SÃO Pedro, o padrinho do filho mais novo do cinema. *Novidades Foptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 63, 1973, p. 27.

<sup>106</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

da bitola. O evento vinha coroar o trabalho que a empresa vinha desenvolvendo tanto no campo comercial, quanto pelo Centro de Estudos de Cinema.

## 2.2 - II Super Festival – o Super8 e a proliferação dos festivais pelo país

A segunda edição do *Super Festival* do GRIFE ampliou o leque de entidades atuando em prol do evento. Além da parceria estabelecida com as Lojas Fotoptica, o certame contaria com a promoção do Canal 13 *Bandeirantes* e do *Jornal da Tarde*, e mudaria de casa contando com a colaboração do Esporte Clube Sírio. Outra mudança foi no calendário da mostra, transferindo o festival, que em 1973 tinha sido realizado em agosto, para o mês de novembro de 1974.



Figura 07 – Convite do *II Super Festival* do GRIFE.

Nesse período a movimentação em torno do Super8 estava ganhando mais atores, e novas articulações estavam se desenvolvendo para o surgimento de novos concursos. O ano de 1974 marca uma grande proliferação de novos festivais e o relativo fortalecimento dos já existentes.

O que é possível observar nos jornais da época:

De 1973 para cá houve uma sucessão de festivais ou mostras de filmes Super8 no país. Promoções como a *Expoprojeção*, organizada em junho do ano passado em São Paulo, com filmes feitos sobretudo por artistas plásticos, parecem ter desencadeado alguma coisa próxima a uma moda de filme Super8, que prossegue este ano com todo vigor. Até o momento, além do I Festival Brasileiro do Filme Super8, realizado em abril, em Curitiba, já houve a Terceira Jornada de Curta-Metragem, em Salvador, onde foram apresentados muitas produções em Super8, e mais

recentemente a Mostra Nacional do Filme Super8, que foi de 14 a 20 de outubro no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.<sup>107</sup>

Sylvio Back, que naquela época já era um reconhecido cineasta, tendo em sua filmografia os longas-metragem *Lance Maior* (1968) e *A Guerra dos Pelados* (1970), organiza em Curitiba o *Vida ao Super8: I Festival Brasileiro do Filme Super8*. Esse certame acontece entre os dias 1º a 6 de abril de 1974 no Teatro Guaíra, sendo uma promoção do Governo do Estado do Paraná, através da Secretaria de Educação e Cultura, organizado pelo Museu da Imagem e do Som.

Em finais de 1973, Back já estava em contato com os membros do GRIFE, pedindo apoio e indicação de filmes para seu evento. Em carta datada de 18 de outubro de 1973, ele agradece o suporte recebido, dizendo: (Anexo 07)

Caros ABRÃO e MALU. Recebam aqui meu renovado agradecimento pela cessão dos filmes para o lançamento do nosso Festival. Conforme prometi, aí estão cartazes e regulamentos. Na próxima semana deverei estar em São Paulo e conversamos melhor. Abraços. Silvio [sic] Back.<sup>108</sup>

Essa relação de parceria rendeu o convite para que Abrão Berman participasse do júri oficial da mostra, e fosse realizar uma oficina de Super8 na cidade de Curitiba, em janeiro de 1974, como parte da própria programação do festival. De acordo com o que divulgou o jornal *Diário do Paraná*, de 29 de dezembro de 1973:

O Museu da Imagem e do Som do Paraná abre janeiro com a realização de um curso prático de cinema e um concurso de roteiros para curta-metragens de até 10 minutos, como parte da programação cultural que cerca o I Festival Brasileiro do Filme Super8 (...)

Para ministrar o curso de cinema, que abrangerá filmagens, montagem e sonorização, a Coordenação do Festival convidou o cineasta paulista Abrão Berman, um dos mais conhecidos diretores da bitola, e grande incentivador do Super8, além de responsável pelo Grupo de Realizadores Independente de Filmes Experimentais (GRIFE).

SÓ PRÁTICA. Abrão Berman virá a Curitiba nos dias 17, 18 e 19 de janeiro próximo, e seu curso será eminentemente prático, com vistas a preparar cineastas para o Festival paranaense.<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> PAPEL do Super8, O. Opinião. São Paulo, 25 de outubro de 1974, s/p.

<sup>108</sup> BACK, Sylvio. Carta de Sylvio Back endereçada a Abrão Berman e Malu Alencar. Curitiba. 18 de outubro de 1973.

<sup>109</sup> JANEIRO, curso e concurso de cinema, Em. Diário do Paraná. Primeiro Caderno. Curitiba, 29 de dezembro de 1973, p. 7.

A comunicação entre Sylvio Back, Abrão Berman e Malu Alencar foi intensa, ficando acertado, inclusive, que o GRIFE seria um local de recebimento de inscrições para o festival de Curitiba. Como é possível verificar em outra correspondência datada de 23 de novembro de 1973: (Anexo 08)

Caros Abrão e Malu, (...) Dentre dias, também, te mando o material relativo às inscrições e uma carta do Museu da Imagem e do Som credenciando o GRIFE – oficialmente – como ‘pegador’ de inscrições aí pra São Paulo. Obrigado por tudo que vocês tem feito pela gente aí. Abraços. Sylvio Back.<sup>110</sup>

O festival de Curitiba, ao contrário do que aconteceu no ano anterior na mostra do GRIFE, não teve seleção prévia. Foram exibidos todos os 64 filmes inscritos nos sete dias de mostra. A premiação foi estipulada para contemplar o melhor filme, roteiro, fotografia, montagem, ator, atriz, trilha sonora e prêmios especiais instituídos pelo júri. Todavia, a comissão julgadora, ao final do concurso, decide premiar os nove filmes eleitos como os melhores do festival, sem distinção de categoria de premiação. Esta mudança foi tida como arbitral por parte representativa dos presentes, deixando muitos da plateia confusos e causando manifestações entre os realizadores descontentes.

Chama a atenção a quantidade de filmes paulistas que estiveram entre os premiados. Dos nove contemplados cinco eram de São Paulo, dois eram do Rio de Janeiro, um de Pernambuco e um do Paraná.<sup>111</sup> Entre os Paulistas coroados estava Otoniel Santos Pereira, o grande ganhador do *I Super Festival*.

O regulamento para o *II Super Festival Nacional do Filme Super8 mm* não sofreu alterações significativas. Todavia, houve um relativo acréscimo na quantidade de filmes inscritos. Dos 54 filmes registrados no ano anterior, passasse a 62, sendo que deles somente 40 são selecionados. Importante salientar que para essa segunda edição, o GRIFE definiu previamente as categorias para as quais os realizadores poderiam inscrever seus trabalhos. Ficou estabelecida quatro possibilidades, entre: experimental, ficção/enredo, animação/desenho animado e documentário.

Foram 12 filmes experimentais, três animações, oito documentários e, em maior número, 17 ficções. Mais uma vez a maioria esmagadora das realizações era de São Paulo, com 32 filmes. O Rio de Janeiro teve três filmes, sendo dois deles da mesma

---

<sup>110</sup> BACK, Sylvio. Carta de Sylvio Back endereçada a Abrão Berman e Malu Alencar. Curitiba, 23 de novembro de 1973.

<sup>111</sup> FASSONI, Orlando L. Recompensas para um Cinema que Começa a Nascer. In.: Folha de São Paulo. São Paulo, 31 de março de 1974, s/ p.

dupla de realizadores, Lilia Pandolfi e Lony Herrman. De São Carlos, interior paulista, eram mais três filmes, de José Roberto M. Negri. De Salvador, Bahia, havia um representante e de Recife, Pernambuco, mais um. Novamente o título de festival nacional ficou devendo quanto a representatividade de outros estados do país. Dos 40 filmes selecionados, apenas dois não eram da região sudeste.<sup>112</sup>

Quadro diferente do que havia acontecido no mesmo ano durante o festival de Curitiba, onde se conseguiu reunir um grande número de filmes de diversos estados da federação. Todavia, com maciça presença dos realizadores paulistas. De acordo com o pesquisador pernambucano Alexandre Figueirôa, no festival de Curitiba: “Cerca de oito Estados participam do evento num total de 64 filmes, sendo que São Paulo foi quem inscreveu mais trabalhos (24).”<sup>113</sup>

Antes mesmo do início da mostra paranaense já existia a expectativa da inscrição de uma grande quantidade de filmes de vários lugares do país. É o que retrata, mesmo que de forma superestimada, o também pernambucano Celso Marconi, jornalista e importante realizador superoitista, em sua coluna no *Jornal do Commercio* de 18 de janeiro de 1974:

Assim, tenho a impressão de que tem razão o Sílvio [sic] Back, coordenador do Festival (de Curitiba), quando afirma que deverão concorrer mais de 120 filmes, de todo o Brasil. E, particularmente, penso que de Pernambuco deverão ser enviados mais de 20 filmes, pois o pessoal ligado ao Super8 está se preparando.<sup>114</sup>

Outra questão importante ocorrida na segunda edição do festival do GRIFE, foi que mais uma vez a censura proibiu a exibição de três filmes. *Recital* de Sérgio Toledo Segall, *Dia a Dia* de Pedro Farkas e Eliana Bandeira, e *36 Poses e Nenhum Gesto* de Talvani Guedes da Fonseca. Este último, o único representante do estado de Pernambuco. Mais uma vez o arbitrário marca a ação dos órgãos censores da ditadura militar, já que o filme de Talvani Guedes havia sido selecionado para participar da *III Jornada de Curta-metragem da Bahia* do mesmo ano.

Segundo Alexandre Figueirôa:

---

<sup>112</sup> Mais informações podem ser encontradas no anexo 9, “Programa Oficial da II Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.

<sup>113</sup> FIGUEIRÔA, Alexandre. O Cinema Super 8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural. Recife: FUNDARPE, 1994, p. 39.

<sup>114</sup> MARCONI, Celso. Curitiba / Os caminhos do Super8 brasileiro. In.: *Jornal do Commercio*. Caderno II. Recife, 18 de janeiro de 1975, p. 4.

O filme fora enviado para o Festival Nacional do Super8 que se realizaria em dezembro (novembro) de 1974, em São Paulo, mas foi interdito pela censura paulista. O que causou surpresa foi o fato de o filme ter sido exibido sem problemas na III Jornada em Salvador.<sup>115</sup>

Como a contestação foi um forte traço da geração que viveu a década de 1970, Talvani Guedes, a seu modo, fez sua própria manifestação a respeito do episódio. Como novamente nos relata Figueirôa:

Para compensar a decepção, Talvani, conforme notícia de Celso Marconi, realizou em um único sábado, com a mulher e a sogra, um filme de 4 min. 30 seg. intitulado *Nem um Gesto*, um protesto pela censura a seu filme, contando a história de um autor que é agredido por sua câmera Super8 e termina sendo assassinado.<sup>116</sup>

Mais uma vez o júri oficial da mostra contou com pessoas ligadas às áreas da cultura e das artes, reafirmando o caráter profissional que o GRIFE queria impor a seu evento. Foram convidadas 23 personalidades, entre elas: Carlos Amaral Fonseca (representante do INC), Fayez José Mauad (membro da diretoria da Associação Brasileira de Educação Audiovisual), Francisco Petit (publicitário e diretor de criação da agência D.P.Z.), Henrique Macedo Netto (prof. de fotografia da FAAP e diretor superintendente da Fotoptica), José Carlos Avellar (crítico de cinema do *Jornal do Brasil*), Lilian Lemmertz (atriz), Maria Luíza de Alencar (diretora do GRIFE), Orlando Fassoni (crítico de cinema da *Folha de São Paulo*), Pola Vartuk (crítica de cinema de *O Estado de São Paulo*), Samir Razuk (diretor geral da *Rádio e Televisão Bandeirantes*, e diretor cultural do Esporte Clube Sírio), Sylvio Back (cineasta), Telmo Martino (crítico de cinema do *Jornal da Tarde*), Thomaz Farkas (presidente da Fotoptica e cineasta), e Roberto Farias (cineasta e diretor geral da Embrafilme).<sup>117</sup>

De todos os convidados para o júri, somente um não pôde comparecer, não ficando claro qual deles nos documentos consultados. Todavia, impressiona o fato de presidente da Embrafilme, Roberto Farias, ter sido convidado e aceitado participar da comissão julgadora. Prova da articulação engendrada pelo GRIFE, e principalmente por Abrão Berman, em querer, cada vez mais, se aproximar dos órgãos oficiais do

---

<sup>115</sup> FIGUEIRÔA, Alexandre. *O Cinema Super 8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural*. Recife: FUNDARPE, 1994, p. 56.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

<sup>117</sup> Para a lista completa de prêmios consultar o anexo 9, *Programa Oficial da II Super Festival do Filme Super8 mm*.

governo voltados para o cinema, procurando legitimar a produção superoitista. É possível observar, em correspondência datada de 19 de novembro de 1974, a boa vontade e o interesse despendido por Roberto Farias a respeito do convite: (Anexo 10)

Sr. Abrão Berman. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1974. Prezado senhor: Acuso o recebimento de sua carta de 6 de novembro último e agradeço o amável convite para participar do júri [sic] do II Super Festival Nacional do Filme Super 8mm. Confirmando minha presença em São Paulo no dia 20 de novembro próximo, em razão de compromissos da Empresa, comunico a V.Sa. não ser necessário o envio de passagens para tal fim. Solicito a V.Sa. comunicar-se com a Embrafilme para quaisquer informações que porventura se façam necessárias. Congratulando-me com V.Sa. pela promoção do mencionado Festival, despeço-me Atenciosamente, Roberto Farias diretor-geral<sup>118</sup>

Em relação à premiação para 1974, não aconteceram modificações significativas no modelo adotado no ano anterior. Exceto pelo fato de que as Lojas Fotoptica ofereceram um troféu e equipamentos diversificados para o ganhador de cada categoria. Além disso, um novo apoiador de peso vinha dar suporte por meio de um prêmio especial em dinheiro. O INC (Instituto Nacional de Cinema), com quem Abrão Berman vinha travando diversos diálogos desde o início do GRIFE para a regulamentação da exibição comercial de filmes Super8, anunciou o apoio através de Cr\$ 5.000,00 em premiação. O que, de certa forma, não era uma surpresa, já que este Instituto havia acenado com benesses parecidas para a *Jornada Baiana*, e havia mandado um representante para participar do festival de Curitiba. Importante salientar que o presidente do INC, Alcino Teixeira de Mello, compareceu na última noite do festival para prestigiar e fazer a entrega da premiação.

E de acordo com o regulamento, mais uma vez: “Conforme decisão do júri, os títulos das premiações poderão (poderiam) ser alterados, como outros prêmios (poderiam ser) serem criados.”<sup>119</sup>

Nessa edição, o público, em sua maior parte jovem, foi ainda maior que a do ano anterior, contando com cerca de mil pessoas na noite de premiação. Algo que chamou a atenção de todos durante o evento, foi a presença do famoso ator norte-americano Gene Kelly, do, já na época, clássico filme hollywoodiano *Cantando na*

---

<sup>118</sup> FARIAS, Roberto. Carta endereçada a Abrão Berman. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1974.

<sup>119</sup> PROGRAMA OFICIAL II SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1974.

*Chuva* (1952). Abrão Berman sempre tentou impingir ao festival um ar de grande acontecimento, aos moldes da premiação do *Oscar* estadunidense. Era um traço pessoal dele, que transferia para os festivais.

Falando a respeito do amigo, Malu Alencar relembra que:

Ele era... (...) sabe... Tanto é que a gente trouxe... eu tinha até esquecido... outro dia me lembraram... aquele cantor, ator de na chuva, Cantando na Chuva... a gente conseguiu trazê-lo para São Paulo e numa apresentação no que hoje seria o Cinesesc... a gente... o Ginger (Gene) apareceu... nossa foi então...<sup>120</sup>

Rubens Machado, pesquisador de cinema Super8, que chegou a frequentar os festivais do GRIFE, fala que:

Os (festivais) do Grife, organizados em São Paulo por Abrão Berman, (...) (foram o) maior e mais longo evento superoitista, trazendo por incrível que pareça, estrelas de Hollywood ao Brasil, coisa que mesmo os maiores festivais profissionais não lograram.”<sup>121</sup>

Isso nem sempre agradava a todos. O próprio Henrique Macedo não gostava desse tipo de promoção, e desse clima pomposo no evento. Mas, apesar de tentar dissuadir Abrão, não o contrariava pelo enorme respeito que sentia por ele e seu trabalho.

Como ele mesmo relata:

Abrão Berman era uma pessoa muito controversa (...). Muito bem articulado... Ele era inteligente e ele era muito realizador... O festival saía sabe... Ficava até engraçado, porque ele queria fazer tão bem feito, que ele imitava os festivais profissionais. (...) ele queria mostrar isso. Eu achava que não valia essas coisas, porque a atividade era amadora, né? Então, era meio ridículo (...), mas ele queria fazer parecer uma coisa de primeiro mundo assim. (...) De Hollywood assim... Eu achava isso um pouco ridículo. Eu desestimulava ele um pouco disso, mas era impossível de conte-lo... Ele era entusiasmado demais... Eu gostava muito dele. Respeitava muito ele, pela seriedade dele e pelo entusiasmo com que ele fazia essas coisas. Ele movimentou a juventude de São Paulo mesmo, né? Toda a juventude

---

<sup>120</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

<sup>121</sup> MACHADO, Rubens. A experimentação cinematográfica superoitista no Brasil: espontaneidade e ironia como resistência à modernização conservadora em tempos de ditadura. In.: AMORIM, Lara. FALCONE, Fernando Trevas. Cinema e Memória: o super8 na Paraíba nos anos 1970 e 1980. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013, p. 36.

com interesse artístico frequentou o GRIFE. Fez filmes com o GRIFE.<sup>122</sup>

Por essa postura e por ser bem relacionado, Abrão consegue, nesse ano, a colaboração da *Rádio e Televisão Bandeirantes*, o que lhe rendeu espaço televisivo para divulgação do evento, assim como a cessão do auditório do Esporte Clube Sírio. Samir Razuk, membro do júri, era tanto diretor geral da *Bandeirantes*, como diretor cultural do referido clube. Dessa forma, de acordo com o jornal *O Estado de São Paulo*: “A tevê Bandeirantes exibirá na quarta-feira, às 23h, os filmes que conquistaram os melhores prêmios do II Festival nacional do Filme Super8. Serão vistos, sem falta, os três primeiros colocados (...)”<sup>123</sup>

Após o festival, em carta destinada a Henrique Macedo, Abrão comenta empolgado a transmissão do evento e a repercussão causada pela mostra: “Henrique Você viu como você estava bonito as côres [sic] na TV? Acho que posso dizer que estamos todos de parabéns. A repercussão continua, da melhor maneira possível.”<sup>124</sup>

A televisão era uma fronteira galgada pelos superoitistas, na qual o GRIFE, e principalmente Berman, também se entrincheiravam. Muito se discutia na época sobre a possibilidade de utilização do Super8 profissionalmente pelas redes de TV. Em artigo da revista *Novidades Fotoptica* intitulado *Um filme para Milhões*, essa questão é colocada através de depoimentos de vários profissionais de grandes emissoras:

O Super8 entrou na televisão norte-americana e na japonesa com total aceitação. Os equipamentos se atualizaram e a indústria se expandiu. O que leva Ciro del Nero, Diretor Artístico da Globo, a afirmar: ‘Em 76, no máximo, estaremos fazendo Super8 para a televisão. Simples questão de projeção (telecine) adequada e não demora muito a Globo, seguindo os passos da televisão norte-americana, faz suas compras nos Estados Unidos...’<sup>125</sup>

A despeito da citação acima, e lembrando do episódio relatado por Malu Alencar envolvendo a peça publicitária do lançamento da TV a cores da *Phillips*, é

---

<sup>122</sup> NETTO, Henrique de Macedo. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 14 de outubro de 2014.

<sup>123</sup> GUIA da Semana. O Estado de São Paulo. São Paulo, 2 de dezembro de 1974, s/p.

<sup>124</sup> BERMAN, Abrão. Carta de Abrão Berman endereçada a Henrique de Macedo Netto. São Paulo, 9 de dezembro de 1974.

<sup>125</sup> FILME para milhões, Um. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 66, 1974, p. 18.

possível pensar que a empolgação de Ciro del Nero não rendeu frutos. Todavia, em pelo menos uma emissora de televisão de São Paulo o Super8 consegue penetração.

De acordo com a reportagem acima referenciada, a:

TV Cultura acaba de adquirir o equipamento Super8 e agora o caminho é implantar uma programação. As primeiras experiências aproveitaram o Festival Super8 do Grife e da Fotoptica. A entrega dos prêmios e a projeção dos premiados foi a tímida tentativa de colocar o Super8 no ar para muitas pessoas.<sup>126</sup>

Essas primeiras tentativas, no ano seguinte, em 1975, deram a Abrão Berman a possibilidade de veicular um programa de televisão dedicado ao Super8, intitulado *Ação Super8*. Todavia, deixarei essa discussão mais a frente no texto.

Nessa segunda edição do *Super Festival*, mais uma vez não houve eventos paralelos, nem convidados específicos para a discussão de temas relacionados à situação da realização e circulação da produção superoitista. Apesar de, entre os comensais do júri, haver pessoas gabaritadas para tais discussões, como José Carlos Avellar, Fayez José Mauad, Pola Vartuk, Thomaz Farkas, Sylvio Back, entre outros. E mesmo as presenças de Carlos Amaral Fonseca e Roberto Farias, representantes dos órgãos oficiais voltados à produção cinematográfica no país. Tendência que já vinha ocorrendo nas *Jornadas de Curta-Metragem da Bahia* e no festival de Curitiba. Novamente a única atividade, fora a mostra competitiva, foi a exibição *hours concours* que dessa vez trazia os *Cinemobiles* de Abrão Berman e Claudio Tozzi no encerramento do evento, antes da revelação dos premiados.

O júri, apesar de criticar a maioria dos filmes inscritos pela falta de conteúdo e de técnica, fica satisfeito com o nível dos premiados. Otoniel Santos Pereira, que já havia ganhado um prêmio com o filme *Declaração* no festival de Curitiba, sagrou-se mais uma vez o grande campeão.

O crítico Wladimir Soares, do *Jornal da Tarde*, ao refletir sobre o festival, faz uma síntese a respeito da opinião geral, tanto do público quanto dos jurados:

O saldo do festival organizado pelo grife é pequeno mas altamente compensador, servido de atestado da maioria para a bitola de 8mm. O que seus realizadores precisam saber é [sic] que não criar imagens para músicas de Pink Floyd, que estiveram presentes na maioria das trilhas sonoras dos filmes apresentados. Agora que já se conhece as possibilidades da bitola, basta que seus realizadores tenham boas idéias na cabeça.<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup> *Ibidem*: 19.

<sup>127</sup> SOARES, Wladimir. Super8. In.: *Jornal da Tarde*. São Paulo, 26 de novembro de 1974, s/ p.

A comissão de jurados, na noite do dia 24 de novembro de 1974, delibera os seguintes resultados para as premiações: melhor filme do festival: *Declaração* (Otoniel Santos Pereira); 2º lugar: *Embaralhados* (Abel Papautzky); 3º lugar: *Paisagem* (Francisco Conte); melhor fotografia: *Paisagem* (Francisco Conte); melhor trilha sonora: *Oh! Lonely Cow...* (Isay Weinfeld e Marcio Kogan); melhor apresentação: *Ensaio* (Marco Ferro, Raul Eitelberg e Narbal Knabben); melhor inovação: *A virgem do Oitavo Andar* (Marcio Pitliuk e Luis Antonio Pio) melhor ator: José Antônio Tauil (filme *Homo Sapiens*); e melhor atriz: Paula Plank (filme *Declaração*).

O júri decidiu dividir o Prêmio INC, de Cr\$ 5.000,00, entre os filmes *As Víboras* (Otávio Almeida) e *Ensaio* (Marco Ferro, Raul Eitelberg e Narbal Knabben), e criar um prêmio especial de cenografia concedido para *Kakós Kái Agátos* (Flavio Del Carlo). Além disso, dá menção honrosa para *Fábula* (José Roberto M. Negri).

De forma geral, o festival de 1974 cumpri seu papel de representar mais um passo do GRIFE em direção a sua afirmação como ator importante dentro das realizações voltadas ao Super8 no país. Conseguisse capitalizar, através da segunda edição da mostra, novos colaboradores e arrebanhar mais superoitistas em torno da ideia de profissionalização dentro da bitola. A colaboração com canais de televisão representou mais um espaço conquistado, mesmo que timidamente, e rendeu frutos no ano seguinte, principalmente para Abrão Berman, que já começava nessa época a ser conhecido como o *papa do Super8* brasileiro.

### 2.3 - III Super Festival – elevação no nível dos filmes e polêmicas em torno das decisões do júri

Na terceira edição do Super Festival do GRIFE, a mostra retorna seu calendário para o mês de agosto, entre os dias 21 a 24, no ano de 1975. Mais uma vez o evento conta com as parcerias das Lojas Fotoptica, do Canal 13 *Bandeirantes*, do *Jornal da Tarde*, e é realizado no Esporte Clube Sírio. O que marca definitivamente essa edição é a enorme polêmica envolvendo as decisões do júri em relação ao principal premiado. O nível geral das realizações apresentadas demonstra uma elevação técnica. Contudo, como nos anos anteriores, poucos são os filmes que conseguem agradar sobre o aspecto do conteúdo.

Alterações no formato do regulamento, principalmente em relação à premiação, estavam sendo estudadas desde o final do ano anterior. Em correspondências endereçadas a colaboradores do festival, Abrão Berman pede sugestões e afirma que está estudando tais mudanças. Como é possível verificar na seguinte carta encaminhada a Thomaz Farkas, dono das Lojas Fotoptica, em 9 de dezembro de 1974: (Anexo 11)

Farkas, estou começando a preparar o nosso próximo Festival. Será mesmo em Agosto, de 21 a 24. O Regulamento terá alterações. Gostaria de conhecer tuas sugestões quanto ao Festival em si, quanto ao regulamento e quanto aos trabalhos dos jurados. Se possível, me mande por escrito, certo? (...) Abraços, Abrão 9/12.<sup>128</sup>

Abrão pede as mesmas sugestões, tanto a Henrique Macedo quanto a Fayez José Mauad. Ao último, inclusive, que era membro da diretoria da Associação Brasileira de Educação Audiovisual, pede que na próxima edição ele fique mais próximo ao evento, já que nesse período se falava muito na questão da utilização do Super8 para fins educacionais. (Anexo 12)

Fayez Acho que podemos dizer que nosso Festival está mesmo cada vez mais poderoso. Já marquei a data de 21 a 24 de agosto de 75 para a realização do III. Espero que neste você possa estar muito mais presente, o que é uma coisa da mais absoluta importância. Concorda? Se você tem alguma sugestão a fazer sobre regulamento, festival em si, atuação dos jurados, etc., eu te peço que me faça. Se for possível

---

<sup>128</sup> BERMAN, Abrão. Carta de Abrão Berman endereçada a Thomaz Farkas. São Paulo. 9 de dezembro de 1974.

por escrito. O ano que vem tudo tem que ser o mais perfeito possível.  
(...) Um grande abraço, Abrão 9/12.”<sup>129</sup>

Em relação as mudanças, a principal se reflete sobre a premiação, que passa a ser dividida em quatro categorias principais: enredo, documentário, animação e experimental. Mas mantinha um prêmio especial para o melhor filme. Além disso, ficou estabelecido que haveria premiação para a escolha direta do público. Essas alterações são aplicadas para tentar sanar parte das celeumas levantadas por realizadores descontentes com os filmes ganhadores, principalmente os superoitistas experimentais. Todavia, essas mudanças, pelo menos nessa edição, iram causar ainda mais polêmica, por decisões dos jurados.

O assunto é tratado no número 67 da revista *Novidades Fotoptica* da seguinte forma:

Os mais melindrados, em geral artistas plásticos, menos compreendidos em sua mensagem de pesquisa, acabam por se retirar e chegam mesmo a contestar os festivais.

Diante dessas situações polêmicas, o III Festival do GRIFE/FOTOPTICA adotou uma medida. Abrão Berman explica que a premiação agora será por categorias, e a idéia partiu da evolução natural das tendências que foram se definindo nos festivais. Documentário, animação, pesquisa e ficção são as categorias em que os realizadores podem se inscrever. Assim, haverá um premiado de cada categoria, sem a concorrência excludente.<sup>130</sup>

De forma geral, a polarização da discussão entre os realizadores ligados ao clássico cinema narrativo e mesmo ao documental, muitos deles interessados na profissionalização na área, e os superoitistas experimentais, voltados à pesquisa da linguagem cinematográfica, sempre esteve na pauta a respeito da movimentação em torno do Super8 e de seus principais circuitos, os festivais. Isso estava patente em todos os polos de produção superoitista brasileiras. Em Pernambuco, por exemplo, um dos principais estados produtores de filmes Super8 do nordeste, havia grupos bem definidos de realizadores seguindo essas duas tendências.

Alexandre Figueirôa diz o seguinte, sobre essas diferentes orientações na produção em seu estado:

Depois da III Jornada Brasileira de Curta-Metragem (1974) definiu-se entre os realizadores pernambucanos as duas vertentes que

---

<sup>129</sup> BERMAN, Abrão. Carta de Abrão Berman endereçada a Fayeze José Mauad. São Paulo. 9 de dezembro de 1974.

<sup>130</sup> SUPER8, sem Competição. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 67, 1975, p 18.

caracterizam com mais força a nossa produção superoitista. De um lado estava a corrente liderada por Fernando Spencer e Celso Marconi preocupada em dar ao Super8 representatividade cultural – como cinema profissional em busca de apoio oficial – e do outro lado os cineastas jovens voltados ao experimentalismo e desvinculados de um compromisso em retratar a realidade nordestina por parâmetros antropológicos ou de uma sociologia do folclore.<sup>131</sup>



Figura 08 – Participantes do 1º Mostra Internacional do filme Documentário, promovido pela Escola Técnica Federal do Paraná em 1975. Na fotografia da esquerda para a direita: Percy Tamplin, Abrão Berman, Márcia da Fontoura, Mauro Alice, Pola Vartuk, Carlos Sampaio, Ozualdo Candeias, Valêncio Xavier e Francisco Alves dos Santos.

O ano de 1975 marca uma intensificação, ainda maior, no surgimento de festivais dedicados à bitola Super8 e a continuidade dos já existentes. O festival de Campinas retorna com sua segunda edição; o festival de Curitiba, sob coordenação de Sylvio Back, tem sua segunda e última edição; ainda em Curitiba a Escola Técnica

---

<sup>131</sup> FIGUEIRÔA, Alexandre. O Cinema Super 8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural. Recife: FUNDARPE, 1994, p. 53.

Federal do Paraná lança um festival dedicado somente a documentários; Penedo, em Alagoas, faz uma mostra competitiva; a cidade de Recife, em Pernambuco, tem a primeira edição de seu festival; Santa Maria, no interior gaúcho, também realiza seu primeiro e único certame; e a capital de Sergipe, Aracaju, também empreende sua mostra. Além disso, a *Jornada de Curtas-metragem da Bahia* parte para sua quarta edição, agregando 35mm, 16mm e Super8.

Na maior parte dessas mostras o GRIFE é representada por Abrão Berman, sendo que agora ele contava com a indicação do próprio INC, que estava presente na maioria delas através de prêmios em dinheiro e representantes no júri oficial. Em uma das cartas, anteriormente citada, endereçada a Thomaz Farkas ele diz: “Recebi convite para fazer uma conferência sobre Super8 em Alagoas (Festival de Penedo) no início de janeiro, resultado da divulgação do Festival e indicação do INC.”<sup>132</sup>

A proeminência do GRIFE no cenário Super8 brasileiro cresce cada vez mais e Abrão Berman torna-se um embaixador da bitola em todo país. Esse destaque acaba lhe valendo um espaço televisivo regular na *TV Cultura* de São Paulo, a partir de 8 de março de 1975.

De acordo com Flavia Seligman:

O programa, com trinta minutos de duração, constava da exibição de alguns filmes ou trechos de filme, entrevistas com realizadores, pequenas seções como o noticiário NOVAS DO SUPER8, respostas a cartas dos telespectadores e explicações sobre o manuseio correto de filmadoras, iluminação, trucagem, sonorização, filtros e lentes. Algumas vezes eram incluídas entrevistas feitas exclusivamente para o programa com realizadores, atores, críticos e mesmo com o público. O programa fazia também a cobertura de diversos festivais.<sup>133</sup>

O programa de televisão *Ação Super8* contribuiu em muito para manter a continuidade e a periodicidade com que as informações sobre a produção na bitola circulavam. Em conjunto com revistas especializadas em fotografia e/ou cinema que dedicavam espaços para divulgação de assuntos relacionados ao mundo superoitista, o

---

<sup>132</sup> BERMAN, Abrão. Carta de Abrão Berman endereçada a Thomaz Farkas. São Paulo. 9 de dezembro de 1974.

<sup>133</sup> SELIGMAN, Flávia. *Verdes Anos do Cinema Gaúcho: o ciclo super-8 em Porto Alegre*. 1990. 100 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo: São Paulo – SP, 1990, p. 38.

*Ação*, como comumente era chamado o programa, ajudou a formar e a unir os interessados na produção de filmes em Super8.

O programa vai até o início de 1981, seguindo boa parte da trajetória dos *Super Festivals*. Todavia, o *Ação Super8* não era uma iniciativa do GRIFE e sim uma atividade ligada a Abrão Berman, apesar de estar intimamente ligado às iniciativas da empresa.

Segundo Malu Alencar:

(...) foi na TV Cultura... Até eu fui... Eu tive algumas participações. Mas aí era um programa do Abrão. Não era do GRIFE. Era um movimento. Porque o Abrão, ele tinha várias atividades pessoais. A *Ação Super8* era dele. Não era uma ação do GRIFE. (...) Ele tinha outras coisas. Ele lecionava na FAAP (...) Do GRIFE foi os festivais, a escola e esse centro cultural.<sup>134</sup>

Inclusive, nesse ano o programa cobriu os festivais de Campinas, de Curitiba e o próprio *III Super Festival* do GRIFE observando a seguinte formatação: “(...) entrevistas com os realizadores concorrentes, membros da comissão julgadora, opinião pública e a exibição (...) de alguns dos filmes que haviam disputado o certame.”<sup>135</sup>

Em 1975 o *Super Festival* contou com um maior número de inscritos, sendo que a quantidade de selecionados aumentou consideravelmente. Dos 40 selecionados no ano anterior, passasse a 59 na mostra competitiva. A programação, como na edição anterior, tem três programas distintos distribuídos nos três dias de competição, ficando o último dia para a revelação dos ganhadores. Reflexo das mudanças no regulamento da premiação, cada programa agrupava os filmes pelas categorias de inscrição. Além disso, também estabelece uma programação com censura para menores de 14 anos, e outra com censura para menores de 18 anos.

Os paulistanos novamente são maioria absoluta, contando com 52 filmes. Do interior de São Paulo somam-se mais quatro representantes, sendo dois filmes de Suzano, um de Campinas e um de Araras. O Rio de Janeiro tem um representante, o estado do Paraná tem um filme da cidade de Maringá, e Recife também se faz presente com uma obra. São 57 filmes da região do sudeste, um da região sul e um do nordeste.

---

<sup>134</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

<sup>135</sup> SOUZA, Carlos Roberto de. O Filme curto. Vol. 1. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, IDART/Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980, p. 208.

A única obra censurada foi *Do Outro Lado*, de Wilson Frungilo Jr., por conter cenas que remetiam ao uso de drogas.

Mais da metade dos selecionados são obras de ficção, com 33 fitas no total. Essa categoria que no ano anterior também teve a maior quantidade de filmes com 17 dos 40 da mostra competitiva. Logo em seguida vem a categoria de documentários, com 13 representantes. Experimentais e animação ficaram com cinco filmes cada um.<sup>136</sup>

Dos 20 membros do júri, convidados pela comissão organizadora da mostra, 11 haviam participado da comissão do ano anterior.<sup>137</sup> Mas a grande novidade é a participação de Otoniel Santos Pereira, tido como grande realizador, por ter ganho os prêmios de melhor filme nos dois primeiros *Super Festivais* e ter recebido premiação no primeiro festival de Curitiba. Todavia ele acabou sendo o pivô da crise instalada ao final do festival. O que veremos mais a frente.

Segundo o novo regulamento da mostra, além do prêmio para o melhor filme, as principais premiações estariam divididas pelas quatro categorias estabelecidas pela comissão organizadora – ficção/enredo, documentário, animação e experimental – diferentemente dos três primeiros colocados das edições anteriores. O INC acena com um aporte ainda maior de dinheiro para premiação, contanto agora com Cr\$ 20.000,00, ficando a cargo do júri distribuí-lo.

De acordo com o programa oficial, os vencedores por categoria receberiam o troféu Fotoptica e prêmios em equipamentos cinematográficos. Seguindo as edições anteriores o júri poderia alterar as premiações e criar novas.

Mais uma vez o festival esteve com todas as suas sessões lotadas, contabilizando cerca de mil espectadores a cada dia de evento. Não houve discussões sobre questões relacionadas a produção e circulação de filmes Super8 em mesas redondas e seminários. No entanto, no dia de encerramento aconteceram exibições de filmes que não estavam participando da mostra competitiva, com *Um dia no Início desta Década* de Talvani Guedes, de Recife; *O Corpo*, criação coletiva sob direção de Luiz London; e *Nostalgia*, de Marcos Vinicius. Os dois últimos de São Paulo. Mas o

---

<sup>136</sup> Mais informações podem ser encontradas no anexo 13, *Programa Oficial do III Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.*

<sup>137</sup> Para a lista completa dos membros do júri consultar o anexo 13, *Programa Oficial do III Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.*

mais relevante foi a exibição de *Canto dos Cisnes*, de Amaury Sanchez, um longa-metragem de 80 minutos feito em Super8, com som sincronizado.

O som, nos primeiros anos da utilização do Super8, era um problema para a realização na bitola. A única forma de edição e colocação de som na película era fazê-lo posteriormente a captação das imagens, através de uma banda magnética que poderia ser gravada direto nos projetores que tivessem esse recurso. O que reforça o caráter artesanal da produção superoitista. O filme *Canto dos Cines* foi feito através da sincronização da imagem e do som na forma de dublagem. De acordo com reportagem sobre a realização do filme, no *Jornal da Tarde*:

No Super8 o som é gravado em diminuta fita magnética colada à película do filme, a mixagem de sons, falas e música torna-se muito difícil porque precisa ser realizada num gravador adicional, para depois ser transportada para a banda sonora do filme. A sincronização fica, portanto quase impossível. A solução encontrada pelo diretor do filme foi produzir ruídos ambientais e os comentários musicais ao mesmo tempo em que os atores realizavam a dublagem dos diálogos, como numa novela de rádio, regravando tudo a cada erro.<sup>138</sup>

Meses antes, na próprio sede do GRIFE havia acontecido a exibição do primeiro longa-metragem Super8 de que se havia tido notícia. *Bloqueio*, filme mudo de Roberto Saul, foi tido como pioneiro na realização de longas. De acordo com seu realizador o filme: “(...) revive uma época, recriando o cinema, o clássico cinema das décadas de 20 a 40, onde a força da comunicação das imagens, aliadas à problemática existencial do homem, traduzia a autêntica expressão artística que o cinema reúne.”<sup>139</sup>

Apesar desta não ser uma exibição comercial, Roberto Saul acreditava: “estar abrindo um caminho para que os filmes rodados nesse processo sejam projetados diretamente num circuito comercial.”<sup>140</sup>

Nesse contexto, as discussões a respeito da regulamentação da exibição comercial do Super8 com INC continuavam fortes. Pensava-se muito a respeito desse tema por já existirem experiências exitosas em países como o Japão, Estados Unidos e França. O próprio presidente do instituto, Alcino Teixeira de Mello, já em 1974,

---

<sup>138</sup> VOZ Difícil deste Filme Longo, A. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 23 de agosto de 1975, s/ p.

<sup>139</sup> BLOQUEIO, um Longa Metragem em Super8, Hoje no GRIFE. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 6 de junho de 1975, s/ p.

<sup>140</sup> *Ibidem*.

reconhecia que: “A criação de uma legislação regulamentando o Super8 é uma questão de tempo e o INC não é contra a bitola”<sup>141</sup>.

Chegou-se até a divulgar que:

Em termos oficiais, o Super8 já está ganhando *status*. Ele pode ser exibido, sem maiores dificuldades, pois as formalidades são mínimas. Atualmente, quem for registrado como produtor ou exibidor necessita apenas levar ao INC a guia de recolhimento do metro linear (que não precisa ser paga desde que o filme não contenha propaganda comercial); ter certificado de censura e adquirir o ingresso e o *bordereau* padronizados. Cumpridas as formalidades, qualquer cinema pode exibir o filme Super8, mas, aí, a situação já muda de figura, na medida em que não só o filme curto mas o próprio filme longo ainda lutam pela exibição, tendo que exigir dias contados em lei.<sup>142</sup>

Nesse ano, o GRIFE lança a iniciativa de uma sala regular de exibição comercial de filmes Super8. Sonho de seus membros, que parecia agora se concretizar.

De acordo com a reportagem *Uma Sala só para o Super8*, da revista *Visão*, datada de 26 de junho de 1975:

(...) a produção brasileira de filmes Super8 deve ganhar em São Paulo, a partir de junho, sua primeira sala de exibição periódica. A iniciativa é do Grupo de Realizadores Independentes de Filmes Experimentais (GRIFE) e da loja Fotoptica, que promoverão, no Teatro Treze de Maio, duas sessões semanais de filmes Super8. Cada sessão deverá ter duas horas de duração, com a projeção de seis filmes. Às terças (21 horas) e sextas-feiras (meia-noite) de junho, com entrada paga (ao redor de 10 cruzeiros) (...)<sup>143</sup>

Todavia, com a extinção do Instituto Nacional do Cinema (INC) nesse mesmo ano, a passagem de suas atribuições para a Embrafilme, e a criação do CONCINE (Conselho Nacional de Cinema), essas negociações caem por terra e tem que novamente começar do zero.

De acordo com Abrão Berman, esses acordos giravam em torno de:

(...) que o INC liberasse os realizadores de Super-oito do pagamento da taxa cobrada pela exibição de filmes comerciais. (...) (já que os autores gastam do próprio bolso para realizar os filmes) (...). O problema começou porque foi dito que era preciso ser cobrada a taxa,

---

<sup>141</sup> SUPER8: Um Cinema que Começa Adulto. Diário de Pernambuco. 3º Caderno. Recife, 14 de abril de 1974, p. 5.

<sup>142</sup> ALENCAR, Miriam. O Filme que já tem Público Certo. In.: Jornal do Brasil. Caderno B. Rio de Janeiro, 25 de março de 1975, p. 4.

<sup>143</sup> SALA só para o Super8, Uma. Visão. São Paulo, 26 de junho de 1975, s/p.

e não havia condições de se reduzir o preço, abrir um precedente (...). Até que por um estudo feito pelo então presidente Alcino Teixeira de Melo [sic], e pelo secretário da divisão de longa-metragem, Carlos Amaral Fonseca, chegou-se o [sic] um termo, em que os filmes, mesmo compondo tempo de longa-metragem, ou sendo curtas, ficariam isentos da taxa desde que não tivessem publicidade inserida. (...) Quando a gente foi tocar o negócio já era a fase final do INC, passagem para a Embrafilme, saída do Carlos Amaral da Fonseca e mudança de cargo do Alcino Teixeira de Melo [sic], para a Embrafilme. Quando a pessoa encarregada do setor foi consultada de novo, disse que não sabia de nada. Enfim, a Embrafilme não herdou do INC este projeto e sua resolução. Diante disso, conclui que teríamos que começar tudo outra vez.<sup>144</sup>

Dessa forma, decide-se então em não mais se negociar com a Embrafilme e partir para exibições independentes, à revelia da regulamentação oficial do cinema brasileiro.

A despeito dessa situação, o festival daquele ano enfrenta sua maior crise até o momento, em relação à contestação sobre as decisões do júri. Mesmo com esforço despendido para o fortalecimento da forma de premiação e das significativas mudanças no regulamento. Enfrenta-se, inclusive, questionamentos a respeito da lisura da seleção dos filmes. Pois a inscrição da esposa de Carlos Sampaio, membro do júri, havia sido negada, enquanto que a de Jorge Caron, marido de Lilian Lemertz, também parte da comissão julgadora, havia sido aceita. Ainda mais com o agravante de que Jorge Caron havia se sagrado o grande campeão, debaixo do protesto de boa parte do público e de muitos realizadores.<sup>145</sup>

Na noite de 24 de agosto de 1975, a comissão oficial do júri decide premiar: melhor filme do festival: *Alegria* (Jorge Caron); melhor filme ficção/enredo: *A Bela Adormecida* (Isay Weinfeld e Márcio Kogan); melhor animação: *Ponto de Vista* (Elizabeth Pieracciani); melhor trilha sonora: *A Bela Adormecida* (Isay Weinfeld e Márcio Kogan); melhor trabalho técnico de som: *A Bela Adormecida* (Isay Weinfeld e Márcio Kogan); melhor fotografia: *Tango* (Walter Quaglia); Melhor música: *Mutação sem Tempo* (Luiz Bacchi); melhor trilha sonora: *A Bela Adormecida* (Isay Weinfeld e Márcio Kogan); melhor ator: João Pinto Almeida (filmes *Ladainha*, *A Rainha* e *A*

---

<sup>144</sup> BERMAN, Abrão. Super8 é bitola que preservará a memória nacional. In.: Jornal Voz do Paraná. Curitiba, semana de 1° a 7 de maio de 1977, p. 7. Entrevista concedida ao jornal.

<sup>145</sup> ALEGRIA de Um. Tristeza de Muitos. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 70, 1975. p 11.

*Semente*); melhor solução de apresentação: *Homo Pollutus* (Moisés Baumstein); e prêmio do público: *Tango* (Walter Quaglia).

O júri arbitra dividir o prêmio INC, de Cr\$ 20.000,00, entre *Alegria* (Jorge Caron), com Cr\$ 10.000,00, e *A Bela Adormecida* (Isay Weinfeld e Márcio Kogan) e *Ponto de Vista* (Elizabeth Pieracciani), com Cr\$ 5.000,00 para cada um. A comissão julgadora também institui menção honrosa, para os documentários *Teatro Passarela* (Rosina Laser Schwarz) e *Beira Rio* (Walter Quaglia), e para as atrizes Sofia Sarué (*Tango* – Walter Quaglia), Estela Sahm (*A Bela Adormecida* – Isay Weinfeld e Márcio Kogan) e Raquel Penteado (*Os Perigos de Raimunda* – Claudinê Perina Camargo). Além disso os jurados decidem criar a categoria de melhor técnica de sonorização para o filme *A Bela Adormecida* (Isay Weinfeld e Márcio Kogan), levando em consideração as dificuldades do trabalho com som em Super8. E tomam posicionamento político ao premiar o filme *Do Outro Lado* (Wilson Frungilo Jr. e Augusto José Trindade), sob o título de melhor obra conservada inédita, já que o filme foi o único a ser censurado nesta edição do festival.<sup>146</sup>

A dupla de arquitetos Isay Weinfeld e Márcio Kogan ganham o maior número de prêmios com o filme *A Bela Adormecida*, num total de sete. Walter Quaglia recebe três prêmios com a fita *Tango*. Elizabeth Pieracciani e Jorge Caron, recebem dois prêmios cada um, com os filmes *Ponto de Vista* e *Alegria* respectivamente.

No entanto, Jorge Caron que havia ganho melhor filme do festival e o Prêmio INC, no valor de Cr\$ 10.000,00, teve suas conquistas contestadas, tanto pelo público quanto pelos outros realizadores.

De acordo com o balanço do festival feito em reportagem do *Jornal da Tarde*, de 26 de outubro de 1975:

Se houve alguma discordância entre júri e platéia foi quanto ao prêmio de ‘melhor filme’ recebido por ‘Alegria’ de Jorge Caron. Depois de sua re-exibição no domingo, o público se dividiu e as vaias

---

<sup>146</sup> *Ibidem*.

foram preponderantes. Os outros premiados, entretanto, só receberam aplausos.”<sup>147</sup>

O que chamou mais a atenção de todos é que nessa edição do festival não houve premiação para as categorias de melhor filme experimental e nem para melhor filme documentário, sob alegação de que nenhuma obra havia conseguido pontuação suficiente para receber os troféus. Todavia, o filme de Caron estava inscrito na categoria de documentário. Então, o que se questionava era: como um filme que não havia ganhado nem em sua própria categoria, poderia ter recebido o título de melhor filme da mostra? Argumentação bastante pertinente, pois o que parecia é que não havia critérios bem definidos para a premiação.

Segundo Rosina Leser Schwarz, que recebeu menção honrosa pelo documentário *Teatro Passarela*: “Enquanto as decisões do júri nascerem da discussão, ganha quem tiver melhor verbalização. É preciso procurar critérios mais objetivos para o julgamento dos filmes do festival.”<sup>148</sup>

Um dos apontados como um dos principais responsáveis por esse desconformidade das decisões do júri foi Otoniel Santos Pereira, como é possível observar nesse trecho da reportagem com o capcioso título *Alegria de Um. Tristeza de Muitos*, que revela: “Acontece que se alguns jurados como Otoniel, desde o início defenderam o filme pelo conteúdo crítico à sociedade brasileira, outros foram mudando sua opinião para se inscreverem, por cansaço, no resultado que encerra tanta incoerência.”<sup>149</sup>

O fato é que ao final do festival: “Membros do júri, realizadores e público em geral costumam a entender como o filme *Alegria*, depois de não conseguir 50% dos votos para ganhar como melhor documentário, categoria em que estava inscrito, acabou chegando ao Grande Prêmio.”<sup>150</sup>

---

<sup>147</sup> FESTIVAL Termina entre Prêmios e Vaias, Justos, O. Jornal da Tarde. São Paulo, 26 de agosto de 1975, s/ p.

<sup>148</sup> SCHWARZ *apud* ALEGRIA de Um. Tristeza de Muitos. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 70, 1975, p. 11.

<sup>149</sup> ALEGRIA de Um. Tristeza de Muitos. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 70, 1975, p. 11.

<sup>150</sup> *Ibidem*.

Celeumas à parte, a questão que ficou após o encerramento da mostra é que: “o regulamento do Super Festival Nacional do Filme Super8 precisa ser revisto e institucionalizado.”<sup>151</sup> De forma geral, houve consenso de todos que o nível das produções nessa edição havia evoluído, principalmente do ponto de vista da técnica, mas que ainda era preciso que os realizadores partissem para ideias e enredos mais elaborados para seus filmes. Também, era ponto comum, entre a maior parte dos participantes da mostra – realizadores, júri e público –, de que o festival estava atingindo maturidade e que já havia uma enorme expectativa para a edição do próximo ano.

---

<sup>151</sup> *Ibidem*

## 2.4 – IV Super Festival – mais uma vez sobe o nível dos filmes, mas Malu Alencar deixa o GRIFE

O *IV Super Festival Nacional do Filme Super8 MM*, em 1976, mantém agosto como sendo seu mês de realização, ficando agendado entre os dias 11 e 15. Mais uma vez as Lojas Fotoptica e o *Jornal da Tarde* patrocinam a iniciativa do GRIFE, que recebe também apoio da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, através de seu departamento de Teatros, e da Embrafilme, que ficou com boa parte das atribuições do recém extinto INC. No entanto, por conta dos novos parceiros, o festival muda pela terceira vez de local, em quatro edições, sendo seu novo endereço o Teatro Paulo Eiró.

Após a repercussão negativa a respeito dos encaminhamentos do júri na edição passada, havia o consenso de que novamente o regulamento deveria ser aprimorado. É possível ver essa constatação em trecho de reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*, sobre o balanço do *III Super Festival*: “E para este ano – promete Abrão – haverá um júri popular, debates com a platéia [sic] e voto secreto do júri, sem discussão’. As novidades tem o objetivo de evitar maiores descontentamentos na premiação.”<sup>152</sup>



Figura 09 – Convite do *IV Super Festival* do GRIFE.

<sup>152</sup> FESTIVAIS de Super8 já exigem seleção. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 20 de julho de 1976, s/p.

O festival ganha mais um dia de exibição competitiva, passando a cinco dias no total. Os organizadores estavam preocupados com o cansaço gerado no público após longas sessões de filmes, como vinha acontecendo nas três primeiras edições da mostra.

Os festivais do GRIFE tinham a pecha de serem muito exigentes em relação à seleção dos filmes, em comparação com as outras mostras. Em comunicado feito no jornal *Diário do Paraná*, de 26 de abril de 1975, por ocasião do *III Super Festival*, é observada essa questão da seguinte forma: “Não há dúvidas de que é o mais categorizado dos festivais nessa bitola e talvez por isso faça algumas exigências a mais que os outros.”<sup>153</sup>

Todavia, após os episódios ocorridos em 1975, nessa mesma terceira mostra, a comissão organizadora decide tornar o processo ainda mais criterioso. Por isso, uma das medidas mais importantes tomadas foi o estabelecimento do júri de seleção, amplamente divulgado nos meios de comunicação para legitimar a escolha dos filmes, sem que houvesse dúvidas sobre sua lisura. Entre os membros do júri prévio encontravam-se: Cremilda Medina (jornalista de *O Estado de São Paulo*), Henrique Macedo (professor de Fotografia da FAAP e diretor superintendente das Lojas Fotoptica), Marlise Toni (professora de Cinema da FAAP), Thomaz Farkas (cineasta e presidente das Lojas Fotoptica) e Wladimir Soares (crítico de cinema do *Jornal da Tarde*).

Outra questão importante foi o estabelecimento de uma comissão de júri popular, eleita durante o primeiro dia de festival, que teria o compromisso de estar presente todos os dias do evento para avaliar os filmes.

Durante esse ano, mais festivais surgiram e outros eventos tiveram sua segunda edição. As mostras de Penedo (Alagoas), Aracaju (Sergipe), Recife (Pernambuco) tiveram sua segunda edição, movimentando o circuito de eventos superoitistas no nordeste do país. Surgem os festivais de Petrolina e Igarassu, em Pernambuco, sendo que o último teve participação direta do GRIFE entre seus organizadores.

---

<sup>153</sup> FESTIVAL do Grife. *Diário do Paraná*. 2º Caderno. Curitiba, 26 de abril de 1975, p. 4.

De acordo com reportagem do próprio Abrão Berman, na revista *IrisFoto* número 286, de 1976:

Igarassu cidade pernambucana histórica próxima a Recife, vai promover de 24 a 26 de setembro próximo seu 1º Festival de Cinema Super8. A realização é da Prefeitura Municipal, com a promoção do GRIFE Centro de Estudos de Cinema, Amacine e Jornal do Turismo. (...) Em tempo: os filmes inscritos – e que não forem premiados – participando do IV Super Festival Nacional do Filme Super8 estarão automaticamente inscritos para esse Festival. A coordenação do Festival estará nas mãos de Enéas Álvares, representante da delegacia nordestina da Embrafilme (...).<sup>154</sup>

Por sua vez, a *V Jornada de Curta-metragem da Bahia*, diferentemente dos anos anteriores, não teve identificação para o público sobre a bitola de cada filme selecionado. Participavam em pé de igualdade filmes em 35 mm, 16 mm e Super8. Houve apenas a separação dos mesmos por seu gênero para premiação, entre eles: documentário, ficção e animação. Dessa forma, a questão estética ficou sendo o ponto central do festival. Importante dizer que justamente nesse ano o grande premiado na categoria de ficção foi um filme em Super8 do paranaense José Augusto Iwersen, *A Lenda dos Crustáceos*. Iwersen, entre outras coisas, já havia sido premiado no primeiro festival de Curitiba, em 1974, e participava da organização das mostras da Escola Técnica Federal do Paraná. Essa obra superou as realizações em 35 mm e 16 mm, e nomes de peso na cinematografia nacional, como Ozualdo Candeias, que concorria com *A Visita ao Velho Senhor*.

No sul, o único certame dedicado ao Super8 foi o festival da Escola Técnica Federal do Paraná, já que o festival de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, não teve continuidade. O novo festival de Curitiba, em sua segunda edição, passou a se chamar *1º Mostra Nacional do filme Documentário*.<sup>155</sup> De acordo com Denise Bottman, o segundo ano da mostra: “(...) alterou seu regulamento e as categorias de inscrição, e ampliou o certame às bitolas 16 e 35mm. Foi escassamente divulgada e teve pequena repercussão.”<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> BERMAN, Abrão. Cinema em Super8. In.: *IrisFoto*. São Paulo: Ed. Iris, n. 286, 1976, p. 16.

<sup>155</sup> Diferente da nomenclatura do ano anterior, que havia sido 1º Mostra Internacional do filme Documentário.

<sup>156</sup> BOTTMAN, Denise. Super-8 Paranaense: Elementos para uma História. In.: *História: Questões e Debates*. Curitiba: Associação Paranaense de História, ano 3, n. 4, jun. 1982, p. 37.

O sudeste teve o festival de Campinas, interior paulista, com sua terceira edição. Mas o que realmente mexeu com os superoitistas naquele ano foi o 2º *Festival da Aliança Francesa*, que aconteceu no Rio de Janeiro entre os dias 21 a 28 de junho. Nesse ano, além dos filmes em 16 mm, aceitou-se a inscrição de obras em Super8. Foi um evento grande, contando com diversas mostras paralelas, debates e acontecendo em quatro locais diferentes simultaneamente: no Cineclube do Hotel Méridien, Cinemateca do Museu de Arte Moderna, Planetário da Gávea e na sede da Aliança Francesa, no bairro de Botafogo. Entre os filmes inscritos havia obras do Rio de Janeiro (54), São Paulo (28), Paraíba (4), Rio Grande do Sul (3), Minas Gerais (3), Maranhão (1) e Goiás (1). Foram 103 fitas selecionadas, das quais dez foram censuradas pelos órgãos competentes. Entre eles estava o filme *Pescador* de Jorge Caron, o ganhador do prêmio de melhor filme do *Super Festival* do GRIFE de 1975.<sup>157</sup>

Todavia, o que mais chamou atenção dos realizadores foi o fato de que se tinha a intenção de:

(...) aproveitar o Festival para dar início ao Circuito Nacional de Distribuição, um plano de exibição de filmes curta metragem [sic] pelo Brasil através das Alianças Francesas de vários Estados, permitindo aos autores receberem pagamento referente à locação e exibição de seus trabalhos.<sup>158</sup>

Este fato colocou mais lenha na fogueira das discussões sobre a viabilidade de um circuito comercial de exibição para filmes Super8. Ainda mais, após o término das negociações com o INC, depois de sua extinção, e a pouca atenção dispensada pelos setores responsáveis por tais assuntos na Embrafilme.

No entanto, um dos realizadores mais empolgados com a possibilidade de participar do certame foi o próprio Abrão Berman. Ele não mandava filmes para festivais há bastante tempo, pois sempre estava envolvido com a organização dos mesmos, de alguma forma.

De acordo com seu relato:

---

<sup>157</sup> BERMAN, Abrão. Cinema em Super8. In.: IrisFoto. São Paulo: Ed. Iris, n. 287, 1976, p. 29.

<sup>158</sup> *Ibidem*.

Eu fui talvez a pessoa mais prejudicada do Super8. Porque como o meu envolvimento era em presidir festivais, organizar júris, organizar eventos, eu não tinha tempo hábil para fazer mais filmes, como eu desejaria, como eu me propus no início. (...) No final, com esse trabalho todo, tive que me dedicar a esse movimento e fazer menos filmes. Então, eu fiz menos filmes e na verdade eu fiz um movimento. O pessoal dizia que eu era "papa do Super8" (...).<sup>159</sup>

Abrão acabou faturando o segundo lugar no festival, recebendo um prêmio de Cr\$ 5.000,00 e o troféu Humberto Mauro, com o filme *Brazil ou Aquarela do Brazil*. Um documentário que retratava os problemas enfrentados pelos atores brasileiros, principalmente de teatro, diante do desemprego e da falta de reconhecimento legal de sua profissão. Foi a primeira experiência de Abrão feita com som direto em Super8, tecnologia que apesar de lançada desde 1974, só nesse momento esteve disponível para grande parte dos realizadores. Ele descreve a experiência do prêmio da seguinte maneira: (Anexo 14)

Pela primeira vez, desde que o movimento Super8 estourou no Brasil, pude concorrer simplesmente. Na qualidade principal de realizador raramente pude deixar de me envolver com os mais importantes Festivais do país. Pude sentir novamente aquela expectativa incrível de ver o público e o júri julgar um trabalho meu. Coisa que não acontecia desde 1966 quando meu último filme em 8 mm "A Barreira" recebeu o 1º prêmio do Festival nacional de Cinema Amador do Foto-Cine Bandeirantes. Momentos antes da revelação dos premiados no auditório do Teatro Maison de France surgia uma preocupação: se eu ganhasse algum prêmio como seria ele aceito pelos demais realizadores. Eu queria e ao mesmo tempo não queria ouvir o nome do meu filme citado na relação. Finalmente ele foi mencionado obtendo o 2º lugar. Voltei a perder a voz e nada consegui dizer de inteligente ao microfone, exatamente como tinha acontecido há 10 anos atrás.<sup>160</sup>

Contudo, as promessas de exibição remunerada e a criação de um circuito comercial acabou não rendendo os frutos esperados. Em relação a isso, no ano seguinte, Abrão Berman conta que:

(...) eu como realizador premiado, não recebi qualquer esclarecimento ou proposta posterior à discussão. Ou seja: meu filme deve estar sendo exibido por aí, porque é premiado. Acredito que

---

<sup>159</sup> BERMAN, Abrão. Mostra Nacional de Cinema Alternativo. Museu da Imagem e do Som de São Paulo. São Paulo, 26 de fevereiro de 1988. Entrevista em vídeo cedida a organização da Mostra Nacional de Cinema Alternativo – 1988.

<sup>160</sup> BERMAN, Abrão. Cinema em Super8. In.: IrisFoto. São Paulo: Ed. Iris, n. 287, 1976, p. 29.

esteja sendo muito bem promovido, mas eu particularmente não soube de mais nada. Se a coisa vingar, acho que vai ser muito bom.<sup>161</sup>

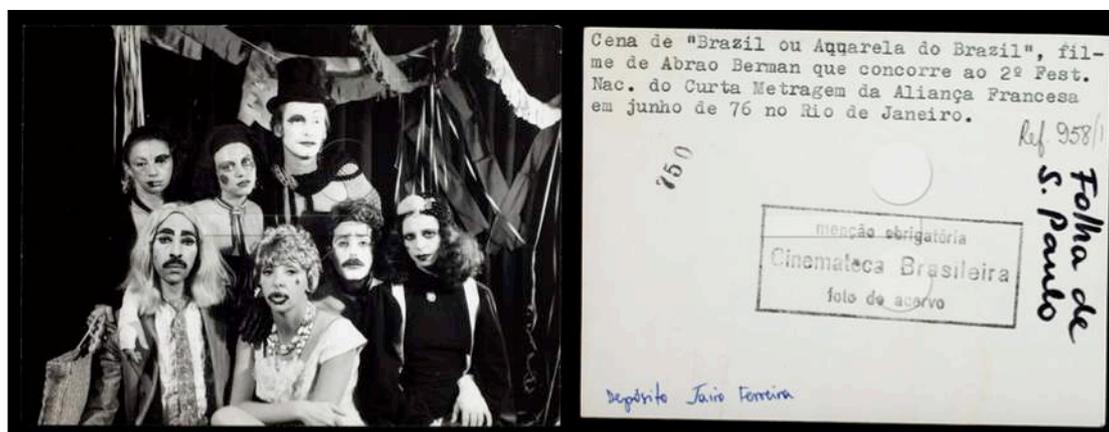


Figura 10 – Foto (frente e verso) de divulgação do filme *Brazil, ou Aquarela do Brasil*, de Abrão Berman.

Em relação ao GRIFE, um fato, que abalou o equilíbrio de forças dentro da empresa foi a saída de Malu Alencar. Uma saída, de certa forma, litigiosa, dada as condições nas quais aconteceu.

(...) me afastei! Houve um rompimento entre o Abrão e eu, por vários motivos. Entrou uma sociedade... eu tava fora do Brasil e a minha parte foi vendida indevidamente, e isso causou um caos grande. Alias um cara... e daí foi quando eu fui para a Globo. Mas o Abrão e eu nunca... Assim, a gente rompeu a parte comercial, mas sempre tivemos muito respeito um pelo outro.<sup>162</sup>

O problema aconteceu em torno da venda, sem consentimento, de parte considerável da empresa que pertencia a Malu Alencar, enquanto ela estava viajando. Mas, mesmo assim, ela manteve uma boa relação com Abrão. Após sua saída ela foi trabalhar com produção de vídeo comercialmente, em uma das empresas das organizações Globo. Algo que começava a despontar de forma profissional entre publicidade e as emissoras de televisão. Ela tinha a visão de que o Super8 não tinha

<sup>161</sup> BERMAN, Abrão. Super8 é bitola que preservará a memória nacional. In.: Jornal Voz do Paraná. Curitiba, semana de 1º a 7 de maio de 1977, p. 7. Entrevista concedida ao jornal.

<sup>162</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

uma sobrevida muito longa. Tentou alertar Abrão a respeito desse fato, mas ele não quis ouvi-la, como é possível verificar no relato abaixo:

Então, quando eu fui para a Globo eu tentei levar o Abrão pra lá em 76. Eu nunca vou me esquecer. Na minha sala eu falei: ‘Abrão (...) faça uma proposta, venha para cá. Eu acho que o pessoal de televisão precisa conhecer cinema. Porque sem cinema a gente não vai conseguir fazer nada.’ Mas o Abrão ele não se interessou muito não.<sup>163</sup>

Esse foi um dos primeiros fatores que começavam a indicar um possível declínio da tecnologia do Super8, naquele momento. Outra questão, que vai em direção parecida, aconteceu no final de 1976, no dia 20 de dezembro, quando a CACEX (Carteira de Comércio Exterior), no comunicado nº 574, incluiu os equipamentos e insumos ligados ao Super8 como produtos importados supérfluos, juntamente com produtos fotográficos, vodka, conhaque, caviar, entre outros. O que acarreta em grande comoção entre os superoitistas brasileiros. Essa situação causou discussões, manifestos e impactou mais fortemente a edição do próximo ano da mostra do GRIFE.

Entretanto, no *IV Super Festival Nacional do Filme Super8*, houve um grande número de inscritos, contabilizando 60. Sendo que 45 eram de São Paulo, capital, seis do Rio de Janeiro, dois de Araras (interior paulista), dois de Suzano (interior paulista), um de Sorocaba (interior paulista), um de Campinas (interior paulista), um de Santo André (região metropolitana de São Paulo), e um de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Dos 60, apenas 36 são selecionados pela comissão mais rigorosa dessa edição. A divisão por categorias é mantida para efeito da premiação entre: documentário, ficção, animação e experimental. No programa do evento constam quatro programações distintas, divididas entre os quatro dias de mostra competitiva. Um dia a mais que no ano anterior.

Dos 36 selecionados quatro eram do Rio de Janeiro, um de Campinas (interior de São Paulo), e, mais uma vez, a maioria esmagadora era de São Paulo (capital) com 31 filmes. Sendo que duas obras foram censuradas, o *Pescador* (Jorge Caron) e *Canção de Exílio* (Ilan Rubinsteinn), que já haviam sido no festival da Aliança Francesa. Em

---

<sup>163</sup> *Ibidem.*

relação ao gênero, eram 15 ficções, oito documentários, seis experimentais e sete animações.<sup>164</sup>

Nessa edição da mostra aconteceram as tradicionais exposições de filmes fora concurso. Só que dessa vez em duas oportunidades, no penúltimo e no último dias do certame. No dia 14 de agosto passaram os filmes premiados nas três edições anteriores do festival: *O Homem Aranha contra o Dr. Octopus* (Otoniel dos Santos Pereira), *Declaração* (Otoniel dos Santos Pereira) e *Alegria* (Jorge Caron). No dia de encerramento foram exibidos três documentários. O filme *Implosão* (Abrão Berman, Rosina Leser Schwarz, Pedro de Luna e Denise Sulviannne de Luna), além de duas obras premiadas no festival da Aliança Francesa, *Ramal 346* (Humberto Nardiello) e *Brazil ou Aquarela do Brazil* (Abrão Berman).

Nesse quarto festival aconteceu algo inédito até então, promovendo o início de uma internacionalização do certame, que iria se intensificar nas próximas edições. Houve, durante os três primeiros dias de evento, mostras de filmes franceses do grupo *Banque de Films de Format Populaire*. Projeto que Abrão havia conhecido durante viagem à França, que segundo ele:

Partindo do princípio que em Paris pouquíssimas são as salas aparelhadas com equipamento Super8 e milhares são as residências de particulares com projetores, resolveu criar uma filmoteca para locação de filmes, feitos por autores amadores e profissionais, de todos os estilos e gêneros.<sup>165</sup>

A comissão julgadora, a pedido dos realizadores na edição passada, foi em grande parte renovada, sendo que nesse quarto festival houve a participação massiva de todos os convidados. Foram 25 no total, dos quais apenas três já haviam participado do júri anteriormente.<sup>166</sup>

A maior inovação desse festival foi o estabelecimento de um júri popular, para sanar reclamações do público em relação aos premiados. Todavia, “A reação, a princípio, não foi a esperada. Durante o sorteio que determinou a composição dos

---

<sup>164</sup> Mais informações podem ser encontradas no anexo 15, *Programa Oficial do IV Super Festival Nacional do Filme Super8*.

<sup>165</sup> BERMAN, Abrão. Cinema em Super8. In.: IrisFoto. São Paulo: Ed. Iris, n. 286, 1976, p. 16.

<sup>166</sup> Para a lista completa de membros do júri consultar o anexo 15, *Programa Oficial do IV Super Festival Nacional do Filme Super8 mm*.

quinze membros do júri popular a maior parte dos sorteados não aceitava a incumbência que implicava na obrigação de comparecer todos os dias.”<sup>167</sup> Mas, a composição do mesmo não pôde ser confirmada nos documentos consultados.

Algo que chama atenção em relação à premiação nesse festival foi o grande número de apoiadores, entre as diversas empresas de equipamentos e importadores, que disputavam a oportunidade de ter sua marca vinculada ao GRIFE e a seu certame. Entre eles estavam: Kodak Brasileira Ind. Com. Ltda., Gradiente Eletrônica Ltda., Orwo do Brasil S.A. Yashica do Brasil Imp. E Com., Socecal S.A. Com. e Imp., Importécnica S.A. Com. e Imp., Braswey S.A. Com. e Imp., Basf Brasileira S.A., CCE Ind. e Com. S.A., Indústria Fototécnica Brasileira, Equifoto Ltda., Sony Motoradio Com. Import. E Exp. Ltda., D.F. Vasconcellos S.A.<sup>168</sup>

A respeito desse fato, em entrevista ao jornal *Diário do Paraná*, por ocasião do terceiro festival da Escola Técnica Federal do Paraná, em 1977, Abrão disse:

(...) detalhe interessante do último festival foi que, de repente, todos os representantes de equipamentos começaram a fazer ofertas de prêmios, e havia produtos até meio fora do Super8, como gravadores e fitas cassette. Isso é interessante, porque antes precisava-se lutar para conseguir qualquer doação em prêmios. Este último fato é sinal de que os representantes estão sentindo que vale a pena a promoção através dos festivais.<sup>169</sup>

Esse reconhecimento demonstra o nível de profissionalismo e organização que os festivais do GRIFE atingiram em sua quarta edição. Além disso, havia a questão da ampla divulgação e publicidade que os certames atingiam entre os diversos meios de comunicação da época. Isso corrobora a consolidação do evento dentro do calendário dos circuitos de festivais ligados ao Super8 existentes no país.

A comissão julgadora não criou novas categorias, nem instituiu menções honrosas, não deixando margem a contestação de suas decisões. Na noite do dia 15 de agosto de 1976, de acordo com as decisões dos jurados, os premiados foram: melhor

---

<sup>167</sup> MAIS um Festival. Para muitos só Evolução Técnica. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 74, 1976, p. 11.

<sup>168</sup> PROGRAMA OFICIAL IV SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1976.

<sup>169</sup> BERMAN, Abrão. Super8 é bitola que preservará a memória nacional. In.: Jornal Voz do Paraná. Curitiba, semana de 1º a 7 de maio de 1977, p. 7. Entrevista concedida ao jornal.

filme do festival: *Cogito Ergo Resisto* (Elizabeth Pieracciani); melhor animação: *Cogito Ergo Resisto* (Elizabeth Pieracciani); melhor música original: *Cogito Ergo Resisto* (Elizabeth Pieracciani); melhor filme ficção/enredo: *Escanteio* (Luiz Antonio Pio); melhor ator: Regis Monteiro (*Escanteio* – Luiz Antonio Pio); melhor atriz: Eudózia Acuña (*Escanteio* – Luiz Antonio Pio); melhor fotografia: *Escanteio* (Luiz Antonio Pio); melhor documentário: *Canção do Exílio* (Ilan Rubinsteinn); melhor Experimental: *Auto-Retrato* (Marcelo Nitsche); melhor trilha sonora: *Sangre* (Flavio Del Carlo); melhor solução de apresentação: *Sangre* (Flavio Del Carlo); e melhor filme do júri popular: *Ecos do Universo* (Claudio Maksoud).

Por decisão da comissão julgadora, os ganhadores dos prêmios de melhor filme do festival, *Cogito Ergo Resisto* (Elizabeth Pieracciani), e de melhor filme do júri popular, *Ecos do Universo* (Claudio Maksoud), dividiram o Prêmio Embrafilme, ganhando cada um Cr\$ 10.000,00. Mais uma vez um filme censurado é premiado, *Canção do Exílio* (Ilan Rubinsteinn), ganhando na categoria de melhor documentário.<sup>170</sup>

Elizabeth Pieraccini foi a grande vencedora do certame, conquistando, com seu filme *Cogito Ergo Resisto*, as categoria de melhor filme do festival, melhor animação, melhor música original, além do Prêmio Embrafilme. Pela primeira vez na história dos festivais do GRIFE, uma obra de não ficção leva o maior prêmio do evento. *Escanteio*, de Luiz Antonio Pio, também ganha quatro premiações, melhor ficção, melhor ator, melhor atriz e melhor fotografia. E *Sangre*, de Flavio Del Carlo, ganha duas premiações, melhor trilha sonora e melhor solução de apresentação.

No consenso geral de público, realizadores e júri, como no ano anterior, mais uma vez: “as críticas ao conteúdo dos filmes concorrentes (...) se igualaram aos elogios à evolução técnica das realizações.”<sup>171</sup> Assim: “Em linhas gerais, o veredito foi de que tecnicamente os filmes de Super8 evoluíram bastante, mas não houve progresso no nível de conteúdo. Propostas pretensiosas e ausência de ritmo narrativo.”<sup>172</sup> A despeito do que se ambicionava: “(...) não se viu a esperada evolução de quatro anos de

---

<sup>170</sup> MAIS um Festival. Para muitos só Evolução Técnica. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 74, 1976, p 10 – 11.

<sup>171</sup> MAIS um Festival. Para muitos só Evolução Técnica. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 74, 1976, p. 11.

<sup>172</sup> *Ibidem*.

experiência, exceto – há sempre as honradas exceções – em um filme cujo realizador é um persistente e bem intencionado pesquisador das possibilidades na bitola.”<sup>173</sup>

Algumas questões marcam essa consolidação do festival em relação às anteriores, como a maior seriedade com que foi tratada a seleção dos filmes, as alterações no regulamento para legitimar as ações do júri, o início de uma internacionalização da mostra, além da maior quantidade de apoiadores que o certame obteve. Todavia, o ano de 1976 também trouxe os primeiros sinais de que o Super8 não seria uma tecnologia viável a longo prazo, com a portaria da CACEX tornando-o artigo supérfluo e a migração de Malu Alencar para atividades profissionais ligadas à produção em vídeo. Entretanto, o Super8 teria, ainda, muitos desdobramentos como atividade cultural durante a década de 1970 e início de 1980. Prova disso é a quantidade de eventos que se desenrolaram nos anos seguintes.

---

<sup>173</sup> *Ibidem*: 10.

## 2.5 – V Super Festival – críticas, proibições e a consolidação da mostra

O *V Super Festival Nacional do Filme Super8 MM* definiu a consolidação irrefutável do evento entre as mostras relacionadas a produção superoitista brasileira. Entretanto, sua legitimidade e sua hegemonia serão duramente criticadas por diversos personagens envolvidos na movimentação em torno do Super8 no Brasil. Esse momento marca um divisor de águas em relação a como se vinha fazendo filmes na bitola, e como se passou a fazer, principalmente por questões econômicas que dificultavam o acesso aos insumos para sua realização. Da mesma forma o GRIFE, e sua principal realização, o *Super Festival*, estavam sendo acusados de elitistas ao excluir a grande massa de filmes feitos na bitola, em nome de um padrão de qualidade técnica. Padrão, que para muitos, era algo desligado da realidade brasileira e da própria maneira intrínseca à produção em Super8.

No dia 20 de novembro de 1976, a CACEX (Carteira do Comércio Exterior), havia definido a sobretaxação e eleito, como supérfluos, diversos produtos importados, entre os quais equipamentos fotográficos e os relacionados ao Super8. Essa situação deixou, durante boa parte do ano de 1977, muitos realizadores apreensivos a respeito dos rumos que a produção na bitola iria tomar, já que os insumos para sua manutenção iriam escassear em pouco tempo.

Apesar das inquietações causadas pelas medidas adotadas pela CACEX, o festival consolidado continuou crescendo e tentando cada vez mais se expandir. Prova disso é a contratação de uma agência de comunicação para fazer a assessoria de imprensa da mostra. Vários *releases* foram enviados a diferentes jornais espalhados pelo país, para a divulgação do certame. De acordo com o material pesquisado junto ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo, relativo ao ano de 1977, a LVB&A Comunicação remeteu texto a respeito da mostra para os jornais: *Gazeta do Povo* (Curitiba - PR), *Jornal do Comercio* (Recife - PB), *Folha da Manhã* (Porto Alegre - RS), *Jornal do Comercio* (Porto Alegre - RS), *Cidade de Santos* (Santos - SP), *A Cidade* (Ribeirão Preto - SP), *O Liberal* (Belém - PA), *Gazeta do Ipiranga* (São Paulo - SP), *Diário Popular* (São Paulo - SP), *Notícias Populares* (São Paulo - SP), *Folha de São Paulo* (São Paulo - SP), e *O Estado de São Paulo* (São Paulo - SP).

Segundo Marcos Gaiarsa, apoiador na organização dessa edição do festival, em carta enviada a Abrão Berman: (Anexo 16)

Abrão aqui estão os famosos cartazes de que tanto falamos e discordamos a respeito. (...) Acompanham estes, as notícias que saíram à respeito do nosso Festival, via LVBA. (...) não tenho dúvida alguma que todas as entrevistas e matérias de jornais, revistas e outros veículos publicaram [sic] foram de grande valia. (...) Um grande abraço a v. e à Marlise”<sup>174</sup>

Prova de que essa estratégia havia conseguido êxito foi que, em 1977, o certame recebeu o número mais expressivo de inscrições até aquele momento. Dos 62 em 1975, e 60 em 1976, passa-se a 103 filmes inscritos de diversos lugares do Brasil. Foram 77 de São Paulo (capital), 13 do Rio de Janeiro, três de Curitiba, três do Recife, três de Campinas (interior paulista), um de Brasília, um de Fortaleza, um de Salvador e um de Sorocaba (interior paulista).

Nessa quinta edição não aconteceram mostras de filmes estrangeiros. Entretanto, o GRIFE continuou sua cruzada a procura de intercâmbio com outros polos superoitistas pelo mundo. Tanto é que, em fins de 1976, envia filmes para uma promoção na Alemanha.

Segundo informe na revista *IrisFoto*, número 293:

O público e a crítica alemã viram e aplaudiram alguns filmes brasileiros produzidos em Super8, em uma amostra que se realizou em Bonn, no mês de dezembro de 1976.

Essa oportunidade ocorreu através de um intercâmbio entre a Escola Griffé [sic] de Super8 e os organizadores de Schmalfilm Festival (festival que vem acontecendo todo ano em Herrsching).<sup>175</sup>

No ano de 1977, entre os festivais de cinema Super8 brasileiros, destaca-se o *I Simpósio do Filme Documental*, realizado como parte da programação do *I Festival de Cinema Super8* de Recife, organizado pelo recém criado Grupo8. Grupo este que congregava os superoitistas pioneiros de Pernambuco, entre eles: Celso Marconi, Fernando Spencer, Paulino Menelau e Hugo Caldas. De acordo com Alexandre

---

<sup>174</sup> GAIARSA, Marcos. Carta endereçada a Abrão Berman. São Paulo, 1977.

<sup>175</sup> SUPER8 – Festival Alemão. *IrisFoto*. São Paulo: Ed. Iris, n. 293, 1977, p. 48.

Figueirôa: “A realização do festival do Recife era anunciada pelo Nordeste como um empreendimento de peso para a região (...).”<sup>176</sup> O que chama a atenção é o caráter da mostra, preocupado com problemas sociais e culturais da região nordeste, sendo que entre os 68 filmes selecionados, todos eram de nordestinos.

Em relação às demais mostras espalhadas pelo país, elas continuaram com suas sequências normalmente, ficando somente na pauta de todas, as discussões a respeito da proibição da importação de equipamentos em Super8.

Interessante salientar que, nesse mesmo ano, o festival de Gramado, um dos mais importantes eventos de cinema 35 mm, promove pela primeira vez uma mostra de filmes em 16mm e Super8. Até então, o Rio Grande do Sul só havia tido uma única promoção, a de Santa Maria em 1975, que não teve continuidade. No entanto, essa primeira edição ficou bem aquém do que os realizadores esperavam da fama de Gramado.

Segundo José Augusto Iwersen:

A nota destoante neste início de 77 foi dada justamente pelo mais importante festival brasileiro de cinema, ou seja Gramado. Seus organizadores resolveram e realizaram sem qualquer preparo ou divulgação, paralelo à mostra de longa-metragens e curtas 35mm, um festival de Super8 e um de 16mm. O fracasso foi total, com 16 filmes sem qualquer expressão entre a grande e sofrida produção nacional, sendo exibidos para um público desinteressado e preocupado apenas com estrelas e piscinas.<sup>177</sup>

Naquele período havia a dúvida se o quinto festival do GRIFE iria mesmo acontecer, ou se essa edição seria a última, já que se estava vivendo um momento de grande insegurança entre realizadores, escolas de cinema e fotografia, organizadores de mostras e lojas especializadas. Os mais pessimistas chegaram mesmo a decretar a morte anunciada do Super8.

De acordo com Pola Vartuk:

Até o dia 8 de agosto, o cineasta Abrão Berman, que há quatro anos vem promovendo anualmente esse certame em São Paulo, acreditava

---

<sup>176</sup> FIGUEIRÔA, Alexandre. O Cinema Super 8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural. Recife: FUNDARPE, 1994, p. 104.

<sup>177</sup> IWERSEN, José Augusto. Super8 Flash Back. In.: Diário do Paraná. Anexo. Curitiba. 17 de março de 1977, p. 1.

que o 5º Festival seria a última mostra da bitola no Brasil. É que todos os equipamentos em Super8 mm – câmeras, projetores, coladeiras, películas etc. – estavam inexplicavelmente enquadrados no rol dos supérfluos, para profundo desânimo das centenas de cineastas amadores hoje espalhados por todo o Brasil.<sup>178</sup>

Entretanto, a notícia que mais despertou interesse e causou alívio nos realizadores foi a liberação da importação dos artigos ligados ao Super8, no segundo semestre de 1977. Essa informação foi recebida com bastante entusiasmo pelos superoitistas, que poderiam desenvolver seus projetos com mais tranquilidade, sem a sombra do desabastecimento de insumos.

De acordo com o crítico de cinema Jairo Ferreira, em reportagem publicada no primeiro dia do festival, 24 de agosto:

Este não será o último festival (GRIFE) da bitola, como queriam os pessimistas, e isso se deve à liberação, há 15 dias atrás da importação de vários ‘supérfluos’, ou seja, projetores e filmadores Super8 e 16/mm. Curiosamente. O comunicado 609 da CACEX (Carteira de Crédito Exterior) libera também a importação de vodca, diamantes industriais, peixes e produtos do mar, frutos comestíveis e especiarias, peles, mel natural e legumes, o que dá a medida exata da alta consideração que as autoridades têm pelo Super8.<sup>179</sup>

Em tom ácido, Jairo Ferreira faz essa comparação entre Super8 e o restante dos produtos colocados a seu lado dentro da lógica de importações oficiais do governo da época. Nesse mesmo ano Jairo fez parte da comissão julgadora no festival do GRIFE, sendo um dos principais críticos a postura dos organizadores da mostra em relação a como a mesma vinha sendo conduzida. Desde o regulamento, passando pela seleção dos filmes, até a forma de escolha dos premiados. Independente das críticas de Jairo, essas questões foram muito polêmicas nessa edição do certame, criando um grande descontentamento entre realizadores e público. Mas com certeza, Jairo Ferreira foi um dos catalisadores das contrariedades de boa parte dos envolvidos.

Nesse ano, o festival aconteceu entre os dias 24 a 28 de agosto. Contou com a parceria das Lojas Fotoptica e a colaboração da Kodak, da Embrafilme e com o apoio

---

<sup>178</sup> VARTUK, Pola. Festival reforça o Super8. In.: O Estado de São Paulo. São Paulo, 30 de agosto de 1977, p. 9.

<sup>179</sup> FERREIRA, Jairo. Um novo festival de olho na tevê. In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 24 de agosto de 1977, p. 36.

da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Além disso, muda mais uma vez de endereço, sendo realizado no teatro da sociedade *A Hebraica*.

No *V Super Festival* do GRIFE, mais uma vez houve uma comissão de seleção dos filmes que foi amplamente divulgada pela imprensa. A organização do festival, nos dois anos anteriores, vinha adotando medidas mais severas no processo de seleção. Todavia, nessa quinta edição as regras de seleção são ainda mais criteriosas.



Figura 11– Chamada para inscrição de filmes no *V Super Festival*, patrocinado pela Embrafilme. Jornal do Brasil, 23 de junho de 1977.

De acordo com Jairo Ferreira: “Ao contrário dos festivais anteriores, o deste ano tem uma seleção mais rigorosa, inclusive com restrição de velocidade (só participam filmes rodados em 24 quadros por segundo).”<sup>180</sup>

Dos 103 inscritos, apenas 41 foram selecionados para a mostra competitiva, dos quais 18 eram de ficção, nove experimentais, sete de animação, e outros sete documentários. Em relação a localidade dos filmes, 32 eram de São Paulo (capital); Recife, Rio de Janeiro e Curitiba tinham dois representantes cada um; Salvador, Campinas (interior paulista) e Sorocaba (interior paulista), tinham apenas uma obra

<sup>180</sup> FERREIRA, Jairo. Um Festival Super8, mais Exigente. In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 18 de agosto de 1977, s/ p.

cada um. Ou seja, o sul do país tinha dois filmes, o nordeste três e o sudeste 36 fitas na mostra competitiva.<sup>181</sup>

O que gerou a maior polêmica na seleção dos filmes foi a primeira regra do regulamento que estabelecia que: “Podem participar filmes realizados originalmente em Super 8mm, de qualquer gênero, com duração máxima de 30 minutos. Em razão da transmissão posterior pela TV, a velocidade única de projeção deve ser a 24 q/s.”<sup>182</sup> (Anexo 18). Nas quatro edições anteriores não havia essa condição para inscrição de filmes na mostra. Aceitava-se tanto filmes feitos em 18 quadros por segundo quanto os de 24 quadros por segundo.

Jairo Ferreira, em outro artigo, crítica abertamente o sistema de seleção dos filmes, de forma mais ampla, ao mesmo tempo que alerta para as consequências desse tipo de impedimento para a produção superoitista.

O erro da maioria dos festivais está em usar critérios de 35/mm, quando os filmes são em Super8. Por isso, os filmes mais interessantes nunca são exibidos nos festivais. Os organizadores selecionam filmes que dêem a aparência de terem sido feitos em 35/mm, privando público de conhecer as reais possibilidades de uma filmadora Super8 que, por ser pequena e leve, permite malabarismos que fazem inveja ao equipamento 35. Chega-se agora ao absurdo de exigir que os filmes Super8 sejam rodados na velocidade de 24 quadros por segundo, o que elimina a participação da maioria dos filmes que se realizam atualmente, todos na ‘velocidade de 18 quadros por segundo. E a justificativa é descabida: o festival só aceita filmes em 24 quadros porque assim pode-se exibi-lo na televisão. Ora, trata-se de um festival feito em função do cinema ou feito em função da televisão?<sup>183</sup>

Essa análise de Jairo Ferreira elucida diversas discussões presentes nos meios superoitistas a respeito dos festivais, que circulavam entre os realizadores naquele período. Em primeiro lugar o sistema de seleção de filmes, em segundo o que de interessante se produzia na bitola Super8, em terceiro os critérios para inscrição dos filmes e por último qual era o real intuito dos festivais, alavancar a produção para cinema ou para televisão?

---

<sup>181</sup> Mais informações podem ser encontradas no anexo 17, “*Programa Oficial do V Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.*”

<sup>182</sup> GRIFE. Regulamento V Super Festival Nacional do Filme. São Paulo, 1977.

<sup>183</sup> FERREIRA, Jairo. Um Festival Super8, mais Exigente. In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 18 de agosto de 1977, s/ p.

Havia entre uma porção considerável de realizadores um consenso de que os festivais eram um canal necessário para a divulgação de suas produções. Entretanto, questionava-se muito o fato da seleção dos filmes, e até mesmo da premiação.

É o que pode-se perceber em uma série de entrevistas com realizadores premiados nos festivais do GRIFE, na coluna *O que e quem no Super8 mm*, da revista *Cinema em Close-Up*, na edições número 13, de 1976.

De acordo com Ilan Rubstein, ganhador de melhor documentário em 1976:

(O festival) tem que classificar, rotular, premiar... (...) O problema está sendo toda essa gente aí produzindo sem ter o que dizer. (...) Isso foi reforçado com a atitude dos festivais, impondo rígidos critérios de qualidade técnica, definindo um filme pelo comportamento da câmara e pelo preço do acabamento.<sup>184</sup>

Para Marcelo Nietch, premiado com melhor filme experimental em 1976:

Festival é interessante para nós porque nos permite testar o nosso filme frente às reações de um público. Os prêmios são um mal necessário, uma vez que a competição estimula a participação e o comparecimento. Mas cria estranhas formas de cinema, impõe uma série de condições que, ou são desnecessárias ou são perniciosas. Que tenha um certo número de fotogramas por segundo, que seja sonorizado, que seja bonito, que tenha efeitos técnico, quanto mais melhor. De repente, pronto, a moçada está fazendo Super8 como quem faria superproduções hollywoodianas, cria-se um academicismo, para quê?<sup>185</sup>

Elizabeth Pieracciani, vencedora do prêmio de melhor filme de 1976, é ainda mais enfática:

Não gosto de festival. Acho que pelos critérios seguidos, o que se deixa de ver nem por isso é mau. Existem filmes que se ressentem de uma certa qualidade técnica, mas com uma temática excelente. Nos festivais, estão se fixando mais nos aspecto técnico, e isso é mau, porque deixa de puxar pela idéia das pessoas (...). (...) os festivais até agora tem sido a única solução, embora, como já disse, não concorde com os seus critérios, e com seu caráter competitivo.<sup>186</sup>

---

<sup>184</sup> QUE é quem no Super8 mm, O. Cinema em Close-Up. São Paulo, v. 2, n. 13, 1976, p. 15

<sup>185</sup> *Ibidem*: 16.

<sup>186</sup> *Ibidem*: 17.

Era ponto comum entre os realizadores que os critérios de seleção e, mesmo, de inscrição – como o fato de só poderem participar filme a 24 por segundo – criavam distorções em relação à produção vista no festival. A questão é que a maioria dos filmes feitos em Super8 eram rodados a 18 quadros por segundo. Isto por uma simples questão financeira. Nem todas as câmeras filmavam a 24 quadros, e as que faziam isso eram mais que o dobro do preço das que o faziam em 18 quadros. Além disso, os filmes a 24 quadros duravam cerca de dois minutos e alguns segundos, enquanto um filme rodado a 18 quadros durava três minutos e meio. Isto encarecia a produção em até 30%.

Essa situação leva o realizador Dan Mordo a enviar uma carta aberta aos organizadores do quinto *Super Festival*, protestando a respeito do tema. (Anexo 19)

Considero profundamente lamentável o fato do próximo festival do filme Super8 organizado pelo GRIFE, aceitar somente filmes rodados a 24 quadros por segundo e boicotando desta forma os rodados a 18 quadros por segundo (qs). (...) Chega-se à conclusão óbvia de que a intenção dos organizadores é de ELITIZAR (mais) a bitola em vez de popularizá-la (mais): (...)

Poderiam os organizadores (...) argumentar que existe um ganho qualitativo tanto na imagem como no som de um filme rodado a 24 qs (...). Esta argumentação é correta, mas o que a meu ver deve ser levado em consideração em produções deste tipo é o conteúdo do filme e sua técnica em relação a outros da mesma bitola e não a sua perfeição técnica em relação aos filmes produzidos por profissionais. (...)

Estamos isto sim é querendo ser mais realistas que o rei e, desta forma e neste caso, estamos impedindo a divulgação e o surgimento de artistas que como a grande maioria deles, seja em que campo for, lutam com inúmeras dificuldades.<sup>187</sup>

Esta carta causou diversas reações nos atores envolvidos, chegando ao ponto de acontecerem réplicas e tréplicas na imprensa da época, a respeito do tema. Dan Mordo enviou, também, cópias à revista *Pasquim* e ao jornal *Folha de São Paulo*. Neste último veículo de comunicação a correspondência cai na mão, justamente, de Jairo Ferreira, que se serviu dela, para fazer uma reportagem bastante crítica as mostras de cinema Super8 em geral. O que causa um desconforto enorme nos organizadores do *Super Festival*.

---

<sup>187</sup> MORDO, Dans Samuel. Carta Aberta aos Organizadores do 5° Super Festival Nacional do Filme Super8. São Paulo, 18 de agosto de 1977.

Em reportagem, intitulada *Um Festival de Olho na Tevê*, que já teve alguns trechos reproduzidos anteriormente neste trabalho, Jairo Ferreira se refere especificamente ao protesto de Dan Mordo da seguinte forma: (Anexo 20)

Em carta aberta aos organizadores do 5º Festival Nacional do Super8 Dan Samuel Mordo entusiasta de ‘Super8’ faz a sua denúncia. (...)

Como se pode notar, a denuncia procede. Já basta o fato de a Kodak não distribuir filme branco e preto no Brasil, uma forma de forçar o consumo de filme colorido, que é mais caro. E é bom lembrar também que os festivais Super8 são promovidos por lojas comerciais, que montam vitrine de equipamentos na sala de espera, uma forma ostensiva de declarar que esses festivais não são feitos em função da cultura, mas em função do comércio.<sup>188</sup>

Esta matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo*, no dia 24 de agosto de 1977, primeiro dia da mostra, teve uma repercussão bastante negativa entre os organizadores do festival, causando uma reação imediata dos mesmos. Ainda mais pelo fato de Jairo Ferreira fazer parte do júri dessa edição e estar próximo a todos que estava criticando.

Thomaz Farkas (presidente das Lojas Fotoptica) e Henrique Macedo (diretor superintendente das Lojas Fotoptica) redigiram e enviaram, no mesmo dia 24 de agosto, a resposta ao jornal acima referido, do qual extrairé alguns trecho à sequência. (Anexo 21)

Ao Senhor Editor de Arte da Folha Ilustrada

Com referência ao artigo hoje publicado por essa Folha ‘Um novo Festival de Olho na TEVE’ gostaríamos de chamar a sua atenção bem como do articulista que o assinou para os seguinte pontos:

1 – A empresa comercial lá referida que patrocina o Festival de Cinema Super8, organizado pelo Grife, como nós da FOTOPTICA e de maneira nenhuma podemos aceitar a acusação de que ‘esses festivais não são feitos em função da cultura, mas em função do comércio.’ (...)

A posição da Fotoptica no que tange ao apoio a atividades culturais é absolutamente inequívoca, pois temos patrocinado concurso de fotografia, festivais de cinema, editado revistas de arte fotográfica sem jamais esperar que houvesse um retorno direto de negócios que pagasse essas promoções. (...)

---

<sup>188</sup> FERREIRA, Jairo. Um novo festival de olho na tevê. In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 24 de agosto de 1977, p. 36.

Além de empresários nos consideramos artistas militando na fotografia e no cinema com o maior entusiasmo e é nos extremamente desestimulante (sic) sermos encarados por esse destacado órgão de imprensa como descarados dinheiristas que patrocinam atividades culturais com objetivos puramente comerciais.

2 – (...) nós que estamos justamente propiciando a oportunidade para que os trabalhos realizados sejam levados a públicos, não cabe responsabilidade se o articulista está decepcionado pela criatividade que nossa juventude demonstra ao fazer cinema.

3 – Outros reparos pedimos para fazer ao citado artigo no que tange algumas informações nele contidas, pois respeitamos totalmente os pontos de vista nele exarados e estamos de acordo com a maioria deles:

1º Realmente na necessidade de equilibrar a balança cambial brasileira, o controle da importação tem levado a contradições como essa de tratar filmadores e projetores de cinema ao lado de vodca, peixes, (...) e especiarias.

2º Não houve qualquer censura aos filmes recebidos. Houve uma seleção prévia feita por um júri formado por artistas e jornalista para permitir a organização de um programa – que ocupasse 4 noites o que já é bastante. (...)

3º Não existe qualquer intenção comercial ao se exigir filmes feitos em 24 quadros por segundo. É um dado do regulamento como qualquer outro, para se obter não só a possibilidade de depois do festival mostrá-los pela televisão, mas também para se ter uma uniformidade de projeção que ao lado de tudo mais que se faz, visa levar ao público interessado o melhor espetáculo possível.

Cabe assinalar também que os filmadores baratos tem as duas velocidades (18 e 24) e que alguns realizadores que reclamaram não poder participar com filmes em 18 quadros usaram justamente os filmadores e os filmes mais caros, ou seja os modernos equipamentos de filmagem sonora cuja maioria por conveniência técnica das fábricas só trazem a velocidade 18.

Finalizando queremos frisar que acreditamos firmemente na opinião da imprensa livre. Seja para criticar ou elogiar. O importante é que essa crítica exista, pois só ela garante e dá legitimidade a tudo que se faz. e por acreditar nesse livre diálogo é que esperamos a sua atenção e a divulgação de nossas opiniões.

Atenciosamente,

THOMAZ FARKAS Presidente

HENRIQUE DE MACEDO NETTO Superintendente<sup>189</sup>

---

<sup>189</sup> FARKAS, Thomaz. NETTO, Henrique de Macedo. Carta ao senhor editor de arte da Folha Ilustrada. São Paulo, 24 de agosto de 1977.

A réplica foi publicada dia 27 de agosto, a um dia do final do festival, sob o nome *Super8, a Questão do Comércio dos Fotogramas*. Todavia, já com sua tréplica embutida, sob o título de *Festival e Lanchonete*, na qual Jairo Ferreira explicita que: (Anexo 22)

Em minha matéria, tive o cuidado de não citar o nome das lojas comerciais envolvidas nos festivais de Super8, (...). Acho muito curioso o critério adotado pelos festivais de Super8 (e não particularmente do Grife): eles usam a velocidade de 24 fotogramas por segundo, tentando igualar-se ao 35/mm, mas esquecem que os festivais regulares de cinema (Brasília, Gramado, Guarujá), não precisam de lojas comerciais ou lanchonetes para participar da promoção.

Esclareço também que, em minha matéria não fiz nenhuma referência direta ao 5º Super Festival Nacional do Filme Super 8/mm (...). A única referência específica ao Grife foi feita através de uma carta de Dan Samuel Mordo, cujos pontos de vista coincidiram com os meus, (...).

De resto, concordo que é importante que a crítica exista, como também – e, principalmente, a resposta e a discussão – mas acho que a função dela, raramente desempenhada entre nós, é ver inclusive o que está por trás das imagens e não somente o que está na tela.<sup>190</sup>

Jean-Claude Bernardet compartilhando das mesmas ideias de Jairo Ferreira, escreve na revista *Movimento* número 114, de 5 de setembro de 1977, o texto *A ideologia do Vazio – O Cinema Perfeito: sem política, sem sexo, sem radicalismos. Dentro do ‘padrão de qualidade’*. Entre outras questões ele coloca:

Os filmes apresentados pelo Festival do Grife (...) trouxeram uma novidade em relação às mostras anteriores de Super8: a qualidade dos filmes é indiscutivelmente melhor. (...) Mas justamente, é essa qualidade que é discutível.

Primeira pergunta: essa qualidade reflete os movimento Super8 em geral, ou resulta apenas de extremo rigor com que é organizado o Festival?<sup>191</sup>

Fora essas questões, que geraram muitos pontos de vista divergentes, a forma de julgamento dos filmes, mais uma vez é duramente criticada, inclusive pelos próprios

---

<sup>190</sup> FERREIRA, Jairo. Festival e Lanchonete. In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 27 de agosto de 1977, s/ p.

<sup>191</sup> BERNARDET, Jean-Claude. Quinto Festival de Super8: A ideologia do Vazio. In.: Movimento. São Paulo, n. 114, 5 de setembro de 1977, s/ p.

jurado participantes. Até mesmo a jornalista Pola Vartuk, jurada em quase todas os *Super Festivals*, e muito mais afinada com o grupo de organizadores da mostra, reconhece falhas na fórmula de julgamento adotada nessa quinta edição.

De acordo com o que ela diz:

Naturalmente nem todos os filmes premiados foram os melhores de suas categorias e alguns dos resultados surpreenderam até o ‘Grande Júri’, presidido pelo professor Mário Schenberg. O fato é que cabe fazer restrições ao sistema de votação adotado, que não permitiu aos jurados o indispensável debate sobre os filmes concorrentes.<sup>192</sup>

Vale lembrar que o esse sistema de júri, via votação direta, foi adotado após o terceiro festival, onde muito havia se falado do excesso de discussão e, mesmo, de persuasão entre os membros da comissão julgadora.

Mais uma vez, Jairo Ferreira não dispensou palavras para explicitar seu ponto de vista a respeito das falhas do festival. Inclusive, demonstrando a opinião de outros membros do júri que pensavam da mesma forma que ele. Novamente usando de sarcasmo para criticar o evento intitula sua matéria sobre o balanço do certame da seguinte forma: “Festival Super8: uma loteria?”.

Entre os pontos de vista colocados em sua matéria, consta o de Sylvio Back, que disse: “Embora tenha sido aberta a discussão (...) a idéia de debate tornou-se inócua, pois os critérios para a votação transformaram a escolha num vestibular. Ora uma obra de arte não pode ser tratada como futebol, como loteria esportiva.”<sup>193</sup>

O presidente do júri era Mario Schemberg, escolhido pelos próprios organizadores do festival, ao ser inquirido a respeito da necessidade de discussão entre os membros da comissão julgadora rebate dizendo:

Realmente é importante que os filmes sejam discutidos entre os jurados, mas eles são 30, o que significa que, se cada um falasse durante 10 minutos, teríamos um debate de 300 minutos, ou seja, cinco horas de duração, o que é impraticável num único dia.<sup>194</sup>

---

<sup>192</sup> VARTUK, Pola. Festival reforça o Super8. In.: O Estado de São Paulo. São Paulo, 30 de agosto de 1977, p. 9.

<sup>193</sup> BACK *apud* FERREIRA, Jairo. Festival e Lanchonete. In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 27 de agosto de 1977, s/ p.

<sup>194</sup> SHERMBERG *apud* FERREIRA, Jairo. Festival e Lanchonete. In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 27 de agosto de 1977, s/ p.

A Solução encontrada foi a instituição de que a sessão para o júri iria começar com duas horas de antecedência, para que assim pudesse se debater a respeito do filmes.

Depois de tantos debates, principalmente a respeito da fórmula de julgamento que deveria se adotada pelo festival, os premiados acabaram sendo os seguintes: melhor filme do festival: *Não tem Título* (Flavio Del Carlo); melhor filme do júri popular: *365-4=Nada* (Manuk Poladian); melhor filme de ficção/enredo: *365-4=Nada* (Manuk Poladian); melhor documentário: *Metamorfose* (irmãos Wagner – Curitiba); melhor animação: *Não tem Título* (Flavio Del Carlo); melhor filme experimental: *Rota* (Lafayette Tadeu Egydio de Três Rios); melhor fotografia: *Bandido* (documentário de Maria do Carmo Bracco); melhor trilha sonora: *Cabarequiem* (Amaury Sanches); melhor solução de apresentação: *A Máscara* (Adolfo Gianolla - Sorocaba); melhor música original: *A Última Crônica* (Luis Paulo Kossman – Rio de Janeiro); melhor ator: Antonio Sabino de Souza Neto (filme *Milk, o Sheik* – de Ivon de Castro Gonçalves Filho); melhor atriz: Maria Vianna (filme *Alfonsina e o Mar* – de Ana Maria Dias); e prêmio especial do júri (Cr\$ 5.000,00): conjunto da obra de Moysés Baumstein (*Hipismo, Fotonovela e Nada a Declarar*).<sup>195</sup>

Um filme foi censurado, *Ói Nós aqui Traveis* de Flavio Del Carlo, e *Alfonsina e o Mar*, Ana Maria Dias, sofreu corte na imagem. O filme *Os Cinemas Estão Fechando*, de Abrão Berman, participante das exibições fora da competição, recebeu corte na trilha sonora.

Entretanto, a despeito das polêmicas, a análise que parece ser mais realista sobre o que aconteceu durante o quinto *Super Festival* tenha sido a de Sylvio Back, reproduzida na matéria de Jairo Ferreira:

Do ponto de vista técnico, houve melhora, mas está havendo uma verdadeira macaqueação do 35/mm. Verificou-se também uma deserção dos melhores realizadores de Super8, que deixou de ser inquietante para se tornar bem comportado. Não é mais um cinema desequilibrado, um cinema sujo onde a câmera está a serviço de uma idéia. A censura agora é mais rigorosa com o Super8. Os novos realizadores, ao contrario dos antigos, já estão vacinados, por exemplo, contra ecologice, ou seja, mania de ecologia, (...). (...) e os

---

<sup>195</sup> FERREIRA, Jairo. Festival Super8: uma loteria? In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 29 de agosto de 1977, s/ p.

cinastas partiram para temas mais populares – porta-bandeiras, artesanato, negros, folclore. Antes eles filmavam-se a si mesmos e agora começam a virar a câmera para o Brasil.<sup>196</sup>

Dessa forma, o *V Super Festival Nacional do Filme Super8* estabelece, definitivamente, um outro momento nas discussões a respeito da produção superoitista brasileira, da mesma forma que chama a atenção para os diversos entendimentos possíveis sobre o tema. A vertente voltada para a profissionalização, encabeçada pelo GRIFE e seus parceiros, como as Lojas Fotoptica, não era a única a querer traçar uma visão a respeito de como a produção Super8 deveria ser. Diversos outros personagens envolvidos também queriam dar suas opiniões, principalmente, a favor de uma maior liberdade para a bitola. Algo que vinha sendo alardeada desde do início da utilização do Super8 no Brasil.

---

<sup>196</sup> BACK *apud* Festival Super8: uma loteria? In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 29 de agosto de 1977, s/ p.

### 3. CAPÍTULO 3 – DO ÁPICE À DECADÊNCIA, “O SUPER8 MORREU, VIVA O SUPER8”

#### 3.1 – VI Super Festival – MEC FUNARTE, ampliação da mostra e recorde de inscritos

O *VI Super Festival* do GRIFE marca uma nova fase nas mostras promovidas pelo grupo. É o ápice de todas as promoções organizadas por eles, contando com uma maior estrutura, patrocinadores de peso, uma programação mais diversificada, entre outras coisas. Prova desse novo impulso no festival é o catálogo<sup>197</sup> lançado por ocasião da mostra, com bastante informações, textos a respeito do produção superoitista, assim como um pequeno retrospecto do certame até aquele momento.

Além do tradicional patrocínio das Lojas Fotoptica, a mostra também contou com o apoio da Embrafilme, Kodak e do Ministério da Educação e Cultura, através da FUNARTE. Esse último patrocinador representou novas possibilidades para o evento, como sua ampliação e a realização de atividades paralelas.

De acordo com reportagem da revista *Novidades Fotoptica* número 85, mencionando as impressões de Abrão Berman a respeito da nova promoção:

“(…) graças ao patrocínio do MEC-FUNARTE está sendo possível colocar em prática as melhores sugestões que vinha recebendo durante a realização dos outros Festivais, tais como seminários, conferências, mostras informativas e projeção de filmes em sessões corridas.<sup>198</sup>

Importante salientar que no ano anterior, o jornalista Jairo Ferreira, entre outras polêmicas levantadas a respeito do evento, disse:

“(…) esses festivais não são feitos em função da cultura, mas em função do comércio. E é por isso que eles são realizados em clubes.

---

<sup>197</sup> Documento reproduzido no anexo 23, *Catálogo do VI Super Festival Nacional do Filme Super8*.

<sup>198</sup> TRAILER do VI Super Festival Super8. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 85, 1978, p. 16.

As entidades culturais – sempre consultadas pelos organizadores de festivais – fecharam as portas a esse tipo de promoção.<sup>199</sup>

O fato de o MEC patrocinar o evento, que foi realizado nas dependências da FUNARTE, contradiz as avaliações do referido crítico de cinema, respaldando o festival e seus organizadores.

A própria representante do MEC, Dalva Assumpção Soutto Mayor, dava suporte ao certame, de forma bastante enfática, declarando no catálogo da mostra que:

Os esforços que os realizadores brasileiros de filmes Super8 têm desenvolvido no sentido de expandir as aplicações desse tipo de película devem merecer nosso respeito e nossa admiração.

São esse respeito e essa admiração que explicam a participação formal do Ministério da Educação e Cultura, (...), no VI Festival Nacional, que se realiza nas dependências deste órgão.

O estímulo aos desdobramentos de novas tecnologias e de suas aplicações à criação artística e à educação fazem parte da política global do Ministério.<sup>200</sup>

Nesta edição, o certame contou pela primeira vez com um *Seminário de Estudos e Debates sobre Cinema Super8*, mostras informativas com realizações de Pernambuco, Alagoas, Bahia e Argentina, além da reprise dos filmes da mostra competitiva no dia seguinte a sua exibição, no período da tarde, visando quem não havia conseguido ver a programação em sua data original.

Como saldo do ano anterior, os superoitistas paulistas começaram a se organizar criando uma agremiação de realizadores chamada *ARES8* (Associação Paulista de Realizadores de Cinema Super8). Seu primeiro presidente foi Jorge Caron, tendo como um de seus sócios fundadores Flavio Del Carlo. Entre outras questões o *ARES8* surgia com a incumbência de trilhar uma luta política em relação à produção superoitista, reconhecendo entre outras coisas que:

---

<sup>199</sup> FERREIRA, Jairo. Um novo festival de olho na tevê. In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 24 de agosto de 1977, p. 36.

<sup>200</sup> MAYOR *apud* CATÁLOGO VI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1978.

O cinema superoito é fundamentalmente cinema independente, desligado de produções institucionalizadas.

E a Associação (...) está aí para defender essa trincheira. Quem sabe a última do cinema independente no Brasil.<sup>201</sup>

Nesse período, havia uma cruzada contra a péssima qualidade dos serviços prestado pelos laboratórios de revelação da Kodak, disponíveis para os realizadores. Havia a denúncia de que tais estabelecimentos exerciam uma censura interna ao material dos clientes, por vezes eliminando o conteúdo julgado inapropriado, contendo algum tipo de pornografia ou mesmo questões políticas.

Em julho daquele ano, o festival de cinema de Brasília havia aberto um espaço considerável para a bitola, realizando uma mostra com produções de todo o país, além de promover um debate com o tema *Super8 no Brasil*. Entre os participantes dessa discussão estavam Fernando Spencer (Grupo de Cinema Super8 de Pernambuco), Abrão Berman, Guido Araújo (coordenador *das Jornadas de Curta-metragem da Bahia*), Jorge Caron (presidente do *ARES8*), Vito Diniz (Clube de Cinema da Bahia), Adalberto Queiroz (*ECAJA – ACRE*), e Henrique de Oliveira (UNICAMP). Os superoitistas reunidos elaboraram durante o festival uma carta denunciando o tratamento dado ao Super8 pelos laboratórios. O documento foi enviado para a Kodak, com cópia para Roberto Farias, diretor da Embrafilme, e para Alcino Teixeira de Mello, presidente do CONCINE. Além de ser amplamente divulgado nos principais jornais do país.

Entre outras coisas, a carta expressava:

(...) o repúdio ao mau tratamento que vem sendo dado por este laboratório pelo setor de processamento ao filme Super8 constatado pelas seguinte irregularidades:

- I. Extravios freqüentes de filmes;
- II. Má qualidade de revelação (...);
- III. Veladuras em extensão de 2 a 3 pés injustificados (...);
- IV. Demora excessiva no prazo de devolução de filmes (...);

---

<sup>201</sup> JORNAL ARES8. São Paulo, agosto de 1978.

Exigimos também a suspensão de todo e qualquer tipo de censura em material por particulares e/ou entidades, visto que esta tarefa compete atualmente aos órgãos da Polícia Federal.<sup>202</sup>

Como resposta às denúncias feitas nesse documento, a Kodak: “resolve fazer uma consulta de cunho oficial à Censura Federal sobre o assunto. A resposta demorou, mas veio e, embora lacônica, deixava claro que o exercício da censura só podia ser executado por um órgão oficial competente.”<sup>203</sup>

Apesar da persistência dos problemas com a qualidade da revelação dos filmes, do temor das restrições impostas pelo governo federal sobre a importação de insumos, vividas no ano anterior, e do encarecimento do custo de produção, havia um clima bastante favorável e positivo em relação a movimentação em torno do Super8 em 1978.

A televisão acenava com mais espaço para a bitola, começando a veicular material produzido na bitola. No mês de junho daquele ano, o programa *Fantástico* da rede Globo havia exibido uma reportagem feita na bitola por ocasião de uma apreensão de tóxicos no interior do Maranhão.

Todavia, o que mais chamou atenção foi que:

Às vésperas do 6º Festival, o Super8 continua conquistando lentamente seu mercado: a última novidade é o fato de o telejornal infanto-juvenil ‘O Globinho’ (...) ter contratado os dois primeiros repórteres profissionalizados na bitola estreita. Abrão Berman (...) está trabalhando agora com Rosina Leser em reportagens para a televisão (...).<sup>204</sup>

Outro fato importante foi a primeira exibição de um filme longa-metragem feito em Super8 pela *TV Cultura*, e que posteriormente foi veiculado na rede de TVs educativas. Essa acontecimento causou um grande *frisson* entre os superoitistas

---

<sup>202</sup> JORNAL DO COMMERCIO. Recife, 15 de agosto de 1978, p. 5.

<sup>203</sup> LABORATÓRIOS revelam filmes “proibidos”? Pagina8: Cine & Vídeo. São Paulo, ano II, v. 2, 1978, p. 15.

<sup>204</sup> SUPER8 conquista seu mercado. O Estado de São Paulo. São Paulo, 8 de junho de 1978, s/ p.

brasileiros que viam a real possibilidade de mostrar suas produções na televisão, e uma possível abertura de mercado para a exibição de seus trabalhos.

De acordo com a nota na revista *Novidades Fotoptica*, número 86:

Finalmente a TV Cultura de São Paulo está viabilizando um sonho antigo dos realizadores: a utilização de filmes Super8 mm em sua programação normal.

Isto aconteceu com a exibição no programa ‘Última Sessão de Cinema’, do filme longa-metragem ‘Lua Cambará’, realizado em Super8, e posteriormente transferido para tape.<sup>205</sup>

Duas outras promoções chamam atenção nesse contexto, o *I Festival de Filmes Esportivos*, promovido pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo; e o *I Concurso Nacional de Filmes Super8 para Educação de Trânsito*, promovido pelo Departamento de Operação do Sistema Viário da cidade de São Paulo. Os dois eventos anunciam uma tendência que irá se acentuar nessa segunda metade da década de 1970, visando direcionar a produção superoitista para um caráter mais didático.

Jairo Ferreira, a respeito do segundo evento, e sem perder a oportunidade de alfinetar a organização de outras mostras, diz que:

Este Concurso (Educação no Trânsito) (...), teve mais méritos do que os festivais regulares que, como se sabe, não tem [sic] contribuição culturalmente para nada, enquanto este ao menos aponta um caminho didático para o cinema Super8. É mais válido exibir um Super8 sobre educação no trânsito num curso primário do que exibir filminho sem pé nem cabeça em festivais de ‘merchandise’ [sic] (...).

Aqui está um bom exemplo de que, quando há um orientação prévia, os filmes Super8 conseguem ter até uma narrativa com começo, meio e fim.<sup>206</sup>

Dentro do clima promissor descortinado nesse período para o Super8, a grande vedete continuava sendo o próprio *Super Festival*. Nesse ano, inclusive, como parte da promoção da mostra, havia-se programado um evento com bastante antecedência,

---

<sup>205</sup> LONGA-METRAGEM Super8 na TV. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 86, 1978, p. 29.

<sup>206</sup> Um caminho didático para o cinema Super8. In.: *Folha de São Paulo. Folha Ilustrada*. São Paulo, 17 de agosto de 1978, p. 31.

almejando a maior mobilização dos superoitistas, e a divulgação do regulamento oficial.

Dessa forma:

Para muita gente (participantes, colaboradores, patrocinadores, etc.) o VI Festival começou bem antes (...) com um coquetel de lançamento (...) no bar L'Absinthe(...). Apesar da discutível qualidade do uísque [sic], houve muita badalação. Inegavelmente, um início bem festivo.<sup>207</sup>

Henrique Macedo também se demonstrou muito otimista com o certame, e com o momento que a produção superoitista vivia em 1978. De acordo o texto que escreveu para compor o catálogo da mostra: “O que se pode ver hoje nos filmes que chegam para o atual festival chega a entusiasmar diante das fraquíssimas produções daquele primeiro festival realizado no teatro Paiol, há vários anos atrás.”<sup>208</sup>

Esse otimismo com a promoção do GRIFE e das Lojas Fotoptica se demonstrava em números, uma vez que nesse festival houve recorde na inscrição de filmes. Foram 110 fitas no total, contando com 82 representantes de São Paulo (capital), 14 de cidades paulistas (cinco de Campinas, três de Sorocaba, dois de São Bernardo do Campo, um de Ribeirão Preto, um de Suzano, um de Angatuba e um de Guarulhos), seis do Rio de Janeiro, quatro de Minas Gerais, dois do Paraná, um da Bahia e um do Rio Grande do Sul. Com a tradicional comissão de seleção, 48 foram eleitos para participaram da mostra competitiva.<sup>209</sup>

Assim como aconteceu no festival de Brasília daquele ano, não houve nenhum filme censurado, cortado, ou proibido, pela primeira vez na história das promoções do GRIFE. Abrão Berman comenta esse fato, fazendo menção ao momento político do período, da seguinte forma: “(...)nos últimos tempos essa tal abertura começou a ser

---

<sup>207</sup> VI FESTIVAL: o Super8 ganha uma sala. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 86, 1978, p. 24 – 25.

<sup>208</sup> NETTO *apud* CATÁLOGO VI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1978.

<sup>209</sup> Mais informações podem ser encontradas no anexo 23, *Catálogo do VI Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.*

sentida e, apesar de o festival de São Paulo ter mostrado filmes de fundo político e social, todos foram liberados pela primeira vez, em seis anos.<sup>210</sup>

Vivia-se naquele época o momento de reabertura política liderada pelo então presidente militar Ernesto Geisel, que havia assumido o poder em 1974. Seu discurso ia no sentido de uma “abertura lenta, gradual e segura” da política nacional, visando um retorno à democracia. Todavia, essa abertura só começa efetivamente em 1977.

De acordo com Marcos Napolitano:

A agenda da transição iniciada em 1977 se reafirma em 1978, seguida da indicação oficial de João Figueiredo para Presidência. Ou seja, a partir de então, já com pressão das ruas e do próprio sistema político (nesta ordem), é que a abertura se transforma em um projeto de transição democrática, ainda que de longo prazo.<sup>211</sup>

O *IV Super Festival* foi realizado entre os dias 16 e 20 de agosto de 1978, e foi inaugurado com um almoço para confraternização dos participantes no Restaurante/Escola do SENAC. Após a cerimônia de abertura, na primeira noite já estavam em exibição os primeiros filmes da mostra competitiva.

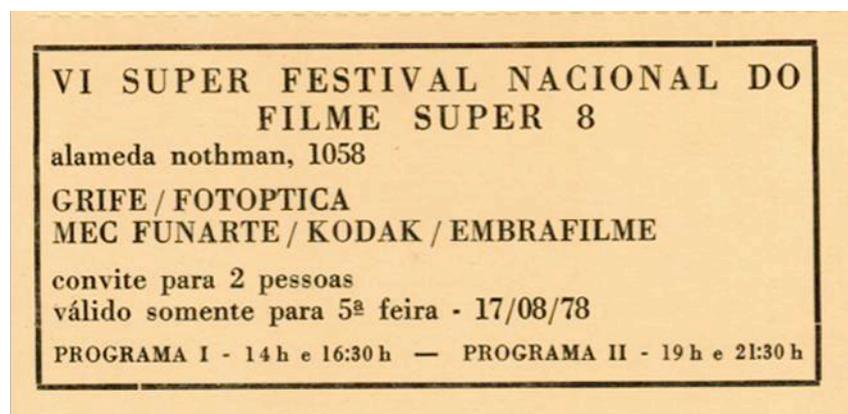


Figura 12 – Convite do *VI Super Festival* do GRIFE.

<sup>210</sup> BERMAN *apud* CENSURA de Curitiba apreende filmes de festival de Super8. O Estado de São Paulo. São Paulo, 9 de novembro de 1978, p. 21.

<sup>211</sup> NAPOLITANO, Marcos Eugênio. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Ed. Contexto, 2014, p. 234.

A partir do dia 17 o seminário havia começado tendo como tema *O Super8 como expressão artística*, e como debatedores os críticos de cinema José Carlos Avellar e Pola Vartuk. Avellar defendeu que do ponto de vista estético e comercial o Super8 era distinto do cinema feito em entras bitolas, e que somente a partir de uma linguagem própria é que sua produção poderia estabelecer bases para sua comercialização. Por seu turno, Vartuk disse que a postura amadora no Super8 não era capaz de contribuir para a criação de uma nova linguagem para bitola. Da mesma forma, desacreditou que o Super8 pudesse representar uma desmistificação do cinema para o grande público, já que em sua opinião o cinema era uma arte mítica, independente do formato de sua realização.

No dia 18, os cineastas Francisco Ramalho e Roberto Santos discutiram o tema *As perspectivas profissionais do Super8*. Ramalho proferiu sua fala discursando sobre os problemas enfrentados pelos cineastas na produção cinematográfica em outras bitolas. Já Roberto Santos fez interessantes observações a respeito das possibilidades de utilização da bitola, reconhecendo o formato como *brilhante instrumento de investigação e registro da realidade* e do ser humano em seu tempo. Ele, assim como Ramalho, também identificou que os problemas enfrentados pelos superoitistas são muito parecidos com os encontrados pelos realizadores em outras bitolas cinematográficas. Além disso, fez uma breve explanação sobre a história do Super8 na Argentina.

No último dia do seminário ocorreram debates com participação predominante de realizadores a respeito de questões técnicas, como revelação, cópias de filmes e os serviços prestados pelos laboratórios. A experiência do seminário foi muito bem recebida por todos, levando a discussão para um dos mais importantes festivais dedicados ao Super8 do país, a exemplo de diversos outros certames onde os debates já faziam parte de suas programações.<sup>212</sup>

Já nas mostras informativas é importante salientar a participação da *AMACINE*, de Recife, através de seu representante Enéas Álvares, que levou filmes pernambucanos produzidos nos últimos anos sobre aspectos da cultura popular de seu

---

<sup>212</sup> VI FESTIVAL: o Super8 ganha uma sala. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 86, 1978, p. 24 – 25.

estado. Outra grupo de obras que despertou curiosidade dos participantes foi a de filmes argentinos, levados por Roberto Cenderelli, um dos mais importantes superoitistas de seu país. Roberto, inclusive, havia ganho vários prêmios em uma mostra realizada por intermédio da embaixada brasileira em Buenos Aires, chamada *1º Festival Argentino-Brasileiro de Cinema Super8*, em novembro do ano anterior.

Todas as sessões da mostra competitiva foram muito concorridas, sendo que no primeiro dia, além das duas sessões programadas a: “(...) direção do festival foi obrigada a improvisar uma terceira sessão (igualmente superlotada) para atender àqueles que não conseguiram entrar.”<sup>213</sup>

Algo que marcou essa edição da mostra foi o nível geral dos filmes apresentados. De acordo com Pola Vartuk:

Foi tão bom o nível técnico e artístico da maioria dos filmes apresentados que chegaram a eclipsar, em termos de qualidade, quase tudo o que se faz atualmente no Brasil no campo do curta metragem [sic] profissional. Enquanto os curtas brasileiros em 16mm e 35mm padecem, com raras exceções de uma pasmosa esterilidade criativa, de uma assombrosa ausência de inspiração, esses filmes ‘amadores’ e desvinculados do esquema comercial surpreenderam por sua inventividade, riqueza de idéias e pesquisa de linguagem.<sup>214</sup>

E ainda para finalizar Vartuk aponta que: “Por todas essas razões, o VI Super Festival Nacional do Filme Super8 marcou o início de uma nova e promissora fase para o Super8 Brasileiro.”<sup>215</sup>

Com uma postura muito mais crítica, inclusive à própria movimentação em torno do Super8, Jean-Claude Bernardet se refere ao balanço geral dessa edição do *Super Festival* da seguinte maneira:

Os quase cinquenta [sic] filmes que foram projetados revelam uma indiscutível melhoria técnica de todos os pontos de vista: fotografia, montagem, sonorização, estruturação dramática. E no entanto, do conjunto de filmes, para mim pelo menos, ficou como que uma impressão de futilidade. Por melhores que sejam as realizações e melhores que sejam as idéias, os filmes deixam um gosto de

---

<sup>213</sup> SEM censura, o está sendo exibido e debatido no VI Festival. O Estado de São Paulo. São Paulo, 18 de agosto de 1978, p. 12.

<sup>214</sup> Super8 já interessa, até para exportar a imagem do Brasil. In.: O Estado de São Paulo. São Paulo, 26 de agosto de 1978, p. 12.

<sup>215</sup> *Ibidem*.

inutilidade, de supérfluos. Os cineastas empenham-se em fazer bons trabalhos, mas nada é feito com paixão, ninguém ataca ou defende qualquer coisa, que seja com vigor; nunca se tem a impressão que, num filme, o cara colocou toda a sua vida, que ele podia morrer se não tivesse feito seu filme. Se um tom amador perpassou pelo Festival (GRIFE), com certeza não terá sido por alguma deficiência técnica (...), mas sim devido a esse diletantismo, que aparece como um insuficiente de vida.

Esse diletantismo se deve em parte ao fato de que a única **oportunidade** que esse tipo de filme tem de encontrar um público continua sendo os festivais. É um público homogêneo e não diversificado, composto de realizadores em Super8 e de amadores de arte.

Estes filmes circulam em circuitos fechados, o que não incentiva a renovação da linguagem e da temática. Outra explicação para esse diletantismo talvez seja também a área social donde provem grande parte da produção: muitos dos filmes dão a impressão de expressar a juventude dourada que se diverte elegantemente com um brinquedo de luxo.<sup>216</sup>

A despeito das opiniões de Bernardet sobre o diletantismo superoitista, decorrente da falta de canais de exibição e da questão social sobre a “juventude dourada”, ele reconhece que “se no lugar dos curtas metragens que vêm sendo projetados antes dos filmes estrangeiros pelos menos em São Paulo, a lei fosse cumprida com trabalhos do nível dos filmes apresentados neste Festival, seria certamente menos monótono.”<sup>217</sup>

O regulamento desta edição do *Super Festival* não sofreu alterações consideráveis, contando como categorias de premiação: melhor filme do festival, melhor filme do júri popular, melhor ficção/enredo, melhor animação, melhor documentário, melhor experimental, melhor fotografia, melhor trilha sonora, melhor música original, melhor solução de apresentação melhor ator e melhor atriz.

O júri oficial teve a presença de 30 convidados, entre estavam Alcino Teixeira de Mello (presidente do CONCINE), Ignácio de Loyola Brandão (escritor), John Herbert (ator), Thomaz Farkas (presidente da Fotoptica), Maria Luiza Libradi

---

<sup>216</sup> Super8: tradicional sabor de brincadeira. In.: Última Hora. São Paulo, s/ p., 24 de agosto de 1978.

<sup>217</sup> *Ibidem*.

(Funarte), e três representantes da Embrafilme (Leandro Tocantins, Leila Márcia, e Marita Leite Ribeiro). Além disso, o já consolidado júri popular.<sup>218</sup>

A comissão julgadora não teve suas decisões contestadas, e nem a forma de julgamento estabelecido pela organização do festival foi questionada. Na noite de 20 agosto no teatro da FUNARTE, o júri decide premiar como: melhor filme do festival: *Ovo de Colombo (Caravelas)* (Leonardo Crescenti e Carlos Porto de Andrade Jr.), melhor filme do júri popular: *O Regime* (Louis Chilson); melhor filme de ficção/enredo: *Pesquisa de Opinião Pública* (Alberto e Moysés Baunstein); melhor animação: *Veneta* (Flavio Del Carlo); melhor documentário: *Paulicéia* (Flavio Del Carlo); melhor experimental: *Grand Prix* (Sérgio Lisboa Giraud); melhor fotografia: *Terminando* (Carlos Schmidt), melhor trilha sonora: *Veneta* (Flavio Del Carlo); melhor música original: *Mar Opus I* (Antonio Luiz Mátar); melhor solução de apresentação: *Grand Prix* (Sérgio Lisboa Giraud); melhor ator: Luiz Alberto Pena (*Círculo Azul* – Marcos Craveiro); e melhor atriz: Brenda Susan (*O Regime* – Louis Chilson).<sup>219</sup>

Além disso, o MEC instituiu um prêmio para o melhor filme na área de educação sendo eleito *Educação Evolução*, de Adolfo Gianolla e seus alunos da 8ª série da cidade de Sorocaba. E a Embrafilme continuou com a política de destinar um prêmio em dinheiro, nesse ano a importância foi de Cr\$ 30.000,00, divididos entre os filmes ganhadores de melhor do festival e de melhor do júri popular.

A promoção do GRIFE surtiu um efeito tão positivo, e o Super8 enquanto produto cultural estava tão bem avaliado, que diversas autoridades se interessaram pela produção na bitola. Assim muitas exposições foram realizadas com os filmes premiados no *VI Super Festival*.

De acordo com reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*, de 30 de agosto de 1978:

(...) no auditório do Ministério de Educação e Cultura, os filmes premiados no VI Super Festival Nacional do Filme Super8 serão projetados numa sessão especial para o ministro Euro Brandão.

---

<sup>218</sup> Para a lista completa de membros do júri consultar o anexo 23, *Catálogo do VI Super Festival Nacional do Filme Super8 mm*.

<sup>219</sup> VI FESTIVAL: o Super8 ganha uma sala. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 86, 1978, p. 24 – 25.

O VI Super Festival (...) obteve grande repercussão devido ao nível dos filmes apresentados. O ministro Guy de Castro Brandão, chefe do Departamento Cultural, Científico e Tecnológico do Ministério de Relações Exteriores, viu os filmes (...) e os considerou ótimos. (...) os filmes foram vistos no Rio (de Janeiro) por Roberto Pereira, diretor executivo da Funarte (...). À sessão (...) em Brasília, estarão presentes Maria Luiza Librandi, representante da Funarte em São Paulo, Dalva Assumpção de Soutto Mayor, delegada regional do MEC, e o cineasta Abrão Berman, presidente do festival.<sup>220</sup>

Pensou-se inclusive em incluir parte dos filmes do festival em uma mostra que o Itamaraty realizaria em diversos países, para promover a imagem do Brasil mundo afora.

Desta forma, encerra-se com um saúdo muito positivo o *VI Super Festival*, com um nível de realizações muito alta e um prestígio adquirido entre diversos setores da sociedade. O evento chega a seu ápice prevendo voos ainda maiores, sendo que Abrão Berman queria tornar o festival um evento internacional já no próximo ano.

---

<sup>220</sup> MINISTRO examinará Super8. O Estado de São Paulo. São Paulo, 30 de agosto de 1978, p. 11.

### 3.2 - VII Super Festival – I CONSISO, um contrato com a Kodak e um vencedor que não era de São Paulo

No esteio vindo do otimismo do ano anterior, o *VII Super Festival* foi ampliado, tendo uma data a mais para sua realização, passando de cinco para seis dias. A mostra aconteceu entre os dias 13 e 18 de agosto de 1979 no Teatro São Pedro. Local onde tudo havia começado em 1973. Contou com o patrocínio das Lojas Fotoptica, da Embrafilme, Kodak, Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e pelo segundo ano seguido do MEC-FUNARTE.

Nessa edição o festival teve mais uma vez um seminário voltado às questões relacionadas à produção de filmes Super8, e uma mostra internacional, com filmes da Argentina, África do Sul e Estados Unidos.

Novidade neste ano foi a mostra dos filmes não selecionados de forma paralela, como maneira de apaziguar os superoitistas não contemplados. Contudo, essas sessões foram pouco concorridas, acontecendo no período da tarde dos dias do festival. Reclamações por parte dos realizadores com filmes não eleitos para participarem de forma competitiva vinham se arrastando desde do início dos *Super Festivals*.

Nesta edição não foi diferente, como é possível verificar na reportagem de Ana Maria de Abreu, na revista *Novidades Fotoptica* número 92:

Muita gente reclamou da não classificação de seus filme para a concorrência, alegando que ou eles não correspondiam ao ‘padrão Grife de qualidade’, ou às vezes não seguiam as técnicas, para eles discutíveis, de um dicionário sobre linguagem cinematográfica.<sup>221</sup>

A tendência para festivais de cunho didático, que foi divulgada com força no ano anterior, continuou em 1979. Sendo inclusive ampliada com outras promoções. O festival para Educação no Trânsito (São Paulo), o de filmes Esportivos (São Paulo) e o sobre Agricultura Irrigada (Fortaleza) tiveram novas edições. Além disso, o GRIFE

---

<sup>221</sup> ABREU, Ana Maria de. VII Super Festival Nacional do Filme Super8. In.: *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 92, 1979, p. 16.

ajudou a implementar o *I Concurso Nacional de Filme Super8 sobre Aleitamento Materno*, promovido pela Associação Paulista de Medicina. Também, o programa de televisão capitaneado por Abrão Berman, *Ação Super8*, que já estava em seu quinto ano, lança o concurso Corujas. Este se destinava para filmes de registro de família com foco nas crianças.

De acordo com nota no jornal *Folha da Tarde*, de 16 de agosto de 1979:

Uma chance para que os filmes feitos pelos corujas sejam vistos por um grande público está sendo oferecida pela Televisão Cultura, através do programa ‘Ação Super8’. Você – que registra em imagens as atividades de seus filhos, sobrinhos ou netos – pode concorrer ao Coruja Especial, um concurso cujo tema é a criança. (...) Prêmios em equipamentos de cinema, som e fotografia, filme virgem e livros, serão distribuídos aos cinco primeiros colocados.<sup>222</sup>

Nesse contexto, mais uma vez, o GRIFE se propôs a firmar uma sala regular de exibição de filmes dedicada ao Super8. Funcionando todas as terças-feiras, desde 6 de março daquele ano no Café Teatro Opus 2004, e com o apoio das Lojas Fotóptica, a *1ª Sala Permanente de Cinema Super8 do Brasil*, propunha mostrar um programa de cinco a sete filmes por sessão. A cada sessão elegia-se um ganhador, assim como a cada mês e a cada trimestre, entre os mais bem cotados. Ao final do ano, escolhia-se o grande ganhador. Até mesmo Jairo Ferreira, grande crítico das atividades do GRIFE, foi simpático à promoção dizendo que:

(...) finalmente São Paulo já tem um sala exclusiva para o Super8, o Opus 2004 (...). (...) levando vantagem sobre as sala tradicionais, pois nesta é permitido fumar e beber, ou melhor, a bebida é quase obrigatória, faz parte da consumação (...). A única desvantagem é que, nesse ambiente agradável, o espectador passa a gostar até de filme ruim, ao contrário das salas normais, onde bons filmes são destruídos pelas más condições de funcionamento geral.<sup>223</sup>

No *VII Super Festival*, como na edição anterior, foram inscritos o mesmo número de filmes, num total de 110. Todavia, nos documentos consultados não há referências aos locais de envio da totalidade dos inscritos. O júri prévio escolheu

---

<sup>222</sup> CONCURSO para os Corujas, Um. Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 16 de agosto de 1979, p. 30.

<sup>223</sup> FERREIRA, Jairo. Super8, o futuro do cinema experimental. In.: Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 13 de maio de 1979, s/ p.

somente 40 para mostra competitiva, sendo 25 de São Paulo (capital), três de Campinas (interior paulista), três de Maceió, dois do Rio de Janeiro, dois de Sorocaba (interior paulista), um de Salvador, um de Curitiba, um de São Vicente (litoral paulista), um de Santo André (região metropolitana de São Paulo), e um de São Bernardo do Campo (região metropolitana de São Paulo). Mais uma vez a grande maioria dos escolhidos foi da região sudeste com 35 filmes, a região nordeste ficou com quatro filmes e a região sul apenas um. Em relação às categorias, foram 16 ficções, nove documentários, nove animações e seis experimentais.<sup>224</sup>



Figura 13 – Anúncio da 1ª Sala Permanente de Cinema Super8. Jornal do Brasil, 8 de maio de 1979.

A despeito da pouca representativa de filmes de outras regiões do país, a mostra continuava a repercutir por todo o Brasil. Prova disso foi a participação do *ECAJA* (Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos), proveniente do Acre. Tomando conhecimento do festival e reconhecendo sua importância eles tiveram o maior interesse em comparecer, mesmo sabendo que seus filmes não poderiam participar, pois eram feitos a 18 quadros por segundo. Padrão que não era aceito pela mostra. Em correspondência trocada com Abrão Berman os membros do *ECAJA*

<sup>224</sup> Mais informações podem ser consultadas no anexo 24, *Catálogo do VII Super Festival Nacional do Filme Super8 mm*.

declararam: “Considerando este FESTIVAL da maior importância para nós, por se tratar de uma amostra especificamente superoitista, decidimos ir à São Paulo para participar dos debates ou seminários (...).”<sup>225</sup> Todavia, reconhecendo o grande esforço financeiro para o comparecimento, eles decidem: “enviar um representante, já que desta vez não (...) (contavam) com ajuda oficial. E (...) (solicitavam) providências no sentido de arranjar acomodação para o seu representante no FESTIVAL, ou (...) (indicação de) um Hotel próximo do TEATRO SÃO PEDRO, (...) e que o preço (...) (fosse) compatível com (...) (seus) recursos (...)”<sup>226</sup> Nisso eles foram prontamente atendidos pela organização do festival e puderam apresentar, pelo menos um filme de longa-metragem realizado em Super8 chamado *A luta em busca do amor*, na mostra paralela. (Anexo 25)

O regulamento do *Super Festival* sofreu algumas alterações, como a diminuição da metragem dos filmes como critério de inscrição, passando dos 30 minutos que eram padrão desde a primeira edição, para 20 minutos. Também, novas categorias de premiação foram criadas. Além dos tradicionais prêmios para melhor filme do festival, melhor filme do júri popular, melhor animação, melhor documentário, melhor ficção/enredo, melhor experimental, melhor fotografia, e melhor trilha sonora, foram instituídas premiações para melhor filme de humor e melhor filme didático.

Nessa edição, pela primeira vez em toda a história do certame uma empresa acenava com um contrato profissional de realização de um filme em Super8. Todavia, não era qualquer empresa. Tratava-se da Kodak, uma das patrocinadoras do evento, e principal fornecedora de filmes virgens para o mercado brasileiro. Em correspondência enviada no dia 9 de agosto de 1979 o relações públicas da empresa, José Contreras Russo, afirmava: “(...) nossa disposição em oferecer os seguintes prêmios: - 300 Filmes Super8; - Contrato dos serviços profissionais do participante classificado em 1º lugar, para realização de um filme sobre a Kodak Brasileira.”<sup>227</sup> Todavia, essa premiação acabaria gerando muitos transtornos em futuro breve. O que será visto mais a frente. (Anexo 26)

---

<sup>225</sup> ASSUNÇÃO, João Batista Marques de. Carta de João Batista Marques de Melo Assunção endereçada a Abrão Berman. Rio Branco, 10 de julho de 1979.

<sup>226</sup> *Ibidem*.

<sup>227</sup> RUSSO, José Contreras. Carta da Kodak do Brasil endereçada ao GRIFE. São Paulo, 9 de agosto de 1979.

Mais uma vez o festival começou bem antes, com um coquetel no dia 12 de junho, para a divulgação do regulamento e lançamento do certame. Mas dessa vez coordenada com a atividade da sala de exibição no Café Teatro Opus 2004.

Quando da divulgação dos filmes selecionados, a imprensa considerou um bom nível dentre as realizações. O jornal *O Estado de São Paulo* do dia 12 de agosto de 1979, refere-se da seguinte maneira;

(...) segundo Maria do Carmo Carramenha, um dos integrantes do júri prévio, (houve) um resultado positivo em relação ao nível dos filmes: 'O pessoal condensou mais as idéias e isto provocou uma transformação no panorama da realização em Super8, onde podemos notar uma preocupação maior com o conteúdo. Além disso, há muita gente que se interessou pelos aspectos técnicos, (...), como a fotografia e o som.'<sup>228</sup>



Figura 14 – Convite para o coquetel de lançamento do *VII Super Festival* do GRIFE.

No entanto, não foi essa a opinião de muitos participantes após o término da mostra. Inclusive do próprio júri oficial. Na revista *Novidades Fotoptica* número 92, a respeito do balanço geral do festival, há vários depoimentos de membros da comissão julgadora que acreditavam na queda de qualidade dos filmes nessa edição.

Dessa forma pensava José Rubens, publicitário e membro do júri, que:

<sup>228</sup> TELA novos rumos do Super8, Na. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 12 de agosto de 1979, p. 44.

(...) conta que depois de participar como jurado de três festivais, o do ano passado o convenceu de que o Super8 havia ganhado status de movimento cultural, ‘e era o cinema mais interessante que se fazia no Brasil. Não sei o que ocorreu este ano, acho que aí tem o dedo do júri prévio.’

Zé Rubens viu, neste festival, filmes em tons pesados, pseudodidáticos, comprometidos, (...) que ele não suporta nem em 35 mm, ‘o que dirá em Super8! Eu quero é ver um porra-louca berrando, ousando, mostrando coisa mais inquieta, mais vivida, de dentro e não reflexionada, pesadona e velha.’

‘(...) O Super8 é marginal ao sistema. Um cinema diletante e é só este cinema que me interessa.’<sup>229</sup>

Mesmo com o consenso geral de que o nível dos filmes havia caído, outros avanços aconteceram, como a consolidação da discussão a respeito da produção superoitista, através dos seminários. Foram discutidos temas como *a importância do cinema alternativo*, com a presença do cineasta João Batista de Andrade; *a estética e penetração do filme de curta metragem*, com o cineasta Denoy Oliveira; *o Super8 no campo audiovisual*, com o superoitista Luís London; *a distribuição paralela do Super8*, com Felipe Bacelar, do Conselho Nacional de Cineclubes<sup>230</sup>; e *as possibilidades do Super8 profissional* com Peter Urmenyi, diretor comercial do Laboratório Flick. Este laboratório havia desenvolvido uma técnica para ampliação de filmes Super8 para 16 mm, 35 mm e videotape. O que significava uma grande possibilidade de comercialização dos filmes feitos na bitola estreita.

Entretanto, uma das atividades mais esperadas do seminário foi o *encontro das associações e grupos de realizadores de cinema Super8*. Capitaneada pela ARES8 essa reunião tinha o “intuito de sistematizar a problemática comum e encaminhar soluções, estudar a criação de um órgão representativo das associações e grupos em caráter nacional (...).”<sup>231</sup>

Na verdade, esse debate foi uma prévia da articulação que já vinha tomando contornos mais definidos ao longo do ano de 1979, e que culminaria no *I Congresso*

---

<sup>229</sup> ABREU, Ana Maria de. VII Super Festival Nacional do Filme Super8. In.: Novidades Fotográfica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 92, 1979, p. 16.

<sup>230</sup> Mais informações a respeito desse tema em: ROCHA, Flavio Rogerio. Dinafilmes e o Cineclubismo: a distribuição alternativa de curtas-metragem durante a década de 1970 no Brasil. In.: Revista Domínios da Imagem. Londrina: LEDI/UUEL, ano v, n. 9, novembro de 2011, p. 83.

<sup>231</sup> CATÁLOGO VII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1979.

*Nacional de Cinema Super8* (CONSISO). Esse evento aconteceu logo na sequência do *Super Festival* em Salvador, entre os dias 24 a 30 de setembro.

Essa movimentação, mais coordenada dos superoitistas, se deveu muito a exclusão da participação da produção superoitista nas *Jornadas de Curta-metragem da Bahia*, a partir de 1979. Essa situação gerou inúmeras manifestações de realizadores nordestinos, acusando o coordenador da mostra, Guido Araújo, de entregar seu evento aos cineastas profissionais, em 16 mm e 35 mm, de São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo Celso Marconi, superoitista pernambucano:

Numa atitude unilateral, sem ouvir as partes interessadas, o Sr. Guido Araújo resolveu retirar da jornada a participação dos filmes Super8. E isso foi na verdade uma entrega total da Jornada aos profissionais do Rio e São Paulo que consideram que o Super8 atrapalha seus interesses comerciais.

O Sr. Guido Araújo, de origens democráticas, preferiu se ligar aos profissionais do Sul à apoiar um movimento mais amplo e mais cultural com a bitola do Super8. E preferiu ligar-se aos sulistas à apoiar o próprio pessoal baiano que faz cinema.<sup>232</sup>

A respeito desse mesmo acontecimento Jean-Claude Bernardet escreve um artigo na revista *Filme Cultura*, criticando o evento. Segundo ele:

Esta jornada que sistematicamente emite palavras favoráveis à descentralização cultural e à regionalização (...), ao eliminar o Super8, eliminou a quase totalidade da produção nordestina (...) dos filmes vivos, polêmicos, criativos que se fazem no caráter técnico (questão de bitola), a Jornada assumiu de fato uma posição de política cultural que contribui para a marginalização cultural do Nordeste.<sup>233</sup>

Retomando, o CONSISO contou com uma mostra competitiva de filmes inéditos, uma mostra de filmes premiados e uma mostra dedicada a filmes sobre crianças. Também aconteceram palestras e debates. O intuito era reunir o maior número de pessoas envolvidas com realização, crítica, ensino e exibição de filmes Super8. Nessa oportunidade foram discutidas diversas problemáticas envolvendo a bitola, contando com muitas associações ligadas à realização superoitista, entre elas a

---

<sup>232</sup> SPENCER, Fernando. Jornada expulsa Super8, mas Festival de Recife o socorre. In.: Diário de Pernambuco. Viver. Recife, 8 de junho de 1979, s/ p.

<sup>233</sup> BERNARDET, Jean-Claude. A Jornada Degolou o Palhaço. In.: Filme Cultura. Rio de Janeiro: Embrafilme, n. 34, 1979, p. 20.

*AGACINE*, do Rio Grande do Sul; a *ABAF*, do Rio de Janeiro; a *ECAJA* Filmes, do Acre; a *ABACI* da Bahia; e a *ARES8*, de São Paulo. Essas entidades reunidas elaboram um documento que levantava: “um série de considerações (...) quanto aos festivais e mostras, a profissionalização dos realizadores e a política estatal de cultural.” Assim, procurando estabelecer: “que os realizadores de filmes Super8 unidos (...) poderão produzir (...) um cinema brasileiro livre, partindo dos referências populares de cultura num questionamento contínuo do próprio cinema e da realidade brasileira.”<sup>234</sup>

Levando em consideração as inúmeras críticas levantadas a respeito dos certames, os participantes do CONSISO propuseram principalmente: “Que os festivais sejam transformados em mostras abertas (...), realizados em caráter não competitivo sem pré-seleção (...) e que as verbas destinadas à premiação seja [sic] distribuídas equitativamente entre os participantes na forma de incentivo(…).” A respeito da profissionalização, eles apontaram: “Que as associações de realizadores, em cada Estado, encaminhem a luta pela profissionalização dos cineastas da bitola, (...) reivindicuem a ocupação de espaços da TV, criem salas permanentes (...), distribuam filmes (...).”

Sobre as políticas estatais de cultura, reivindicavam que:

(Embrafilme, Funarte, etc.) subvencionem sem interferência no processo decisório dos cineastas: 1 (...) cursos de formação (...); 2 Realização de filmes (...); 3 Formação de oficinas de criação cinematográfica (...); 4 (...) copiagem de filmes (...) e verba de incentivo (...).<sup>235</sup>

Além disso, aventava uma maior articulação entre as diversas associações de produtores na bitola Super8.

A respeito das críticas direcionadas à realização das mostras dedicadas ao Super8, Abrão Berman faz um desabafo após a realização do sétimo festival. Na já mencionada reportagem da revista *Novidades Fotóptica* número 92, com o subtítulo *Dirigir um festival é uma barra*, ele disse:

A tarefa de dirigir um festival de cinema é o que se poderia chamar uma barra. Impossível deixar de sentir na pele seus aspectos positivos

---

<sup>234</sup> LEMOS JR., Hélio. Luz-Super8-Ação. In.: Photo Câmera. Rio de Janeiro, v.1, n.4, dezembro de 1979, p. 16.

<sup>235</sup> *Ibidem*.

e negativos que mexem com a cuca, os nervos e o coração da gente. Desde o I Super Festival, em 73, sempre enfrentei todo o tipo de problemas.

Uma vez por causa dos discutíveis resultados da premiação do júri, outra vez por falhas técnicas na projeção (...), ou ainda, pelos ataques de realizadores descontentes.<sup>236</sup>

Todavia, nessa edição do evento ele reconheceu que:

(...) pela primeira vez, surgiu a verdadeira gratificação: tudo foi desenvolvido conforme, não houve qualquer tipo de falha técnica e nenhum incidente. A tentativa de correção de erros anteriores e a aplicação das sugestões construtivas vindas dos realizadores e membros do júri resultaram num Festival tranqüilo.<sup>237</sup>

O único incidente, que em comparação aos festivais anteriores não foi tão significativo, está relacionado à premiação dos filmes. Na verdade, muitos realizadores experientes, mesmo premiados, sentiram-se desprestigiados por acharem que o júri estava valorizando o trabalho de superoitistas mais incipientes. E essa também foi a leitura dos próprios realizadores novos como é possível verificar no seguinte trecho: “Quando recebeu o prêmio de melhor animação, Geraldo (Mello) declarou publicamente que temia ter sido beneficiado pelo fato do júri ter achado que outros concorrentes eram profissionais demais para competir (...)”<sup>238</sup>

Comentário relacionado vem de Flavio Del Carlo, realizador que já havia participado de várias edições do Super Festival, na categoria de animação. Ele disse:

Acho um absurdo quem acha que meus filmes são profissionais. Trabalho numa máquina (...) cheia de esparadrapo que eu mesmo inventei. O júri vive reclamando que o nível dos filmes é baixo, e quando aparece algo melhor eles usam de paternalismo e deixam o cara de lado alegando que já está com a fama feita.<sup>239</sup>

---

<sup>236</sup> BERMAN *apud* ABREU, Ana Maria de. VII Super Festival Nacional do Filme Super8. In.: Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 92, 1979, p. 18.

<sup>237</sup> *Ibidem.*

<sup>238</sup> ABREU, Ana Maria de. VII Super Festival Nacional do Filme Super8. In.: Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 92, 1979, p. 18.

<sup>239</sup> DEL CARLO *apud* ABREU, Ana Maria de. VII Super Festival Nacional do Filme Super8. In.: Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 92, 1979, p. 18.

No último dia do festival, após exaustiva reunião, o júri oficial decide premiar os seguintes filmes: melhor filme do festival: *Danielle, Carnaval e Cinzas* (José Augusto Iwersen), melhor filme do júri popular: *O Eterno Adeus* (Louis Chilson); melhor ficção/enredo: *O Eterno Adeus* (Louis Chilson); melhor documentário: empate entre *Taipa* (José Márcio Passos e Benvau Fon) e *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* (Moysés Baumstein); melhor experimental: *Arquitetura da Mentira* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor animação: *Tangram* (Geraldo Mello e Carmem Carvalho); melhor humor: empate entre *No Fim, Todos Acabam Dormindo* (Isay Weinfeld e Márcio Kogan) e *Cleópatra* (Marcos Bertoni, Luiz Lacanna e Sérgio Mancini); melhor fotografia: *Loco-Brek* (Claudio Leone); melhor trilha sonora: *Primavera de Praga* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti). Os prêmios foram dados em troféus e equipamentos cinematográficos, sendo que o melhor filme do festival e o melhor filme do júri popular dividiram o Prêmio Embrafilme, levando cada um Cr\$ 25.000,00.<sup>240</sup>

A categoria didático não teve vencedor por decisão do júri, que resolveu premiar dois filmes da categoria humor. Pela primeira vez na história dos *Super Festivais* um filme de fora de São Paulo capital vence a principal categoria e de quebra leva o prêmio mais impactante até aquele momento, um contrato de produção de um filme oferecido pela Kodak. O filme do curitibano José Augusto Iwersen causou um *frisson* muito grande entre os participantes do certame e rendeu comentários favoráveis na imprensa.

De acordo com o crítico de cinema Rubens Ewald Filho:

(...) o prêmio de melhor filme do Festival foi merecidamente para 'Danielle, Carnaval e Cinza' (...). 'Danielle' é um travesti que a fita acompanha em seu cotidiano e na sua tentativa bem sucedida de ganhar o desfile de fantasias do Baile de Enxutos do Clube Operário. Um documento corajoso, desmitificando o falso brilho do travestismo para revelar o lado mais patético e humano de sua vida. A idéia certamente não é nova (...), mas a fita tem um impacto inegável, principalmente quando Danielle apresenta seu 'marido', com quem vive há muitos anos. Novamente a conclusão se impõem (sic): 'Danielle' é, com todas as limitações da técnicas do Super8, um

---

<sup>240</sup> EWALD FILHO, Rubens. Humor, o maior premiado no Festival de Super8. In.: O Estado de São Paulo. São Paulo, 19 de agosto de 1979, p. 49.

filme muito superior ao que se assiste por aí em matéria de curta-metragem.<sup>241</sup>

José Augusto Iwersen não compareceu ao dia da premiação, deixando de lado a badalação e um mistério sobre si mesmo. Todavia, neste caso o prêmio que deveria ser o mais importante até aquele momento no festival, o contrato para a realização de um filme, acabou não se concretizando. Em 1981, mais de um ano depois do dito prêmio, o filme ainda não havia sido realizado, nem a Kodak tinha dado uma resposta à altura ao realizador. Em carta endereçada a José Contreras Russo, representante da empresa, e com cópia enviada para Abrão Berman, José Iwersen relata: (Anexo 27)

Desde o momento em que recebi a notícia da premiação no Super Festival Nacional de Cinema Super8 de 1979, procurei imediatamente contato com V. Sa., observando logo de início que nem um plano havia sido esboçado pela Kodak com referência à citada premiação, isto é (...), os srs. não tinham absolutamente pensado no que constituiria o ‘Contrato Profissional’ oferecido.

(...) havia ido ao Morumbi cerca de 4 vezes sem qualquer ajuda, mas sim porque repito tinha grande interesse na realização do filme-prêmio, como profissional.

Não voltei a São Paulo (...) (porque) não tinha nada, mas nada mesmo, até o momento, bem como até o final de nossos contatos, escrito – isto é – o falado prêmio ‘Contrato Profissional’ estava totalmente ‘no ar’. Não sabia da aprovação de meu plano, muito menos do orçamento pedido e não podia assim continuar pois como bem sabe Abrão Berman, sou realmente um profissional que vive com o Super8 e do Super8, o que já não é fácil. Na verdade estava deixando outros contratos, assinados e sacramentados, friso bem, para me lançar quase a uma aventura, sem saber o que ganharia e quanto ganharia.

(...) o tempo passou e foi ficando, restando, isto sim um prejuízo de cerca de 20 mil cruzeiros, entre hotéis, idas a São Paulo, etc.

(...) se culpo algo, culpo sim à estrutura que não foi montada pela Kodak, na época certa, para atendimento ao prêmio. Espero que os amigos vencedores deste ano, tenham melhor sorte. Atenciosamente... José Augusto Iwersen.<sup>242</sup>

A despeito dessa questão, o *VII Super Festival* havia, dentro do possível, mantido o mesmo padrão do ano anterior em relação à sua estrutura e

---

<sup>241</sup> *Ibidem*.

<sup>242</sup> IWERSEN, José Augusto. Carta endereçada a José Contreras Russo/Kodak. Curitiba, 04 de janeiro de 1981.

representatividade. No entanto, um dos intuitos almejados por Abrão Berman não havia se concretizado, a transformação do certame em mostra internacional. Por esse motivo, a convite do governo dos Estados Unidos da América, ele parte em viagem de cerca de trinta dias para conhecer a produção norte americana e divulgar os filmes brasileiros. Segundo ele: “Vou procurar principalmente (...) iniciar um intercâmbio mais intenso de realizações, visando também a dar o primeiros passos para transformar o Superfestival (...) numa mostra internacional já a partir de 1980.”<sup>243</sup> Viagem que acabou rendendo vários contatos e uma maior presença estrangeira, já para a próxima edição do festival.

---

<sup>243</sup> BERMAN *apud* ABRÃO nos States. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 94, 1979, p. 12.

### 3.3 – VIII Super Festival – o “papa do Super8” norte-americano, e o desabastecimento de insumos Super8

O *VIII Super Festival* inicia um ciclo de decadência da mostra, que vai se acentuar ao logo dos anos de forma irremediável. Apesar de manter sua estrutura, que marcava a nova fase do certame desde o sexto festival em 1978, e inclusive sendo ampliado em alguns pontos ao longo das próximas edições, certos acontecimentos vão começar a dar o tom pessimista à produção superoitista brasileira, nesse quase início de nova década.

O que reaparece, nesse ano de 1980, é o fantasma do desabastecimento de insumos, que já vinha se prenunciado desde 1976 com as medidas tomadas pela CACEX e posteriormente revogadas no ano seguinte. Mesmo com o encarecimento do material para a realização de filmes Super8, desde aquelas primeiras medidas proibitivas, ainda era possível produzir. Todavia, de forma velada, novos empecilhos estavam surgindo de forma a deixar bastante temerosos os realizadores. Por este motivo, Abrão Berman lança nas primeiras páginas do catálogo do oitavo festival uma carta aberta, praticamente um manifesto, direcionado a Celso Amorim, o então diretor geral da Embrafilme. Na carta havia uma solicitação veementemente para que o órgão estatal fizesse uma intervenção para sanar essa situação. (Anexo 28)

Nas palavras de Abrão:

Tomo a liberdade de dirigir-me ao senhor (Celso Amorim) através do programa do VIII Super Festival (...), conhecendo (...) sua acessibilidade e seu esforço contínuo, (...), em oferecer o maior estímulo possível ao cinema brasileiro de forma geral.

Na verdade, confesso, eu pretendia utilizar este espaço para escrever um prefácio exaltando a contínua elevação de nível técnico e artístico da produção independente da bitola estreita em Super8 (...).

Porém, no momento de maior entusiasmo, quando a programação dos filmes deste festival já estava organizada, (...), tomei conhecimento de notícias sombrias que começam a pairar sobre todo este movimento. (...)

Fui informado por diversos importadores que, embora esteja legalmente liberada a importação de equipamentos de cinema Super8, existem instruções internas no Banco do Brasil, proibindo a emissão de licença de importação de filmadoras, projetores e editores. (...)

Agora, caso sejam verdadeiras as notícias que o Super8 não poderá mais ser importado, pergunto-me o que será do futuro do cinema independente. Sem similar nacional, a proibição acabará estimulando o contrabando e a entrada ilegal no país por preços que se tornarão verdadeiramente um absurdo. (...)

Sr. Celso Amorim, em nome de todos os cineastas amadores e profissionais, de todos os professores de cinema e organizadores de festivais, de todos aqueles, enfim, que estão envolvidos pelo cinema de bitola estreita por paixão, peço-lhe que interfira até onde lhe for permitido. (...) Entretanto, caso nada seja possível de ser feito e o bloqueio for mantido, seguramente este será nosso último festival. E o começo do fim de uma de nossas poucas manifestações artísticas genuinamente brasileiras. Atenciosamente, Abrão Berman.<sup>244</sup>

Outro assunto que tomaria as páginas dos jornais e das revistas especializadas, e que deixaria melindrados muitos superoitistas, é o anúncio da entrada no mercado brasileiro da tecnologia do vídeo. Essas reportagens que traziam proféticos diagnósticos *da morte prematura do Super8*, no mais das vezes, eram prontamente rebatidas pelos partidários da bitola. Carlos Sampaio, superoitista que tinha uma coluna regular na revista *IrisFoto*, durante o ano de 1980 lançou diversas matérias em defesa do cinema Super8.

De acordo com ele:

(...) jornalistas mal informados e buscando sensacionalismo andaram publicando matérias metafísicas, anunciando a morte prematura do Super8. (...) é sabido que até hoje está existindo a maior briga entre os fabricantes de videocassete, que não encontram um sistema padrão para desenvolver, (...) É simplesmente ridícula a afirmação a respeito da morte do Super8 em benefício ao vídeo.<sup>245</sup>

Muitas dessas matérias, também enumeravam as diversas vantagens da tecnologia do Super8 frente ao vídeo, advogando a respeito da péssima qualidade da imagem eletrônica frente a base fotoquímica e falando que era: “quase impossível editar em videocassete, a não ser para quem tenha formação (...) profissional, e que, (...) tenha muito dinheiro para investir num mixer ou editor eletrônico (...).”<sup>246</sup>

---

<sup>244</sup> BERMAN, Abrão. Carta aberta ao Sr. Celso Amorim – diretor geral da Embrafilme. In.: CATÁLOGO VIII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1980, p. 3.

<sup>245</sup> SAMPAIO, Carlos. Uma bitola que veio para ficar e vencer. In.: *IrisFoto*. São Paulo, n. 324, p. 80 – 81, 1980.

<sup>246</sup> *Ibidem*.

Apesar do clima adverso em relação ao futuro do Super8, acontecimentos importantes ocorreram durante a realização do *VIII Super Festival*, como, por exemplo, a vinda de Lenny Lipton para a mostra. Lipton era considerado o *papa do Super8* nos Estados Unidos, assim como Abrão era no Brasil. Eles se encontraram quando Abrão havia ido para a América do Norte, meses antes, conhecer a movimentação superoitista por lá. Lipton, além de reconhecido realizador independente em 16 mm e Super8, era editor da revista *Super8Filmmaking*, importante meio de comunicação estadunidense dedicado à bitola.

Lipton tinha uma impressão diferente em relação ao embate entre o Super8 e vídeo. Na verdade, considerava uma aliança importante, pois achava que o meio eletrônico era “um ótimo aliado na guerra pela distribuição.” Além disso:

Nos EUA (...) já ofereceram tradução de S8 para vídeo, por um quarto do custo de uma cópia (Super8), e em qualidade excelente (...). (...) os vídeo-tapes (...) são formas que só ajudarão o crescimento do cinema em geral.<sup>247</sup>

Apesar de ainda, nesta edição, não ter sido possível transformar o festival em evento internacional, a vinda dele representou um passo a mais nessa direção.

Entretanto, a impressão de Abrão Berman a respeito da movimentação superoitista norte americana não foi a esperada. Em sua estadia nos Estados Unidos, ele participou do *10º Festival Super8 de Ann Arbor*, o mais antigo e tradicional daquele país. Com o que pode constatar, a dimensão deste certame em relação aos Super Festivais era de uma disparidade enorme. Média de 200 pessoas por sessão a cada dia, nas duas datas do evento. Segundo ele relata: “(...) ficou parecendo uma mostra privada, sem repercussão, sem vibração e sem paixão.” A realidade é que o cinema amador naquele país era desenvolvido em 16 mm, dadas as condições de acesso aos materiais, ficando o Super8 relegado ao amadorismo estrito. Para finalizar Abrão revela que: “Mesmo a TV, que nos anos 70 começou a empregar bem o S8 em jornalismo, hoje já

---

<sup>247</sup> FESTA anual do Super8, A. Novidades Fotóptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 97, 1980, p. 66.

foi para o videotape.” Mais um indício de que os paradigmas do que ele entendia por produção independente estavam para mudar.<sup>248</sup>

Ainda no campo internacional, a produção superoitista brasileira seguia e começava a ganhar reconhecimento fora do país. Uma quantidade razoável de realizadores começava a participar de certames fora do Brasil, com alguns sendo premiados. Filmes de realizadores brasileiros foram enviados para o festival de curta-metragem da *Filmewerkschau Bayern*, na Alemanha. Além disso, Marcos Craveiro, superoitista da cidade de Campinas, havia ganhado pelo terceiro ano prêmio no concurso inglês *S8 Ten Best Competition*, com sua obra *Adam*, feito em colaboração com o sulafricano John Delport. Este Festival era considerado o mais importante da Inglaterra dedicado à bitola.<sup>249</sup>

Entretanto, a sala de exibição de filmes Super8, iniciada no ano anterior no Café Teatro Opus 2004 não teve continuidade em 1980. Apesar disso, havia muito interesse em sua permanência. Inclusive, em reportagem na revista *Novidades Fotoptica* número 94, a respeito do encerramento do concurso que transcorreu o ano de 1979 inteiro, dizia-se que:

Para 80, o II Concurso deverá trazer algumas modificações. Para a escolha dos melhores filmes haverá, em cada sessão, um júri especial, além de um popular. Continuarão a participar filmes de tema livre (...). E, finalmente, sua realização será em outro local, até o momento não determinado.<sup>250</sup>

Mas, em compensação Abrão Berman promoveu, entre os dias 17 e 24 de julho, um outro evento que serviu de preaquecimento para o *Super Festival*. O *Showper8*, ou *Super8 com pão* como se veiculou na época, foi um festival de filmes Super8 com discussões sobre a importância da bitola como veículo de comunicação. A mostra, patrocinada pela FUNARTE, foi concorrida e contou com a presença de diversos cineasta reconhecidos como Walter Lima Jr., Sylvio Back, Francisco Ramalho

---

<sup>248</sup> BERMAN, Abrão. Decepção e paixão no Super8 americano. In.: *Novidades Fotoptica*. São Paulo, N. 95, 1980, p. 65 – 66.

<sup>249</sup> S8 do Brasil premiado na Inglaterra. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 95, 1980, p. 07.

<sup>250</sup> ENCERRAMENTO: 1 ° Concurso Anual de Super8. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 94, 1979, p. 14.

Jr. e Roberto Palmari. De acordo com o *Jornal da Tarde* de 9 de junho de 1980: “Berman pretende que esse encontro seja informal, numa mistura de aula sobre cinema, palestras e projeção de filmes, onde o público pode participar com seus depoimentos pessoais. Haverá até distribuição de prêmios.”<sup>251</sup>

Em relação ao *Super Festival* de 1980, continuou com o patrocínio das Lojas Fotográfica, da Kodak, da Embrafilme, Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, do MEC-FUNARTE, e agora agregando também o Cineclube CAAE.<sup>252</sup> O evento aconteceu entre os dias 4 e 9 de agosto, e por contar com esse último apoiador, foi realizado no auditório da Fundação Getúlio Vargas, mudando mais uma vez de endereço.

Para esta edição foram inscritos 97 filmes, sendo que o júri prévio acabou escolhendo 41 obras. Da mesma forma que no festival passado, não há informações sobre o local da totalidade dos filmes. Todavia, em relação aos escolhidos foram 20 de São Paulo (capital), um de Santo André (interior paulista), um de Campinas (interior paulista), nove filmes do Paraná, cinco do Rio de Janeiro, dois da Bahia, dois de Minas Gerais e um de Alagoas. Isto totaliza 29 filmes da região sudeste, nove da região sul e três do nordeste. Em relação as categorias, foram 12 ficções, nove documentários, nove animações, seis experimentais e cinco didáticos.<sup>253</sup>

Pelo terceiro ano consecutivo aconteceu o seminário de discussões sobre assuntos relacionados ao Super8, e pelo segundo ano a mostra internacional e a mostra paralela de filmes não selecionados pelo concurso.

Havia entre os participantes do festival, e principalmente do júri oficial, o consenso de que as qualidades dos filmes em todas as categorias tinham decaído em relação à edição passada, da mesma forma como havia acontecido no ano anterior. Por esse motivo muitos se questionavam em relação a ausência de realizadores reconhecidos que não inscreveram filmes para esse ano, como Flavio Del Carlo e Moysés Baunstein.

---

<sup>251</sup> CINEASTAS do Super8 preparem-se: vem aí um festival. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 9 de junho de 1980, p. 25.

<sup>252</sup> Não foi possível localizar o significado da sigla CAAE (cineclube ligado a Fundação Getúlio Vargas) nos documentos pesquisados.

<sup>253</sup> Mais informações podem ser encontradas no anexo 28, *Catálogo do VIII Super Festival Nacional do Filme Super8 mm*.

É o que se pode constatar em reportagem de Ricardo Porto de Almeida, no jornal *O Estado de São Paulo*, sobre o balanço do *VIII Super Festival*:

Um fato porém, se destaca no movimento superoitista. A cada festival, novos realizadores comparecem com suas produções, o que evidencia a difusão da bitola entre os aficcionados do cinema. Sem participação de cineastas premiados nos primeiros festivais, o de agora serviu pelo menos, como confirma Henrique Macedo Neto, diretor da Fotoptica, 'para dar oportunidade aos mais novos'.<sup>254</sup>



Figura 15 – Convite do *VIII Super Festival* do GRIFE.

Outro fator que foi sentido em relação a essa edição está relacionado à apatia geral do público, que apesar de comparecer em peso ao enorme auditório da Fundação Getúlio Vargas, não se manifestou da mesma forma como nos anos anteriores. Nem vaias, nem aplausos e muito menos torcidas organizadas.

Abrão Berman, a respeito, disse: “Acho que o público esse ano participou de maneira mais respeitosa, provavelmente porque o nível dos filmes em termos gerais foi mais claro, numa forma que ele está acostumado a ver no cinema profissional.”<sup>255</sup> Ou seja, mais um indício de que a ousadia ficou de fora das preocupações da maioria dos realizadores.

<sup>254</sup> ALMEIDA, Ricardo Porto de. Festival Super8: em discussão os rumos da produção independente. In.: *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 10 de agosto de 1980, p. 39.

<sup>255</sup> BERMAN *apud* FESTA anual do Super8, A. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 97, 1980, p. 65.

Os debates do seminário tiveram uma redução no número de dias dentro da programação do festival, ficando acomodados em três datas apenas, tendo como tema principal os *caminhos e problemas da divulgação do Super8*. No dia 7 de agosto, foram discutidos *o superoitista e sua posição como realizador independente*, com exposição do próprio Abrão Berman; e *os novos rumos da ARES8*, proferido por Renato Bulcão, presidente da associação. Como sinal dos novos tempos, no dia 8 as discussões foram em torno do *Super8 e o videotape*, com apresentação de Helena da Cunha Bueno e Adelino dos Santos Abreu, professores e técnicos especializados nessa nova tecnologia. Entre outras coisas, compararam o vídeo com o cinema em geral, e particularmente o Super8, e apresentaram as áreas de uso desse meio eletrônico. No dia 9, Lenny Lipton apresentou seus filmes e conversou com os participantes do evento sobre *o movimento Super8 nos Estados Unidos*.

Em meio ao clima de crise instalado, advindo da possibilidade da escassez de insumos para produção superoitista e da entrada da tecnologia do vídeo, muitas pessoas apontavam a via didática como solução para os realizadores de filmes Super8. Tendência que ganhava a cada ano mais adeptos e que era reforçada pelos já citados festivais direcionados, como os de Educação de Trânsito (São Paulo), o de filmes Esportivos (São Paulo), e o de Agricultura Irrigada (Fortaleza). Além desses, o concurso promovido pelo programa *Ação Super8*, que não era exatamente didático, mas direcionado para temáticas de filmes de família retratando crianças, chamado Corujas. Nesse ano o programa lança, também, um concurso sobre *bichinhos de estimação*, nos mesmo moldes. Surge o também o *Concurso Nacional de Prevenção de Acidentes Infantis*, promovido pelo Sociedade Pediátrica de São Paulo.

Nesse sentido, Francisco Conte, superoitista premiado, no catálogo dessa edição do festival assina um artigo que advoga em favor da prática de filmes didáticos intitulado *Cinema educativo – Uma opção para o Super8*. Nele Francisco diz, entre outras coisa, que: “o Super8 (...) poderia ser bastante útil ao Cinema Educativo. Pelo porte de seu equipamento e leveza de seus equipamentos, (...) (sendo) facilmente projetável em qualquer ambiente.” Além disso: “(...) o Cinema Educativo é um campo

inexplorado entre nós, e se nos apresenta como mais uma opção para os cineastas brasileiros, em especial os superoitistas.”<sup>256</sup>

A respeito do regulamento dessa edição do *Super Festival* não aconteceram mudanças significativas. Em relação a incidentes durante o evento, o problema mais sentido foram contratempos com a projeção dos filmes, já que o auditório da Fundação Getúlio Vargas tinha dimensões muito grandes. A cabine de projeção acabou ficando muito longe da tela de exibição, acarretando em uma diminuição da luminosidade das projeções e maior granulação das películas. O som também ficou prejudicado tornando diálogos de algumas obras inaudíveis. Isto gerou muitas críticas à organização do festival, já que o júri oficial não poderia avaliar os concorrentes de forma correta e justa, de acordo com muitos realizadores.<sup>257</sup>

Por conta do nível abaixo do esperado da maior parte dos filmes concorrentes: “Quem sofreu muito neste festival foi o júri, incumbido que estava de descobrir o melhorzinho em cada categoria.”<sup>258</sup> Poucos foram as obras que chamaram a atenção nessa edição da mostra. Todavia, os que se destacaram agradaram muito a todos os participantes.

Assim, no último dia do evento o júri oficial decidiu premiar como: melhor filme do festival: *Gratia Plena* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor filme do júri popular: *Gratia Plena* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor ficção/enredo: *Claustro* (Cyro Ferraz e Tito Paez de Barros); melhor documentário: *Mané da Paz* (Celso Lück); melhor animação: *Sob Nova Direção* (Marcos Bertoni); melhor experimental: *Escura Maravilha* (Fernando Severo); melhor fotografia: *Ver para Crer* (Maria Tereza Temperini Back); melhor trilha sonora: *Gratia Plena* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor filme didático: *O Berne na Pecuária* (Jeovah Dória Gonzaga); e melhor ecológico: *Ajudem-nos Por Favor* (Adilson Pontes).<sup>259</sup>

---

<sup>256</sup> CONTE, Francisco. Cinema educativo: Uma opção para o Super8. In.: CATÁLOGO VIII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1980, p. 21.

<sup>257</sup> FESTA anual do Super8, A. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 97, 1980, p. 64 – 66.

<sup>258</sup> *Ibidem*, 64.

<sup>259</sup> *Ibidem*, 66.

Pela primeira vez desde que o júri popular havia sido estabelecido, em 1975, um filme foi escolhido por ambas as comissões julgadoras como o melhor. *Gratia Plena*, de Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti, foi aclamado quase que unanimemente por todos que haviam participado do festival, ganhando ainda o prêmio de melhor trilha sonora. Tanto foi o destaque deste filme em relação aos demais concorrentes que Rubens Ewald Filho, presidente do júri oficial, o: “(...) classificou como (...) ‘único filme de alta qualidade a justificar todo um festival (...)’.”<sup>260</sup>

De acordo com crítico de cinema Moacyr Passos, o filme: “retrata a história de uma freira em seu cotidiano angustiante, onde ela tenta libertar-se de seus problemas interiores, vivendo as contradições com a vida religiosa e os anseios de liberdade espiritual.” Além disso, segundo ele: “**Gratia Plena** deveria ter ganhado diversos prêmios, como afirmou a crítica, porém, para o incentivo aos novos realizadores, acabou ficando com somente mais uma premiação: a de melhor trilha sonora.”<sup>261</sup>

Os realizadores, Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti, que já haviam ganhado, na sexta edição do festival (1978), a categoria de melhor filme com *Ovo de Colombo (Caravelas)*, a partir desse ano vão demarcar uma hegemonia que irá perdurar quase até o final do certame.

Todavia, as decisões do júri oficial não ficaram sem contestações. O fato é que entre os concorrentes dessa edição do certame havia muitos filmes que tocavam no tema da ecologia, e poucos que tinham um tom humorístico. Por esse motivo a comissão julgadora decide transferir o prêmio de melhor filme de humor para melhor ecológico. Essa situação gerou um grande descontentamento entre realizadores e o público.

Assim:

A indignação do público foi traduzida em vaias e, em atitude corajosa, Marcos Arruda Bertoni, quando recebia o prêmio por ‘melhor animação’ (Sob Nova Direção), utilizou o microfone pra colocar em palavras o protesto pela decisão. Foi o delírio. Todos se sentiram como se estivessem em plena entrega do Oscar.<sup>262</sup>

---

<sup>260</sup> *Ibidem*, 64.

<sup>261</sup> PASSOS, Moacyr A. S. *Gratia Plena*, o grande vencedor. In.: Em Cartaz. São Paulo, v. 1, n. 5, setembro de 1980, p. 9.

<sup>262</sup> FESTA anual do Super8, A. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 97, 1980, p. 66.

Dessa forma acabava mais um *Super Festival*, com polêmica, clima de festa, mas com muitas pessoas preocupadas com os rumos que produção superoitista iria tomar, dada as condições desenhadas nesse ano.

Para finalizar, acredito ser importante destacar as impressões de Lenny Lipton, que além de São Paulo, passou também em Caracas, Venezuela, no *Festival Internacional de Cine de Vanguardia en Super8*. A respeito dessas experiências ele relata:

The enthusiasm of the people in São Paulo and Caracas has stayed with me. I'm not Just talking about the filmmakers! The audiences! There are large and devoted audiences for Super8 films in bouth these cities. We simply don't have anythig like this in the United States. I Wonder why...<sup>263</sup>

---

<sup>263</sup> LIPTON, Lenny. The Pope of Super8. In.: Super8 Filmmaker. San Francisco, v. 8, n. 8., dezembro de 1980, p. 37.

### 3.4 – IX Super Festival - “ainda em clima de restrições”, mas o nível geral das produções sobe

Em 1981 o ambiente continuava adverso para a produção superoitista, surgindo novos empecilhos, fechando-se portas e perdendo-se espaços que já estavam consolidados. Os apelos feitos no ano anterior pela liberação das importações não haviam surtido efeito. É o que podemos verificar no editorial do catálogo da nona mostra, sob o título *Ainda clima de restrições no IX Festival*, no qual Abrão Berman diz:

No programa do (VIII) festival, na primeira página, uma carta aberta dirigida a Celso Amorim, (...) fazia justamente um apelo para que ele interferisse junto ao Ministério da Fazenda e da CACEX para que a proibição de importação do equipamento Super8 fosse suspensa. A carta não teve resposta até hoje. E a proibição continua em vigor.<sup>264</sup>

Entretanto, não era somente o acesso aos insumos que estavam apresentando problema. No primeiro semestre do referido ano o programa de televisão *Ação Super8* havia sido descontinuado, extinguindo-se importante canal de comunicação para os realizadores superoitistas. No mesmo editorial, Abrão se lamenta dizendo:

E na seqüência de prejuízos, o movimento perdeu mais um lance: em maio passado a TV-Cultura tirou do ar, depois de 6 anos, o programa *Ação Super8*. O único do gênero na América do Sul, o único a abrir uma janela para o cinema independente, o único a permitir uma grande participação do espectador. As razões permanecem tão nebulosas quanto as próprias decisões da CACEX.<sup>265</sup>

Além dessas questões, a penetração do vídeo demonstrava-se cada vez mais presente e deixava os superoitistas ainda mais apreensivos com a nova situação que estava se desenhando. O ano de 1981 marca definitivamente a entrada da tecnologia do vídeo no mercado nacional, anunciando a fabricação do primeiro equipamento semiprofissional em território brasileiro. Direcionado ao uso institucional – empresas, universidades, etc. – e visando um mercado consumidor ainda inexplorado e com um

---

<sup>264</sup> BERMAN, Abrão. Ainda clima de restrições no IX Festival. In.: CATÁLOGO IX SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1981, p. 3.

<sup>265</sup> *Ibidem*.

grande potencial, a empresa japonesa Sony anunciava a primeira fábrica na América Latina a produzir sua linha de equipamentos, constituído de uma câmera, um monitor e um reproduutor em dois modelos. Um só com a opção de reproduzir fitas e outro, também, com a opção de gravação.

De acordo com a revista *Novidades Fotoptica* número 100:

Os motivos que estão na origem do primeiro vídeo-cassete brasileiro, produzido numa indústria de 7500 m<sup>2</sup>, em Curitiba, são simples. (...), tudo começou com um convite feito à Sony pelo então Ministro das Comunicações, Quandt de Oliveira. Um de seus planos para interiorização da rede brasileira de televisão que previa o uso desse equipamento agora lançado. (...) Com um sistema de vídeo-cassete semi-profissional o custo seria baixíssimo. (...)

Com esse plano, é claro que o convite era mais que oportuno e a Sony não vacilou. Desde setembro já está produzindo em Curitiba o aparelho.<sup>266</sup>

Como reflexo dessa nova situação até mesmo o Centro de Formação de Cineastas do GRIFE passa, a partir desse ano, a ministrar aulas de realização em vídeo. No próprio catálogo da mostra havia um anúncio em que se fazia propaganda desse novo curso, junto ao de Super8. (Anexo 29)

Curso básico de cinema Super8 e videotape-videocassete

\* Curso de videotape-videocassete

- 12 aulas de 2 horas cada, 2 vezes por semana

- teoria e exercícios práticos

- apostila

- entrega de certificado

\* Curso Super8

- 24 aulas de 2 horas cada, 2 vezes por semana

- teoria e exercícios práticos

- apostila

---

<sup>266</sup> OLIVEIRA, Moracy R. de. O vídeo-cassete chega, oficialmente, ao Brasil. In.: *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 100, 1981, p. 56.

- entrega de certificado<sup>267</sup>

Como é possível observar, o curso de Super8 tinha o dobro da carga horária prevista para o de vídeo, ficando patente a preferência de Abrão Berman pelo meio fotoquímico. Mas nesse cenário, até mesmo o nome da empresa muda no decorrer do ano, passando a ser chamado de GRIFE Vídeo *Ação Super8*. Prova da tentativa de readequação aos novos rearranjos do mercado áudio visual no período.

Mas nem tudo ia mal em relação à produção brasileira de filmes Super8. Crescia cada vez mais a projeção dos superoitistas fora do país.

No já citado editorial do catálogo da mostra, Abrão diz:

Enquanto vamos sentindo o fechamento de todas as portas possíveis, as fronteiras para a divulgação de nosso Super8 no estrangeiro vai aumentado. Em março passado fui convidado para ir ao México para falar sobre o Super8 do Brasil e mostrar o melhor da produção. Em junho para Toronto, no Canadá. Em outubro para Caracas. Como verdadeiro embaixador não deixo de sentir orgulho quando o público de outros países vibra com nossos filmes (...).<sup>268</sup>

Além disso, a dupla Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti teve diversas participações em festivais internacionais em 1980 com o filme *Gratia Plena*, o maior ganhador do *VIII Super Festival*. O obra participou do *Festival Internacional de Caracas* (Venezuela), do *Festival de Filme do Mundo de Montreal* (Canadá), e ganhou o grande prêmio do *Festival de Barcelona* (Espanha), e a medalha de prata no *Festival da União Internacional do Cinema Amador* (Hungria), em 1981. Ainda em 1981, com o filme *História Passional: Hollywood-Califórnia*, eles foram os grandes ganhadores do festival de Caracas. A dupla também fora selecionada para participar no espaço dedicado ao Super8 que seria aberto no *Festival de Cannes* (França), em 1982, com os filmes *Gratia Plena* e *Corações Marinhos*.<sup>269</sup>

---

<sup>267</sup> CATÁLOGO IX SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1981, p. 12.

<sup>268</sup> BERMAN, Abrão. Ainda clima de restrições no IX Festival. In.: CATÁLOGO IX SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1981, p. 3.

<sup>269</sup> SUPER8: os premiados no exterior, criticando a Embrafilme. O Estado de São Paulo. São Paulo, 30 de outubro de 1981, p. 12.

No 2º *Festival Internacional de Cinema Super8 de Cali* (Colômbia), dos 16 filmes brasileiros participantes, cinco foram premiados. Sendo que esse conjunto de filmes ganhou, do júri oficial mostra, uma menção honrosa, porque na opinião deles os realizadores brasileiros eram “verdadeiros inovadores na busca de uma moderna linguagem cinematográfica.”<sup>270</sup>

Assim como a participação brasileira aumentava nos festivais mundo afora, a participação estrangeira também se fazia presente no *Super Festival*. A exemplo do ano passado, quando Lenny Lipton veio para a mostra, nesse ano o venezuelano German Carreño trouxe filmes e veio participar dos debates. Ele era professor do *Taller Escuela de Cine Y Artes Visuales* de Caracas, sub-diretor da Cinemateca Nacional da Venezuela e um dos organizadores do *Festival del Nuevo Cine Super8* da Venezuela.

Segundo o texto *Super8 com visão internacional*, dentro do catálogo da mostra: “A presença de German Carreño, (...), ganha significativa importância em nosso festival. Exatamente no momento em que nos preparamos para, em 1982, durante a realização de nosso X Super Festival, promovermos nosso I Internacional.”<sup>271</sup> Esse era um sonho antigo de Abrão, em realizar uma promoção internacional, que finalmente iria se concretizar no ano seguinte.

Todavia, enquanto o próximo ano não chegava, o *IX Super Festival*, aconteceu entre os dias 27 de julho a 1º de agosto de 1981, contou novamente com o patrocínio das Lojas Fotóptica, da Embrafilme, da Kodak, do MEC-FUNARTE, e da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. A mostra voltou, mais uma vez, para o Teatro São Pedro e teve a seminário sobre assuntos relacionados ao Super8, a mostra internacional e a mostra paralela com os filmes não selecionados.

Nessa edição foram 81 filmes inscritos, sendo 30 selecionados para a mostra competitiva. Destes 21 eram de São Paulo (capital), dois de Santo André (interior paulista), um de São Bernardo do Campo (região metropolitana de São Paulo), dois do Rio de Janeiro, dois de Salvador, um de Porto Alegre e um de Maceió. Por regiões, eram 26 obras do sudeste, três do nordeste e um do sul. Em relação às categorias, eram

---

<sup>270</sup> SUPER8 ganha prêmio em Cali. Folha de São Paulo. São Paulo, 11 de dezembro de 1981, s/ p.

<sup>271</sup> CATÁLOGO IX SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1981, p. 3.

14 de ficção, oito documentários, cinco experimentais e três animações. Nenhum filme didático havia sido selecionado nesse ano.<sup>272</sup>

Um velho fantasma dos festivais, que não aparecia desde a quinta mostra em 1976, volta a se manifestar. A censura proibiu exibição de três filmes que não haviam sido selecionados e iriam para a mostra paralela. Mas, não foi possível localizar o nome dos filmes, nem o de seus realizadores nos documentos consultados.



Figura 16 – Convite do IX Super Festival do GRIFE.

Contudo, no seminário de debates, que aconteceu entre os dias 30 de julho e 1º de agosto, dois dos assuntos discutidos tangenciavam o Super8. No primeiro dia David Cardoso, cineasta e ator ligado à produção da Boca do Lixo, proferiu exposição sobre *o outro lado da pornochanchada*. O reconhecido cineasta Roberto Santos, no segundo dia de debates, falou sobre *o papel do diretor de cinema*. O único assunto diretamente relacionado ao superoitismo foi explanado pelo venezuelano German Carreño, *as experiências do longa metragem em Super8 na Venezuela*. Assunto muito relevante para grande parte dos realizadores, mas que acabou contanto com um público de apenas 40 pessoas. Carreño, entre outras coisas, falou sobre os projetos desenvolvidos por ele e sua equipe na Cinemateca Nacional da Venezuela. Entre suas principais preocupações figurava a questão do cinema educativo, sobre o qual disse:

---

<sup>272</sup> Mais informações podem ser encontradas no anexo 29, *Catálogo do IX Super Festival Nacional do Filme Super8 mm*.

“Vamos fazer produções nas escolas, liceus e universidades com uma proposição essencialmente educativa. É importante esse programa educativo, porque poucos países latino-americanos utilizam a técnica áudio-visual [sic] na educação.”<sup>273</sup>

Entre os outros projetos que estava envolvido, figuravam a implantação na cinemateca venezuelana de um centro de produção em Super8 e um programa de aquisição dos filmes produzidos pelos superoitistas. Mas o que mais chamou a atenção dos presentes foi mesmo o “projeto de se filmar em Super8, ampliar para 35 e passar em circuito comercial.”<sup>274</sup> Na verdade, essa experiência já havia dado certo com a ampliação de três películas, sendo que *Bolívar, Sinfonia Tropical*, longa-metragem de Diego Riquez, estava entre os filmes da mostra internacional. Essa obra ganhou notoriedade e chegou, inclusive, a passar na TV estatal venezuelana por ocasião da aniversário do país.

Contudo, outro longa-metragem que foi exibido de forma paralela durante o festival foi *Deu pra ti, Anos 70*, de Nelson Nadoti e Giba Assis Brasil. O filme que havia sido o grande ganhador no Festival Super8 de Gramado daquele ano, foi também uma das primeiras experiências gaúchas no formato longo em Super8. Configurou-se a partir dessa obra uma forma de produção que renderia mais filmes, público interessado, projeções com ingressos pagos e uma geração que pretendia construir um projeto de cinema em seu estado de origem.

Nesse sentido, a produção gaúcha estava cada vez mais estruturada e já nesse *Super Festival*, no catálogo da mostra, eles anunciavam sua própria sala de projeção, que acenava com a remuneração para os realizadores.

Para os que não conhecem, o Ponto de Cinema é a primeira sala de exibição comercial do Cinema Paralelo do Brasil e funciona em Porto Alegre, em caráter permanente, desde março de 1980. A sala foi criada para a exibição de filmes sem mercado comercial, quer pela bitola (Super8 e 16 mm), duração (...), ou filmes com certificado de censura vencido (...)

---

<sup>273</sup> CARREÑO *apud* BARRETO, Solange. IX Festival: uma semana só para o Super8. In.: Novidades Fotográfica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 102, 1981, p. 53.

<sup>274</sup> *Ibidem*: 54.

A filosofia do Ponto de Cinema é valorizar o cineasta amador ou profissional, garantindo a ele (...) um retorno financeiro, que é de 50% da bilheteria.<sup>275</sup>

Todavia, nesse mesmo texto eles cobravam maior proatividade dos superoitistas dizendo: “Prezados superoitistas Onde estão vocês que não os alcançamos. No ano passado, encaminhamos correspondência a cerca de 200 superoitistas de todo o Brasil, e nenhuma resposta. Cadê o ARES8, realizadores e Associações superoitistas?”<sup>276</sup>

Como é sugerido acima, esse ano marca a desestruturação da *ARES8*, que vinha sendo importante órgão de discussão e reivindicação para os realizadores brasileiros. Na verdade, a partir desta edição da mostra não mais se ouvirá falar a respeito de tal entidade. Sintoma de um cenário mais amplo que desfavorecia a produção em Super8.

Mas, não por isso os superoitistas deixaram de reivindicar mais espaço para suas produções, além de condições mais favoráveis às suas produções. Tanto é, que durante a realização do festival os realizadores reunidos lançaram um manifesto, que foi amplamente divulgado na imprensa, no qual expunham a situação pela qual a produção Super8 brasileira passava.

De acordo o jornal *O Estado de São Paulo* de 27 de julho de 1981:

Os realizadores brasileiros de Super8 divulgaram manifesto onde afirmam que o movimento ainda resiste devido ao idealismo de cada um deles e denunciam os problemas que existem em relação aos equipamentos (...). (...) concluem afirmando que, caso não haja uma política mais agressiva em defesa da bitola, talvez este seja o último festival nacional que permita o encontro dos realizadores.<sup>277</sup>

Apesar de toda essa consternação a respeito dos rumos do Super8 no Brasil, uma notícia deixaria um pouco mais esperançosos os superoitistas. A Kodak anunciava,

---

<sup>275</sup> SHIMIDT, Carlos. Ponto de Cinema. In.: CATÁLOGO IX SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1981, p. 18.

<sup>276</sup> *Ibidem*.

<sup>277</sup> FILMES de todo o Brasil no 9º Festival de Super8. O Estado de São Paulo. São Paulo, 27 de julho de 1981, s/ p.

para 1982, a construção de uma fábrica em São José dos Campos para a produção *do primeiro filme brasileiro*. Na verdade, iria se produzir apenas um tipo de filme, o Kodacolor 126 destinado a câmeras fotográficas de 35 mm. No entanto, o simples fato de a empresa se estabelecer e produzir no país já apontava perspectivas para os realizadores.

De acordo com a entrevista cedida por Gilberto Galan, então gerente de planejamento estratégico da empresa, para Moracy Oliveira na revista *Novidades Fotoptica*:

Primeiro pretendemos entrar com todos os Kodacolor, isso gradativamente. O p&b (filmes preto e branco) ainda não temos previsão, porque a conversão atual para o colorido é muito grande. Neste estágio não estamos pensando em sensibilizar esse tipo de filmes no Brasil, o que significa que eles continuarão sendo importados.<sup>278</sup>

Como é possível observar, a Kodak iria começar devagar sua produção, e inclusive continuaria importando filmes preto e branco para fotografia. Contudo, para boa parte dos superoitistas a simples existência da fábrica já significava a possibilidade de um dia serem produzidos filmes Super8 em território brasileiro. O que de fato não acabou acontecendo.

Entretanto, para o alento de muitos, durante o nono festival aconteceu a retomada no nível geral dos filmes. Tanto é, que para o cineasta Roberto Santos, presidente da comissão julgadora: “Existiu uma grande maioria de nível de realização média e alguns que ultrapassaram o caráter profissional.”<sup>279</sup> Já o cineasta Anselmo Duarte, também parte integrante do júri, declarou: “jamais haver pensado ser possível realizar em 8mm coisas tão boas ou melhores que a maioria do que se faz em 35mm.”<sup>280</sup> No entanto, Roberto Santos ressaltava que apesar da evolução técnica dos filmes, os realizadores não estavam: “partindo para a interpretação de uma realidade e sim,

---

<sup>278</sup> OLIVEIRA, Moracy R. de. 1982 Filme made in Brazil. In.: *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 101, 1982, p. 21.

<sup>279</sup> SANTOS *apud* BARRETO, Solange. IX Festival: uma semana só para o Super8. In.: *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 102, 1981, p. 52.

<sup>280</sup> DUARTE *apud* FONSECA, Carlos. No IX Festival Nacional do Filme Super8. In.: *Jornal de Letras*. 2º Caderno. São Paulo, setembro de 1981, s/ p.

imitando padrões velhos, gastos e estereotipados.<sup>281</sup> Mas, o consenso geral foi mesmo de que a safra de filmes dessa edição havia superado as expectativas.

Além disso, não aconteceram grandes incidentes nem polêmicas mais exacerbadas durante a realização dessa edição do *Super Festival*. Nem mesmo as decisões do júri foram contestadas. Dessa forma, no último dia de evento, a comissão julgadora decidiu premiar as seguintes obras: melhor filme do festival: *Corações Marinhos* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor filme do júri popular: *Corações Marinhos* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor ficção/enredo: *Uma Trilogia Grotesca* (Moyses Baunstein); melhor documentário: *Um Semeador de Alegria* (Paulo Sá Vieira); melhor animação: *Z&;Y\$(! Impossível* (Victor Gerhard); melhor experimental: *O Vôo Livre das Aves* (Silvério Garbin); melhor fotografia: *Estertores e Fragmentos* (Cyro Ferraz e Tito Paes de Barros); melhor trilha sonora: *Paralelas* (Osmar Cabrino); prêmio especial do júri: *Concerto* (Marcos Bertoni, Sergio Mancini e José Braga); melhor ator: Fernando Lion (filme *Ninguém te Ouvirá no País do Indivíduo* de Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor atriz: Isadora de Faria (filmes *Bom Dia* de Ana Maria Dias, e *Atlântida* de Francisco Conte).

Pelo segundo ano seguido Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti são os grandes vencedores do festival, unificando mais uma vez os prêmios de melhor filme e melhor filme do júri popular com o seu *Corações Marinhos*. Além desse, levaram ainda o prêmio de melhor ator com *Ninguém te Ouvirá no País do Indivíduo*. Inclusive as categorias de melhor ator e melhor atriz, que não estavam mais previstas desde o *VI Super Festival* em 1978, acabaram sendo reincluídas às pressas por decisão do júri, dada a série de boas interpretações presentes entre os concorrentes. Além disso, a comissão julgadora também criou o prêmio especial para contemplar o filme *Concerto* (Marcos Bertoni, Sergio Mancini e José Braga).<sup>282</sup>

Entre outros fatores, o Festival acabava com um saldo positivo, com a plateia lotando o Teatro São Pedro todos os dias, o consenso de que concorreram filmes de

---

<sup>281</sup> SANTOS *apud* BARRETO, Solange. IX Festival: uma semana só para o Super8. In.: Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 102, 1981, p. 52.

<sup>282</sup> BARRETO, Solange. IX Festival: uma semana só para o Super8. In.: Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 102, 1981, p. 52 – 54.

ótima qualidade, e que, apesar do clima adverso em relação a produção superoítista, ainda existia a possibilidades de fazer filmes. Assim, no próximo ano o Festival se tornaria internacional, mas junto a essa nova condição, também teria que ceder espaço dentro do evento para a tecnologia do vídeo.

### 3.5 – X Super Festival – finalmente a internacionalização, mas o fim estava próximo

Em 1982 havia a grande expectativa pela realização do *I Super Festival Internacional do Filme Super8 mm*, juntamente com o *X Super Festival*. A internacionalização da mostra era algo que Abrão Berman vinha perseguindo há muito tempo e, nesse ano, finalmente iria se concretizar. Por esse motivo, pelo décimo aniversário do evento e pela luta travada contra as restrições às importações de equipamentos Super8, os organizadores “(...) Grife – Ação Super8 (...) e a Fotoptica, sentiram que era preciso preparar o próximo evento como uma verdadeira comemoração.”<sup>283</sup>

Entretanto, os caminhos para realização desse novo festival não foram nenhum pouco tranquilos. A verdade é que o MEC-FUNARTE, que vinha patrocinando o festival desde sua sexta edição (1978), e que tinha contribuído para a ampliação do evento, depois de quatro anos declina de seu apoio. Após carta enviada por Abrão para solicitação de apoio junto a FUNARTE, ele recebe a seguinte resposta: (Anexo 30)

Lamentamos informá-lo, no entanto, que a FUNARTE não dispõe de recursos para apoiar atividades de cinema, já que tem outras áreas sob sua direta responsabilidade, como música, folclore e artes plásticas.

Recomendo a V. Sa. que encaminhe referida solicitação à EMBRAFILME, órgão do Ministério da Educação e Cultura responsável pelo apoio ao cinema nacional.<sup>284</sup>

Após a troca de diversas correspondências e pedidos insistentes de Abrão com esse órgão estatal, ele decide procurar novos patrocinadores. Na verdade, após fazer novo pedido de apoio a Embrafilme, consegue mais recursos para sanar a lacuna deixada pela retirada da FUNARTE, que se referia ao pagamento dos palestrantes do seminário e da cópiagem dos filmes premiados. Em relação à parte internacional do evento, o GRIFE entra em contato com a empresa multinacional de cigarros *Philip*

---

<sup>283</sup> BERMAN, Abrão. Vem aí o 10° Super Festival do Filme Super8. In.: Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 104, 1982, p. 54.

<sup>284</sup> MORAES, Marcílio Eiras. Carta de Marcílio Eiras Moras (chefe da assessoria técnica da FUNARTE) para Abrão Berman. Rio de Janeiro, 12 de maio de 1982.

*Morris*, que fornece o dinheiro para a premiação dos filmes estrangeiros através de sua marca *Galaxy*.

A respeito de toda a situação que estava posta naquele momento e da negativa recebida em relação ao festival, Abrão chegou a declarar na época:

Primeiro o governo proíbe a importação de equipamento de cinema Super8 sem similar nacional, considerando-o supérfluo, o que ocorreu a partir de junho de 1980. Depois passa a ignorar os apelos dos cineastas profissionais e amadores que optarem por este sistema. Agora, com a realização do 10º Festival Nacional, que realizamos com êxito desde 1973, deparamos com a recusa da Funarte em nos dar apoio. Isso vai impedir que continuemos a compor o acervo histórico com os filmes premiados no festival. A Funarte justifica a recusa alegando preferir apoiar movimentos de música, artes plásticas, folclore e fotografia, como se o Super8 não reunisse um pouco disso tudo. Nós nos sentimos cada vez mais desestimulados a continuar e, se for assim este poderá ser o nosso último festival.<sup>285</sup>

A ameaça de término do certame vinha sendo propalada por Abrão desde 1980, apesar do fim estar realmente próximo, esse não seria o último festival. Assim, além dos já citados Embrafilme e *Philip Morris*, a mostra contou também com o patrocínio das Lojas Fotoptica, da sociedade *A Hebraica* e da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Entre as fontes consultados não constava o patrocínio da Kodak, mas tal fato não teve esclarecimentos nem comentários elucidativos nos documentos da pesquisa.

O festival aconteceu entre os dias 2 a 7 de agosto de 1982 no teatro da sociedade *A Hebraica*. Novidade no regulamento desse ano foi a retorno do aceite de filmes feitos a 18 quadros por segundo, já que não havia mais o programa *Ação Super8* para que as obras fossem passadas na televisão. Isso gerou um acréscimo no número de inscritos, já que no ano anterior havia ocorrido uma pequena queda. O festival contou com a inscrição de 103 filmes, sendo 38 escolhidos para a mostra competitiva. Foram 17 de São Paulo (capital), dois de Santo André (região metropolitana de São Paulo), três de Sorocaba (interior paulista), um de Campinas (interior paulista), um de Piracicaba (interior paulista), um de Santos (litoral paulista), seis do Rio de Janeiro, três

---

<sup>285</sup> BERMAN apud Festival Super8 será na Hebraica. Folha de São Paulo. Folha Ilustrada. São Paulo, 9 de junho de 1982, p. 35.

de Porto Alegre, três de Salvador e um de São Luís do Maranhão. A distribuição nas categorias estava em 14 ficções, oito documentários, sete animações e nove experimentais. Em relação às regiões de origem de cada obra, eram 30 do sudeste, quatro do nordeste e três do sul do país.<sup>286</sup>



Figura 17 – Convite do *X Super Festival* do GRIFE.

Na mostra internacional participaram 24 filmes de oito países diferentes. Foram cinco filmes da Bélgica, cinco dos Estados Unidos, quatro de Portugal, quatro da Argentina, três do Canadá, um da República Dominicana, um de Porto Rico e um do Panamá.<sup>287</sup>

Entre as atividades do festival, além das mostras competitivas nacional e internacional, estavam a mostra de filmes premiados em outras edições, o seminário de debates sobre Super8 e pela primeira vez, uma mostra especial de vídeo.

A mostra de vídeo era uma novidade que chamou a atenção de muita gente, e sua introdução demonstrava a necessidade da abertura do evento para essa nova tecnologia. Essa receptividade deu-se muito porque no ano anterior a *XVI Bienal*

<sup>286</sup> Mais informações podem ser encontradas no anexo 31, *Catálogo do X Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.*

<sup>287</sup> HORA e vez do cinema Super8, A. Gazeta da Vila Prudente. São Paulo, 30 de julho de 1982, p. 7.

*Internacional de São Paulo* dedicou um grande espaço para a vídeo-arte que começava a dar seus primeiros passos no país.

Dessa forma, o GRIFE, a Fotoptica e a Pinacoteca do Estado de São Paulo começam a organizar essa atividade dentro do *Super Festival* através de uma ampla chamada para a participação das pessoas que realizavam vídeos. Assim sendo, no jornal *O Estado de São Paulo*, datado de 8 de julho de 1982, anunciava-se:

Vídeo-makers – Tendo em vista a realização de um evento que terá como suporte o vídeo-teipe paralelo ao X Super Festival de Filme Super8, (...), a Pinacoteca do Estado, a Fotoptica e o Grife estão atualizados seu catálogo de vídeo-makers. Assim sendo, solicitam aos artistas que utilizam esse meio de trabalho que entrem em contato urgentemente, pessoalmente ou pelo telefone (...) com o sr. Márcio Martinez, na biblioteca do museu (...).<sup>288</sup>

Essa evento paralelo contou, além dos já citados, com o apoio das empresas *Sony*, *Sharp* e *Globotec*. Além disso, teve a exibição de obras de diversos artistas que já haviam participado da mostra na Bienal, como o grupo Olhar Eletrônico, José Roberto Aguilar, José de Boni, Otávio Donasci, Sergio Tastaldi, Adelino dos Santos Abreu e Artur Matuck. A própria *Globotec*<sup>289</sup> exibiu trechos de programas da emissora Globo e programas de treinamento. Além disso, diversos filmes Super8 de realizadores conhecidos haviam sido telecinados para vídeo e também compuseram essa atividade. (Anexo 32)

A transcrição de filmes para a fitas de vídeo, apesar de já ser realizada desde de 1980 nos Estados Unidos e em boa parte da Europa, no Brasil ainda era novidade. A única empresa que passou a fornecer esse serviço naquele momento foi as Lojas Fotoptica. De olho nesse novo mercado que vinha crescendo, a empresa começou a anunciar esse novo atendimento da seguinte forma:

Transcrever seus audiovisuais, slides, filmes Super8 e 16 mm para vídeo-cassete. A Fotoptica tem o melhor e mais moderno equipamento de vídeo-transcrição, e uma equipe de profissionais especializados para transcrever seus filmes e slides. (...) Afinal, suas

---

<sup>288</sup> VÍDEO-MAKERS. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 8 de julho de 1982, p. 36.

<sup>289</sup> Empresa das organizações Globo que foi uma das primeiras a trabalhar com a tecnologia do vídeo e entre outros produtos produzia peças audiovisuais de treinamento e educação, além de institucionais.

recordações merecem cores e imagens perfeitas para serem reproduzidas em seu televisor.<sup>290</sup>



Figura 18 – Esquema de transcrição de filmes e slides para vídeo das Lojas Fotoptica.

Todavia, além de poder ver os vídeos dentro *X Super Festival*, os participantes da mostra poderiam também se inscrever para manejar uma câmera de vídeo semi-profissional e logo em seguida ver os resultados em um equipamento instalado para isso.

O interesse dos participantes era tanto, que de acordo com a revista *Novidades Fotoptica*, número 107:

Jorge Popovick, responsável por este setor (mostra de vídeo) (...), afirmou que muita gente desejava saber o que todo aquele equipamento estava fazendo ali. ‘Muitos’, disse Jorge, ‘querem saber como os aparelhos funcionam, se podem comprar. Está aí o nosso objetivo: mostrar que o vídeo não é um bicho de sete cabeças. Aqui as pessoas podem ver as produções dos videomakers brasileiros e o primeiro videocassete da Sony, o Betamax, que ainda vai ser lançado.’<sup>291</sup>

A verdade é que toda essa empolgação com a nova tecnologia do vídeo estava se refletindo no mercado de equipamentos audiovisuais, e começava a demonstrar que os ares estavam soprando em outra direção. Agora, os ditos *jornalistas*

<sup>290</sup> TRANSCREVER seus audiovisuais, slides, filmes Super8 e 16 mm para vídeo-cassete. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 110, 1982, p. 20.

<sup>291</sup> 1982 agosto. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 107, 1982, p. 55.

*sensacionalistas*, antes desacreditados pelos *idealistas do Super8*, vinham munidos de números para realmente decretar o estado terminal no qual se encontrava a bitola.

De acordo como o jornal *O Globo*, de 28 de agosto de 1982:

Segundo o ‘Relatório Wofman sobre fotografia nos Estados Unidos’, as vendas de projetores de oito mm, caíram de 601 mil para 100 mil no ano passado, e não deverão ultrapassar os 20 mil este ano. (...)

Ao mesmo tempo os aparelho de vídeo-cassete vendidos aumentaram de 225 mil em 1977 para 1,3 milhão no ano passado. (...)

Mas o dado definitivo sobre a morte do Super8 está nos milhares de cineclubes nos Estados Unidos, que estão passando os filmes para vídeo. Do cinema convencional fica apenas o profissional e o filme de 16 mm.<sup>292</sup>

A despeito desses rearranjos no mercado de equipamentos audiovisuais, o *X Super Festival*, ou melhor, o *I Super Festival Internacional* contou com a presença de diversas personalidades importantes do cinema, ligadas à realização de mostras pelo mundo afora. Entre eles estavam Sheila Hill, diretora do *Festival Internacional de Cinema Super8 de Toronto* (Canadá); Robert Malengreau, presidente da Federação Internacional de Cinema Super8 e diretor do *Festival Internacional de Cinema de Bruxelas* (Bélgica); e Guy Braucourt, diretor do *Festival de Cinema Latino Americano de Biarritz* (França).

A impressão desses convidados a respeito do festival foi muito positiva. De acordo com a revista *Novidades Fotoptica* número 107:

(...) a canadense Sheilla Hill, (...) estava impressionada com a organização e a participação do público. ‘É a primeira vez que eu assisto um Festival no Brasil estou achando os superoitistas muito entusiasmados e interessantes e o Super8 brasileiro, muito vivo e com saúde.’ (...)

Outro visitante muito entusiasmado era o belga Robert Malengreau, (...). ‘O que está mais me atraindo’, declarou, ‘são as imagens fortes e criativas do Super8 brasileiro.’ Marcel Croes, jornalista e presidente do Centro de Criação e Difusão de Super8 de Bruxelas, também se impressionou com a força da bitola no Brasil e acrescentou: ‘Aqui é um país onde se faz um dos melhores Super8 do mundo.’<sup>293</sup>

---

<sup>292</sup> ASCENSÃO do VT, queda do Super8. *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1982, p. 32.

<sup>293</sup> 1982 agosto. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 107, 1982, p. 57.

Entre outras coisas, dois desses convidados, além de trazerem filmes para mostra internacional, também participaram dos debates sobre cinema Super8. No dia 6 de agosto, Sheila Hill falou sobre a realidade da produção superoitista canadense, revelando que apesar de os filmes serem captados em Super8, em geral, eram reproduzidos e posteriormente difundidos através de fitas de vídeo. No dia seguinte, final do evento, Robert Malengreau falou bastante sobre a produção belga de animação e ficou muito empolgado em realizar uma mostra de filmes Super8 brasileiros em seu país de origem.

Por conta da mostra internacional, nessa edição o festival teve três comissões julgadoras diferentes, os tradicionais júris oficial e popular, sendo que os realizadores participantes do certame competitivo seriam os que escolheriam os vencedores entre os filmes estrangeiros.

O consenso geral foi de que o nível dos filmes manteve o mesmo padrão do ano anterior, sem grandes desníveis entre os melhores e os não tão bem acabados. Segundo a atriz Elizabeth Hartmann, membro da comissão julgadora: “Está sendo uma agradável surpresa ver filmes de boa qualidade e interessantes. Como eles estão fora de uma proposta comercial, podem ser criativos e até instrutivos.”<sup>294</sup>

Entre os filmes estrangeiros premiados na mostra internacional estavam, em primeiro lugar a animação *Bogus* (Ghislain Honoré e Jacques Iezzi) da Bélgica; em segundo lugar o experimental *Male Order* (Nilo Manfredini) dos Estados Unidos; em terceiro lugar o também experimental *Sans Legende* (Manuel Gomez) da Bélgica; em quarto o documentário *Homenage – Adolfina Vive* (Eduardo Canovas) de Porto Rico; e em quinto o documentário *John Lindquist, Photographer of the dance* (Bob Brodsky e Tony Treadway) dos Estados Unidos.

Já na mostra nacional, os escolhidos pela comissão julgadora foram: melhor filme do festival: *Saudade* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor filme do júri popular: *História Passional: Hollywood Califórnia* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor ficção/enredo: *Zefa* (Cícero Bathomarco e

---

<sup>294</sup> HARTMANN *apud* 1982 agosto. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 107, 1982, p. 57.

Paulo Sá Vieira); melhor documentário: *Praia do Flamengo, 132* (Clovis Molinari); melhor animação: *Geni* (Sérgio Berber); melhor experimental: *Alfa... Tetra* (Victor Gerhard); melhor fotografia: *História Passional: Hollywood Califórnia* (Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti); melhor trilha sonora: *Cadeia Global* (Renato Gianolla); melhor ator: Henrique de Macedo Netto (*História Passional: Hollywood Califórnia*); e melhor atriz: Isadora de Faria (*Saudade*).

Além desses, o júri decide premiar o filme *Adiós, América do Sul* (Sérgio Silva) com um prêmio especial. Também distribuiu menções honrosas para *Mandaria Flores Não Fosse a Chuva* (Cyro Ferraz, Tito Paes de Barros e Osmar Cabrino Filho), e *Astrofagia* (Marcos Bertoni).<sup>295</sup>

Pela terceira vez consecutiva a dupla Carlos Porto de Andrade e Leonardo Crescenti são os maiores premiados do festival, levando para casa com seus dois filmes concorrentes, *Saudade* e *História Passional: Hollywood Califórnia*, cinco prêmios no total. Entre eles os principais, melhor filme do festival e melhor filme do júri popular.

Por conta do sucesso alcançado, mais uma vez, no Super Festival e pela projeção internacional da dupla, muitos realizadores se sentiram insatisfeitos com o resultado final desta décima edição. Marcos Bertoni, realizador do filme *Astrofagia*, declarou: “(...) eu acho o meu filme mais criativo que os outros, com um astral um pouco mais alto. Acho que ele merecia ganhar, pois o que vale no festival não é a fórmula certa e sim, criatividade.”<sup>296</sup>

Todavia, os mais empolgados eram Carlos Porto e Leonardo Crescenti que viram nessa conquista a consolidação do trabalho que vinham desenvolvendo. Por esse motivo, eles estavam decididos em partir para outros voos, e como disse Carlos:

Antes deste festival a gente já pretendia sair. Nós achamos que chegou a hora, que encerramos uma etapa. Isso não quer dizer que vamos deixar de fazer Super8. Mas, o festival tem de continuar e nisso vale a garra de Abrão Berman que está na luta há dez anos.<sup>297</sup>

---

<sup>295</sup> GRIFE. Release premiados X Super Festival Nacional do Filme Super8 e I Super Festival Internacional do Filme Super8. São Paulo, 1982.

<sup>296</sup> BERTONI *apud* 1982 agosto. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 107, 1982, p. 60.

<sup>297</sup> CRESCENTI *apud* 1982 agosto. Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 107, 1982, p. 60.

Apesar de todo o contexto desfavorável à produção superoitista, o festival foi bem-sucedido, tendo um bom nível de filmes, uma plateia cativa e a promoção internacional que conseguiu trazer personagens importantes ligadas ao cinema Super8. Até mesmo durante a mostra foi possível reservar lugar para uma abertura à tecnologia do vídeo. Entretanto, como quase todos os prognósticos vinham alardeando, o Super8 como forma de produção, que deu um relativo acesso aos meios audiovisuais e que movimentou uma parcela considerável, principalmente, de jovens durante boa parte dos anos 70, chegava à década de 1980 desgastado e sem desfrutar do apoio que um dia já havia tido.

### 3.6 - XI Super Festival – “O Super8 morreu, viva o Super8”

O ano de 1983 marca definitivamente o término do ciclo dos *Super Festivals*, assim como do restante das atividades do GRIFE como empresa. Importante salientar que foi justamente nesse ano que um dos eventos mais tradicionais ligados à produção de vídeo começa, o *Festival de Vídeo Brasil*, que permanece com suas atividades até os dias atuais na forma de associação cultural.<sup>298</sup>

Na verdade, o que deixa Abrão Berman preocupado e que o faz perceber que a produção superoitista dificilmente conseguiria avançar por muito tempo, foi uma carta resposta enviada por Pedro Natal, representante da Kodak no Brasil, escrita em 3 de agosto de 1983. (Anexo 34)

(...) Caro Abrão

Agradeço o envio de sua carta, já que nos dá oportunidade de esclarecer, com toda a honestidade, a situação do Super8 no Brasil com relação a [sic] Kodak ou vice-versa.

1. Realmente, no princípio deste ano, a Kodak descontinuou a fabricação do filme S-8 ENA 40 ASA, em função da grande queda de demanda no mercado mundial e, (...), tornando assim, economicamente inviável a sua fabricação.

2. Esta havendo no Brasil, desde 1979, uma queda real na demanda dos filmes S-8 em geral e para que tenha idéia da realidade, aqui estão alguns números em unidades que o mercado vem absorvendo:

1979	1980	1981	1982	1983
1.000.000	483.000	346.000	264.000	100.000
				(previsão)

3. A Kodak não prevê uma recuperação substancial nesse mercado, porém continuará oferecer o filme ELA 160 ASA, (...)

4. Tanto o Laboratório Kodak como outros independentes continuam mantendo o processamento normal de filmes S-8.

5. A direção futura da Kodak, em todos os segmentos dos seus negócios, será baseada em produtos inovadores, (...) em áreas já familiares do mercado fotográfico.

Permaneço à sua disposição.

---

<sup>298</sup> Para mais informações sobre a Associação Cultural Vídeo Brasil acessar: <http://site.videobrasil.org.br>.

Todavia, o otimismo de Abrão Berman, mesmo sabendo que o cenário estava comprometido em relação ao Super8, o fez declarar no editorial do catálogo do *XI Super Festival*, que:

Fomos falar com o Pedro Natal, Gerente de Comunicações da Kodak, para saber das coisas. (...)

Conclusão: se o filme Super8 continua sendo fabricado, distribuído, vendido e revelado; se continua sendo uma opção dos realizadores em sua forma de expressão; se continua havendo um número de produções suficientes para manter um Festival; se há público para ver esses filmes, como dizer que o Super8 já morreu? Nossa motivação continua. (...) Esse movimento precisa ser mantido enquanto tudo isso for importante. Para garantir nossa palavra, a data do Festival em 84 já está reservada. Como dissemos no programa do festival passado: enquanto houver gente filmando, criando, produzindo suas obras com garra e força, nós aqui estaremos.<sup>300</sup>

Mas ao mesmo tempo Abrão admitia que o desabastecimento já estava sendo sentido pela maior parte dos realizadores. No mesmo editorial ele reconhece: “(...) o aumento incrível no preço do filme virgem (...). Para piorar as coisas havia também a queixa constante dos realizadores que não encontravam filmes nas lojas.”<sup>301</sup>

Entretanto, Abrão Berman mesmo reconhecendo as dificuldades patentes frente a produção e manutenção da vitalidade do Super8 não tentava não se deixar abalar. Em reportagem da revista *Novidades Fotooptica* número 112, intitulada *Super8 X Vídeo: quem vai sobreviver?*, ele relata:

Nos Estados Unidos há uma versão corrente que diz: ‘**O Super8 morreu, viva o Super8**’ (grifo meu). E quem está fazendo Super8 não é mais o pai de fim de semana, mas um realizador mais ambicioso, que produz um trabalho mais refinado e bem acabado tecnicamente. Tanto no Brasil como no exterior. No momento em que está havendo uma proliferação de encontros de cineastas de Super8

---

<sup>299</sup> NATAL, Pedro T. Carta resposta da Kodak endereçada a Abrão Berman. São Paulo, 3 de agosto de 1983.

<sup>300</sup> BERMAN, Abrão. Editorial. In.: CATÁLOGO XI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1983, p. 1.

<sup>301</sup> *Ibidem*.

em todo o mundo, é muito difícil acreditar nesse ‘desaparecimento’.<sup>302</sup>

Apesar de tentar manter uma postura positiva em relação ao futuro do Super8, Abrão Berman tinha a consciência de que manter o festival em uma sobrevivência mais alongada seria muito difícil. É isso que ele reconhece, anos mais tarde em 1988, em um evento realizado no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, que fez uma retrospectiva da produção superoitista, até aquele momento.

Hoje revendo o passado e conferindo essa referência, me dá um prazer muito grande. (...) Então isso faz crer que o meu trabalho, que era um trabalho de paixão, de tesão, era uma coisa tão forte que valeu. Porque, na verdade, eu curti ele até o último momento. Eu senti, em 83, quando a gente fez o último festival, que a fase do Super8 estava chegando ao final. Então eu me envolvi mais ainda, para poder sentir que era o último evento. Agora, é claro que não existia tristeza nesse fato. Existia a consciência de que foi uma época muito rica, e que eu contribuí para estimular pessoas para fazerem coisas.<sup>303</sup>

Naquele contexto, estava em pauta, como já vinha sendo alardeado desde 1980, a tecnologia do vídeo, que estava tomando quase a totalidade do mercado nesse início de década. Tanto é que, se reconhece, na tradicional reportagem da revista *Novidades Fotóptica* sobre o balanço do *Super Festival*, que nesse ano o evento foi: “Uma semana de Super8, encravada entre duas de vídeo. Embora esta circunstância tenha sido apenas causal, não deixou de acirrar ainda mais a velha indagação: o vídeo estará matando o Super8?”<sup>304</sup>

O trecho acima refere-se à *I Mostra de Vídeo Brasil*, e a uma mostra que o próprio GRIFE promoveu após o *Super Festival*. Todavia, como Malu Alencar havia dito em entrevista cedida por ocasião desta pesquisa, sobre a passagem de Abrão e do

---

<sup>302</sup> Berman *apud* SUPER8 X Vídeo: quem vai sobreviver? Novidades Fotóptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 112, 1983, p. 54.

<sup>303</sup> BERMAN, Abrão. Mostra Nacional de Cinema Alternativo. Museu da Imagem e do Som de São Paulo. São Paulo, 26 de fevereiro de 1988. Entrevista em vídeo cedida a organização da Mostra Nacional de Cinema Alternativo – 1988.

<sup>304</sup> SUPER8: onde está a saída? Novidades Fotóptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 113, 1983, p. 56.

GRIFE para o vídeo: “A tentativa dele foi muito tardia, na década de 80, 83 já. (...) Tinha muita gente fazendo vídeo tape... muita.”<sup>305</sup>

Henrique Macedo tentou aconselhar Abrão sobre a necessidade da transição para o vídeo. Todavia, segundo ele: “(...) depois de ter três almoços com o Abrão pra tentar convencer ele que transformasse o GRIFE em vídeo, não concordou de jeito nenhum.”<sup>306</sup>

A verdade é que Henrique Macedo via a questão de um ponto de vista muito mais pragmático, já que trabalhava no varejo de equipamentos fotográficos e cinematográficos. Assim ele diz que:

Porque no começo a gente viu... Quer dizer, na Fotoptica eu vendia um monte de câmeras de Super8, de projetores... De repente, de um dia para o outro não vendia mais nenhum. Não vendia mais nenhum filme. O pessoal começou a contrabandear câmeras de vídeo. Então a gente caiu em cima do governo para que o governo realizasse a importação, e ficou uma porção de anos sem realizar, e o vídeo se desenvolveu pelo contrabando.<sup>307</sup>

Apesar do clima adverso ao Super8, mesmo assim nessa edição do *Super Festival* houve um número expressivo de inscritos, contabilizando 80, dos quais 36 foram escolhidos para a mostra competitiva. Foram 21 filmes de São Paulo (capital), três de Salvador, dois de Campinas (interior paulista), dois de Sorocaba (interior paulista), um de Votorantim (interior paulista); um de Piracicaba (interior paulista), um de Santos (litoral paulista), um do Guarujá (litoral paulista), um do Rio de Janeiro, um de Brasília e um de Londrina (interior paranaense). Isto totaliza 30 filmes da região sudeste, três do nordeste, um do centro oeste, e um do Sul. Em relação aos gêneros, foram 12 ficções, 12 documentários, seis animações e seis experimentais. Um dado importante, também, é o fato de que 13 filmes na mostra competitiva eram de estreantes no festival. O número de inscritos para o festival internacional foi de 35 filmes, sendo

---

<sup>305</sup> ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

<sup>306</sup> NETTO, Henrique de Macedo. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 14 de outubro de 2014.

<sup>307</sup> *Ibidem.*

eles de 11 países diferentes, como Argentina, Argélia, Canadá, Estados Unidos, Portugal, Inglaterra, Panamá e Uruguay.<sup>308</sup>



Figura 19 – Convite do XI Super Festival do GRIFE.

O evento foi realizado entre os dias 15 e 20 de agosto de 1983 e, como no ano anterior, aconteceu no auditório da sociedade *A Hebraica*. Contou com o patrocínio das Lojas Fotoptica, da Paulistur, do Hotel Bourbon, e da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Entre as atividades do festival ocorreram a mostra de filmes não selecionados, a segunda edição do festival internacional, a mostra competitiva e o sexto seminário sobre Super8. Todavia, nesse ano os debates, ou melhor, o debate aconteceu em apenas um único dia, tendo como expositor Marcel Croës, falando sobre os *10 anos de Super8 na Bélgica*.

Além de Croës, o número de convidados internacionais aumentou nessa edição. Sheila Hill, diretora do *Festival Internacional de Super8 e Vídeo de Toronto*, retorna, a exemplo do ano anterior. Também, comparecem à mostra Richard Clark, diretor do *Festival Internacional de Super8 de Montreal*; Tito Gutiérrez, crítico de cinema argentino; e o cineasta portorriquenho Eduardo Canovas.

---

<sup>308</sup> Mais informações podem ser encontradas no anexo 35, *Catálogo do XI Super Festival Nacional do Filme Super8 mm*.

Entretanto, o sentimento geral é de que nesse festival houve um sensível decréscimo na qualidade geral das obras apresentadas.

De acordo com a reportagem da revista *Novidades Fotoptica*, número 113:

Na avaliação, unanimidade: ‘o festival está ruim.’ ‘De tantos filmes selecionados, uns 6 ou 7 se salvam.’ ‘Todos insistem nos planos longos, nas estruturas lineares.’ ‘Melhor ficar em casa e ver televisão, que a estrutura é a mesma.’ ‘Perdem-se em preciosismos técnicos.’ Ninguém é mais capaz de criar nada.”<sup>309</sup>

Houve quem tentou minimizar essa questão, como: “O crítico de cinema do ‘Estadão’, Rubens Ewald Filho, (que) concorda que neste ano o festival foi mais fraco que nos anos anteriores. Mas acredita que os superoitistas estão numa fase de entressafra.”<sup>310</sup>

Na sexta-feira dia 19 de agosto, véspera de encerramento do festival, os realizadores resolveram se reunir para discutir os rumos da produção superoitista brasileira e fazer uma avaliação geral do evento. Entretanto, o encontro demorou para começar por falta de *quórum*. Quem coordenou as discussões foi o destacado realizador Carlos Porto, que recém havia chegado do festival de Caracas na Venezuela.

Segundo ele:

Existe um boicote contra o Super8 no Brasil. Volto de Caracas e lá o Brasil é elogiado pela qualidade de seus filmes em Super8. Quando apresentei o quadro aqui, imediatamente todos se mobilizaram e resolveram redigir uma moção e montar um esquema de solidariedade para os realizadores brasileiros, organizando um fundo, montando esquemas para enviar filmes etc. (...) Mas quando perguntaram sobre o que estamos fazendo para superar a situação, aí fiquei com vergonha, não sabia o que dizer. Todo mundo está preocupado em se promover, em ser melhor que o outro, mas na hora do vamos ver, nada. Este seminário é prova disso. O que falta é consciência de classe.<sup>311</sup>

---

<sup>309</sup> SUPER8: onde está a saída? *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 113, 1983, p. 57.

<sup>310</sup> *Ibidem*.

<sup>311</sup> ANDRADE *apud* SUPER8: onde está a saída? *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 113, 1983, p. 57.

Entre as razões elencadas por Carlos Porto para explicar a situação em que se encontrava o Super8 estavam: “o boicote da imprensa, a supervalorização do vídeo, o desprezo da Embrafilme por essa bitola e a falta de solidariedade entre os realizadores.”<sup>312</sup> Para Louis Chilson, outro realizador presente na reunião, os problemas eram que: “(...) não existem espaços para o Super8, o único que temos é o Festival: é nosso carnaval. Acaba virando uma palhaçada, e o que fazem os superoitistas? Ficam contemplando seu próprio umbigo.”<sup>313</sup>

Nesse ínterim, Carlos Porto pergunta a Marcos Gaiarsa sobre o posicionamento da Fotoptica a respeito da dicotomia entre o Super8 e o vídeo, já que houve a sensação de que a empresa: “(...) não teve participação muito calorosa neste Festival.”<sup>314</sup>

Gaiarsa, que além de participar da organização do evento também trabalhava na Fotoptica, responde:

Mas a crise está presente. Não adiante dizer que é por causa do vídeo, da proibição da importação. Estes são fatores limitadores, mas a crise está no próprio movimento e só ele poderá superá-la, mais ninguém. O mercado está para o vídeo, é uma constatação clara (...). O fato do Super8 morrer ou não depende exclusivamente dos realizadores.<sup>315</sup>

No entanto, a única proposta firmada pelos superoitistas foram reuniões mais sistemáticas para discussão dos problemas da produção na bitola. O que para muitos, não era uma solução que trouxesse resoluções práticas.

Nesse contexto, havia acabado de acontecer o *I Festival de Vídeo Brasil*, entre os dias 8 e 14 de agosto, com a organização das Lojas Fotoptica e do Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

Segundo Gaiarsa, em outro trecho de sua fala, comparando os dois eventos:

(...) participei do festival de vídeo e, sem querer comparar as linguagens, as técnicas, devo dizer que, quanto aos filmes, tive que

---

<sup>312</sup> *Ibidem*.

<sup>313</sup> CHILSON *apud* SUPER8: onde está a saída? Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 113, 1983, p. 57.

<sup>314</sup> ANDRADE *apud* SUPER8: onde está a saída? Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 113, 1983, p. 57.

<sup>315</sup> GARIARSA *apud* SUPER8: onde está a saída? Novidades Fotoptica. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 113, 1983, p. 57.

me segurar para não ir embora. No festival de vídeo, vi muita coisa boa, nova mesmo, senti um ambiente empolgado, todos participando com muito entusiasmo dos debates.<sup>316</sup>

Importante salientar que no mesmo número 113 da revista *Novidades Fotoptica*, além do balaço geral do *XI Super Festival*, também havia um retrospecto a respeito do evento de vídeo. Enquanto o de Super8 tinha somente três páginas de análise e era intitulado *Super8: onde está a saída?*, o de vídeo contava com o dobro de espaço de reportagem e tinha com o título *I Festival de Vídeo Brasil*.

O início do texto a respeito do evento de vídeo, inclusive, deixa claro o que estava representando a mostra para a maior parte dos envolvidos:

Foi tudo um grande flerte, uma imensa troca de olhares, um variado painel das possibilidades das usinas independentes de vídeo. A televisão do terceiro milênio. Olhares eletrônicos trocando piscadas com o público interessado, idêntico na busca de alternativas. O 1º Festival de Vídeo Brasil teve de tudo, mas foi principalmente uma data de início. Marco de um começo talvez irreversível.<sup>317</sup>

Em relação ao *Super Festival* havia um clima melancólico de prenúncio de despedida. Nem mesmo os filmes da mostra internacional empolgaram, já que havia um desnível grande entre eles.

No dia da premiação a comissão julgadora decidiu premiar como: melhor filme: *A Revolução das Massas* (Marcos Bertoni); melhor ficção/enredo: *A 10 Compassos da Morte* (Louis Chilson); melhor documentário: *Por Aqueles que não Falam* (Neio Lúcio Pena e Márcia Cristina Craveiro); melhor animação: *O Desenho da Cidade* (Luiz Rocha Soares, Fábio Golfetti, Sérgio Kon e Nelson Coelho); melhor fotografia: *226* (Túlio Becker); melhor trilha sonora: *Corredor* (Julio Campos e Jussara Marangoni); melhor ator: José Alberto Lovetro (filme *A 10 Compassos da Morte*); melhor atriz: Maria Anita Jorge (filme *Terceiro Vétice*, de Silveiro Gárbín e Carolina Martinez).

---

<sup>316</sup> *Ibidem*.

<sup>317</sup> I FESTIVAL de Vídeo Brasil. *Novidades Fotoptica*. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 113, 1983, p. 50.

Como, entre os inscritos haviam muitos novos realizadores, a organização do festival decidiu criar um prêmio para melhor filme de estreante, que ficou com *Velhinha*, de André Martirani, Cao Hambúrguer, André Rosa, Walter Inocêncio e Fernando Caldeira. Além disso, o júri oficial decide distribuir prêmios especiais para os filmes *Pagano Sobrinho: O Príncipe e a Plebéia*, de Sérgio Berber; e *Mestre Pastinha, Capoeira Angola*, de Paulo Sá Vieira.

A única polêmica ficou por conta do prêmio do júri popular, que havia escolhido o filme *Corredor*, que também havia ganho na categoria melhor trilha sonora. O problema aconteceu porque o júri oficial havia decidido não premiar nenhum filme experimental, categoria na qual *Corredor* se enquadrava. Mas tirada essa pequena incoerência, não foram levantadas maiores complicações.

A premiação da mostra internacional ficou disposta da seguinte maneira: 1º lugar: *Papa Gringo* (Mário Piazza – Argentina); 2º lugar: *Dedicace* (Marie Brazeau – Canadá); 3º lugar: *Yo te Nombro* (Sérgio Cinalli – Argentina), 4º lugar: *Réquiem para uma Cidade* (Vitor Silva – Portugal); e 5º lugar: *Day Dream* (James Middleton – Estados Unidos).<sup>318</sup>

Na semana seguinte ao XI Super Festival, entre os dias 24 e 27 de agosto, aconteceu o *I Festival Nacional de Vídeo*, promovido pelo GRIFE com o apoio do SESC Vila Nova e do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Todavia, o evento não teve a mesma repercussão que o *Festival de Vídeo Brasil*.

Na verdade, como já havia sido referido, o ano de 1983 evidencia o final definitivo das atividades do GRIFE, de suas promoções e de seu prestígio frente a produção audiovisual brasileira. Um final melancólico para uma das entidades que mais movimentou a produção superoitista brasileira, além de fomentar a produção artística de forma geral durante a década de 1970 e início da década de 1980.

De acordo com o jornal *Folha de São Paulo*, de 1º de fevereiro de 1984:

Responsável pela realização de 11 festivais de cinema, um de vídeo, e pelas formação de mais de dois mil alunos, o Vídeo Ação Super8 deixou de existir oficialmente ontem à noite, quando o cineasta entregou as chaves da casa para a Adelino “Ghaba” Abreu,

---

<sup>318</sup> EWALD FILHO, Rubens. Super8, a certeza de que não acabará. In.: O Estado de São Paulo. São Paulo, 21 de agosto de 1983, p. 27.

proprietário da locadora Omni Vídeo, que ali montara sua terceira unidade.<sup>319</sup>

Chega a ser irônico o fato de, no momento final, o GRIFE ter de ceder espaço para uma locadora de vídeo, mas até nesse derradeiro momento Abrão Berman não perde a fé na continuidade da produção superoitista no Brasil, apesar das adversidades.



Figura 20 – Foto retirada da revista *Isto É* de reportagem feita a respeito do final do GRIFE, datada de 8 de fevereiro de 1984.

Na revista *Isto É*, de 8 de fevereiro de 1984, em reportagem intitulada *Super8: Cai o último templo*, o final da empresa é retratada da seguinte forma: (Anexo 36)

(...) Abrão Berman, 42 anos, resolveu entregar os pontos perante a crise geral e, (...), fechou para balanço por tempo indeterminado. É uma era que se encerra para um certo tipo de produção independente do cinema brasileiro. Não que Berman concorde com a derrota do Super8 pela videomania. (...) Pois segundo afirma (...), o Super8 foi boicotado. (...) Mesmo assim, admite que os alunos de vídeo superavam numericamente os de Super8 (...). Um melancólico final

<sup>319</sup> “O SUPER8 não acabou”, diz o cineasta Abrão Berman. Folha de São Paulo. Folha Informática. São Paulo, 1º de fevereiro de 1984, s/p.

para um espaço onde estudaram Cláudio Cunha, Flavio Del Carlo, a atriz Annamaria Dias e até Cassandra Rios.<sup>320</sup>

Abrão tinha razão ao se referir que o Super8 não iria acabar, sobrevivendo como maneira de realização de filmes até a atualidade. Entretanto, na primeira metade da década de 1980 encerrou-se a um modelo de produção que gerou uma movimentação cultural que deixou marcas importantes na cinematográfica nacional. O cinema Super8 como objeto de pesquisa das áreas de comunicação e das artes, no Brasil, ainda é muito pouco explorado. Apesar de nos últimos anos uma considerável bibliografia a respeito, principalmente de trabalhos acadêmicos, venha sendo constituída.

---

<sup>320</sup> SUPER8: Cai o último templo. Isto É. São Paulo, 08 de fevereiro de 1984, s/ p.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito longe de querer cair em um determinismo tecnológico, acredito que as possibilidades apresentadas pelo acesso aos meios de produção audiovisuais, viabilizados pela bitola Super8, oportunizaram a gestação de novos circuitos de produção cultural alternativa. Desta forma, creio que a trajetória dos *Super Festivais Nacionais do Filme Super8* do GRIFE, que se encerra dentro do ciclo de produção superoitista brasileira durante as décadas de 1970 e início de 1980, representaram uma das experiências mais interessantes da cinematografia nacional no que tange a realização e exibição de filmes de forma independente.

Pouco se comenta a respeito, mas esse impulso criativo advindo de tais produções e circuitos deu um novo fôlego tanto para o cinema feito em outras bitolas, quanto ao campo mais amplo de produção audiovisual brasileira, como publicidade e televisão. A *profissionalização do amadorismo* causada por iniciativas como as do GRIFE e de outras entidades, instruiu toda uma geração de realizadores, ávidos por se alfabetizar na linguagem do cinema e afins. No entanto, essa renovação não ocorreu somente através de material humano, mas também de novas proposta estéticas provenientes da experimentação causada por esse ciclo de produção de imagens e sons, da qual as edições dos *Super Festivais* e de outros certames são tanto testemunhas quanto personagens atuantes.

Rubens Machado advoga a respeito de um certo *efeito Super8* que “se insinua e grassa com certa facilitação técnica, a redundar em faturas rústicas, mas desenvoltas, explorando e elaborando o que o estrito profissionalismo em voga chamaria de erro, mera barbearagem ou incompetência técnica.”<sup>321</sup> E cita exemplos de filmes que antes do advento do Super8 não poderiam ser concebidos da forma como o foram, por seu desprendimento, principalmente, em relação a fotografia, aos movimentos de câmera,

---

<sup>321</sup> MACHADO, Rubens. A experimentação cinematográfica superoitista no Brasil: espontaneidade e ironia como resistência à modernização conservadora em tempos de ditadura. In.: AMORIM, Lara. FALCONE, Fernando Trevas. Cinema e Memória: o super8 na Paraíba nos anos 1970 e 1980. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013, p. 42.

como no caso de *A Rainha Diaba* de Antônio Carlos Fontoura (1973), e *Di* (1977) de Glauber Rocha.

Mas, apesar de ser parte do contexto estudado, não foi essa a tônica que se quis impor a este trabalho. A da questão puramente experimental imbricada nas possibilidades da produção superoitista. Algo que esta presente, como ponto central, na maior parte dos trabalhos dedicados ao tema até o momento. Na contramão dessa abordagem, procurei explorar o viés da tal *profissionalização do amadorismo*, citado anteriormente. Esse impulso capitalizado pelo GRIFE através de suas atividades, como o Centro de Formação de Cineastas, sua divisão comercial e as próprias edições dos *Super Festivals*.

Provavelmente pelo fato do Super8 estar ligado a questão experimental desde de seu aparecimento até a atualidade – mesmo este termo carecendo de contornos mais bem definidos – que boa parte dos pesquisadores que se dedicaram ao tema não tenham analisado esse objeto por outras perspectivas. Crédito, em grande parte, a esta problemática o fato do GRIFE permanecer inédito como objeto de pesquisa até o presente momento. Apesar de sua inegável importância, sendo sempre citado como referência na maior parte dos trabalhos que tratam de assuntos correlatos.

Todavia, a que se levar em consideração o fato da produção superoitista no Brasil ainda ser muito pouco requisitada como tema de estudo acadêmico, restando ainda muitas lacunas a serem preenchidas.

Entre outras peculiaridades encontradas no confronto com este objeto de pesquisa, é impossível negar o caráter personalista capitaneado por Abrão Berman sobre as ações do GRIFE, e por conseguinte de sua mostra de filmes Super8. Berman impunha sua visão de profissionalismo sobre o discurso a respeito do Super8 de forma mais ampla, deixando contrariados os adeptos de outras vertentes de entendimento a respeito de tal produção.

Tanto é que um de seus principais críticos, Jairo Ferreira, questiona justamente essa personificação em reportagem do jornal *Folha de São Paulo*, em 6 de agosto de

1980: “Falou Super8, falou Experimental. Começa pelo Grife, mas o Grife é um grupo? Faz mesmo filmes experimentais? Ou será que o Grife é Abrão Berman em pessoa?”<sup>322</sup>

Nessas poucas frases, Jairo Ferreira vai justamente ao cerne das contradições envolvidas no GRIFE. Questões que me coloquei de início na pesquisa, e compreendi que não seriam solúveis facilmente. O Grupo dos Realizadores Independentes de Filmes Experimentais, não eram exatamente um grupo, no sentido de um coletivo, como Ferreira questiona. De acordo com o que foi possível verificar na documentação consultada, o GRIFE era uma empresa com ações comerciais definidas, apesar de estar no foco de parte considerável de suas atividades promoções culturais. Todavia, compreendo que a esta discussão cabe ainda bastante argumentação. Da mesma forma, como penso que a realização de filmes experimentais estava abarcada entre as suas práticas, mas não era seu foco principal. Mas essa é outra questão que merece maior investigação.

Em alguns momentos do trabalho frisei a dicotomia entre realizadores interessados no profissionalismo, tanto em ficção e documentário, e os superoitistas experimentais voltados a pesquisa da linguagem cinematográfica. Nesse sentido a orientação dos *Super Festivals*, apesar de abarcar essas duas principais tendências, sempre optou pela primeira como postura política.

Aqui é possível, então, fazer uma inflexão a respeito de uma outra possibilidade de abordagem sobre o tema. Poderia se estudar esse assunto do ponto de vista da *Sociologia da Arte*, através da análise das ações de grupos antagônicos que se rivalizam por espaço e por uma hegemonia do discurso a respeito do fazer artístico posto em determinado campo. Nesse sentido, pensando em teóricos como Pierre Bourdieu e Howard Becker.<sup>323</sup> Todavia, não foi esse o mote aplicado ao trabalho, ficando aqui um apontamento de uma futura abordagem para outro pesquisador.

Retomando a questão da profissionalização implicada no circuito de exibição dos *Super Festivals*, juntamente as outras ações do GRIFE, não se pode negar que era uma tarefa *hercúlea* transformar um cinema quisto como amador em algo profissional.

---

<sup>322</sup> FERREIRA, Jairo. Não falta invenção no Festival Super8. In.: Folha de São Paulo. São Paulo, 6 de agosto de 1980, s/ p.

<sup>323</sup> BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.  
BECKER, Howard S. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

Ainda mais em um país onde, justamente, o próprio cinema dito profissional lutava a duras penas para conseguir seu próprio espaço. Haja vista o aporte estatal e as diversas leis de reserva de mercado instauradas durante o período estudado.

No entanto, não se pode negar que através de parcerias de peso como as Lojas Fotoptica, a Kodak, entre outras empresas da iniciativa privada, veículos de comunicação como o Jornal da Tarde, a TV Bandeirantes e a TV Cultura, e entidades governamentais voltadas à políticas públicas de cultura, como a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, o MEC-FUNARTE, e os órgãos especificamente de cinema, INC, e Embrafilme, o GRIFE procurou legitimar suas ações, principalmente em relação aos *Super Festivais*, no sentido de viabilizar o reconhecimento do Super8 frente a outras bitolas cinematográficas. Procurou também, respaldar seu certame sempre por uma comissão julgadora constituída por renomadas personalidades ligadas a artes e a cultura de forma geral, como cineastas, jornalistas, pesquisadores, atores e atrizes, publicitários, artistas plásticos, músicos, entre outras. Ao mesmo tempo galgou políticas públicas de incentivo para ensejar a comercialização da produção feita pelos superoitistas e, por conseguinte, a possível profissionalização dos mesmos.

Nessa cruzada, tentou impor um padrão de qualidade técnica aos trabalhos apresentados nos festivais, teve uma preocupação constante em agradar seu público direcionando os realizadores a apresentarem propostas mais bem definidas, e procurou focar em promoções o mais organizadas possíveis, se espelhando em eventos dedicados ao cinema feito em bitolas maiores. E por vezes, conseguindo até superá-los. Além disso, em mais de uma ocasião o GRIFE chegou a estabelecer tentativas de salas regulares de exibição de filmes com ingressos pagos. E sempre procurou abrir espaço e caminhos para o Super8 junto a televisão.

Creio que na chave da tentativa de legitimação do Super8, e da profissionalização dos realizadores superoitistas, seja válida a analogia feita a respeito dessa situação e o enredo do documentário *Brazil, ou Aquarela do Brazil* (1976), do próprio Abrão Berman. No referido filme, citado anteriormente no corpo do texto, um grupo de atores de teatro, enfrenta problemas diante do desemprego e da insegurança profissional causada pela falta de reconhecimento legal de suas atividades. Parece

altamente reflexiva a abordagem feita por Berman no seu documentário, em relação a situação do Super8 durante o período das atividades do GRIFE.

A despeito de todos os esforços demandados, Abrão Berman e sua empresa não conseguiram plenamente seus intuitos. Entre os fatores que podem justificar esse insucesso estão o descrédito imputado ao Super8 por ser encarado como um formato cinematográfico amador; o boicote proporcionado pelos realizadores tanto de 16 mm quanto de 35 mm, que também procuravam espaço de exibição para suas produções; a falta de atenção e de políticas públicas por parte dos órgãos governamentais competentes; e mesmo a transição tecnológica ocorrida na virada das décadas de 1970 para 1980 destinando o vídeo para o mercado de consumo doméstico, a produção televisiva e parte do mercado publicitário.

No entanto, buscar justificativas não altera os fatos históricos ocorridos. O modelo de produção de filmes que vigorou durante, principalmente, a década de 1970, se tornou inviável antes da metade da década seguinte. Mas o formato nunca caiu em desuso completo. Diversos realizadores continuaram produzindo no Brasil, e pelo mundo afora. Inclusive, atualmente no país temos dois festivais que perpetuam a realização de certames competitivos dedicados somente ao Super8. O *Curta8*<sup>324</sup>, da cidade de Curitiba, que no ano de 2015 estará em sua 11ª edição, e o *SuperOff*<sup>325</sup>, de São Paulo, que nesse mesmo ano terá sua 2ª edição.

Nesse sentido, é importante ressaltar que toda a movimentação ocorrida em torno dos circuitos de exibição e de produção superoitista no país, figurando entre os principais o GRIFE e seus *Super Festivais*, teve uma enorme importância, durante o período estudado, e consideráveis reflexos sobre a produção audiovisual brasileira desde então.

---

<sup>324</sup> <http://www.curta8.com.br>

<sup>325</sup> <http://www.mundoemfoco.org/superoff/>

## REFERÊNCIAS

### **Livros, Teses e dissertações:**

ALENCAR, Miriam. **O Cinema em Festivais e os Caminhos do Curta-Metragem no Brasil**. Rio de Janeiro: Embrafilme / Ed. ArteNova, 1978.

AMORIM, Lara. FALCONE, Fernando Trevas. **Cinema e Memória: o super8 na Paraíba nos anos 1970 e 1980**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

BAU, N. **A Prática do Super8**. São Paulo: Summus, 1972.

BERARDET, Jean Claude. **Historiografia Clássica do Cinema Brasileiro: metodologia e pedagogia**. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.

CANONGIA, Ligia. **Quase Cinema: cinema de artista no Brasil, 1970/80**. Rio de Janeiro: Edição Funarte, 1981.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. (org.). **História Cinema e outras imagens juvenis**. Teresina: EDUFPI, 2009.

COCCHIARALE, Fernando. PARENTE, André. **Filmes de Artista: Brasil 1965-80**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Metropolis Produções Culturais, 2007.

CRESPO, Milton. El Cine Super8. In.: **Panorama Histórico Del Cine en Venezuela: 1896 – 1993**. Venezuela: Fundacion Cinemateca Nacional. p. 103 – 104.

CRUZ, Marcos Pierry Pereira da. **O Super-8 na Bahia: história e análise**. São Paulo. 100 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade de São Paulo, 2005.

DARONCO, Marilice Amábile Pedrolo. **O Nosso Cinema era Super**. 1ª ed. Santa Maria: Câmara de Vereadores, 2014.

FIGUEIRÔA, Alexandre. **O Cinema Super 8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural**. Recife: FUNDARPE, 1994.

LIMA, Frederico Osanan Amorin. **Curto-circuitos na Sociedade Disciplinar: Super8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985)**, Teresina. 120 f., Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Piauí, 2006.

MACHADO, Rubens. A experimentação cinematográfica superoitista no Brasil: espontaneidade e ironia como resistência à modernização conservadora em tempos de ditadura. In.: AMORIM, Lara. FALCONE, Fernando Trevas. **Cinema e Memória: o super8 na Paraíba nos anos 1970 e 1980**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013, 164 p 34 – 55.

MANTECÓN, Álvaro Vázquez. **El Cine Super8: 1970-1989**. México: Filmoteca UNAM, 2012.

NAPOLITANO, Marcos Eugênio. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.

SELIGMAN, Flávia. **Verdes Anos do Cinema Gaúcho: o ciclo Super8 em Porto Alegre**. São Paulo. 100 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade de São Paulo, 1990.

SOUZA, Carlos Roberto de. **O Filme curto**. Vol. 1. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, IDART/Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980.

SOUZA, Rosinalva Alves de. **O super-8 na Paraíba: cinema, sociedade e sexualidade**. Niterói. 100 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal Fluminense, 2001.

STERNHEIM, Alfredo. **Cinema da Boca: dicionário de diretores**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

SUPPIA, Alfredo. Panorama da FC no Cinema Brasileiro de Curta e Media-Metragem. In.: \_\_\_\_\_. **Atmosfera Rarefeita: a ficção científica no cinema brasileiro**. São Paulo: Devir, 2013, p. 189 – 236.

TAVARES, Bráulio. **O Curta-Metragem Brasileiro e as Jornadas de Salvador**. Salvador: Edição da Jornada, 1978.

VIEIRA, Paulo Sá. **O cinema super 8 na Bahia**. Salvador: Ed. do Autor, 1984.

### **Entrevistas:**

ALENCAR, Maria Luiza de. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 16 de março de 2014.

BERMAN, Abrão. Abrão Berman: incentivando a bitola. In.: **Momento Fuji**. São Paulo, v. 2, n. 7, 1978, p. 6 – 7. Entrevista concedida à revista. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

BERMAN, Abrão. Super8 é bitola que preservará a memória nacional. In.: **Jornal Voz do Paraná**. Curitiba, semana de 1º a 7 de maio de 1977, p. 7. Entrevista concedida ao jornal. (Acervo Cinemateca de Curitiba)

BERMAN, Abrão. Mostra Nacional de Cinema Alternativo. Museu da Imagem e do Som de São Paulo. São Paulo, 26 de fevereiro de 1988. Entrevista em vídeo cedida a organização da Mostra Nacional de Cinema Alternativo – 1988. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

BERMAN, Abrão. Entrevista: Abrão Berman. In.: **Cinema em Close-Up**. São Paulo, v. 2, n. 5, 1976, p. 42 – 44. Entrevista concedida à revista. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

NETTO, Henrique de Macedo. Entrevista concedida a Flavio Rogerio Rocha. São Paulo, 14 de outubro de 2014.

### **Catálogos de mostras:**

AMARAL, Aracy. CRUZ, Roberto Moreira S. (org's.). **ExpoProjeção: 1973-2013**. São Paulo: SESC, 2013.

MACHADO, Rubens. **Marginália 70: O Experimentalismo no Super 8 Brasileiro**. São Paulo: Itaú Cultural, 2001.

### **Periódicos:**

I CONCURSO de Filme Experimental. **Revista CCLA**. Campinas: UNICAMP, n. 1, dezembro de 1972, p. 26-28. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

I FESTIVAL de Filmes Super8 mm em São Paulo. **IrisFoto**. São Paulo: Ed. Iris, n. 257, 1973, p. 48. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

I FESTIVAL de Vídeo Brasil. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 113, 1983, p. 50 – 55. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

I SALA Permanente de Cinema de Vanguarda. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 8 de maio de 1979, s/ p. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

1º SUPER Festival Nacional do Filme Super8 MM. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 60, 1973, p. 16. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

1982 agosto. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 107, 1982, p. 55 - 60. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

ABRÃO nos States. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 94, 1979, p. 12. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

ABREU, Ana Maria de. VII Super Festival Nacional do Filme Super8. In.: **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 92, 1979, p. 14 – 21. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

ALEGRIA de Um. Tristeza de Muitos. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 70, 1975, p. 10 – 11. (Acervo pessoal de Flavio Rogerio Rocha)

ALENCAR, Miriam. O Filme que já tem Público Certo. In.: **Jornal do Brasil**. Caderno B. Rio de Janeiro, 25 de março de 1975, p. 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=120025](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&PagFis=120025). Acesso em: 08/2013.

ALMEIDA, Ricardo Porto de. Festival Super8: em discussão os rumos da produção independente. In.: **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 10 de agosto de 1980, p. 39. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

ASCENSÃO do VT, queda do Super8. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1982, p. 32. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

BACK, Sylvio. Super 8 Vida Nova. In.: **Filme Cultura**. Rio de Janeiro: Embrafilme, n. 26, p. 46 – 47, 1974. (Acervo pessoal de Flavio Rogerio Rocha)

BERMAN, Abrão. Cinema em Super8. In.: **IrisFoto**. São Paulo: Ed. Iris, n. 286, 1976, p. 16. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

BERMAN, Abrão. Cinema em Super8. In.: **IrisFoto**. São Paulo: Ed. Iris, n. 287, 1976, p. 29 – 30. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

\_\_\_\_\_. Decepção e paixão no Super8 americano. In.: **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 95, p. 65 – 66, 1980. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

\_\_\_\_\_. Vem aí o 10º Super Festival do Filme Super8. In.: **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 104, 1982, p. 54 – 55. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

BERNARDET, Jean-Claude. Uma Atitude para o Super8. In.: **Cinema**. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, n. 2, 10 de novembro 1973, p. 6. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

\_\_\_\_\_. Quinto Festival de Super8: A ideologia do Vazio. In.: **Movimento**. São Paulo, n. 114, 5 de setembro de 1977, s/ p. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

\_\_\_\_\_. A Jornada Degolou o Palhaço. In.: **Filme Cultura**. Rio de Janeiro: Embrafilme, n. 34, 1979, p. 20. (Acervo pessoal de Flavio Rogerio Rocha)

\_\_\_\_\_. Super8: tradicional sabor de brincadeira. In.: **Última Hora**. São Paulo, s/ p., 24 de agosto de 1978. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

BARRETO, Solange. IX Festival: uma semana só para o Super8. In.: **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 102, 1981, p. 52 – 54. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

BOTTMAN, Denise. Super-8 Paranaense: Elementos para uma História. In.: **História: Questões e Debates**. Curitiba: Associação Paranaense de História, ano 3, n. 4, jun. 1982, p. 27 – 53. (Acervo pessoal de Flavio Rogerio Rocha)

BLOQUEIO, um Longa Metragem em Super8, Hoje no GRIFE. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 6 de junho de 1975, s/ p. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

CÂMARAS na mão. **Veja**. São Paulo, 14 de julho de 1976, p. 71. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

CENSURA de Curitiba apreende filmes de festival de Super8. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 9 de novembro de 1978, p. 21. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

CINEASTAS do Super8 preparem-se: vem aí um festival. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 9 de junho de 1980, p. 25.

CINEMOBILE, nova forma de usar o cinema, O. **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 19 de abril de 1974, s/ p. Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada\\_19abr1974.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_19abr1974.htm). Acesso em: 04/2013.

COM esta câmara, Abrão Berman ganhou um prêmio. **IrisFoto**. São Paulo: Ed. Iris, n. 290, 1976, p. 20. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

CONCURSO para os Corujas, Um. **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 16 de agosto de 1979, p. 30. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

ENCERRAMENTO: 1 ° Concurso Anual de Super8. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 94, 1979, p. 14. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

EWALD FILHO, Rubens. Humor, o maior premiado no Festival de Super8. In.: **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 49, 19 de agosto de 1979. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

\_\_\_\_\_. Super8, a certeza de que não acabará. In.: **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 27, 21 de agosto de 1983. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

FASSONI, Orlando L. Recompensas para um Cinema que Começa a Nascer. In.: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 31 de março de 1974, s/ p. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

FERREIRA, Jairo. Um Festival Super8, mais exigente. In.: **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 18 de agosto de 1977, s/ p. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

\_\_\_\_\_. Um novo festival de olho na tevê. In.: **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 24 de agosto de 1977, p. 36. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

\_\_\_\_\_. Festival e Lanchonete. In.: **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 27 de agosto de 1977, s/ p. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

\_\_\_\_\_. Festival Super8: uma loteria? In.: **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 29 de agosto de 1977, s/ p. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

\_\_\_\_\_. Um caminho didático para o cinema Super8. In.: **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 17 de agosto de 1978, p. 31. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

\_\_\_\_\_. Super8, o futuro do cinema experimental. In.: **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 13 de maio de 1979, s/ p. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

\_\_\_\_\_. Não falta invenção no Festival Super8. In.: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 6 de agosto de 1980, s/ p. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

FESTA anual do Super8, A. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 97, 1980, p. 64 – 66. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

FESTIVAIS de Super8 já exigem seleção. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 20 de julho de 1976, s/ p. (Arquivo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

FESTIVAL do Grife. **Diário do Paraná**. 2º Caderno. Curitiba, 26 de abril de 1975, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&PagFis=103862>. Acesso em: 08/2013.

FESTIVAL Super8. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 61, 1973, p. 37 – 40. (Arquivo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

FESTIVAL Termina entre Prêmios e Vaias, Justos, O. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 26 de agosto de 1975, s/ p. (Arquivo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

FESTIVAL de Super8/São Paulo. **Jornal da Tarde**. 1º Caderno. Rio de Janeiro, 23 de junho de 1977, p. 16. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

FESTIVAL Super8 será na Hebraica. **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 9 de junho de 1982, p. 35. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

FILME para milhões, Um. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 66, 1974, p. 18 – 19. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

FILMES de todo o Brasil no 9º Festival de Super8. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 27 de julho de 1981, s/ p. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

FONSECA, Carlos. No IX Festival Nacional do Filme Super8. In.: **Jornal de Letras**. 2º Caderno. São Paulo, setembro de 1981, s/ p. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

GUIA da Semana. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 2 de dezembro de 1974, s/ p. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

HORA e vez do cinema Super8, A. **Gazeta da Vila Prudente**. São Paulo, 30 de julho de 1982, p. 7. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

IDHEC dá bolsa a amador. **Folha de São Paulo**. 2º Caderno. São Paulo, 4 de setembro de 1967, p. 2. Pesquisado em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 07/2013.

IWERSEN, José Augusto. Super8 Flash Back. In.: **Diário do Paraná**. Anexo. Curitiba. 17 de março de 1977, p. 1. (Acervo pessoal José Augusto Iwersen)

JANEIRO, curso e concurso de cinema, Em. **Diário do Paraná**. Primeiro Caderno. Curitiba, 29 de dezembro de 1973, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&PagFis=95757>. Acesso em: 08/2013.

**JORNAL ARES8**. São Paulo, agosto de 1978. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

**JORNAL DO COMMERCIO**. Recife, 15 de agosto de 1978, p. 5. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo).

LABORATÓRIOS revelam filmes “proibidos”? **Página8**: Cine & Vídeo. São Paulo, ano II, v. 2, 1978, p. 15 – 17. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

LEMONS JR., Hélio. Luz-Super8-Ação. In.: **Photo Câmera**. Rio de Janeiro, v.1, n.4, dezembro de 1979, p. 16 – 18. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

LINHA Reta. **Jornal do Brasil**. Caderno B. Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1977, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=169419](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&PagFis=169419). Acesso em: 08/2013.

LIPTON, Lenny. The Pope of Super8. In.: **Super8 Filmmaker**. San Francisco, v. 8, n. 8., dezembro de 1980, p. 34 – 37. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

LONGA-METRAGEM Super8 na TV. **Novidades Fotográfica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 86, 1978, p. 29. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

MAIS um Festival. Para muitos só Evolução Técnica. **Novidades Fotográfica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 74, 1976. p. 10 – 11. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

MARCONI, Celso. Curitiba / Os caminhos do Super8 brasileiro. In.: **Jornal do Comercio**. Caderno II. Recife, 18 de janeiro de 1975, p. 4. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

MINISTRO examinará Super8. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 30 de agosto de 1978, p. 11.

NICOLAU Gemtchujnicov, 67 anos, engenheiro eletro-mecânico, fez curso de cinema no GRIFE. **IrisFoto**. São Paulo: Ed. Iris, n. 283, 1976, p. 16. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

NOVO no circuito nosso, De. **Jornal do Brasil**. Caderno B. Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1979, p. 2.

“O SUPER8 não acabou”, diz o cineasta Abrão Berman. **Folha de São Paulo**. Folha Informática. São Paulo, 1º de fevereiro de 1984, s/ p.

OLIVEIRA, Moracy R. de. O vídeo-cassete chega, oficialmente, ao Brasil. In.: **Novidades Fotográfica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 100, 1981, p. 56 – 58. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

\_\_\_\_\_. 1982 Filme made in Brazil. In.: **Novidades Fotográfica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 101, 1982, p. 23 – 24. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

PAPEL do Super8, O. **Opinião**. São Paulo, 25 de outubro de 1974, s/ p.

PASSOS, Moacyr A. S. Gratia Plena, o grande vencedor. In.: **Em Cartaz**. São Paulo, v. 1, n. 5, setembro de 1980, p. 9.

PROGRAMA em São Paulo. **Jornal do Brasil**. Caderno B. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1972, p. 7.

PROJETOR 70-07. O poder secreto de vendas. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 66, 1974, p 44. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

QUARTA-FEIRA começa o Festival do Super8. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 12 de agosto de 1978, s/ p.

QUE e quem no Super8 mm, O. **Cinema em Close-Up**. São Paulo, v. 2, n. 13, 1976, p. 15 – 18. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

QUEM faz curso de cinema no GRIFE tem sempre algo a dizer. **IrisFoto**. São Paulo: Ed. Iris, n. 287, 1976, p. 30. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

QUEREMOS difundir o novo 8 mm como uma bitola profissional. **Momento Fuji**. São Paulo, v. 4, n. 13, 1978, p. 7 – 9. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

S8 do Brasil premiado na Inglaterra. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 95, 1980, p. 07. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

SALA só para o Super8, Uma. **Visão**. São Paulo, 26 de junho de 1975, s/ p. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

SAMPAIO, Carlos. 7º Festival. In.: **Página8: Cine & Vídeo**. São Paulo, ano II, v. 2, 1978, p. 11 – 13. (Acervo pessoal de José Augusto Iwersen)

\_\_\_\_\_. Uma bitola que veio para ficar e vencer. In.: **IrisFoto**. São Paulo, n. 324, p. 80 – 81, 1980. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

SÃO PEDRO, o padrinho do filho mais novo do cinema. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 63, 1973, p. 26. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

SEM censura, o está sendo exibido e debatido no VI Festival. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 18 de agosto de 1978, p. 12.

SOARES, Wladimir. Super8. In.: **Jornal da Tarde**. São Paulo, 26 de novembro de 1974, s/ p. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

SPENCER, Fernando. Jornada expulsa Super8, mas Festival de Recife o socorre. In.: **Diário de Pernambuco**. Viver. Recife, 8 de junho de 1979, s/ p.

SUPER8: Um Cinema que Começa Adulto. **Diário de Pernambuco**. 3º Caderno. Recife, 14 de abril de 1974, p. 5.

SUPER8: Um novo encontro em São Paulo. **Jornal do Brasil**. Caderno B. Rio de Janeiro, 04 de novembro de 1974, p. 10.

SUPER8, sem Competição. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 67, 1975, p 18 – 19. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

SUPER8 – Festival Alemão. **IrisFoto**. São Paulo: Ed. Iris, n. 293, 1977, p. 48. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

SUPER8, a Questão do Comércio e dos Fotogramas. **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. São Paulo, 27 de agosto de 1977.

SUPER8 conquista seu mercado. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 8 de junho de 1978, s/ p.

SUPER8: os premiados no exterior, criticando a Embrafilme. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 30 de outubro de 1981, p. 12.

SUPER8 ganha prêmio em Cali. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 de dezembro de 1981, s/ p.

SUPER8 X Vídeo: quem vai sobreviver? **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 112, 1983, p. 54 – 57.

SUPER8: onde está a saída?. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 113, 1983, p. 56 – 58. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

SUPER8: Cai o último templo. **Isto É**. São Paulo, 08 de fevereiro de 1984, s/ p. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

SUPEROITO: mais forte e mais vivo. **Panorama**. Curitiba, n. 225, p. 21 – 23, abriu de 1975. (Acervo Cinemateca de Curitiba)

TELA novos rumos do Super8, Na. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 12 de agosto de 1979, p. 44.

TRAILER do VI Super Festival Super8. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 85, 1978, p. 16 – 17. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

TRANSCREVER seus audiovisuais, slides, filmes Super8 e 16 mm para vídeo-cassete. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 110, 1982, p. 20. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

VARTUK, Pola. Festival reforça o Super8. In.: **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 30 de agosto de 1977, p. 9. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

\_\_\_\_\_. Super8 já interessa, até para exportar a imagem do Brasil. In.: **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 26 de agosto de 1978, p. 12. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

VI FESTIVAL: o Super8 ganha uma sala. **Novidades Fotoptica**. São Paulo: Ed. Morumbi Ltda., n. 86, 1978, p. 24 – 25. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

VÍDEO-MAKERS. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 8 de julho de 1982, p. 36. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

VOZ Difícil deste Filme Longo, A. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 23 de agosto de 1975, s/ p. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

ZIRALDO lança “O Planeta Lilás”. **Jornal do Brasil**. Nacional. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1979, p. 8. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=206763](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=206763). Acesso em: 08/2013.

### **Acervos pessoais e documentos:**

ASSUNÇÃO, João Batista Marques de. Carta de João Batista Marques de Melo Assunção endereçada a Abrão Berman. Rio Branco, 10 de julho de 1979. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

BACK, Sylvio. Carta de Sylvio Back endereçada a Abrão Berman e Malu Alencar. Curitiba. 18 de outubro de 1973. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

\_\_\_\_\_. Carta de Sylvio Back endereçada a Abrão Berman e Malu Alencar. Curitiba, 23 de novembro de 1973. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

BERMAN, Abrão. Carta de Abrão Berman endereçada a Henrique de Macedo Netto. São Paulo, 9 de dezembro de 1974. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

\_\_\_\_\_. Carta de Abrão Berman endereçada a Thomaz Farkas. São Paulo. 9 de dezembro de 1974. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

\_\_\_\_\_. Carta de Abrão Berman endereçada a Fayez José Mauad. São Paulo. 9 de dezembro de 1974. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

\_\_\_\_\_. Carta aberta ao Sr. Celso Amorim – diretor geral da Embrafilme. In.: CATÁLOGO VIII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1980, p. 3. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

\_\_\_\_\_. Ainda clima de restrições no IX Festival. In.: CATÁLOGO IX SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1981, p. 3. (Acervo pessoal de Flavio Rogerio Rocha)

\_\_\_\_\_. Editorial. In.: CATÁLOGO XI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1983, p. 1. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

CONTE, Francisco. Cinema educativo: Uma opção para o Super8. In.: CATÁLOGO VIII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1980, p. 17. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

CATÁLOGO VI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1978. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

CATÁLOGO VII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1979. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

CATÁLOGO VIII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1980. (Acervo Museu Lasar Segall – São Paulo)

CATÁLOGO IX SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1981. (Acervo pessoal de Flavio Rogerio Rocha)

CATÁLOGO X SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1982. (Acervo Fundação Armando Álvares Penteado – São Paulo)

CATÁLOGO XI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1983. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

FARIAS, Roberto. Carta endereçada a Abrão Berman. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1974. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

FARKAS, Thomaz. NETTO, Henrique de Macedo. Carta ao senhor editor de arte da Folha Ilustrada. São Paulo, 24 de agosto de 1977. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

GAIARSA, Marcos. Carta endereçada a Abrão Berman. São Paulo, 1977. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

GRIFE. São Paulo, 1972. (Acervo pessoal Maria Luíza de Alencar)

GRIFE. Histórico de Clientes do GRIFE desde 1972. São Paulo, 1975. (Acervo pessoal Maria Luíza de Alencar)

GRIFE. Regulamento V Super Festival Nacional do Filme. São Paulo, 1977. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

GRIFE. Mostra de vídeo tape. São Paulo, 1982. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

GRIFE. Release premiados X Super Festival Nacional do Filme Super8 e I Super Festival Internacional do Filme Super8. São Paulo, 1982. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

IWERSEN, José Augusto. Carta endereçada a José Contreras Russo/Kodak. Curitiba, 04 de janeiro de 1981. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

MORAES, Marcílio Eiras. Carta de Marcílio Eiras Moras (chefe da assessoria técnica da FUNARTE) para Abrão Berman. Rio de Janeiro, 12 de maio de 1982. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

MORDO, Dans Samuel. Carta Aberta aos Organizadores do 5º Super Festival Nacional do Filme Super8. São Paulo, 18 de agosto de 1977. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

NATAL, Pedro T. Carta resposta da Kodak endereçada a Abrão Berman. São Paulo, 3 de agosto de 1983. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

PROGRAMA OFICIAL I SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1973. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

PROGRAMA OFICIAL II SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1974. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

PROGRAMA OFICIAL III SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1975. (Acervo pessoal de Maria Luíza de Alencar)

PROGRAMA OFICIAL IV SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1976. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

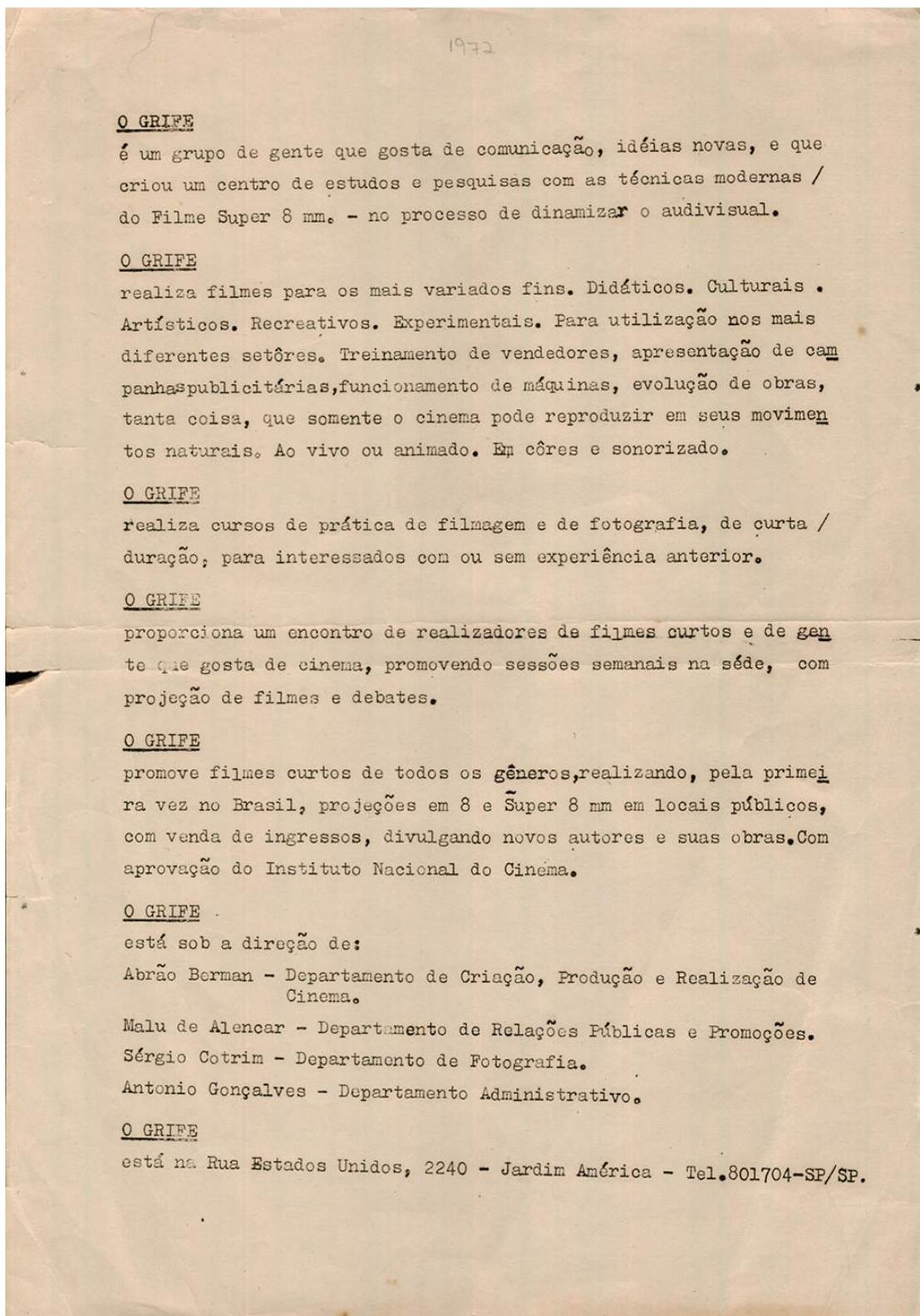
PROGRAMA OFICIAL V SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1977. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

RUSSO, José Contreras. Carta da Kodak do Brasil endereçada ao GRIFE. São Paulo, 9 de agosto de 1979. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

SHIMIDT, Carlos. Ponto de Cinema. In.: CATÁLOGO IX SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER8 MM. São Paulo, 1981, p. 18. (Acervo pessoal de Flavio Rogerio Rocha)

## ANEXOS

### ANEXO 01 - GRIFE. Acervo pessoal Maria Luíza de Alencar. São Paulo, 1972.



ANEXO 02 – Histórico de Clientes do GRIFE desde 1972.

- HISTÓRICO DOS CLIENTES DO GRIFE DESDE 1972
01. FIBRA - Fibras Sintéticas da Bahia - agência Hot Shop - julho/72  
tipoi vendas - para captação de Incentivos fiscais
  02. Joquei Clube - agência Delta Propaganda - agosto/72 / setembro 74  
a. Taça de Prata lançamento da campanha destinada à criadores de potros e potrancas - para inscreverem seus cavalos assim que nascerem, mostrando também o que era o concurso! TAÇA DE PRATA  
b. documentação da 1ª corrida de potros e potrancas - no concurso TAÇA DE PRATA
  03. CBR - Companhia ~~Brasil~~ Brasileira de Reflorestamento - dez/72 - para captação de incentivos fiscais - vendas
  04. COMGÁS - a. filme institucional sobre a empresa - 73  
b. filme técnico para engenheiros e construtoras mostrando como se coloca o gás encanado em edifícios - abril 73
  05. TINTAS CORAL - filme institucional - junho/73
  06. HOVA - filme institucional - agência Orlando Marques - out/73
  07. SINGER - lançamento de novo produto - dez/73
  08. FIRMIDES BRASÍLIA - agência Marcel's - set/73 - para pré testar mensagem ao consumidor - 5 filmes de 30 segundos cada - o primeiro story-board filmado
  09. ESTRÉIA - agência SCE - maio/74 - filmes de lançamento de brinquedos na convenção anual - 6 filmes ao mesmo tempo
  10. TRES FAZENDAS - para agência SCE que pretendia conquistar a conta - apresentou a idéia em filme como comercial de TV - junho 73
  11. LAB Propaganda - out/74 - 2 story-boards de TV, para apresentar a idéia ao cliente
  12. INSTITUTO NACIONAL DE PESOS E MEDIDAS - filme institucional - dez/73
  13. ARNO - lançamento de produto - filmes curtos de 1 minuto cada - 73
  14. COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO - a. filme de treinamento de vendedor, b. filme institucional sobre a empresa - ambos em 74/maio  
c. filme de convenção anual da empresa - out/74
  15. COMPANHIA PAULISTA DE FORÇA E LUZ - a. filme sobre processamento de dados, institucional - 74 / b. filme de treinamento e institucional - 75
  16. BANCO NOROESTE - apresentação de campanha por intermédio da Arno - 74  
filmes de 30 segundos cada
  17. CORSEÁRIO DE AVIAÇÃO - filme institucional para convenção - feira da aviação 73
  18. JOHNSON E JOHNSON - agência Lintas - filmes pré-testes sobre produtos diversos 73/74/75
  19. GRUPO NOVAÇÃO - lançamento de prédio em S. José de Campos - agência Informe 74
- Agência Lourde*
20. SANSUY - vendas de armazéns Infláveis - 74
  21. AMCHEM QUÍMICA - promocional de produto - 74
  22. BLEMCO - promocional/vendas de produto - 74/75
  23. LUBECA - a. filme para apresentar projeto no exterior, com o objetivo de conseguir empréstimo - 74 b. transposição de slides - 75
  24. LORENZETTI - filme de vendas sobre produto - 75
  25. OLIVETTI - filme para lançamento de concurso de vendedores - 75 - DPZ
  26. RHODIA - documentação de desfile de modas/ filme promocional do CREIAP junho 75 - DPZ
  27. HEVATA - lançamento e venda de projeto na represa de Avaré - 75
  28. GENERAL MOTORS - agência DPZ - filme comemorativo do cinquentenário da GM no Brasil, fazendo uma retrospectiva histórica da GM - 75
  29. CREFISUL (SEB) - após filmes para vendas - omalocados em vitrines para chamar atenção do público - sobre caderneta de poupança - 75
  30. FORMIPLAC - filme de vendas para arquitetos e engenheiros - 74
  31. LTB - a. Livro vermelho - lançamento do livro em Minas Gerais - 73  
b. story-board para o lançamento do L. Vermelho p/ televisão - 74  
agência Orlando Marques
  32. DESIGN - a. lançamento de nova marca para cliente ELAGAP - 72  
b. lançamento/vendas de prédio em Santos ELAGAP - 74
  33. THOMPSON - a. lançamento pré-teste de produto DENTINE p/ tv - 74  
b. HALLS MENTOLYOTUS - pré-teste story-board - 75
  34. AÇOS VILARES - filme experimental de peças - para salão de automóvel - 75
  35. PHILLIPS - story-board de televisor - agência Promo
  36. AGROESTE - filme de vendas de palmito - agência Usina - 75
  38. NESULÁ - pré teste de comercial/mensagem para TV - agência Norton - 85
  39. HIDROSERVICE - transposição de slide - 74
  40. THEMAG - transposição de slide - 74
  41. ALIANÇA DA BAHIA - ag. Propeg - filme de treinamento para gerentes de bco. 75
  42. VILA ROMANA - montagem de filme super 8mm feito na Africa e transposição de slides - ag. Bureau - 74
  43. SECRETARIA MUNICIPAL DE TRANSPORTE - transposição de slide 74/75
  44. PIRELLI - transposição de slides - ag. Publitec - 75
  46. BEL PRATO - campanha de lançamento do produto - Rio 75
  47. UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR - filme institucional - ag. ADS - 74
  48. ATLAS COPECO - redução de filme 74
  49. HYSTER - transposição de som - ag. Fator - 73

**GRIFE**  
GRUPO DOS REALIZADORES INDEPENDENTES DE FILMES EXPERIMENTAIS

FILMES AUDIO-VISUAIS EM  
SUPER 8 MM

RUA ESTADOS UNIDOS 2240 – FONE 80-1704 – CEP 01427 – SAO PAULO – BRASIL

**NICOLAU GEMTCHUJNICOV**, 67 anos,  
engenheiro eletro-mecânico, fez  
**CURSO DE CINEMA** no **GRIFE**:

"Desde os primeiros passos eu gostei do ambiente informal, amigável e dinâmico. Gostei dos professores, competentes e entusiasmados, que me contagiaram irremediavelmente. Assisti a projeção de vários filmes em Super 8 e achei que muitos deles em nada ficam devendo às outras bitolas, que o Super 8 tem possibilidades e futuro, e que logo conquistará o seu lugar reconhecido no mundo do cinema. Sem tornar-se substituto das demais bitolas, é claro. Pode fazer cinema para mim, em véspera de me aposentar, é começar uma vida nova. Não sou escritor, nem músico-compositor, nem pintor. Mas meu espírito é ainda vivo e cheio de vontade de transmitir aos jovens de hoje as vivências e aventuras da vida pelas quais passei. Com o Super 8 encontrei a possibilidade de expressão, a comunicação que me faltava."

**GRIFE**  
GRUPO DOS REALIZADORES INDEPENDENTES DE FILMES EXPERIMENTAIS  
FILMES AUDIO-VISUAIS EM  
SUPER 8 MM

ROY ESTACOS - UNIDOS 2240 - FONE 80-1704 - CEP. 01427 - SAO PAULO - BRASIL

**QUEM FAZ  
CURSO DE CINEMA NO GRIFE  
TEM SEMPRE ALGO A DIZER:**

**Oswaldo Ferreira Nunes, desenhista:**  
"Aprendi aliar o meu trabalho ao cinema e dar novas formas e ritmos à minha criação. Acho que vou conseguir sair do anonimato muito breve".

**Mariano Pereira, bancário:** "No fundo acho que o que aconteceu de mais importante para mim é que aprendi também a curtir cinema. Deixou de existir aquela distância entre os filmes de Bergman, Fellini, Buñuel e eu".

**Maria Helena Moretti, universitária:**  
"Depois do curso percebi que os filmes que eu fazia e que achava uma tremenda curtição eram mesmo uma droga. É que eu não sabia nem fazer o foco. Hoje pelo menos se eu desfoco alguma coisa é intencional e com motivo".

# 1º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM

O Grife e a revista Novidades Fotoptica se preparam para um novo Festival: encontro, confronto, escola, comprovação de talentos e incentivo a amadores e veteranos de todo o Brasil que filmam em Super 8. Se você pretende fazer parte e provar também que bitola não é "documento" na realização cinematográfica, ponha já sua idéia em movimento, cuide para que o filme seja tecnicamente o mais perfeito e envie-o acompanhado da Ficha de Inscrição que está na página ao lado. O prazo encerra-se dia 8 de agosto.

- 1** Poderão participar filmes em Super 8 mm, em velocidade de 18 ou 24 quadros por segundo, de qualquer gênero, com duração máxima de 30 minutos, sonoros. A sonorização deverá ser magnética, com pista aplicada sobre a própria película.
- 2** A inscrição será feita mediante a entrega do filme, acompanhado de ficha de inscrição, material informativo (resumo do argumento, sistema adotado para as filmagens etc.) e, se possível, fotografias de cenas ou de filmagens. As fotos não serão restituídas.
- 3** Um mesmo candidato poderá inscrever até 3 (três) filmes. Para cada filme deverá preencher uma ficha de inscrição.
- 4** Não serão aceitos filmes com defeitos materiais: emendas defeituosas, perfurações danificadas etc. O filme deverá ter ponta no início, suficiente para colocação no projetor. O Festival não será responsável pelo desgaste decorrente do uso normal do filme.
- 5** O filme deverá ser entregue em bobina própria, embalado em lata ou estojo de proteção, constando de rótulo com título do filme, duração, velocidade, nome e endereço completo.
- 6** O Festival é de caráter nacional. Poderão participar concorrentes amadores e profissionais de qualquer parte do País. As despesas de envio de filmes de concorrentes residentes em qualquer localidade fora de São Paulo correrão por sua conta. As despesas de devolução ficarão a cargo do Festival.
- 7** Local para recebimento dos filmes: **Grife** — Grupo dos Realizadores Independentes de Filmes Experimentais — a/c Abrão Berman, Rua Estados Unidos, 2240, C.E.P. 01427, Jardim América, São Paulo, Capital.
- 8** Prazo para recebimento dos filmes: até às 18 horas do dia 8 de agosto. Encerrado o prazo, nenhum filme será aceito.
- 9** Os filmes inscritos passarão por uma seleção prévia. Somente participarão do Festival os que apresentarem qualidades mínimas de acabamento, técnicas e artísticas.
- 10** A lista oficial dos filmes participantes, previamente selecionados, será divulgada 5 dias antes do início do Festival. Os filmes concorrentes serão exibidos nos 3 primeiros dias do Festival. No quarto dia serão revelados e projetados os filmes vencedores e entregues os prêmios.
- 11** O júri do Festival será constituído de elementos ligados aos meios culturais cinematográficos. A direção do Festival designará o Presidente do júri. Não poderá fazer parte do mesmo quem tenha, em qualquer instante, colaborado com um filme em concurso.
- 12** As decisões do júri são irrecorríveis.
- 13** A direção do Festival resolverá todos os casos não previstos no Regulamento.
- 14** Os filmes dos concorrentes de São Paulo serão devolvidos em 10 ou 15 dias após o encerramento do Festival. Os de outros Estados, em 15 ou 20 dias. A direção do Festival se autoriza a promover projeções dos filmes ou não, dentro desse prazo.
- 15** Serão concedidos prêmios em material cinematográfico, troféus e medalhas, para as seguintes categorias:  
1.º, 2.º e 3.º colocados (filmes que reúnem as melhores condições técnicas e de realização, bem como formas de transmissão do seu conteúdo e sua comunicação com o público.  
Melhor Fotografia  
Melhor Filme de Inovação (aquele que apresentar pesquisas inéditas dentro da bitola).  
Melhor Interpretação Masculina  
Melhor Interpretação Feminina  
Melhor Trilha Sonora  
Melhor Solução de Apresentação (letrários de abertura, títulos). Outros prêmios especiais, poderão ser criados no transcorrer do Festival, de acordo com decisão do júri. Os filmes não premiados no Festival receberão um cartão de prata.
- 16** A participação no Festival implica na aceitação deste Regulamento.

ANEXO 06 – Programa Oficial do I Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.  
(Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

**I SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM**

Realização - GRIFE  
Promoção - FOTOPTICA  
Colaboração - TEATRO SÃO PEDRO - MUSEU LASAR SEGALL

SÃO PAULO - AGOSTO - 1973

**PROGRAMA I**  
23/8 - 5ª feira - 20,30 horas

- 1) **EXTRAPOLACÃO** de Dwell Berraco. Ficção-experimental - Dezembro 72/janeiro 73 - 15 minutos
- 2) **FE** de Simone Saul. Colagem - Junho 73 - 5 min. - som: Roberto Saul.
- 3) **MASSIFICACAO** de Alex Flemmig e Valério Lukin. Documentário - Julho 73 - 15 min. - som: Albino A. Silva
- 4) **ZOOM** de Marco Antonio Ferro. Animação - Janeiro 72 - 2 min.
- 5) **SEM TITULO** de Carlos A. Lucasz e Javier Judas. Pesquisa - Julho 73 - 5 min.
- 6) **TREINAMENTO** de Jorge Izar. Experimental - 72/73 - 6 min. - som: Martinho Murano.
- 7) **REVERTERUM** de Alexis Christus - ACAI - Assoc. Cinema Experimental - Rio de Janeiro - 1972 - 15 min. - Com Jozué Sotta, Penha Santos, Noêmia Brasil, Flávio Portilho, Carlos Collado, Jorge Barbosa, Krause José, Helen Maria, Maria Cristina e Heitor Bustamante.

**INTERVALO**

- 8) **SHOKO SUZUKI; CERAMISTA** de Eduardo Leaser e Almiro Aragão. Documentário - Julho 73 - 25 min.
- 9) **ION** de Marco Antonio Ferro. Fantasia - Janeiro 72 - 4 min.
- 10) **TERÇA A TARDE** de Eduardo Biral. Drama - Julho 73 - 12 min. - Com Marcelo, Guilherme e Mal Rudge.
- 11) **HOMEM ARANHA CONTRA DR. OCTOPIUS** de Ottoniel Santos Pereira, Eudaro Godoy e Lucia Sormani S. Pereira.
- 12) **HELVECIA, A CIDADE ESQUECIDA** de Fernando Pereira. Documentário - Junho/Julho 73 - 20 min. - som: Jorge Izar

**PROGRAMA II**  
24/8 - 6ª feira - 20,30 horas

- 13) **CIDADE SEM TEMA** de Roberto Mirabelli Gallo. Documentário - 2ª semestre 72 - 22 min.

- 14) **O MAR** de Marcello Nitsche. Pesquisa - 1973 - 4 min.
- 15) **UM (DOS MUITOS) SONHO** de Roberto Ramos. Ficção-realista - 72/73 - 11 min. - Com João Antonio Jr. e Moema.
- 16) **PRIMAVERA-OUTONO-INVVERNO** de Carlos A. Lucasz e Javier Judas. Documentário - Julho/Agosto 73 - 7 min.
- 17) **DIMENSÃO Z** de Nayde Selva. Ficção - Janeiro 73 - 15 min. - Com João Antonio Jr., Sara, Celso, Abel.
- 18) **RESULTANTE I** de Luiz Kazuo Komoda. Experimental - 72/73 - 5 min.
- 19) **CIRCULO DA GRANDE VIAGEM** de Nancy Sprusky Lodeiro. Documentário - Julho/Agosto 73 - 10 min. - Com Luiz Carlos de Oliveira, Eduardo Alvaranga, Armando Batista e Carmen Marza.

**INTERVALO**

- 20) **SATYAGRAHAI SATYAGRAHAI** de Mirielde Bumaigny. Fantasia - 1973 - 13 min. - som: Antonio Carlos Assunção.
- 21) **QUADRADOS EM QUADRINHOS** de Cláudine Perrine Camargo - Campinas. Sátira - Junho 73 - 20 min. - som: Henrique Jr. - Com Reinaldo Ribeiro, Minzon, Violeta, Silvia, Marco Antonio, Ricardo, Virginia e mais o grupinho "Les Enfants Terribles".
- 22) **O PODEROSO PATRÃO** de Reinaldo Cozer - Cine Clube Estácio de Sá - Rio Experimental - Julho 73 - 14 min.
- 23) **INVESTIGACAO SOBRE UM CINEASTA CHEIO DE SUSPEITAS** de Alexis Christus - ACAI - Assoc. Cinema Experimental - Rio de Janeiro - Julho/Agosto 73 - 23 min. - Com Alexis Christus, Jozué Sotta, Evelyn, Sandra, Heitor Bustamante.

★ ★ ★ ★

**PROGRAMA III**  
25/8 - sábado - 15 horas

- 24) **COM O CARRO PARA A NORUEGA** de Werner Ernst Krings. Documentário - Junho 72 - 27 min. - som: Alice Krings
- 25) **ENSAIO DE JAZZ** de Julio Augusto Vitorino. Semi-documentário - 1972 - 9 min.
- 26) **ALO, CONHECE PABLO PICASSO?** de Thales Pontes Luz - ACAI - Assoc. Cinema Experimental - Rio de Janeiro - Março/Agosto 73 - 14 min. - som: A. Christus
- 27) **A GUILHOTINA** de Culo Cesar Penna. Animação - Julho 73 - 2,20 min.
- 28) **INSECTA** de Luiz Bussolotti. Documentário - 1973 - 14 min.
- 29) **A VISITA** de Albino Antonio Silva e Antonio Lisaldo. Comédia - Janeiro 73 - 14 min. - Com Filomena Avino, Luiza Avino, Ovidu de Lima.

**INTERVALO**

- 30) **OURO PRETO** de Roberto Saul. Documentário - Janeiro 73 - 20 min.
- 31) **CASTIGO ADIADO PARA TEMPO OPORTUNO** de Carlos Porto de Andrade Jr. Existencial - Junho/Julho 73 - 4,30 min. - som: Marco A. D. Bruno - Com Carlos Porto de Andrade Jr.
- 32) **CUBO DE FUMACA** de Marcello Nitsche. Pesquisa - 1973 - 4 min.

- 2 -

- 33) **CONFRONTO** de Carlos Sacramento  
Documentário-mensagem - 1973 - 15 min.
- 34) **DA PRÁ MIM?** de Winston A. Tanganielli  
Animação - Agosto 73 - 5 min.
- 35) **RETAINHOS DA RODA VIVA** de Luiz Salgado  
Experimental - Julho/Agosto 73 - 18 min. - som: Carmine.

★ ★ ★ ★ ★

**PROGRAMA IV**

- 25/8 - sábado - 20.30 horas
- 36) **O SATERÉ** de Thales Pontes Luz - ACAI - Assoc. Cinema Experimental - Rio  
Documentário - Junho 71 a Janeiro 73 - 15 min. - som: A. Christus
- 37) **MICROCINEMATOGRAFIA** de Luiz Buscolotti  
Pesquisa - 1973 - 12 min.
- 38) **VILA VELHA** de Roberto Saul  
Documentário - Abril 73 - 10 min.
- 39) **PRAH FRENTE BRASIL** de Jorge Bouquet  
Experimental - Junho 73 - 3 min.
- 40) **A CARNE CONGELADA** de Edson Elto e equipe  
Sátira - 1973 - 19 min.

**INTERVALO**

- 41) **TAKES** de Fausto Pires de Campos e Ulrich Bruhn  
Semi-documentário - 1972 - 7 min. - som: Carlos A. Lacaz.
- 42) **GINGÓ** de Naysa Solva  
Drama - Julho 73 - 25 min. - som: Clemente
- 43) **VISÃO SUBMARINA** de Edgard Prochaska  
Pesquisa - 70/73 - 10 min. - som: Marinho Muramatsu
- 44) **O QUANTAL** de Luiz Antonio Pilo  
Drama - Julho/Agosto 73 - 25 min. - Com Paulo Hassa e Isadora de Faria

★ ★ ★ ★ ★

**ENCERRAMENTO**

26/8 - Domingo - 20 horas

- 1.ª parte — Projeção Hors-Concours de **JULIA PASTRANA** de Luonte Klawa.  
Fantasia - Janeiro 73 - 35 min. - Fotografia: Henrique de Macedo Netto - Estória:  
Naim de Oliveira.

2.ª parte — REVELAÇÃO DOS VENCEDORES COM PROJEÇÃO DOS FILMES PREMIADOS.

★ ★ ★ ★ ★

**PREMIOS FOTOPTICA**

**MELHOR FILME**

- 1.º lugar: Projetor EUMIG mod. 706 S 8 — Valor Cr\$ 4.832,00
- 2.º lugar: Filmador EUMIG Viennette 8 — Valor Cr\$ 4.523,00
- 3.º lugar: Filmador KALIMAR mod. 31 S 8 — Valor Cr\$ 2.097,00

Mais:

Titulador KALIMAR para letreiros de apresentação — Valor Cr\$ 464,00  
Editor MEOPTA Super 8 — Valor Cr\$ 364,00

— 3 —

Coladeira NORIS Super 8 — Valor Cr\$ 370,00

Monopé GITZO — Valor Cr\$ 186,00

40 rolos de filme Super 8 KODAK para as seguintes premiações:

Melhor FOTOGRAFIA — Melhor INOVAÇÃO — Melhor TRILHA SONORA — Melhor SOLUÇÃO DE APRESENTAÇÃO — Melhor ATOR — Melhor ATRIZ. Outras premiações poderão ser criadas conforme decisão do júri.

★ ★ ★ ★ ★

**J U R I**

- 1) Anibal Massaini — cineasta
- 2) Antunes Filho — cineasta e diretor de teatro
- 3) Assis de Castro — crítico de cinema do Jornal do Brasil
- 4) Bruna Lombardi — modelo fotográfico
- 5) Bruno Baretto — cineasta
- 6) Fernando Ferreira — crítico de cinema do Jornal O Globo
- 7) Gunther Staub — economista
- 8) Henrique Macedo — diretor-superintendente da Fotoptica
- 9) Jean-Claude Bernardet — crítico e professor de cinema
- 10) Jefferson Barros — crítico de cinema da revista Veja
- 11) Joana Fomm — atriz
- 12) John Herbert — ator
- 13) Luonte Klawa — professor de comunicação visual
- 14) Luciano Ramos — crítico de cinema do Jornal da Tarde
- 15) Maria Tereza Assunção — universitária de Comunicações
- 16) Miriam Mehler — atriz
- 17) Nilce Cervoni — produtora de filmes de publicidade
- 18) Roberto Berreira — diretor da revista Destile
- 19) Roberto Dualibi — publicitário
- 20) Roberto Miller — cineasta
- 21) Rodolfo Kondor — editor da revista Visão
- 22) Thomas Farkas — cineasta
- 23) Walter Hugo Khoury — cineasta
- 24) Wladimir Tavares de Lima — redator-chefe da revista Pop

★ ★ ★ ★ ★

**1.º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM**

Realização: GRIFE - Grupo dos Realizadores Independentes de Filmes Experimentais - Rua Estados Unidos, 2240. Direção geral: Abílio Berman — Coordenação: Malu de Alencar — Supervisão: Marilise Toni — Assistentes: Maria Vilensky, Jane Berman, Hanna e Abel Pajuszky.

Promoção e Assistência Técnica: FOTOPTICA S/A.

Colaboração: Teatro SÃO PEDRO - Rua Albuquerque Lima, 171  
Museu LASAR SEGALL - Rua Afonso Celso, 382/388

— 4 —

ANEXO 07 – Carta de Sylvio Back para Abrão Berman e Malu Alencar, datada de 18 de outubro de 1973. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

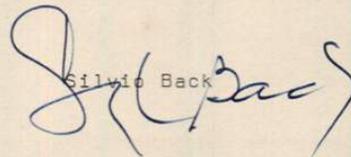


Curitiba, 18 de outubro de 1.973.

Caros ABRÃO e MALU,

Recebam aqui meu renovado agradecimento pela cessão dos filmes para o lançamento do nosso Festival. Conforme prometi, aí estão cartazes e regulamentos. Na próxima semana deverei estar em São Paulo e conversaremos melhor.

Abraços,

  
Sylvio Back

ANEXO 08 – Carta de Sylvio Back para Abrão Berman e Malu Alencar, datada de 23 de novembro de 1973. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)



Curitiba, 23/11/73

Caros Abrão e Malu,

Aí vão mais 150 cartazes e 150 folhetos pra vocês distribuírem na medida das necessidades e exigências. Abrão, só dentro de dias posso te confirmar a data da tua vinda a Curitiba: problemas de ordem burocrática estão atrapalhando as coisas. Mas tudo está acertado e só uma questão de tempo. Tão logo haja uma solução, te telefono.

De Rio já recebemos cartas e telefonemas de uma patota que está com os filmes prontos. Dentro dias, também, te mando o material relativo às fichas de inscrição e uma carta de Museu da Imagem e do Som credenciando o GRIPE - oficialmente - como "pegador" de inscrições aí pra São Paulo.

Obrigado por tudo que vocês tem feito pela gente aí.

Abraços, #

**OBJETIVA / PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS LTDA.**

RUA DUQUE DE CAXIAS, 840 - TEL. 24-6084 - C.G.C.M.F. 75.049.577/0001 - 80.000 CURITIBA - PR.

ANEXO 09 – Programa Oficial do II Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.  
(Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

**II SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM**  
Concurso de curta-metragem

Realização - GRIFE  
Produção - FOTOPTICA  
Colaboração - ESPORTE CLUBE SIRIO  
Promoção - CANAL 13 BANDEIRANTES  
JORNAL DA TARDE

SÃO PAULO — NOVENBRO — 1974

**PROGRAMA I**

5.ª feira — 21/11 — 20.30 horas

1. **ESCORIA** de José Roberto M. Negri — São Carlos — SP  
Experimental — junho/outubro de 74 — Trilha sonora: Fernando Daigalarondo.
2. **KAKOS KAI AGATOS** (Feio ou Bonito) de Flávio del Carlo  
Ficção — maio 74 — Trilha sonora: Cláudio Miksud — com Cristina Mutarelli, Antonio Cesar, Heloisa Cintra.
3. **O REGISTRO DE UMA AÇÃO** de Maria de Lourdas Polido de Souza — Experimental — 1973/74.
4. **SAMBA RISCADO** de Luis Villares London  
Experimental — outubro 74.
5. **BUUH** de Thais Martins  
Ficção — junho 74 — com Leonora Caterini, Carmen Campos, Marcia Macedo e Maria Aparecida Machado.
6. **UFANH** de Benedito Carlos Moreira dos Santos  
Desenho animado — outubro 74.
7. **ALEPH II** de Honório Lieboa Neto, Carlos Porto de Andrade Jr. e A. A. Palumbo  
Experimental — junho/julho 1974.
8. **EM TRANSITO** de Naraal Knabben e Maria Lucía Dias  
Documentário — janeiro 74 — Trilha sonora: Julio Carone.
9. **THE LAUGHING GNOME** de Isay Weinfeld e Marcio Kogan.  
Experimental — fevereiro 74 — Trilha sonora: Robert Clark.

**I N T E R V A L O**

10. **36 POSES E NENHUM GESTO** de Talvani Guedes da Fonseca  
Recife — ficção — janeiro 74.
11. **E DA SUA CONTA?** de Marcio Pfitluk e L. A. Pio  
Ficção — novembro 74 — com Marcio Pfitluk.

— 1 —

12. **FABULA** de José Roberto M. Negri — São Carlos — SP  
Experimental — setembro/outubro de 74 — Fotografia: José Renato Coury.
13. **RECITAL** de Sergio de Toledo Segal  
Ficção 1972/73 — Fotografia: Eduardo Seicman  
Trilha sonora: Jorge Lira. Com Edison Santana.
14. **ENSAIO** de Marco Ferro, Raul Eitelberg e Naraal Knabben — Documentário — maio 74 — com Lea e pessoal da escola de samba Mocidade Alegre da Casa Verde.
15. **RUA DA PAZ** de Ottoniel dos Santos Pereira  
Ficção — setembro de 74 — com Gernot Stiegler, Albino A. Silva, Mylton Severiano, Paula Plank, Edva Beraldo, Décio Bar, Elaine Bar, Wanderlei S. Pereira e outros.

★ ★ ★ ★ ★

**PROGRAMA II**

6.ª feira — 22/11 — 20.30 horas

16. **A GAIOLA** — Marcos Fontana  
Ficção — outubro 74 — com Cristina Terra e Bianca Luchese.
17. **AS VIBORAS** de Otávio de Almeida  
Ficção — 1974 — Fotografia: S. Shiroma — com Carlos Eduardo Romani, Renato Zanini, João Pinto de Almeida, Odete Siberi, Lenine Pereira e o cão Ling-lé.
18. **DIA A DIA** de Pedro Farkes e Eliana Bandeira  
Ficção — junho 74 — com Solange Marazzi.
19. **LUX** de Marco Ferro  
Experimental — dezembro 73.
20. **OHI LONELY COW** de Isay Weinfeld e Marcio Kogan  
Experimental — julho/outubro 74 — Fotografia: Olga Schneider.
21. **COPA 74** de Albert Roger Hemsli  
Documentário — agosto 74.
22. **BRINCANDO DE CINEMA** de Julio A. Vitorino  
Experimental — maio/junho 74.

**I N T E R V A L O**

23. **SISTEMA** de Eduardo Seicman  
Ficção — julho/agosto 74 — Fotografia: Sergio de Toledo Segal. Trilha sonora: E. Seicman e Roberto Gervitz — com Tereza Alves de Lima.
24. **PREVENÇÃO DE ACIDENTES DO TRABALHO** de Alfredo Eugênio Birman — Documentário — outubro 74 — Fotografia: Lana Kasmina.
25. **ADEUS À TERRA** de Jesus Antonio Liguori e Dorival Liguori — Animação — outubro 74.
26. **PAO DE BARRO** de Lilia Pandolfi e Lory Herrman — Rio de Janeiro  
Documentário — outubro de 74 — Fot.: L. Herrman — Trilha sonora: Elmar Queiroz e Sergio Petazzonni.

— 2 —

27. FOI de Manuel de Brito e Silva Jr.  
Animação — novembro 74.

28. AS DUAS FASES DA VIDA de Ortiz Paga  
Ficção — outubro 74 — Trilha sonora: C. Frega e A. C. Sanches.

29. HOMO SAPIENS de José Antonio Tauil — Rio de Janeiro  
Ficção — março 74 — Fot.: Isa Tauil, Gunter Lay e J. A. Tauil. Com José Antonio Tauil, Gunter M. Lay, Isa B. Tauil e Gilmair P. Geraldini.

30. O MENINO de Lony Herrman e Lilia Pandolfi — Rio de Janeiro  
Ficção — outubro 74 — Trilha sonora: Beto, Sergio Petrezoni e Rubens Herrman. Com Cláudio dos Santos.

★ ★ ★ ★ ★

### PROGRAMA III

Sábado — 24/11 — 20:30 horas

31. TIMBUCTU E MOPTI de Zé Agripino — Salvador  
Documentário — 1974.

32. A VIRGEM DO OITAVO ANDAR de Marcio Pittluk e L. A. Pio  
Ficção — novembro 74 — Fot.: L. A. Pio. Com Marcio Pittluk.

33. TALHERES DE PRATA de Honório Lisboa Neto, Caride Porto de Andrade Jr. e A. A. Pelumbo  
Experimental — setembro 74 — Com Anne Marie Summer

34. CUZCO de Alex Fleming e Valério Lukin  
Documentário — fevereiro 74.

35. NINGUEM ENTENDE NADA de José Roberto M. Negrí — São Carlos — SP  
Experimental — julho/outubro de 74. Com Cristina Sorregotti.

36. EMBARALHADOS de Abel Pazautzky  
Ficção — outubro 74. Fot.: Alf Meister — Trilha sonora: Mário Murano — com Henrique César, Albino A. Silva, Leo Berman, Narciso Maquieira Jr. e Riva Nimtz.

### INTERVALO

37. FESTA DO DIVINO de Nerebal Knabben e Maria Lucia Aranha Dias  
Documentário — abril/mayo 74.

38. PAISAGEM de Francisco Conte  
Ficção — outubro 74 — Fot.: Elias Tyrrel — Trilha sonora: F. Conte, Valério Lukin e Elton Pula. Com Cláudio Venori, Valério Lukin, Vera Rochlitz, Raquel Toledo Piza, Walter de Luca, Justus Schwelafsky, Elton Pula, Reginaldo Canhoni, Serginho Belissimo.

39. DECLARAÇÃO de Ottoniel Santos Pereira  
Ficção — março 74 — com Gernot Stiegler e Paula Plank

40. BLUES PARA EROS de Marcos Ferro e Raul Eitelberg  
Experimental — março 74.

— 3 —

### ENCERRAMENTO

Domingo — 24/11 — 20 horas

1.ª parte — Projeção Hora — Concours de CINEMOBILES "Fotograma" e "A moris da Galinha" de Cláudio Torzi "Marilyn" e "Cinemania 50" de Abrão Berman  
DERCY GONÇALVES — Série CINE-RETRATO — de Abrão Berman e Ro Black

2.ª parte — REVELAÇÃO DOS VENCEDORES E PROJEÇÃO DOS FILMES PREMIADOS  
PUB. do Sr. Alvaro Teixeira de Melo, Presidente do INSTITUTO NACIONAL DO CINEMA.  
Transmissão pelo Canal 13 Bandeirantes dia 4 de dezembro, às 22,45 horas.

★ ★ ★ ★ ★

### PREMIOS FOTOPTICA

#### MELHOR FILME

1.º lugar: Troféu Fotoptica e Projetor Eumig 8100 — Valor Cr\$ 9.523,00  
2.º lugar: Troféu Fotoptica e Filmador Noris 6000 — Valor Cr\$ 5.950,00  
3.º lugar: Troféu Fotoptica e Filmador Eumig Vennete 8 — Valor 4.200,00

#### Mais:

Melhor fotografia: Troféu Fotoptica e 20 filmes Kodak Super 8mm — Valor Cr\$ 1.050,00  
Melhor trilha sonora: Troféu Fotoptica e Gravador K7 Sony TC28 — Valor Cr\$ 1.164,00  
Melhor filme de animação: Troféu Fotoptica e titulador Kallimar C28 — Valor Cr\$ 404,00  
Melhor filme de inovação: Troféu Fotoptica e 20 filmes Kodak Super 8mm — Valor Cr\$ 1.050,00  
Melhor música: Troféu Fotoptica e rádio-relógio Mitsubishi RWA 60 — Valor Cr\$ 810,00  
Melhor atriz: Troféu Fotoptica e rádio-relógio Mitsubishi RWA 60 — Valor Cr\$ 810,00  
Conforme decisão do júri, os títulos das premiações poderão ser alterados, bem como outros prêmios serem criados.

★ ★ ★ ★ ★

### JURI

- 1) Ana Maria Sanchez — Crítica de cinema, Revista Pop
- 2) Carlos Amaral Fonseca — Representante do Instituto Nacional do Cinema
- 3) Cremilda D. A. Medina — Prof. de Jornalismo USP
- 4) Eduardo Serra — Fotógrafo
- 5) Fyaz José Masad — Membro da Associação Brasileira de Educação Audiovisual
- 6) Fernando de Azevedo — Diretor de Criação, Agência D.P.Z.
- 7) Fernando Coelho — Colunista, Shipping News
- 8) Henrique de Macedo Netto — Prof. de Fotografia FAAP e Diretor Superintendente da Fotoptica
- 9) José Carlos Avellar — Crítico de cinema, Jornal do Brasil
- 10) Laerte Klawa — Prof. de Comunicação Visual FAAP
- 11) Lillian Lammertz — atriz — Diretora do GRIFF
- 12) Maria Luiza de Almeida — Crítica de cinema, Cinemas
- 13) Miro Carta — Jornalista — Diretor da Revista Veja
- 14) Orlando Faasoni — Crítico de cinema, Folha de São Paulo
- 15) Pola Yarruk — Crítica de cinema, O Estado de São Paulo
- 16) Ricardo Ramos — Escritor e publicitário — Diretor de Criação, Agência McCann Erickson
- 17) Samir Razuk — Diretor Geral da Rádio e Televisão Bandeirantes — Diretor Cultural do Espor.
- 18) Silvio Back — Crítico de cinema, Jornal da Tarde
- 19) Telo Martins — Crítico de cinema, Jornal da Tarde
- 20) Thomas Farías — Presidente da Fotoptica e cineasta
- 21) Luiz Carta — Diretor Editora Três
- 22) Roberto Farías — Cineasta

★ ★ ★ ★ ★

### III SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM

1975 — De 21 a 24 de agosto — inscrições até 31 de julho  
Direção Geral: Abrão Berman  
Realização: GRIFF: Rua Estados Unidos, 2240, São Paulo  
Produção e Assistência Técnica: FOTOPTICA S/A

— 4 —

ANEXO 10 – Carta de Roberto Farias para Abrão Berman e Malu Alencar, datada de 19 de novembro de 1974. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)



EMPRESA BRASILEIRA DE FILMES S. A. — EMBRAFILME

AV. 13 DE MAIO, 41 - 13.º AO 16.º AND. - ZC-06 - RIO DE JANEIRO - GUANABARA - BRASIL  
TELEFONE: 231-9675 • ENDERÇO TELEGRÁFICO (CABLE ADDRESS:) EMBRAFILME

DG/079/74

Sr. ABRÃO BERMAN Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1974

Prezado senhor :

Acuso o recebimento de sua carta de 6 de novembro último e agradeço o amável convite para participar do júri do II Super Festival Nacional do Filme Super 8mm.

Confirmando minha presença em São Paulo no dia 20 de novembro próximo, em razão de compromissos da Empresa, comunico a V.Sa. não ser necessário o envio de passagens para tal fim.

Solicito a V.Sa. comunicar-se com a Embrafilme para quaisquer informações que porventura se façam necessárias.

Congratulando-me com V.Sa. pela promoção do mencionado Festival, despeço-me

Atenciosamente,

ROBERTO FARIAS  
diretor-geral

ANEXO 11 – Carta de Abrão Berman para Thomaz Farkas, datada de 9 de dezembro de 1974. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

Farkas

Estou começando a preparar o nosso próximo Festival.  
Será mesmo em Agosto, de 21 a 24.

O regulamento terá alterações. Gostaria de conhecer  
tuas sugestões- quanto ao Festival em si, quanto ao  
regulamento e quanto aos trabalhos dos jurados.

Se possível, pe mande por escrito, certo?

De qualquer forma, acho que posso dizer que estamos  
todos de parabéns. A repercussão tem sido fortíssima.

Recebi convite para fazer uma conferência sobre Super 8  
em Alagoas no início de janeiro, resultado da divulgação  
do Festival e indicação do INC.

Outra coisa- sábado que vem, dia 14, às 16 horas, aqui no  
GRIFE vamos exibir os filmes recusados na seleção ~~seleção~~.  
Vamos passar, inclusive o Dia a Dia do Pedro Farkas que já  
nos foi devolvido pela Censura.

Tã?

Abraços,

Abrão 9/12

ANEXO 12 – Carta de Abrão Berman para Favez José Mauad, datada de 9 de dezembro de 1974. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

Favez

Acho que podemos dizer que nosso Festival está mesmo cada vez mais poderoso. Já marquei a data de 21 a 24 de Agosto de 75 para a realização do III. Espero que neste você possa estar muito mais presente, o que é uma coisa das mais absoluta importância. Concorde?

Se você tem alguma sugestão a fazer sobre regulamento, festival em si, atuação dos jurados, etc., eu te peço que me faça. Se possível por escrito. O ano que vem tudo tem que ser o mais perfeito possível.

Outra coisa: sábado que vem, dia 14/12, às 16 horas, aqui no GRIFE, vamos projetar os filmes recusados na seleção prévia para análise e orientação aos autores. Seria bom se você puder estar presente, O.K.?

Um grande abraço,

Abrão 9/12

ANEXO 13 – Programa Oficial do III Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.  
(Acervo pessoal de Francisco Conte)

3.º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM	
Concurso de curta-metragem	
Realização - GRIFE	
Produção - FOTOPTICA	
Colaboração - ESPORTE CLUBE SIRIO	
Promoção - CANAL 13 BANDEIRANTES	
JORNAL DA TARDE	
SÃO PAULO - AGOSTO - 1975	
<b>PROGRAMA I</b>	
5.ª feira — 21/08 — 20,30 horas — Censura Livre	
<b>Categoria ENREDO</b>	
1. <b>HOMO POLLUTUS</b> de Moyrés Baumstein Com Geddon Ferraz.	
2. <b>FACULDADES ZACHARIAS</b> de Alex Flemming Com Alexandre Yambanis, Jesus Fernandez, Silvia Ricardo, Hubert Reingruber e Victor Kaiser.	
3. <b>O FRANCES</b> de Marcio Pritluk Com Claudio Carillo, Ricardo Pritluk, Lenira P. dos Santos, Walter e Mariane Oworek e Jairo Jotas.	
4. <b>A FLOR</b> de Francisco Quadra Andrez (Suzano — SP) Com Francisco Alberto.	
5. <b>CRUZADA TROPICISTA</b> de Flávio Del Carlo Com Pasquale Marino e Cristina Mutarelli.	
6. <b>FENIX</b> de Marco Ferro e Raul Ethelberg Com Marco Antonio e Nair.	
7. <b>A VIRGEM DO 8.º ANDAR</b> — 2.ª PARTE de Marcio Pritluk Com Ricardo Pritluk.	
8. <b>LADAINHA</b> de Luiz Antonio Pio Com João Pinto de Almeida.	
9. <b>COMERCIAL</b> de Eduardo Herminio Sayegh Filho Com José Maria Bernardes, Carolina Wander e Elizabeth Potenza.	
<b>INTERVALO — 10 minutos</b>	
<b>Categoria EXPERIMENTAL</b>	
10. <b>COMMUNICATION</b> de Fernando Eugênio Catta-Preta	
11. <b>RESPONDA ESSA</b> de Maria Elisa Bitano	
12. <b>EFEITO</b> de Albino Carlos e Armindo Mandim	
13. <b>A VIAGEM</b> de Maurício Fridman	
14. <b>EXPERIENCIA I, UM POEMA VISUAL</b> de Roberto Mirabelli Gallo	
<b>INTERVALO — 5 minutos</b>	
<b>Categoria DOCUMENTÁRIO</b>	
15. <b>TEATRO PASSARELA</b> de Rosina Leser Schwarz	
16. <b>BEIRA RIO</b> de Walter Ouaglia	
17. <b>A MARGEM</b> de Alex Fleming	
18. <b>DAY BY DAY</b> de Thales de Castro e Reinaldo A. de Oliveira	
19. <b>INSETOS</b> de Nerval Knabben e Maria Lucia Knabben	

<b>PROGRAMA II</b>	
6.ª feira — 22/08 — 20,30 horas — Censura 14 Anos	
<b>Categoria DOCUMENTÁRIO</b>	
20. <b>ELEVADO PRES. ARTHUR DA COSTA E SILVA</b> de Javier Judas y Manubens	
21. <b>ALTIPLANO</b> de Valério Lukin	
22. <b>ALEGRIA</b> de Jorge Caron	
23. <b>COSTURA DA PAISAGEM</b> de Marcello Nitsche	
24. <b>BALLET DOS ANOS</b> de Antonio de Pádua Toledo Leme	
25. <b>UM DIA, UMA FEIRA</b> de Marco Ferro	
26. <b>PENSAMENTOS</b> de Wellington Carlos (Maringá — PR)	
27. <b>ILHA DA PASCOA</b> de Raul Ellitelberg	
<b>INTERVALO — 10 minutos</b>	
<b>Categoria ANIMAÇÃO</b>	
28. <b>FRUIT JUST FRUIT</b> de Osvaldo M. Spiritus, Amaro Moraes e Silva Neto	
29. <b>PONTO DE VISTA</b> de Elizabeth Pieracciani	
30. <b>AMULETO DE OGUM</b> de Grupo do Porão	
31. <b>O GRANDE FINAL</b> de Jesus Amancio Liguori e Dorival Liguori	
<b>Categoria ENREDO</b>	
32. <b>ANTES DO BAILE VERDE</b> de Alex Flemming Com Mirres Mesquita e Thais Pensinoto.	
33. <b>A RANA</b> de Cláudio Pinto de Almeida Com Carlos Eduardo Romani e João Pinto de Almeida.	
34. <b>ALVITRE</b> de Ademir Alves Telles Com Dalzira de Almeida, Valéria Frutuoso, Antonio de Almeida e Geni Frutuoso.	
35. <b>OS PERIGOS DE RAIMUNDA</b> de Claudinei Perrina Cemargo (Gampinas — SP) Com Ricardo Nunes, Rachel Penteado, Douglas Missorelli, Antonio Carlos Araujo.	
36. <b>NINGUÉM GESTO</b> de Talvani Guedes da Fonseca (Recife — PE)	
<b>INTERVALO — 5 minutos</b>	
37. <b>A SEMENTE</b> de Yuki Kurihara Com João Pinto de Almeida e Luiz Carlos Panteleão.	
38. <b>A BELA ADORMECIDA</b> de José Wisniefeld e Márcio Kegan Com Cláudio Penteado, Rafaela de Almeida, Alfredo Pimenta, Ayrton Bicudo, Estela Sahm, Olga Schmieder, Jacqueline Atronis, Lillian Citron.	
39. <b>O CABETA</b> de Julio Augusto Vitorino Com F. Di Bella e Maria Inez Carpi.	
40. <b>ARGHI</b> de Edson Louzada, Paulo Leite e Rijoji Inoue. Com Paulo Leite.	
41. <b>MUTAÇÃO SEM TEMPO</b> de Luis Bacchi	
<b>PROGRAMA III</b>	
Sábado — 23/08 — 19,30 horas — Censura 18 Anos	
<b>Categoria ENREDO</b>	
42. <b>MÚSICA APENAS</b> de José Roberto Negrão Com Heleno Amaral e Haráela Paulo.	
43. <b>O RAPTO</b> de Lúmeu Pieper Com Cláudio, Maria e Iati.	
44. <b>DO OUTRO LADO</b> de Wilson Frangilo Jr. e Augusto José Trindade (Araras — SP) Com Augusto José Trindade e Udovaldo Chiarotti.	

Presença de Sr. Alceu Teixeira de Melo, Presidente do INSTITUTO NACIONAL DO CINEMA.  
Transmissão pelo Canal 13 Bandeirantes a cores, em dia e horário a serem anunciados.

## PRÊMIOS FOTOPTICA

INC — VALOR Cr\$ 20.000,00

### POR CATEGORIA

MELHOR FILME DO FESTIVAL — Troféu Fotoptica e Projetor BOLEX MULTIMATIC.  
 Melhor Enredo — Troféu Fotoptica e um Filmmador NIKON SUPER ZOOM 8X.  
 Melhor Documentário — Troféu Fotoptica e Filmmador SANKIO ES-44, com acessórios.  
 Melhor Animação — Troféu Fotoptica e Filmmador NORIS 8000 S.  
 Melhor Experimental — Troféu Fotoptica e Filmmador NALCOM TL-300 ZOOM.  
 Melhor Fotografia — Troféu Fotoptica e Tripé "DIA" MOD. V-3.  
 Melhor Trilha Sonora — Troféu Fotoptica e Gravador NATIONAL 308 S.  
 Melhor Solução de Apresentação — Troféu Fotoptica e 2 Reletores TALLUX 1000W.  
 Melhor Atriz — Troféu Fotoptica e um Releitor PHILCO SWEEPSTAKE.  
 Melhor Ator — Troféu Fotoptica e um Releitor PHILCO SWEEPSTAKE.  
 Como prêmio de consolidação do Juri, os títulos das premiações poderão ser alterados, bem como outros serem criados.

Prêmios adicionais a serem distribuídos:

Seis (6) coladeiras FUJ mod. simples, 1 Iluminador RANGER 1000W e 2 Rádios PHILCO SWEEPSTAKE.

### JURI

- 1 — Alberto Djinshian — Coordenador da Área de Criatividade do CEPA — Diretor de Criação da FB&A Levy Propaganda.
- 2 — Ana Marie Sanchez — Crítica de Cinema revistas Pop, Claudia e Nova.
- 3 — Carlos Amaral Fonseca — Diretor Departamento do Filme de Longa Metragem do INC.
- 4 — Carlos Sampaio — Editor de página, Transas em Super 8 — do Pasquim.
- 5 — Eva Wilma — Atriz de Teatro, TV e Cinema.
- 6 — Fátima M. de Moraes — Presidente da Associação Brasileira de Educação Audiovisual.
- 7 — Frides Dorival — Montadora (Rio de Janeiro).
- 8 — Henrique de Macedo Netto — Professor da Fotografia FAAP e Diretor Superintendente da Fotoptica.
- 9 — Laonte Klawe — Professor de Comunicação Visual FAAP.
- 10 — Lillian Lemmerz — Atriz de Teatro, TV e Cinema.
- 11 — Maria Luiza de Alencar — Diretora do Grife.
- 12 — Oniel Santos Pereira — Publicitário e Chefe de Redação do Jornal O Estado de São Paulo.
- 13 — Regina Viana — Crítica de Cinema e Produtora de programas TV - Cultura.
- 14 — Roger Müller — Cineasta e Produtor de programas TV - Cultura.
- 15 — Samir Razuk — Diretor Geral da Rádio e Televisão Bandeirantes.
- 16 — Silvio Back — Cineasta.
- 17 — Silvio Lancellotti — Editor de Artes e Espetáculos da Revista Veja.
- 18 — Susanne de Azevedo Marques — Diretora da Revista Irls.
- 19 — Tomaz Farkas — Cineasta e Presidente da Fotoptica.
- 20 — Wladimir Soares — Crítico de Cinema do Jornal da Tarde.

## 3.0 SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM

Direção Geral — Abrão Berman

Secretaria — Dália Leite

Assistência — Maria Cecília Maluly.

## 4.0 SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM

1976 — De 19 a 23 de Agosto — Inscrições até 31 de Julho

Realização CRIFE — R. Estados Unidos, 2240 — São Paulo

Produção e Assistência Técnica — FOTÓPTICA S/A.

— 4 —

45. **MEKASE** de Donival Liguori e Jesus Amancio Liguori  
Com Atílio Bonfiglioli Neto, Marcio José Marques Guerra e José Carlos Tavares.

46. **TANGO** de Walter Oleggia  
Com Sofia Saravé, Sidney F. Rey, José Luiz Rodi e Vitória Nivea.

47. **A SESSÃO** de Moysés Baumstein  
Com Grákon Ferraz, Lina Araújo, Oreni de Araújo, Bernardo Linge e Moysés Baumstein.

48. **FUTURO DO PRESENTE** de José Antonio Tajiri (Rio de Janeiro — RJ)  
Com Vera Glória, Jorge Correa, Leércio Barbosa e Douglas Roquete.

49. **AHI ESSES ADVOCADOS** de José Roberto Negrão  
Com Raquel, Tony, Bubby e Paulo.

### INTERVALO — 10 minutos

50. **EXERCÍCIO DE ESPERA** de Guilherme de Almeida Prado  
Com Silvana Rando, Francisco Guerra Pena e Christiane Rando.

51. **FINALIDADE** de Francisco Quadra, Andrez, Suzano — SP)  
Com Romaldo Pagnani, Sulinha Rocha e Ariovaldo Nunes.

52. **DIGESTÃO PARALELA** de Marcia M. Denser  
Com Edilaine de Geradim Pió

53. **ACETAÇÃO** de Geradim Pió  
Com Edilaine de Andrade e Felix Lorenzo.

54. **RETRATO** de Francisco Conte  
Com Wladir Dupont, Nicolai Shrinkin, Vera Rochlitz, Luiza Conti, Celeste Cavalcanti, Tereza Azeijo e Francisco Conte.

55. **SOLIDÃO** de Vicente de Paula Meneses Mendonça  
Com Manoel Costa, A. P. T. Leme e Lima Alves.

### INTERVALO — 5 minutos

#### Categoria EXPERIMENTAL

56. **COSTURA** de Marcello Nitsche

57. **NOSSO PRIMEIRO MUSICAL** de Isay Weinfeld e Mário Kogan

58. **ENSAIO LUMINOSO** de Carlos Vargas

59. **PAIXÃO MALDITA** de Isay Weinfeld e Márcio Kogan  
Com Dina Sht.

### INTERVALO — 5 minutos

#### ESPECIAL — FORA DE CONCURSO

**CANTO DE CISNES** — Longa metragem em S 8 de Amaury Sanchez.

Duração aproximada: 1.20 hora.

Com Vera Helena, Lucy M. de Lima, Rosita Gómez, Wilma Fagundes, Oscar Pitta, Márcio Falleiros e outros.

#### ENCERRAMENTO

Domingo — 24/08 — 20 horas

1.ª parte — Projeção fora de concurso de

**UM DIA NO INÍCIO DESTA DÉCADA** de Talvani G. da Fonseca (Recife — PE)

Duração: 10 minutos.

**O COPO** — criação coletiva sob direção de Luiz London

Duração: 10 minutos.

**NOSTALGIA** de Marcus Vinícius

Com Sadi Cabral — Duração: 10 minutos.

#### 2.ª parte

— Entrega de certificados de participação a todos os concorrentes.

— REVELAÇÃO DOS VENCEDORES / ENTREGA DE PRÊMIOS E PROJEÇÃO DOS FILMES PREMIADOS.

— 3 —

ANEXO 14 – Propaganda da Sankyo, com Abrão Berman como garoto propaganda, veiculada na revista IrisFoto (número 290, p. 20) por ocasião do realizador ter ganhado prêmio no 2º Festival da Aliança Francesa utilizando-se de equipamentos da empresa. (Acervo Cinemateca Brasileira – São Paulo)

Não há cineasta amador ou profissional que não considere estimulante concorrer com seu filme em um festival.

Desde que começou o movimento Super-8 no Brasil, meu envolvimento nos festivais tem sido quase sempre direto, me impedindo de concorrer.

Até que surgiu uma oportunidade no último Festival Nacional de Curta-Metragem da Aliança Francesa, no Rio de Janeiro (junho 76).

Era um desafio duplo: fazer um bom trabalho e testar minha nova câmara sonora SANKYO XL-60 S.

E valeu a pena: Meu filme "Brasil ou Aquarela do Brasil", feito inteiramente com som

direto, na base do depoimento de artistas de teatro e na dublagem de uma música conhecida, ganhou o troféu Humberto Mauro, oferecido pela Embrafilme, concedido ao melhor filme Super-8 do Festival.

A SANKYO estava me oferecendo uma incrível qualidade de som, filmado a 24 q/p/s com microfone direcional, e uma excelente objetiva luminosa com um obturador variável XL a 220º, que me permitiria filmar à luz de uma vela, se fosse necessário.

A idéia do meu filme, sem nenhuma modéstia, era quentíssima e muito atual. E a minha SANKYO correspondeu plenamente.

## COM ESTA CÂMARA, ABRÃO BERMAN GANHOU UM PRÊMIO.



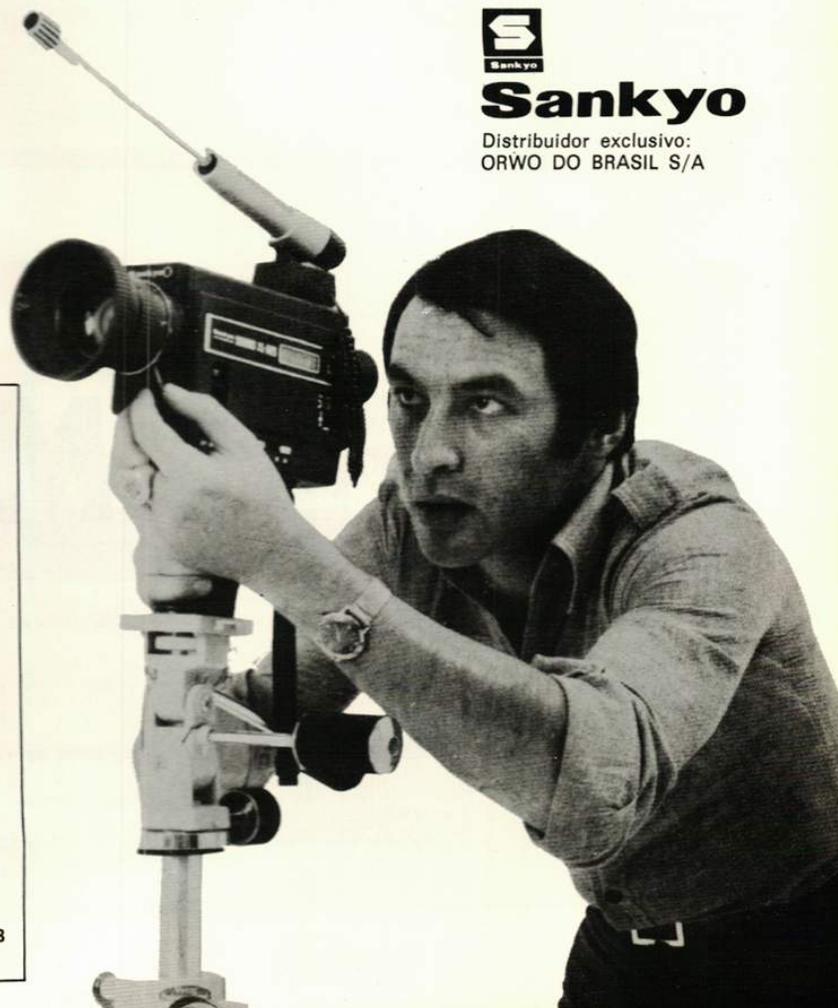
**Sankyo**

Distribuidor exclusivo:  
ORWO DO BRASIL S/A

PROJETOR SONORO  
SANKYO - 600



Utilizado no  
2º Festival Nacional  
de Curta-metragem  
Rio, junho 1976  
e no 4º Super Festival  
Nacional de Filme Super-8  
São Paulo, agosto 1976



ANEXO 15 – Programa Oficial do IV Super Festival Nacional do Filme Super 8 mm.  
(Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

15. Documentário: <b>BOM APETITE</b> , de Albino Carlos e Armino Mendin. Com Elzei Sakvedor, Miriam Rodrigues e Silvio.	
<b>INTERVALO — 10 minutos</b>	
16. Animação: <b>UMA NOITE CAPIRA</b> (RJ), de Edilson Pia.	
17. Experimental: <b>ARTE E FOME</b> , de Francisco José Páil. Com Elvio Agnelli.	
18. Documentário: <b>MURAL</b> , de Jorge Caron.	
19. Documentário: <b>CANÇÃO DO EXÍLIO</b> , de Ilan Rubinstein.	
20. Enredo: <b>O MANUSCRITO</b> , de Moyás Baumann. Com Mirim Sonnenreich e Sarita Rolan.	
<b>A seguir:</b> Projeção de filmes curtos franceses em Super 8 mm da B.F.F.P. (Banque de Films de Format Populaire)	
<b>PROGRAMA III — 6.ª feira — 13/08 — 20:30 horas</b>	
21. Documentário: <b>TERMO VERMELHO</b> , de Luis Lustig e Paulo Ludmer.	
22. Enredo: <b>XIS</b> , de Alex Flemming. Com Renata Proserpio, Selma Karakas, Marcelo Levi, Roberto Guedes.	
23. Experimental: <b>AUTO-RETRATO</b> , de Marcelo Nitsche.	
24. Documentário: <b>PESCADOR</b> , de Jorge Caron. Música de Rolando Boldrin.	
25. Enredo: <b>SEM NOME</b> , de Edgard Pereira Mendes. Música de Uriel. Com Pasquale.	
26. Experimental: <b>REFLEXÃO</b> , de Sérgio Lisboa Giraud.	
27. Enredo: <b>ECOS DO UNIVERSO</b> , de Cláudio Denis Maksoud. Música de C. D. Maksoud.	
<b>INTERVALO — 10 minutos</b>	
28. Documentário: <b>PF-ZBV</b> , de Adélio dos Santos Abreu.	
29. Animação: <b>CRIAÇÃO</b> , de Moyás Baumann.	
30. Enredo: <b>PASSAGEM</b> , de Luis Lustig e Carlos Mazza. Com Teresa Mazza e Fábio Meistriner.	
31. Enredo: <b>REFLEXUS</b> , de Ayrton Lind Sampaio. Com Cláudio Moraes.	
<b>A seguir:</b> Projeção de filmes curtos franceses em Super 8 mm da B.F.F.P. (Banque de Films de Format Populaire)	
<b>PROGRAMA IV — sábado — 14/08 — 20:30 horas</b>	
32. Enredo: <b>ESCANTEIO</b> , de Luis Antonio Pio. Música de Ogo. Com Eudésia Acuña, Regis Monteiro e Clemente Viscaino.	
33. Experimental: <b>FOCO VIRTUAL</b> , de Nelson Fogaça de Almeida e Ademir Alves Telles.	
34. Enredo: <b>CRIME MAIS QUE PERFEITO</b> , de Paulo Figueiredo. Com José Luiz de Santo, Margot Cassador, Pedro Cassador, Irene Solha Pinheiro, Alberto Del Comuni e Alberto Gavinho.	
35. Animação: <b>SANGRE</b> , de Filívio Del Carlo.	
36. Enredo: <b>UMA ESTORIA BATIDA</b> , de Isay Weinfield e Márcio Kogan. Música de João Martini. Com Cristina Pereira, Roberto Orsco, Omar di Priet, Stela Freitas, Luis Siqueira, Renaldo Rezende, Clid Pimentel, Marcelo Goldfarb, Jacqueline Arreit, Silvio Oppenheim, João Martini, Regina Schmitzer, Rita Proharian.	
<b>INTERVALO — 10 minutos</b>	
<b>FILMES FORA DE CONCURSO</b>	
<b>HOMEM ARANHA CONTRA DR. OCTÓPIUS</b> , de Ottoniel dos Santos Pereira. 1.º prêmio I Super Festival Nacional do Filme Super 8 MM — 1/974	
<b>DECLARAÇÃO</b> , de Ottoniel dos Santos Pereira. 1.º prêmio do II Super Festival Nacional do filme super 8 mm — 1/974	
<b>ALEGRIA</b> , de Jorge Caron. 1.º prêmio do III Super Festival Nacional do Filme Super 8 MM — 1/975	

<b>4.º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM</b>	
Concurso de curta-metragens	
<b>Realização - GRIFE</b>	
<b>Produção - FOTOPTICA</b>	
<b>Promoção - JORNAL DA TARDE</b>	
<b>Apoio - SEGRET MUNICIPAL DE CULTURA - DEPTO. DE TEATROS/EMBRAFILME</b>	
<b>SÃO PAULO — TEATRO PAULO EIRO — AGOSTO — 1.976</b>	
Entre os 60 filmes inscritos, sendo 45 de São Paulo (Capital), 6 do Rio de Janeiro (GB), 2 de Araras (SP), 2 de Suzano (SP), 1 de Salvador (BA), 1 de Porto Alegre (RGS), 1 de Sorocaba (SP), 1 de Campinas (SP) e 1 de São André (SP), um júri de seleção prévia, formado por Cremilda Medina (jornalista, O Estado de São Paulo), Henrique de Macedo Netto (Diretor da Fotopica prof. de Fotografia da FAAP), Sérgio Totti (prof. Cinema da FAAP), como assessores, e a F. O. C. (com Vladimir Soares (jornalista, Jornal da Tarde), indicou 36 filmes em condições de participar do concurso.	
<b>PROGRAMA I — 4.ª feira — 11/08 — 20:30</b>	
1. Documentário: <b>MIGRANTES</b> , Paulo Cerqueira, Marcelo Batista, Sandra Ciccone e Saaki.	
2. Experimental: <b>CORRESPONDENCIA</b> , de Marcelo Nitsche, M. Luiza Sudri, Ana P. Almeida, Roberto Leme, Ferraz.	
3. Enredo: <b>FOI ASSIM</b> , de Francisco José Páil. Com Ralph e Mirlinda.	
4. Animação: <b>PARTICIPAÇÃO NEGATIVA</b> , de Joaquim Aparecido Rodrigues Santana.	
5. Enredo: <b>TRES ENSAIOS</b> , de Luis London, Ricardo Azevedo, Paulo Sampaio e Dagmar Sampaio.	
6. Enredo: <b>DOIS MUNDO UM</b> , de Cláudio Denis Maksoud. Com M. Emilia Lacombe. Música de C. D. Maksoud e Omar Maksoud.	
<b>INTERVALO — 10 minutos</b>	
7. Animação: <b>TRILOGIA DE ANIMAÇÃO</b> (RJ), de Walter Budini.	
8. Experimental: <b>CORALOGO</b> , de Eduardo Leite Alves.	
9. Enredo: <b>O ASNO CORADO</b> , de Moyás Baumann. Com Alberto Baumann, Arnon Grunkrut, Celso Batista, Claudette Cerdeiras, Elizabeth Bochm, Ephraim Nogueira, Isaac de Oliveira, Mirim Sonnenreich, Orlando P. de Souza, Regina Castellani e Victor Selin.	
<b>A seguir:</b> Projeção de filmes curtos franceses em Super 8 mm da B.F.F.P. (Banque de Films de Format Populaire)	
<b>PROGRAMA II — 5.ª feira — 12/08 — 20:30 horas</b>	
10. Experimental: <b>PASARGADA</b> (Campinas), de José Albino Gonçalves.	
11. Documentário: <b>TRES SEGUNDOS</b> , de Andrés Wolfsohn, Marcos Fontana e M. de Carmo Carramenha.	
12. Enredo: <b>CHEGOU A TUA HORA</b> (RJ), de Andrés Valentim. Com Oscar Maron Filho.	
13. Animação: <b>COGITO ERGO RESISTO</b> , de Elizabeth Pieracciani.	
14. Enredo: <b>UM BREVE MERGULHO</b> (RJ), de Edilson Pia. Com Paulo Cesar de Castro e alunos da Escola Martins Pena.	
<b>Debates</b>	
<b>PROGRAMA III — 6.ª feira — 13/08 — 20:30 horas</b>	
15. Documentário: <b>BOM APETITE</b> , de Albino Carlos e Armino Mendin. Com Elzei Sakvedor, Miriam Rodrigues e Silvio.	
<b>INTERVALO — 10 minutos</b>	
16. Animação: <b>UMA NOITE CAPIRA</b> (RJ), de Edilson Pia.	
17. Experimental: <b>ARTE E FOME</b> , de Francisco José Páil. Com Elvio Agnelli.	
18. Documentário: <b>MURAL</b> , de Jorge Caron.	
19. Documentário: <b>CANÇÃO DO EXÍLIO</b> , de Ilan Rubinstein.	
20. Enredo: <b>O MANUSCRITO</b> , de Moyás Baumann. Com Mirim Sonnenreich e Sarita Rolan.	
<b>A seguir:</b> Projeção de filmes curtos franceses em Super 8 mm da B.F.F.P. (Banque de Films de Format Populaire)	
<b>PROGRAMA III — 6.ª feira — 13/08 — 20:30 horas</b>	
21. Documentário: <b>TERMO VERMELHO</b> , de Luis Lustig e Paulo Ludmer.	
22. Enredo: <b>XIS</b> , de Alex Flemming. Com Renata Proserpio, Selma Karakas, Marcelo Levi, Roberto Guedes.	
23. Experimental: <b>AUTO-RETRATO</b> , de Marcelo Nitsche.	
24. Documentário: <b>PESCADOR</b> , de Jorge Caron. Música de Rolando Boldrin.	
25. Enredo: <b>SEM NOME</b> , de Edgard Pereira Mendes. Música de Uriel. Com Pasquale.	
26. Experimental: <b>REFLEXÃO</b> , de Sérgio Lisboa Giraud.	
27. Enredo: <b>ECOS DO UNIVERSO</b> , de Cláudio Denis Maksoud. Música de C. D. Maksoud.	
<b>INTERVALO — 10 minutos</b>	
28. Documentário: <b>PF-ZBV</b> , de Adélio dos Santos Abreu.	
29. Animação: <b>CRIAÇÃO</b> , de Moyás Baumann.	
30. Enredo: <b>PASSAGEM</b> , de Luis Lustig e Carlos Mazza. Com Teresa Mazza e Fábio Meistriner.	
31. Enredo: <b>REFLEXUS</b> , de Ayrton Lind Sampaio. Com Cláudio Moraes.	
<b>A seguir:</b> Projeção de filmes curtos franceses em Super 8 mm da B.F.F.P. (Banque de Films de Format Populaire)	
<b>PROGRAMA IV — sábado — 14/08 — 20:30 horas</b>	
32. Enredo: <b>ESCANTEIO</b> , de Luis Antonio Pio. Música de Ogo. Com Eudésia Acuña, Regis Monteiro e Clemente Viscaino.	
33. Experimental: <b>FOCO VIRTUAL</b> , de Nelson Fogaça de Almeida e Ademir Alves Telles.	
34. Enredo: <b>CRIME MAIS QUE PERFEITO</b> , de Paulo Figueiredo. Com José Luiz de Santo, Margot Cassador, Pedro Cassador, Irene Solha Pinheiro, Alberto Del Comuni e Alberto Gavinho.	
35. Animação: <b>SANGRE</b> , de Filívio Del Carlo.	
36. Enredo: <b>UMA ESTORIA BATIDA</b> , de Isay Weinfield e Márcio Kogan. Música de João Martini. Com Cristina Pereira, Roberto Orsco, Omar di Priet, Stela Freitas, Luis Siqueira, Renaldo Rezende, Clid Pimentel, Marcelo Goldfarb, Jacqueline Arreit, Silvio Oppenheim, João Martini, Regina Schmitzer, Rita Proharian.	
<b>INTERVALO — 10 minutos</b>	
<b>FILMES FORA DE CONCURSO</b>	
<b>HOMEM ARANHA CONTRA DR. OCTÓPIUS</b> , de Ottoniel dos Santos Pereira. 1.º prêmio I Super Festival Nacional do Filme Super 8 MM — 1/974	
<b>DECLARAÇÃO</b> , de Ottoniel dos Santos Pereira. 1.º prêmio do II Super Festival Nacional do filme super 8 mm — 1/974	
<b>ALEGRIA</b> , de Jorge Caron. 1.º prêmio do III Super Festival Nacional do Filme Super 8 MM — 1/975	

ENCERRAMENTO — Domingo — 15/08 — 19:30 horas

1.ª parte: ESPECIAL — FORA DE CONCURSO

**RAMAL 346** — documentário de Humberto Nardelli (RJ). Menção especial do II Festival Nacional da Curta-Metragem da Aliança Francesa do Rio de Janeiro — 1.976 — Duração: 12 min.

**IMPLOSAO** — documentário de Abrão Berman, Rosina Leser Schwarz, Pedro de Luna e Denise Sylvianno de Luna — Duração: 12 min.

**BRAZIL OU AQUARELA DO BRAZIL** — ficção documentária de Abrão Berman. Duração: 10 min. Com Ivete Bonfá, Paulo Hesse, Edwin Luzzi, Stella Freitas, Jorge Cerutti, Maria Yima e Leonor de Brito. 2.ª premiação do II Festival Nacional de Curta-Metragem da Aliança Francesa do Rio de Janeiro — 1.976.

2.ª parte

Entrega dos certificados de participação aos concorrentes

REVELAÇÃO DOS VENCEDORES / ENTREGA DOS PREMIOS / PROJEÇÃO DOS FILMES PREMIADOS.

JURI OFICIAL DE PREMIAÇÃO

1. Aluísio Merciel, — Compositor e cantor
2. Carlito Zinguelmeyer — Publicitário
3. Carlos Motta — Crítico de cinema O Estado de São Paulo
4. Celso Petroni — Advogado e Professor de Cinema
5. Enio Gonçalves — Ator
6. Fayz José Meaud — Membro da Diretoria da Associação Brasileira de Educação Audiovisual
7. Francisco Conte — Advogado e Cineasta
8. Henrique de Macedo Netto — Diretor Superintendente de Fotografia e Prof. de Fotografia da FAAP
9. Ilas Evremidis — Coordenador do Festival Nacional da Aliança Francesa do Rio de Janeiro
10. Jair Leal Pardini — Estudante de Cinema da USP e Programador de Cinema do Museu Lacer Segal.
11. João Carlos Falcí — Jornalista e Produtor da TV-Cultura
12. José Mindlin — Arquiteto
13. José Rubens Siqueira — Arquiteto
14. Kiko Jaess — Diretor de Teatro e TV
15. Maria Izabel de Lizandra — Atriz
16. Merio Schenberg — Crítico de Arte
17. Mourcen Bielias — Fotógrafa
18. Nicola — Artista Plástico
19. Odette Gueroni — Artista Plástico
20. Requel Gerber — Membro do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro e do Conselho da Fundação Cinematográfica Brasileira.
21. Ruth Fagundes Politi de Carvalho — Estudante de Comunicações da FAAP
22. Rogério Proost Pereira — Crítico de Cinema, Jornal da Tarde
23. Sérgio Corrêa — Prof. e Diretor da Fac. de Comunicações da FAAP
24. Waldir Bonnas — Produtor Canal 13 Bandeirantes e Prof. de TV da FAAP
25. Representante da Embrahente

OS PROJETORES UTILIZADOS NESSE FESTIVAL SÃO DE MARCA SANKYO MODELO SOUND 600 GENTILMENTE CEDIADOS PELA ORWO DO BRASIL S.A.

PREMIOS

EMBRAFILME — PRÊMIOS ESPECIAIS

**MELHOR FILME DO FESTIVAL** — Troféu Fotográfica conjunto de som Gradiente, Receiver STR 1050, duas caixas acústicas Minidez S, toca discos Garrard G-6300, 30 filmes Kodak SB, 20 fitas Basf C90-SM

**MELHOR FILME DO ENREDO** — Troféu Fotográfica, projetor Heurterier mod. PS-24B-Super 8, sonoro, 20 filmes Kodak SB, 10 fitas BASF C90-SM

**MELHOR DOCUMENTÁRIO** — Troféu Fotográfica, filmador Sankyo Super XI, 25S, 20 filmes Kodak SB, 10 fitas BASF C90-SM

**MELHOR FILME DE ANIMAÇÃO** — Troféu Fotográfica, filmador Eumig Mini 5, 20 filmes Kodak SB, 10 fitas BASF C90-SM

**MELHOR FILME EXPERIMENTAL** — Troféu Fotográfica, filmador Yashica LD4, 20 filmes Kodak SB, 10 fitas BASF C90-SM

**MELHOR FOTOGRAFIA** — Troféu Fotográfica, tripé Exelta mod. PC3M, kit fotográfico PROZ, 15 filmes Kodak, 10 fitas BASF C90-SM

**MELHOR TRILHA SONORA** — Troféu Fotográfica, gravador Sony TC87, 15 filmes Kodak SB, 10 fitas BASF C90-SM

**MELHOR MÚSICA ORIGINAL** — Troféu Fotográfica, binóculo Turfist 8 x 30, 15 filmes Kodak SB, 10 fitas BASF C90-SM

**MELHOR SOLUÇÃO DE APRESENTAÇÃO** — Troféu Fotográfica, dois iluminadores Astrolight 1000W, 15 filmes Kodak SB, 10 fitas BASF C90-SM

**MELHOR ATOR** — Troféu Fotográfica, câmera fotográfica Konica Auto S3

**MELHOR ATRIZ** — Troféu Fotográfica, rádio relógio Collier HD1600

**FILME DE VOTO POPULAR** — Troféu Fotográfica.

4.0 SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8mm

Realização — CONJUNTO DO GRUPE E DA FOTOPTICA S. A.

Direção Geral — ABRÃO BERMAN

Coordenação — MARCOS GALIARSA

Colaboração — MARLISE TONI, DALILA MUNHOZ, HAINNA, JANE BERMAN, ADA MUNHOZ, M. DO CARMO CARRAMENHA, CARLOS C. SANTANA, SANDRA E. CORREIA

Técnicos de Fotografia — ANNO A. FERRARI

AGRADECIMENTOS

A KODAK BRASILEIRA IND. COM. LTDA.

GRADIENTE ELETRONICA LTDA.

ORWO DO BRASIL S.A.

YASHICA DO BRASIL IMP. E COM.

SOSECAL S.A. COM. e IMP.

IMPORTECNICA S.A. COM. e IMP.

BRASWEY S.A. IND. e COM.

BASF BRASILEIRA S.A.

CCE IND. e COM. S.A.

INDUSTRIA FOTOTECNICA BRASILEIRA

EQUIFOTO LTDA.

SONY MOTORFOTO COM. IMPORT. e C/OP. LTDA.

D.F. VASCONCELLOS S.A.

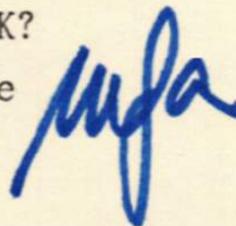
MARCOS GAIARSA

Abrão,

aqui estão os famosos cartazes de que tanto falamos e discordamos a respeito. Espero que eles tenham ficado muito bons em sua opinião pois caprichamos bastante. Os convites ficam prontos o mais tardar na terça-feira pois tivemos problemas com o tipo de papel utilizado.

Acompanham êstes , as notícias que saíram à respeito do nosso Festival, via LVBA. Espero que você esteja felicíssimo com a reabertura do portos ao material de cinema ocorrido esta semana, não tenho dúvida alguma que todas as entrevistas e matérias que jornais , revistas e outros veículos publicaram foram de grande valia. Precisamos se encontrar para acertar os assuntos pendentes , urgente , OK?

Um grande abraço a v. e à Marlise



ANEXO 17 – Programa Oficial do V Super Festival Nacional do Filme Super 8 mm.  
(Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

**5.0 SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 MM**  
Concurso de curta-metragem

**Realização** - FOPTICA / GRIFE CENTRO DE ESTUDOS DE CINEMA  
**Promoção** - HEBRAICA / KODAK / EMBRAFILME  
**Apoio** - SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

**SÃO PAULO — A HEBRAICA — AGOSTO — 1977**

Foram inscritos 103 filmes, sendo 77 de São Paulo, 13 do Rio de Janeiro, 3 de Curitiba, 3 de Recife, 3 de Campinas, 1 de Brasília, 1 de Fortaleza, 1 de Salvador e 1 de Sorocaba (SP). Um júri de seleção prévia, composto por Cremilda Medina (jornalista de O Estado de S. Paulo), Paulo Roberto Lomero (chefe de reportagem do departamento de Cultura de S. Paulo), Manoel de Barros (professor de cinema) e Paulo de Almeida (professor de cinema), selecionou 41 filmes, sendo 35 inscritos no concurso e 6 filmes como representantes do movimento Super 8 brasileiro e em condições de participar do concurso, diante do tempo médio disponível para as projeções num total de 330 minutos.

**PROGRAMA I — 4.ª feira — 24/08 — 20:30 horas**

1. Documentário: **ENTARDECER**, de Nuno Vieira da Fonseca.
2. Animação: **JOAO E MARIA**, de Jorge Caron.
3. Enredo: **IMACULADA CONCEIÇÃO**, de Pasquale Marino e Roberto Navarro. Com Maria José de Mello e Luiz. Música composta por Odilon Escobar.
4. Enredo: **955 — 4 = NADA**, de Manuk Poladian. Com Ana Izaura.
5. Documentário: **A FEIRA DE CARUARU**, de Flávio Moraes Rodrigues (Recife).
6. Animação: **PARQUE**, de João Azevedo e Grupo do Parque.

**INTERVALO — 10 minutos**

7. Experimental: **IMAGINAGEM**, de Sérgio Lubeoa Giraud.
8. Enredo: **A ÚLTIMA CRÔNICA**, de Luiz Paulo Kossmann (RJ). Com Aparecida Rocha, Aristides Silva, Marijca Silva e alunos da Escola do Teatro Jota Diniz. Adaptação de crônica de Fernando Sabino. Música composta por Luis Otávio Bonfá Burnier.
9. Animação: **O EIXO**, de Joaquim Rodrigues Santana.
10. Enredo: **VHF**, de Helena Cunha Bueno, Luis Londini e Roberto Knecht. Com Roberto Knecht, Zeca Peroni, Emi Comrad, Ghaba e Marco Bernardo.

Representação deste programa: 5.ª feira, 16 horas, GRIFE — Rua Estados Unidos, 2240.

**PROGRAMA II — 5.ª feira — 25/08 — 20:30 horas**

11. Documentário: **PADE JESUINO DO MONTE CARMELO**, de Ana Maria Guariglia e Maria Teresa de Almeida. Fotografia de Paulo de Almeida. Pesquisa iconográfica de Mério de Andrade. Com Heloísa Rocha e Iara Rocha.
12. Enredo: **ELA DANIELA**, de Salvador Perrotta Neto.
13. Enredo: **HIPSISMO**, de Moisés Baumstein. Com Geleone Ferraz, Victor Selin e Marim Sommerreich.
14. Animação: **NAO TEM TITULO**, de Flávio Del Carlo.
15. Enredo: **AS INOCENTES**, de Marco Ferro e Raül Eitelberg. Com Ana Mauri.
16. Experimental: **CINEMA FALADO**, de Nabih Mitani. Com o realizador.
17. Enredo: **MILK, O SHEIK, O YXON**, de Castro Gonçalves Filho. Com Antonio Sabino de Souza, Waldomiro Lousans, Débora e Márcia de Oliveira Lima.

**INTERVALO — 10 minutos**

18. Documentário: **METAMORFOSE**, de Irmãos Wagner (Curitiba).
19. Enredo: **PRIMEIRO BEIJO**, de Celso Antonio Lopes da Silva.
20. Experimental: **POP 2.000**, de Julio Augusto Vitorino.
21. Enredo: **ALFONSSINA E O MAR**, de Ana Maria Dias. Com Maria Viana, Jorge Scarcelli e Amilton Montêr.
22. Enredo: **O SALARIO**, de Simone Saul. Com Silvio Cardoso, Zenilda Manguiera e João Francisco.

Representação deste programa: 6.ª feira, 19 horas, GRIFE.

**PROGRAMA III — 6.ª feira — 26/08 — 20:30 horas**

23. Animação: **XEQUE-MATE**, de José Azambuja. Com Antonio Sabino de Souza.
24. Enredo: **AMOR E MEDO**, de Ana Maria Guariglia e Maria Teresa Pimenta. Com Carlos Gardin e Leda Villela. Adaptação de crítica literária de Mério de Andrade.
25. Experimental: **ROTA**, de Lailayette Tadeu Egidio de Trez Rios.
26. Enredo: **FOTONOVELA**, de Moisés Baumstein. Com Geuza Selin, Lina Araújo e Cedeon Ferraz.
27. Experimental: **FABIAN, MEU FILHO**, de Abel Papautsky.
28. Enredo: **O TEMPO PAROU**, de Nuno Vieira da Fonseca. Com Maria João Simões, José Maria dos Santos e outros.

**INTERVALO — 10 minutos**

29. Animação: **O ÚLTIMO BLOCO**, de Irmãos Wagner (Curitiba).
30. Enredo: **PÊ DOIS**, de Patrícia Fonseca e Joana Portella (RJ). Com José Paulino e Nei Bitten court.
31. Enredo: **IMAGEM**, de Marcos Craveiro (Campinas). Com Mauro Eduardo Fernandes e Henrique Silvestre.
32. Enredo: **CABAREQUEM**, de Anisari Sanchez. Com Maurício Rocha e Silva, Benê Pompílio, Albi Dentato, Vera Vieira, Murilo Soib, Rosita Gomez, Carlos Matuck, Oscar Pitta e outros.

Representação deste programa: Sábado, 16 horas, no GRIFE.

**PROGRAMA IV — Sábado — 27/08 — 20:30 horas**

33. Experimental: **OS TOMADORES DE ABSINTO**, de Carlos Porto de Andrade Jr. e Bruno Negrini.
34. Enredo: **A MASCARA**, de Adolfo Gianolla (Sorocaba). Com Gileno Gracco Antunes e outros.
35. Experimental: **DEPOIMENTO**, de Adeline dos Santos Abreu.
36. Documentário: **BANDIDO**, de Maria do Carmo Bracco Carramenha.
37. Experimental: **ELEGIA**, de Maurício Fridman.
38. Documentário: **O CONDENADO**, de Nuno Vieira da Fonseca.
39. Experimental: **NADA A DECLARAR**, de Moisés Baumstein.
40. Animação: **OI NOIS AQUI TRAVEZ**, de Flávio Del Carlo.
41. Documentário: **DEUS É QUEM SABE**, de Flávio Rodrigues e Enéas Alvarez (Recife). Com os garotos da Campina Mata-Sete de Recife.

Este programa não será representado.

**INTERVALO — 15 minutos**

**ESPECIAL — FILMES DE OUTRAS BITOLAS — FORA DE CONCURSO**

**GUARANI**, de Regina Jehu — 14 min.  
**REGO MONTEIRO**, de Luiz Sérgio Person — 10 min.  
**CLOSE-UP**, de José Rubens Siqueira — 10 min.

— 2 —

**PREMIOS**

**EMBRAFILME** — Cr\$ 20.000,00 (Melhores Filmes do Festival: Juri Oficial e Juri Popular).

**MELHOR FILME DO FESTIVAL** — Troféu Fotópica, conjunto de som Gradiente, Receiver, STR 1050, LHS-1, caixa acústica Minidez, toca discos Garrard G-5000, 50 filmes Kodak S8 e 20 fitas Basf C90-LH-SM.

**MELHOR FILME DE ENREDO** — Troféu Fotópica, filmador Sankyo CME 1100, 30 filmes Kodak S8 e 10 fitas Basf C90-LH-SM.

**MELHOR FILME DE ANIMAÇÃO** — Troféu Fotópica, 1 titular Cinographica, 1 controle remoto de som, 1 gravador de som, 1 gravador, 2 refletores Silver Light, 1 coladeira Fuji, 30 filmes Kodak S8 e 10 fitas Basf C90-LH-SM.

**MELHOR DOCUMENTÁRIO** — Troféu Fotópica, projetor Noris Norimat de Luxo, 30 filmes Kodak S8 e 10 fitas Basf C90-LH-SM.

**MELHOR FILME EXPERIMENTAL** — Troféu Fotópica, projetor Emig 607D, 30 filmes Kodak S8 e 10 fitas Basf C90-LH-SM.

**MELHOR FOTOGRAFIA** — Troféu Fotópica, 1 flash fotográfico Frata Reporter completo e 10 filmes Kodak S8.

**MELHOR TULHA SONORA** — Troféu Fotópica, 1 coladeira Emig, 10 filmes Kodak S8 e 10 fitas Basf C90-LH-SM.

**MELHOR MUSICA ORIGINAL** — Troféu Fotópica, 1 gravador Alko 704, 1 coladeira Fuji, 10 filmes Kodak S8 e 10 fitas Basf C90-LH-SM.

**MELHOR SOLUÇÃO DE APRESENTAÇÃO** — Troféu Fotópica, 1 câmera Polaroid Colorpack 200 e 10 filmes Kodak S8.

**MELHOR ATOR** — Troféu Fotópica, flash Frata 300P e 10 filmes Kodak S8.

**MELHOR ATRIZ** — Troféu Fotópica, flash Frata 380P e 10 filmes Kodak S8.

**FILME DE VOTO POPULAR** — Troféu Fotópica, 1 tele-jogo Philco, 40 filmes Kodak S8 e 20 fitas Basf C90-LH-SM.

**PREMIO ESPECIAL** — Cr\$ 5.000,00 (Restaurante Comilão).

**5.0 SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8mm**

**Realização conjunta** - GRIFE e FOTOPTICA

**Direção Geral** - ABRÃO BERMAN

**Coordenação** - MARISE TONI e MARCOS GAIANA

**Colaboração** - HANNA PAPAUTZKY, ADA MUNHOZ, JANE BERMAN, MARY CLEUSE VEIRA e DALILA MUNHOZ

**Técnico de Projeção** - ARNO A. FERRARI

**AGRADECIMENTOS**

A KODAK BRASILEIRA IND. COM. LDA.  
 GRADIENTE ELETRÔNICA LDA.  
 ORWIO DO BRASIL S. A.  
 BASF BRASILEIRA S. A.  
 PHILCO RADIO E TELEVISÃO LDA.  
 POLAROID DO BRASIL LDA.  
 SOSECAL S. A. COM. E IMP.  
 SANKYO S. A. COM. E IMP.  
 FOCAL S. A. COM. E IMP.  
 MERCANTIL INTERFOTO LDA.  
 IMPORTECNICA S. A. IND. COM E IMP.  
 PRODUTOS ELETRONICOS FRATA LTDA.  
 EVADIN IND. E COM. LDA.  
 RESTAURANTE COMILÃO  
 FUJI FILM DO BRASIL LTDA.

**6.0 SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8mm**

1978 - de 16 a 20 de Agosto - inscrições até 1.º de Julho

**CARIRI REGIAO**, de Geraldo Sarno — 10 min.

**TRIO ELÉTRICO**, de Miguel Rio Branco — 10 min.

**ENCERRAMENTO** — Domingo — 28/08 — 19:30 horas

**1.ª PARTE: ESPECIAL — FORA DE CONCURSO**

**CHEIA OPUS 77 QUINTO MOVIMENTO** — documentário de Flávio Rodrigues (Recife) — 1977 — duração: 12 minutos.

**OS CINEMAS ESTÃO FECHANDO** — documentário de Abrão Berman — 1977 — duração: 15 minutos.

**2.ª PARTE:** Entrega dos certificados de participação aos concorrentes.

**REVELAÇÃO DOS VENCEDORES / ENTREGA DOS PREMIOS / PROJEÇÃO DOS FILMES PREMIADOS.**

**JURI OFICIAL DE PREMIAÇÃO (por ordem alfabética)**

1. Abilio Manoel (compositor e cantor).
2. Alcino Teixeira de Melo (Presidente da Concine).
3. Alex Flemming (estudante e cineasta).
4. Berta Zemel (atriz).
5. Carlos Queiroz Telles (dramaturgo).
6. Carlos Ziegelmeyer (publicitário).
7. Fáyez José Maúad (membro da Diretoria da Associação Brasileira de Educação Audiovisual).
8. Henrique de Macedo Netto (Diretor Superintendente da Fotópica e Prof. de fotografia da FAAP).
9. Isay Weinfield (arquitecto e cineasta).
10. Jairo Ferreira (crítico de cinema da Folha de S. Paulo).
11. José Rubens Siqueira (cineasta).
12. Leandro Tocantins (Diretor de Operações Nilo Comerciais da EMBRAFILME).
13. Marcelo Paes de Barros (estudante de Ciências Sociais da USP).
14. Marco Antonio Bucchi (estudante de Comunicações da FAAP).
15. Maria Elizabeth de Brito Ávila (estudante de Comunicações da FAAP).
16. Mario Schenberg (crítico de arte).
17. Marita Leite Ribeiro (Embráfílm).
18. Nelson Leirner (artista plástico).
19. Nelson Pereira dos Santos (cineasta).
20. Odetto Guersoni (artista plástico).
21. Pedro T. Natal (Gerente de Propaganda e Promoções da Kodak).
22. Pola Varuk (crítica de cinema de O Estado de S. Paulo).
23. Raul Wasserman (representante da diretoria de A Hebraica).
24. Regina Jéhi (cineasta).
25. Rodolfo Nanni (cineasta).
26. Sérgio Cotrim (Professor e Diretor da Fac. de Comunicações da FAAP).
27. Sérgio Muniz (cineasta).
28. Silvio Beck (cineasta).
29. Thomas Férkas (cineasta e Presidente da Fotópica).
30. Waldir Bonnas (Produtor do Canal 13 Bandeirantes e Prof. de TV).

OS PROJETORES UTILIZADOS NESTE FESTIVAL SAO DE MARCA SANKYO MODELO SOUND 600 GENTILMENTE CEDIDOS PELA ORWIO DO BRASIL S. A.

ANEXO 18 – Regulamento do *V Super Festival Nacional do Filme Super 8 mm.*  
(Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

**V SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8**

CONCURSO DE CURTA-METRAGEM

REALIZAÇÃO GRIFE - CENTRO DE ESTUDOS DE CINEMA

PROMOÇÃO FOTOPTICA - APOIO EMBRAFILME / SECRET. MUNICIPAL DE CULTURA SP

De 24 a 28 de agosto de 1977

**REGULAMENTO**

1. Podem participar filmes realizados originalmente em Super 8 mm, de qualquer gênero, com duração máxima de 30 minutos. Em razão de transmissão posterior pela TV, a velocidade única de projeção deve ser a 24 q/s.
2. Os filmes devem ser sonoros, com som gravado na própria película por sistema magnético.
3. Podem ser inéditos ou não, premiados ou não, realizados após 1.º de setembro de 1976.
4. Podem ter sido rodados em qualquer país, por realizadores amadores ou profissionais, brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil no mínimo há 2 anos.
5. Cada realizador pode inscrever até 3 filmes, devendo preencher 1 ficha para cada um.
6. As inscrições serão feitas apenas mediante a entrega do filme. Cada filme deverá ser acompanhado de fotos de cenas ou de filmagens para efeitos de promoção e divulgação. As fotos não serão devolvidas.
7. Não serão aceitos filmes com defeitos materiais: emendas defeituosas, perfurações forçadas. O filme deverá ter ponta em seu início suficiente para colocação no projetor.
8. O Festival não se responsabiliza pelo desgaste decorrente do uso normal do filme. O filme deverá ser entregue em bobina própria, em estojo de proteção constando em seu exterior, o título do filme, duração exata, nome e endereço do autor.
9. Despesas de envio de filmes de cidades fora de São Paulo correrão por conta de seus realizadores. As de devolução, a cargo do Festival.
10. Prazo para recebimento dos filmes: até às 18 h do dia 15/07/1977. Encerrado o prazo, a direção do Festival não se obriga a atender filmes retardatários. Local para as inscrições: GRIFE — Centro de Estudos de Cinema Super 8. Rua Estados Unidos, 2240 — Cep 01427 — Tel. 852-1704 — São Paulo. As inscrições são grátis.
11. Uma comissão escolherá entre os filmes inscritos aqueles que têm condições de concorrer, sendo eliminados filmes sem qualidades mínimas de acabamento técnicos e artísticos.
12. A lista oficial dos filmes selecionados será divulgada pela imprensa 5 dias antes do início do Festival. Os filmes em concurso serão exibidos nos 4 primeiros dias, sendo o quinto dia reservado para a revelação dos vencedores, entrega dos prêmios e projeção dos filmes premiados.
13. De conformidade com a Lei, a fim de obter o certificado de exibição pública, todos os filmes selecionados serão previamente examinados pelo serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal de São Paulo. Os filmes que vierem a ter sua exibição proibida ao público deixam de concorrer.
14. O juri do Festival será constituído por elementos ligados aos meios culturais. Não poderá fazer parte do mesmo quem tenha, em qualquer momento, colaborado com os filmes em concurso. A direção do Festival designará o Presidente do Juri.
15. Os filmes serão vistos simultaneamente pelo juri e pelo público em local a ser determinado e divulgado com a devida antecedência.
16. O juri popular será composto por pessoas do público a serem sorteadas no dia de abertura do Festival, desde que se comprometam a assistir a todas as projeções e não tenham colaborado com os filmes em concurso e nem possuam qualquer grau de parentesco com os concorrentes ou membros de sua equipe.
17. Pelo juri oficial serão concedidas as seguintes premiações:  
Melhor Filme por categoria: Enredo, Documentário, Animação e Experimental. Entre estes será destacado o Melhor Filme do Festival, independente de sua categoria.  
Outras premiações: Fotografia, Trilha Sonora, Música composta especialmente, Solução de Apresentação (Letreiros), Interpretação Feminina e Masculina.
18. Pelo juri popular será concedido o prêmio de Melhor Filme de Voto Popular.
19. As decisões dos juris oficial e popular são irrecorríveis.
20. Os prêmios serão em equipamento cinematográfico, filme virgem, dinheiro, e Troféus Super 8 Fotoptica.
21. Todos os filmes inscritos, independente de premiação, poderão ter exibições públicas e pela TV. A direção do Festival se reserva no direito de exibi-los num período de 180 dias da data de encerramento do Festival. Após esse período, os filmes serão devolvidos a seus autores.
22. A direção do Festival resolverá todos os casos não previstos no regulamento.
23. A participação no Festival implica na aceitação deste Regulamento.

ANEXO 19 – Carta de Dan Mordo para os organizadores do V Super Festival, datada de 18 de agosto de 1977. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

fl. 02

vão em promoções deste tipo e o conteúdo do filme e sua técnica em relação a outros da mesma bitola e não a sua perfeição técnica em relação aos filmes produzidos por profissionais. Não seria mais razoável deixar o problema da velocidade de projeção a critério do cineasta, concentrando-se o júri de seleção nos problemas exclusivamente qualitativos dos filmes inscritos?

Estamos isto sim querendo ser mais realistas que o rei e, desta forma e neste caso, estamos impedindo a divulgação e o surgimento de artistas que, como a grande maioria deles, seja em que campo for, lutam com inúmeras dificuldades.

Peço a todos os possíveis interessados que, como eu, mandem suas cartas de protesto aos jornais, aos organizadores do festival, aos críticos de cinema e a todos os que puderem, no futuro, impedir a repetição de uma norma prejudicial como esta. -"

São Paulo, 18 de agosto de 1977



DAN S. MORDO  
r Tupi, 365 - aptº 72  
01233 - São Paulo, SP  
fone: 825-1612

PS: Não tentei me inscrever neste festival e, fora os filmes de festas e aniversário, nunca produzi até hoje nenhum filme S8.

*Seguiram cópias p/ A FOLHA DE S. PAULO e também p/ O PASQUIM*



*Super Festival*

CARTA ABERTA AOS ORGANIZADORES DO 5º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER-8 -"

GRIFE  
FOTOPICIA LTDA.  
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA (S. PAULO)  
EMERFILME  
A HERRAICA DE S. PAULO

Considero profundamente lamentável o fato do próximo festival do filme super-8 organizado pelo GRIFE, aceitar somente filmes rodados a 24 quadros por segundo e boicotando desta forma os rodados a 18 quadros por segundo (qs).

Para que os não iniciados possam avaliar a extensão do problema do ponto de vista financeiro, basta considerar:

a) Um cartucho de filme super-8 (S8) custa por volta de Cr\$ 120,00 ;  
b) A revelação custa, por cartucho, a bagatela de Cr\$ 60,00 ;  
c) Um cartucho projetado a 18 qs dura um pouco mais de 3 minutos ;  
d) Um cartucho projetado a 24 qs , velocidade exigida pelo festival, dura aproximadamente 2,5 minutos (DOIS MINUTOS E MEIO APENAS) .

Chegar-se à conclusão óbvia de que a intenção dos organizadores é de ELITIZAR (mais) a bitola em vez de popularizá-la (mais):

a) Somente máquinas mais caras é que possuem a velocidade OPCIONAL de 24 qs ;  
b) O gasto em filme é da ordem de 30% a mais .

Quando se sabe que os maiores festivais INTERNACIONAIS de filme S8 aceitam filmes rodados a 18 qs e que os maiores especialistas do mundo consideram 18 qs a velocidade padrão da bitola, só podemos inferir que esta discriminação se deve à elitização cada vez maior da arte no Brasil e da cinematografia em especial, subordinada que está aos mais diversos interesses econômicos.

A arte cinematográfica, na bitola do S8, é a única que tem condições, dado o seu baixo custo, de prescindir das subvenções e ajudas governamentais quando a situação o exigir.

Podem os organizadores do festival argumentar que existe um ganho qualitativo tanto na imagem como no som de um filme rodado a 24 qs em relação ao rodado a 18 qs , poderiam também argumentar que um filme rodado a 24 qs tem um rendimento muito superior que um rodado a 18 qs quando transmitido pela televisão . Esta argumentação é correta, mas o que a meu ver deve ser levado em consideração



## Um novo festival, de olho na tevê

**FOLHA Ilustrada**  
DE S. PAULO

Quarta-feira, 24 de agosto de 1977

Inventado pela Kodak, nos anos 60, o Super 8 foi lançado de forma retumbante no Brasil em 1970. De repente, tornou-se fácil demais fazer cinema, mas verificou-se que o consumo indiscriminado de equipamentos ultrapassou, de longe, toda e qualquer base cultural. O primeiro festival de Super 8, realizado no teatro São Pedro, em 1971 mostrou que a bitola tinha possibilidades técnicas surpreendentes: a uma distância de 25 metros, a projeção mantinha-se nítida e o filme podia ser visto por centenas de pessoas, quebrando o tabu das sessões caseiras e restritas aos amigos e familiares.

A inconsistência cultural do Super 8, porém, não se explica por si mesma: ninguém negará que hoje em dia existe uma predominância, ao menos na civilização ocidental, da tecnologia sobre a cultura, da forma sobre o conteúdo ("Barry Lyndon", "O Passageiro", "Bangue Bangue"). Então será inútil exigir que os "superolistas" façam "filmes culturais", pois o material que acompanha a filmadora é apenas o folheto de instruções e não uma boa formação cinematográfica. Nesse sentido, basta lembrar que a Escola de Comunicação e Artes, da USP, já existe há quase 10 anos, oficializando o ensino de cinema, mas nem por isso o cinema nacional subiu de nível. Muito pelo contrário, aliás. E, entre os profissionais de cinema, não chega a um para cem a proporção entre elementos que estudaram e os que já começaram diretamente na prática. Daí o lugar comum: cinema não se aprende na escola.

Tudo faz crer que cinema se aprende mesmo é assistindo muitos filmes, coisa que a maioria dos "superolistas" também não costuma fazer. Assiste-se ao surgimento de uma geração que já nasce filmando, como outras nasceram fotografando e, a curto prazo, esse fenômeno deverá modificar substancialmente o próprio comportamento social das pessoas. Há quem diga que Marshall McLuhan é um vigarista, mas o fato é que o veículo realmente é a mensagem. Assim, a falta de mensagem de quase todos os filmes vistos nesses festivais passa a ser a mensagem, o que não é nenhuma filosofia zenbudista, mas apenas a forma de comunicação cultural do momento, apoiada nos bombardelos de informação da teve, veículo que popularizou rapidamente a simultaneidade e quebrou a velha noção de linearidade da cultura impressa.

Dando uma força cultural aos filmes caseiros, Jean Luc Godard, por exemplo, está fazendo filmes familiares, pois chegou à conclusão de que "a revolução deve começar na família". Ele, que complicou tudo

em seus filmes até 1972, chega agora a essa conclusão prosaica, que terminará sendo usada por muitos "superolistas" que não inscreveram seus filmes em festivais, por julgá-los apenas de interesse familiar. E o serviço de seleção prévia, verdadeira auto censura, encarrega-se de deixar de lado um ou outro filme familiar que ocasionalmente tenha chegado aos organizadores dos festivais.

O erro da maioria dos festivais está em usar critérios de 35/mm, quando os filmes são em Super 8. Por isso, os filmes mais interessantes nunca são exibidos nos festivais. Os organizadores selecionam filmes que deem a aparência de terem sido feitos em 35/mm, privando público de conhecer as reais possibilidades de uma filmadora Super 8 que, por ser pequena e leve, permite malabarismo que fazem inveja ao equipamento 35. Chega-se agora ao absurdo de exigir que os filmes Super 8 sejam rodados na velocidade de 24 quadros por segundo, o que elimina a participação da maioria dos filmes que se realizam atualmente, todos na velocidade de 18 quadros por segundo. E a justificativa é descabida: o festival só aceita filmes em 24 quadros porque assim pode-se exibir na televisão. Ora, trata-se de um festival feito em função do cinema ou feito em função da televisão?

Em carta aberta aos organizadores do 5.º Festival Nacional do Super 8, Dan Samuel Mordo entusiasta de "Super 8" faz a sua denúncia: "Considero profundamente lamentável o fato de o festival do GRIFE aceitar somente filmes rodados a 24 quadros por segundo e boicotando, desta forma, os rodados a 18 quadros por segundo. Para que os não iniciados possam avaliar a extensão do problema do ponto de vista financeiro, basta considerar: a) um cartucho de filme Super 8 custa cerca de 120,00; b) a revelação custa, por cartucho, a bagatela de 60,00; c) um cartucho projetado a 18 quadros por segundo dura um pouco mais de 3 minutos; d) um cartucho projetado a 24 quadros por segundo dura aproximadamente dois minutos e meio apenas. Chega-se à conclusão óbvia de que a intenção dos organizadores é de elitizar (mais) a bitola em vez de popularizá-la (mais); a) somente as máquinas mais caras é que possuem a velocidade opcional de 24q/s; b) o gasto em filme é da ordem de 30% a mais".

Como se pode notar, a denúncia procede. Já basta o fato de a Kodak não distribuir filme branco e preto no Brasil, uma forma de forçar o consumo de filme colorido, que é mais caro. E é bom lembrar também que os festivais Super 8 são promovidos por lojas comerciais, que montam vitrine de equipamentos na sala de espera, uma forma ostensiva de declarar que esses festivais não são feitos em função da cultura, mas em função do comércio. E é por isso que eles são realizados em clubes. As entidades culturais — sempre consultadas pelos organizadores de festivais — fecharam as portas a esse tipo de promoção.

Jairo Ferreira

ANEXO 21 – Carta de Thomaz Farkas e Henrique Macedo para o editor da Folha Ilustrada (jornal Folha de São Paulo), datada de 24 de agosto de 1977. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

2 - Cumpre acrescentar que não contestamos a opinião do autor a respeito do atual nível do cinema criado pelos jovens - que se dedicam ao Super 8. Somente a partir de hoje vemos os filmes e realmente temos a maior esperança que tenham atingido um nível melhor do que nos anos passados. Mas a nós que estamos justamente propiciando a oportunidade de para que os trabalhos realizados sejam levados a publicação, não cabe responsabilidade ao articulista está decepcionado pela criatividade que nessa juventude demonstra ao fazer cinema.

3 - Outros reparos pedimos para fazer ao citado artigo no que tange algumas informações nele contidas, pois respeitamos totalmente os pontos de vista nele exarados e estamos de acordo com a maioria deles:

1º - Realmente na necessidade de equilibrar a balança cambial brasileira, o controle de importação tem levado a condições como essa de tratar filmadores e projetores de cinema ao lado da vóte, peixes, produtos do mar, frutos comestíveis e especiarias. Mas mais contraditório ainda é o fato que continua proibida a importação de máquinas fotográficas reflex de 35 milímetros usadas basicamente por profissionais da fotografia, artistas e cientistas - em geral.

2º - Não houve qualquer censura aos filmes recebidos. Houve uma seleção prévia feita por um júri formado por artistas e jornalistas para permitir a organização de um programa - que ocupasse 4 noites o que já é bastante. E já estão sendo organizadas projeções públicas dos filmes que não serão projetados durante o Festival. Desde já convidamos esse prestigioso jornal a indicar quantos críticos quiser para participar nos próximos anos do júri prévio, o que significaria cerca de 50 horas de trabalho para ver todos e analisar todos os filmes recebidos.

3º - Não existe qualquer intenção comercial ao se exigir filmes feitos em 24 quadros por segundo. É um dado de regulamento - como qualquer outro, para se obter não só a possibilidade - depois do festival mostrá-los pela televisão, mas também para se ter uma uniformidade de projeção que ao lado do tudo mais que se faz, visa levar ao público interessado o melhor espetáculo possível.

Ao Senhor Editor de Arte da Folha Ilustrada

São Paulo, 24 de Agosto de 1977

Com referência ao artigo hoje publicado por essa Folha "Um novo Festival de Olho na FOTIA" gostaríamos de chamar a sua atenção bem como do articulista que o assinou para os seguintes pontos:

1 - A empresa comercial lá referida que patrocina o Festival de Cinema Super 8, organizado pelo Grife, como nós da FOTIOTICA e de maneira nenhuma podemos aceitar a acusação de que "esses festivais não são feitos em função da cultura, mas em função do comércio". Nossa posição como empresários sempre foi desenvolvida com a lisura que caracteriza um bom empreendimento comercial e industrial e negar a validade de uma empresa patrocinar empreendimentos culturais seria desconhecer o que acontece em todo mundo culturalmente desenvolvido, onde artistas em geral principalmente jovens, nunca puderam prescindir do apoio do Governo ou da iniciativa privada. Seria imaginar - que um jornal não teria idoneidade para publicar artigos que falam de cultura, como o agora referido, porque também veicula anúncios publicitários para obter a sua subsistência e para remunerar o seu trabalho.

A posição da Fotiotica no que tange ao apoio a atividades culturais é absolutamente inequívoca, pois temos patrocinado concursos de fotografia, festivais de cinema, editado revistas de arte fotográfica sem jamais esperar que houvesse um retorno direto de negócios que pagasse essas promoções. O que gastamos em dinheiro e em trabalho e dedicação antes e durante esse festival jamais foi ou será pago em retorno de negócios, pois essas promoções não atingem a grande massa que são os maiores consumidores de fotografia e cinema. Quem se interessa por cultura entre nós, infelizmente, não representa um número tão grande que pudesse ser visto como grande mercado.

Além de empresários nos consideramos artistas militando na fotografia e no cinema com o maior entusiasmo e é nos extremamente desértico milante sermos encorajados por esse destacado órgão de imprensa como desinteressados dinheiristas que patrocinam atividades culturais com objetivos puramente comerciais.

Cabe assinalar também que os filmadores baratos tem as duas velocidades ( 18 e 24 ) e que alguns realizadores que reclamaram não poder participar com filmes em 18 quadros usaram justamente os filmadores e os filmes mais caros, ou seja os modernos equipamentos de filmagem sonora, cuja maioria por conveniência técnica das fábricas só trazem a velocidade 18.

Finalizando queremos frisar que acreditamos firmemente na opinião da imprensa livre. Seja para criticar ou elogiar. O importante é que essa crítica exista, pois só ela garante e dá legitimidade a tudo que se faz. E por acreditar nesse livre diálogo é que esperamos a sua atenção e a divulgação de nossas opiniões.

Atenciosamente,

THOMAZ PAREAS  
Presidente

HENRIQUE DE MACEDO NETTO  
Superintendente

ANEXO 22 – Publicação da carta de Thomaz Farkas e Henrique Macedo no jornal Folha de São Paulo, no dia 27 de agosto de 1977, como forma de réplica à reportagem de Jairo Ferreira nominada *Um Festival de Olho na Tevé*, no mesmo veículo de comunicação, datada de 24 de agosto do referido ano. Juntamente, sob o título *Festival e lanchonete*, a tréplica do já citado jornalista. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

## Super-8, a questão do comércio e dos fotogramas

A propósito da matéria publicada por esta Folha, "Super 8 — Um novo festival de olho na tevê", (24/8/77, de autoria do jornalista Jairo Ferreira, recebemos a seguinte carta de Thomaz Farkas e Henrique Macedo Netto, respectivamente presidente e superintendente da Fotopiteca.

Senhor Editor:  
Com referência ao artigo hoje publicado por esta Folha "Um novo Festival de Olho na Tevé", gostaríamos de chamar a sua atenção bem como do articulista, que o assinou para os seguintes pontos:

1. — A empresa comercial lá referida que patrocina o Festival de Cinema Super 8, organizado pelo Grife, somos nós da FOTOPITECA e de nenhuma outra entidade. Não aceitamos a acusação de "ativistas culturais" não só em função da cultura, mas em função do comércio. Nessa posição, como empresários sempre foi desenvolvida com a lisura que caracteriza um bom empreendimento comercial e industrial e negar a validade de uma empresa patrocinar empreendimentos culturais seria desconhecer o que acontece em todo mundo culturalmente desenvolvido, onde artistas em geral principalmente jovens, nunca puderam prescindir do apoio do Governador ou da iniciativa privada. Seria imaginar que um jornal não teria idoneidade para publicar artigos que falam de cultura, como o agora referido, porque também veicula anúncios publicitários para obter a sua subsistência e para remunerar o seu trabalho.

A posição da Fotopiteca no que tange ao apoio a atividades culturais é absolutamente inequívoca, pois temos patrocinado concursos de fotografia, festivais de cinema, editado revistas de arte fotográfica sem jamais esperar que houvesse um retorno direto de negócios que pagassem essas promoções. O que gastamos em dinheiro e em trabalho e dedi-

cação antes e durante esse festival jamais foi ou será pago em retorno de negócios, pois essas promoções não atingem a grande massa que são os maiores consumidores de fotografia e cinema. Quem se interessa por cultura entre nós, inicialmente, não representa um número tão grande que pudesse ser visto como grande mercado.

Além de empresários nos consideramos artistas militando na fotografia e no cinema com o maior entusiasmo e é nos extremamente desestimulante sermos encarados por esse desastrosado órgão de imprensa como desarticulados culturais que patrocinaram atividades culturais com objetivos puramente comerciais.

Cumprir acrescentar que não contestamos a opinião do autor a respeito do atual nível do Festival Super 8. Somente a partir de hoje veremos os filmes e realmente temos a maior esperança que tenham atingido um nível melhor do que nos anos passados. Mas a nós que estamos justamente propiciando a oportunidade para que os trabalhos realizados sejam levados a público, não cabe responsabilidade se o articulista está decepcionado pela criatividade que nossa juventude demonstra ao fazer cinema.

3. — Outros reparos pedimos para fazer ao citado artigo no que tange algumas informações nele contidas, pois respeitamos totalmente os pontos de vista nele exarados e estamos de acordo com a maioria deles:

1.º — Realmente na necessidade de equilibrar a balança cambial brasileira, o controle da importação tem levado a contradições como essa de tratar filmadores e produtores de cinema ao lado da vodka, peixes, produtos do mar, frutos consoventes e especiarias. Mas, mais contradição ainda é o fato de que continua proibida a importação de máquinas fotográficas reflex de 35 milímetros

usadas basicamente por profissionais da fotografia, artistas e clientes em geral.

2.º Não houve qualquer censura aos filmes recebidos. Houve uma seleção prévia feita por um júri formado por artistas e jornalistas para permitir a organização de um programa que ocupasse 4 noites, o que já é bastante. E já estão sendo organizadas projeções públicas dos filmes que não serão projetados durante o Festival. Desde já convidamos esse prestigioso jornal a indicar quantos críticos quiser para participar nos próximos anos do júri prévio o que significa cerca de 50 horas de trabalho para ver todos e analisar todos os filmes recebidos.

3.º — Não existe qualquer intenção comercial ao se exigir três filmes por participante no Super 8. É um direito de cada participante como qualquer outro. Para se obter não só a possibilidade de depois do festival mostra-

## Festival e lanchonete

Em minha matéria, tive o cuidado de não citar o nome das lojas comerciais envolvidas nos festivais de Super 8, realizados em São Paulo nos últimos cinco anos. Sei que pelo menos quatro empresas comerciais já promoveram essas mostras entre nós. Acho muito curioso o critério adotado pelos festivais de Super 8 (e não particularmente o do Grife): eles usam a velocidade de 24 fotogramas por segundo, tentando igualar-se ao 35/mm, mas esquecem que os festivais regulares de cinema (Brasília, Gramado, Guarujá) não precisam de lojas comerciais ou lanchonetes para participar da promoção.

Esclareço também que, em minha matéria, não fiz nenhuma referência direta ao 8º Super Festival Nacional do Filme Super 8/mm que está sendo realizado no Clube A Hebraica, sob

## Super-8, a questão do comércio e dos fotogramas

Finalizando queremos frisar que acreditamos firmemente na opinião da imprensa livre. Seja para criticar ou elogiar. O importante é que essa crítica exista, pois só ela garante a liberdade de expressão e a legitimidade a tudo que se faz. E não acreditamos nesse livre diálogo e que esperamos a sua atenção e a divulgação de nossas opiniões.

De resto, concordo que é importante que a crítica exista, como também — e principalmente, a resposta e a discussão — mas acho que a função dela, raramente desempenhada entre nós, é ver inclusive o que está por trás das imagens e não somente o que está na tela.

Jairo Ferreira

ANEXO 23 – Catálogo do VI Super Festival Nacional do Filme Super8 mm. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

### SUPER 8 E OS FESTIVAIS DO GRIFE

1978 encontra o Super 8 em contínua e crescente popularidade. O número de Festivais, uma das poucas opções do cineasta em exibir publicamente sua obra, aumenta de ano para ano nos mais diversos pontos do Brasil. O reconhecimento comprovado da importância do biênio como um movimento distinto dentro do cinema brasileiro.

1976 — 1.º FESTIVAL NACIONAL DE PRIMEIROS FILMES, realizado pelo Cine Clube Paoli em São Paulo.

1977 — 2.º FESTIVAL NACIONAL DE PRIMEIROS FILMES, realizado pelo Cine Clube Paoli em São Paulo. O Festival aplicou as mesmas fórmulas dos concursos de curta-metragem de Hyères e Cannes, na França, ambas com jurts numerosos representando as mais diversas áreas ligadas às artes. Ao lado de 29 filmes em 8 mm e 20 em 16 mm, concorreram 2 em Super 8: "Perifa", um ensaio poético-filosófico de 15 minutos de Roque César de Campos, e "O Homem de Marte", ficção científica de 15 minutos Bonduki e Carlos Augusto Calli. Este abomava especialmente a atenção por ser uma realização bem cuidada, com proposta madura, revelando nitidamente os conhecimentos de cinema de seus autores, ainda que em nível amador. Ficou em primeiro lugar o Super 8 oferecia melhores resultados na realização e cineastas independentes.

No saldo do Festival, outra evidência: a necessidade de uma seleção prévia. Os 51 filmes concorrentes, dos mais variados temas e duração, exigiram uma semana inteira de projeções em longas sessões diárias. Boa parte do público e dos 17 membros do júri foram desistindo pelo caminho, saturados pelos longos documentários de viagens domésticas ou pelos intermináveis dramas de imagens tremidas, desfeccas e sem incoadual.

1971 — 2.º FESTIVAL NACIONAL DE PRIMEIROS FILMES. Com a introdução de seleção prévia, os melhores filmes em concurso foram exibidos em longas sessões e sessões curtas.

Para 12 filmes em 8 mm e 5 em 16 mm, havia 5 em Super 8. Ista deles acabando premiadas: "Em Último Análise", realizado pelo ator Ewerton de Castro, com o mesmo elenco da peça "Pepe Oym" que estava em cartaz na época; "Alonso, o Abstrato", também feito por um ator, Paulo Figueiredo e "Love Power", de A. Alcalay.

1972 — O Cine Clube Paoli encerra suas atividades, mas o Super 8 inicia sua vitória no mercado cinematográfico amador e independente. As vantagens que trazia eram tentadoras. O 8 mm começava a ser produzido em larga escala, tornando-se mais barato para 16 mm preferido até então. Além disso, o Super 8 oferecia melhores condições para quem não possuía recursos profissionais, cujos custos eram passíveis para um realizador sem objetivos comerciais. Desaparecia também o Festival de Curta-Metragens de 16 mm do Jornal do Brasil (JZ).

Em julho do mesmo ano nasce o GRIFE (Grupo dos Realizadores Independentes de Filmes Experimentais), visando estimular o movimento de cinema com o novo profissionalismo normal, poderia se tornar um cinema alternativo e de maior qualidade. O grupo passou a produzir e distribuir filmes curtos e de uma mini-sala para exibição.



Oriental Santos Pereira, o único que venceu duas vezes: em 73 (Homem Aranha Contra Dr. Octopus) e 74 (Declaração).

1973 — 1.º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8, realização do GRIFE e FOTOPTICA no Teatro São Pedro, de 23 e 26 de agosto. Entre os 44 filmes concorrentes, selecionados em prévia e 3 proibidos pela Censura, "O Homem Aranha Contra o Dr. Octopus" foi o vencedor, revelando um nome importante para o movimento. O filme, de 16 mm, da turma de Rogério Zago, que, tecnicamente, era postal.

O Festival recebeu uma grande repercussão. A seleção de filmes do Super 8 em grandes ambientes. Os 30 metros de distância da tela ao projetor, devidamente adaptado, dava um quadro com 1/4 do tamanho de uma tela de cinema normal, satisfazendo o numeroso público.

Mas a queixa mais frequente era que os filmes ainda eram longos e cansativos, que era preciso mais rigor na seleção prévia, que o objetivo maior do Festival — caracterizar uma manifestação puramente artística — ainda não existia na maioria dos filmes.

1974 — 2.º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8, de 21 e 24 de agosto. Local: Esporte Clube Sirio, em Indaiatuba. Se a distância do centro não impediu a presença de um público de 1.200 pessoas por sessão, não assistiu aos 37 filmes selecionados (3 haviam sido concorrentes). Diferente do Teatro São Pedro, o clube ofereceu um clima de festa e de descontração, com o público participando intensamente dos filmes. Não faltou o filme onde um ator levava um tiro de uma pessoa da plateia (era o próprio autor Márcio Pitluk, mantendo seu personagem de "A Virgem do 8.º andar"). Não faltou a visita de Gene Kelly, de passagem por São Paulo para promover o lançamento de "Era Uma Vez em Hollywood". Nem os comentários do Canal 13 Bandeirantes cobrindo parte do Festival. Fregate dos primeiros para jornalistas, organizado pelo TV Jucate, com o intuito de fazer uma seleção de filmes. Oriental Santos Pereira voltou a vencer o 1.º lugar com "Declaração", ficando Abel Popowsky em 2.º com "Embaralhados" e Francisco Conte em 3.º com "Paissagem".

1975 — AÇÃO SUPER 8 estreou na TV-Cultura de São Paulo, em março, visando divulgar mais amplamente os mais diversas realizações e tornar seus autores mais conhecidos do público. Prover também que, através da tela de televisão, o Super 8 poderia ser visto sem diferença com os outros biêlios.

3.º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8, de 28 e 31 de agosto. Local: Clube Sirio em São Paulo. O Festival aplicou as mesmas fórmulas dos concursos de curta-metragem de Hyères e Cannes, na França, ambas com jurts numerosos representando as mais diversas áreas ligadas às artes. Ao lado de 29 filmes em 8 mm e 20 em 16 mm, concorreram 2 em Super 8: "Perifa", um ensaio poético-filosófico de 15 minutos de Roque César de Campos, e "O Homem de Marte", ficção científica de 15 minutos Bonduki e Carlos Augusto Calli. Este abomava especialmente a atenção por ser uma realização bem cuidada, com proposta madura, revelando nitidamente os conhecimentos de cinema de seus autores, ainda que em nível amador. Ficou em primeiro lugar o Super 8 oferecia melhores resultados na realização e cineastas independentes.

No saldo do Festival, outra evidência: a necessidade de uma seleção prévia. Os 51 filmes concorrentes, dos mais variados temas e duração, exigiram uma semana inteira de projeções em longas sessões diárias. Boa parte do público e dos 17 membros do júri foram desistindo pelo caminho, saturados pelos longos documentários de viagens domésticas ou pelos intermináveis dramas de imagens tremidas, desfeccas e sem incoadual.

1971 — 2.º FESTIVAL NACIONAL DE PRIMEIROS FILMES. Com a introdução de seleção prévia, os melhores filmes em concurso foram exibidos em longas sessões e sessões curtas.

Para 12 filmes em 8 mm e 5 em 16 mm, havia 5 em Super 8. Ista deles acabando premiadas: "Em Último Análise", realizado pelo ator Ewerton de Castro, com o mesmo elenco da peça "Pepe Oym" que estava em cartaz na época; "Alonso, o Abstrato", também feito por um ator, Paulo Figueiredo e "Love Power", de A. Alcalay.

1972 — O Cine Clube Paoli encerra suas atividades, mas o Super 8 inicia sua vitória no mercado cinematográfico amador e independente. As vantagens que trazia eram tentadoras. O 8 mm começava a ser produzido em larga escala, tornando-se mais barato para 16 mm preferido até então. Além disso, o Super 8 oferecia melhores condições para quem não possuía recursos profissionais, cujos custos eram passíveis para um realizador sem objetivos comerciais. Desaparecia também o Festival de Curta-Metragens de 16 mm do Jornal do Brasil (JZ).

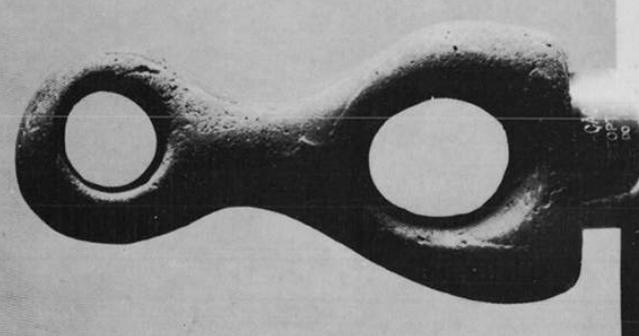
Em julho do mesmo ano nasce o GRIFE (Grupo dos Realizadores Independentes de Filmes Experimentais), visando estimular o movimento de cinema com o novo profissionalismo normal, poderia se tornar um cinema alternativo e de maior qualidade. O grupo passou a produzir e distribuir filmes curtos e de uma mini-sala para exibição.

Público de mais 1.000 pessoas nos Festivais no Esporte Clube Sirio em 1974 e 1975.

## VI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8

de 16 à 20 de agosto de 1978  
São Paulo - Brasil

GRIFE  
FOTOPTICA  
MEC FUNARTE  
KODAK  
EMBRAFILME





Flavio Del Carlo, o grande vencedor de 1977 com o desenho animado "Nôo Tem Trilão".

A forma de decisão do júri, agora mais numeroso ainda, não precisará ser estudada. Os resultados, vindos do primeiro dia de votação, serão divulgados imediatamente com o dia claro, não serem paralisados por todos os jurados. E a sala do reunião ficará com o aspecto de cenário do filme de Buñuel "O Anjo Exterminador". Seria preferível reduzir o número de membros do júri ou se editar uma nova forma de votação. E a solução surgiu proposta pelos próprios realizadores através de um sistema com notas e cálculo em média ponderada, de contagem rápida, o que permitiu mais tempo para a discussão dos trabalhos.

**1976 - 4º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8.** De 11 a 15 de agosto. Ao desfilio do novo sistema de votação juntava o mudança do Festival para o Teatro Paulo Eiro, no bairro de Santa Amara, mais distante ainda do centro. São Paulo viveu suas noites mais frias e garofanadas. Mas o público continuou lotando todas as sessões. Uma tabela prevê mais rigorosa reatuação para 30 ou 40 filmes em competição, com 20 a 25 minutos de duração, mais curtas. O grande palco do teatro transparente, com maior gênero de luminosidade. Nesse ano os resultados foram obtidos em apenas 1 hora. Luis Antonio Pio ganhou o Melhor Enredo com "Escanteio" (numa complexa experiência de projeção em duas telas simultaneamente). O artista plástico Marcelo Nitsche, o Melhor Experimental com "Auto-Retrato". E Eliza, o Melhor Documentário com "Cânção do Exílio". E Eliza, o Melhor Experimental com "Auto-Retrato". E Eliza, o Melhor Experimental com "Auto-Retrato". E Eliza, o Melhor Experimental com "Auto-Retrato".

**1977 - 5º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8.** De 24 a 28 de agosto. A repetição das mesmas fórmulas e o mudança para o clube A Hebraico; o Festival ba-

teu o recorde de 102 filmes inscritos. Apenas 41 vieram selecionados (11 delas proibidos), mas o Festival ganhou mais um dia para suas projeções. "Metamorfosa", dos Irmbos Wagner, de Curitiba, ficou como o Melhor Documentário. "Nôo", de Lafayette Egídio de Trés Rias, o Melhor Experimental. "Nôo Tem Trilão", de Flávio Del Carlo, o Melhor Animação e o Melhor do Festival, segundo o júri oficial. E "384-4" - Nôdo de Manuacridiano, o Melhor Enredo e o Melhor Filme de Animação.

**1978 - 6º SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8.** De 16 a 20 de agosto. O patrocinio do MEC-FUNARTE vem permitir sua ampliação e outras atividades paralelas, além de repetir os filmes em concurso em sessões corridas também durante o dia. Com novo recorde de inscrições (110 filmes), a criação de sua consagração nacional, não parendo ai as preocupações de mantê-lo sempre representativo de uma das mais populares manifestações de nossa cultura.

Muito breve será chegado o hora inevitável do criação de uma mini-sala para exibição regular das produções em Super 8. Sem dúvida, no momento em que e maioria dos realizadores assumir a fôr de que cinema independente de bilho e que o importante e a criatividade livre, ampliando da sua cultura cinematográfica e da sua visão do cinema do hoje.

ABRÃO BERMAN

CALENDÁRIO DOS FESTIVAIS SUPER 8 NO BRASIL	
<b>SETEMBRO — 1978</b>	<b>JANEIRO — 1979</b>
<b>VII JORNADA BRASILEIRA DE CURTA METRAGEM</b> , em Salvador, de 8 a 15, realização da Universidade Federal de Bahia e Instituto Galiléu. Inscrições encerradas. Sem competição.	<b>V FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO DE ALAGOAS</b> , em Paripati, de 5 a 7, realização do Governo de Alagoas. Mostra de longa metragem (25 mm) e curtas (16 e Super 8 mm). Competitivo apenas para Super 8 de realização nacional.
<b>I MOSTRA DE SUPER 8 DE CORUMBÁ — MATO GROSSO</b> , de 18 a 23, realizado no Centro de Estudos Históricos Ricardo Franco e Prefeitura Municipal de Corumbá. Inscrições encerradas.	<b>FESTIVAL DE CINEMA BRASILEIRO DE GRAMADO, RIO GRANDE DO SUL</b> , sem data determinada.
<b>1.º FESTIVAL DO FILME SUPER 8 DO VALE DO PARANÁ</b> , em Curitiba, com 10 participantes, realizado em setembro.	<b>MARCO</b>
<b>VI FESTIVAL NACIONAL DE CINEMA AMADOR DE SERGIPE</b> , em Aracaju, sem data determinada, realização da Universidade Federal de Sergipe, Rua Indagável, 366.	<b>VI FESTIVAL SUPER 8 DE CAMPINAS</b> , sem data determinada, realizado no Centro de Ciências, Letras e Artes, Rua Bernardino de Campos, 999, Caixa Postal 76, Campinas (SP).
<b>FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DE CAMPOS — RIO DE JANEIRO</b> , sem data determinada, realização da Prefeitura Municipal de Campos. Inscrições abertas.	<b>ABRIL</b>
<b>NOVEMBRO</b>	<b>III FESTIVAL SUPER 8 DE FILMES ESPORTIVOS</b> , sem data determinada, realizado da Secretaria Municipal de Esportes do Estado de São Paulo.
<b>IV MOSTRA NACIONAL DO FILME SUPER 8 DE CURITIBA</b> , de 7 a 11, realização da Escola Técnica Federal de Paraná. Inscrições abertas até dia 20 de outubro. Av. 7 de Setembro, 3.155.	<b>MAIO</b>
<b>2.º FESTIVAL PAINEIRAS DO FILME SUPER 8</b> , sem data determinada, realizado do Clube Paineiras do Marumbi, São Paulo. Inscrições abertas.	<b>II CONCURSO NACIONAL DE FILMES SUPER 8 PARA A EDUCAÇÃO DO TRANSITO</b> , sem data determinada, realizado do OSV e Companhia de Engenharia de Tráfego, São Paulo.
<b>FESTIVAL SUPER 8 DE PERNAMBUCO</b> , em Recife, sem data determinada, realizado do Grupo 8, Rua do Holy (JULIO, 0).	<b>JULHO</b>
	<b>XII FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO DE BRASILIA</b> , de 25 a 31, realização da Fundação Cultural do Distrito Federal. Competitivo para curta e longa metragens (25 mm). Em estudos, competição Super 8.
	<b>AGOSTO</b>
	<b>VII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8</b> , em São Paulo, de 15 a 19, realizado do Grão Centro de Estudos de Cinema e Folclore. Inscrições abertas de 1 a 7 de junho.

VI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8	
<b>Presidente</b>	— ABRÃO BERMAN
<b>Diretor Geral</b>	— CARLOS ARMANDO FORINO RODRIGUES
<b>Diretor Executivo</b>	— MARCOS GAIRASA
<b>Coordenadoras</b>	— MARILISE TONI e HELOISA CENTRA
<b>Diretor de Arte</b>	— ADA GRAÇA L. R. ACIOLAS
<b>Assistentes Secretárias</b>	— HANNA ALCALAY e JANE BERMAN — ADA MUNHOZ, ISAUARA APARECIDA DE JESUS e MARY CLEUDE VIEIRA
<b>Projeção Som</b>	— DEPTO. FOTOTECA FOTOPTICA — DEPTO. DE ENGENHARIA DE SISTEMAS FOTOPTICA
<b>DELEGACIA REGIONAL DO MINISTERIO DA EDUCACAO E CULTURA</b>	— DR. DALVA ASSUMPCAO SOUTTO — D. MAYOR
<b>Vice-Delegado Administrador</b>	— DR. JOSÉ BUENOS PONTES
<b>FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE — FUNARTE/ SÃO PAULO — ESCRITÓRIO DE REPRESENTACAO DE SÃO PAULO</b>	— MARIA LUIZA LIBRANDI — ARY HENRIQUE DO OLIVEIRA E SOUZA — TELMA MONTEIRO DO SILVA
<b>Assessoria de Comunicação do FUNARTE/RIO ASCOM</b>	
<b>OS PROJETORES UTILIZADOS NESTE FESTIVAL SÃO DE MARCA SANKYO MODELO 700. GENTILMENTE CEDIDOS PELA ORWO DO BRASIL S.A.</b>	
<b>VII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 1979 — de 15 a 19 de agosto — Inscrições até 29 de junho.</b>	

**287-5543** em São Paulo  
ABAV 346

**257-1950** no Rio de Janeiro  
ABAV 345

**23-4323** em Curitiba

**222-2211** em Belo Horizonte

**225-1050** em Brasília

**222-3255** em Belém

**Estes números confirmam instantaneamente sua reserva em qualquer hotel da rede Horsa.**

- Rio de Janeiro: Hotel Nacional Rio, Hotel Excelsior Copacabana, São Paulo, Pica Hotel, Hotel Jaraguá, Hotel Excelsior Curitiba, Hotel Carlton, Caravelle Palace Hotel, La Paz, Belo Horizonte, Hotel Del Rey, Hotel Excelsior Brasília, Hotel Nacional Brasília.
- Belém: Hotel Excelsior Grão Pará.
- Brasília: Hotel Nacional Brasília.
- Curitiba: Hotel Nacional Curitiba.
- Salvador: Hotel Nacional Salvador.
- Recife: Hotel Nacional Recife.
- Fortaleza: Hotel Nacional Fortaleza.
- Porto Alegre: Hotel Nacional Porto Alegre.
- Boa Vista: Hotel Nacional Boa Vista.
- Manaus: Hotel Nacional Manaus.
- Belém: Hotel Nacional Belém.
- Brasília: Hotel Nacional Brasília.



**Hoteis Horsa**  
A. Paulista, 2073 - Terraço 2 - Tel.: 287-7522  
Telex 011 23494 - São Paulo - Brasil



**P.R. COMUNICAÇÕES S/C LTDA.**  
Direção de Sarah e Maurício Kus  
promoção, divulgação, organização de eventos, lançamento promocional de filmes, peças teatrais, produtos, etc.  
Rua Marquês de Itá, 95 - Conj. 42 - São Paulo - Tel. 221-9503

**VI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8**  
**MEC - FUNARTE — Al. Nollman, 1.058 - São Paulo**

**PROGRAMA GERAL**

- 16/08/1978 — 4.º feira  
**AUDITÓRIO** — 19.00 e 21.30 hs.  
 Projeção de filmes em concurso — Programa I
- 17/08/1978 — 5.ª feira  
**AUDITÓRIO**  
 14 e 16.30 h — Projeção de filmes em concurso — Programa I  
 19 e 21.30 h — Projeção de filmes em concurso — Programa II
- MINI-AUDITÓRIO**  
 14 às 17.00 h — Seminário de Estudos e Debates sobre Super 8
- SALA DOS REALIZADORES**  
 17 às 21.00 h — Mostra Informativa de Filmes Super 8
- 18/08/1978 — 6.ª feira  
**AUDITÓRIO**  
 14 e 16.30 h — Projeção de filmes em concurso — Programa II  
 19 e 21.30 h — Projeção de filmes em concurso — Programa III
- MINI-AUDITÓRIO**  
 14 às 17.00 h — Seminário de Estudos e Debates sobre Super 8
- SALA DOS REALIZADORES**  
 17 às 21.00 h — Mostra Informativa de Filmes Super 8
- 19/08/1978 — Sábado  
**AUDITÓRIO**  
 14 e 16.30 h — Projeção de filmes em concurso — Programa III  
 19 e 21.30 h — Projeção de filmes em concurso — Programa IV
- MINI-AUDITÓRIO**  
 14 às 17.00 h — Seminário de Estudos e Debates sobre Super 8
- SALA DOS REALIZADORES**  
 17 às 21.00 h — Mostra Informativa de Filmes Super 8
- 20/08/1978 — Domingo  
**AUDITÓRIO**  
 14 e 16.30 h — Projeção de filmes em concurso — Programa IV
- TEATRO CULTURA ARTÍSTICA**  
 Rua Nestor Pastore, 156  
 20.00 h — Entrega de prêmios e projeção dos filmes vencedores

**SEMINÁRIO DE ESTUDOS E DEBATES SOBRE CINEMA SUPER 8**  
 O Super 8 como expressão artística  
 As perspectivas profissionais do Super 8  
 A presença do Super 8 no cinema brasileiro

**PROGRAMA**

- 17/08/1978 — 5.ª feira  
 14.00 h — ABERTURA com LEANDRO TOCANTINS, Diretor de Operações Não Comerciais do EMBRAFILME.  
 14.15 h — PALESTRA de JOSÉ CARLOS AVELLAR, crítica de cinema do JORNAL DO BRASIL (RJ).  
 15.15 h — PALESTRA de POLA VARTLUK, crítica de cinema de O ESTADO DE SÃO PAULO.  
 16.15 h — DEBATES.
- 18/08/1978 — 6.ª feira  
 14.00 h — PALESTRA de FRANCISCO RAMALHO JR., cineasta, diretor dos filmes "O CORTIÇO" e "A FLOR DA PELE" (Me-  
 15.00h) — PALESTRA de ROBERTO SANTOS cineasta, diretor dos filmes "A HORA E A VEZ DE AGOSTO MATRAGA", "UM  
 ANJO MAU", "AS TRÊS MORTES DE SOLANO".  
 16.00 h — DEBATES.

- 14.00 h — PALESTRA de JORGE MONCLAR (RJ), técnico em montagem, roteirista e diretor do filme "JORGE AMADO".  
 15.00 h — PALESTRA de ORLANDO SENNA (RJ), cineasta, roteirista e diretor dos filmes "GITIRANA", "TRACEMA" e "DIA-  
 MANTE BRUTO".  
 16.00 h — DEBATES.  
 17.00 h — ENCERRAMENTO.

**VI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8**  
**Concurso de curta-metragens**

**GRIFE / FOTOPTICA / MEC-FUNARTE / KODAK / EMBRAFILME**

**SÃO PAULO — AGOSTO — 1978**

Foram inscritos 110 filmes, sendo 82 de São Paulo, 14 de cidades paulistas (5 de Campinas, 2 de Sorocaba, 2 de São Bernar-  
 do, 1 de Ribeirão Preto, 1 de Suzano, 1 de Angatuba e 1 de Guarulhos), 6 do Rio de Janeiro, 4 de Minas Gerais, 2 do Para-  
 ná, 1 da Bahia e 1 do Rio Grande do Sul. Um júri de seleção prévia, composto por Angela Rodrigues Alves (apresentadora  
 do programa "Ação Super 8" da TV-2 Cultura), Carlos Armando Forno Rodrigues (Diretor Geral do Festival), Francisco Pan-  
 ce (professor de cinema), José Joaquim Moreira Filho (realizador), Marcos Gaiarsa (Coordenador do Festival) e Renaldo  
 Dias (Chefe do Divisão de Formação Profissional da Embrafilm), indicou 48 filmes em condições de apresentação.  
 Em razão do crescente aumento de inscrições a cada ano e da sensível evolução na realização dos filmes, a partir de 1979  
 somente será permitido no festival filmes com duração máxima de 20 minutos, visando o maior número possível de par-  
 ticipantes.

**PROGRAMA I** 4.º feira — 16/08/78 — 19 e 21:30 horas 5.ª feira — 17/08/78 — 14 e 16:30 horas

1. Enredo-Ficção: **ATE QUANDO**, de Manuk Paladian, Com Fernando Oliveira.
2. Documentário: **UMBANDA**, de Alcindo Bovi.
3. Documentário: **MELHOR FILME DE ANIMAÇÃO**, de Isay Weinfield e Márcio Kogan.
4. Enredo-Ficção: **MICULO AZUL**, de Marcos Augusto Cavero (Campinas, SP). Com Luis Alberto Pena, Mariângela Bittor, Clea e Marcos A. Cavero. Música composta especialmente por Henrique Silvestre e Valéria Bittor.
5. Experimental: **EXPOSIÇÃO DEMOGRÁFICA**, de Edmundo Lucio Giordano.
6. Documentário: **ESTIVADOR: UM DIA**, de Jorge Caron.

**INTERVALO — 10 minutos**

7. Enredo-Ficção: **JULIANA, UM DRAMA BURGUES**, de José Roberto Negro, Adaptação de "A Festa", de Juan Angelo, Matilla Roca, como "Bodas de Férulas", Com Wanderley Martins, Raíssa Puppato, Mauro de Almeida e Alberto Falcão.
8. Animação: **FOI PENA Q...**, dos Irmãos Wagner (Curitiba - PR).
9. Experimental: **O PÊ**, de Jacques Sahn (Ribeirão Preto - SP).
10. Enredo-Ficção: **METODO HOMEOPÁTICO**, de Maysés Baumstein, Com Leo Amorim, Lina Araújo, Gedeon Ferraz, Geuzo Selin e Victor Selin.
11. Experimental: **ANTIARTE**, de Cristina Cintra de Moraes.
12. Documentário: **LEMBRANÇAS**, de Luis Lusig.

**PROGRAMA II** 5.ª feira — 17/08/78 — 19 e 21:30 horas 6.ª feira — 18/08/78 — 14 e 16:30 horas

13. Documentário: **SPELAION (A MORADA DA NOITE)**, de Clayton Ferreira Lino, Música composta especialmente por Roberto Falcão.
14. Experimental: **FORÇA DE EXPRESSÃO**, de Cláudio Moraes, Com Cristina Cintra de Moraes e Maria Aladía Braga.
15. Animação: **EDUCAÇÃO-EVOLUÇÃO**, de Adolfo Gramalla e seus alunos da 8.ª série (Sorocaba - SP).
16. Enredo-Ficção: **PRESENÇA**, de Ana Maria Guariglia e Maria Teresa Pimenta, Com Gaby Rocha, Mary Guariglia e Orlando Parolin.

**INTERVALO — 10 minutos**

17. Documentário: **O POMAR**, de Alcindo Bovi.
19. Animação: **CONCRETINAGEM**, de Nabih Mitani e Helena da Cunha Bueno.
20. Documentário: **SENTA A PUA**, de Walter Kliber Garcia Silvestre, Com Denise e Márcio Silvestre.
21. Experimental: **MARK OPUS I**, de Antonio Luiz Nador, Música Silvestre.
22. Enredo-Ficção: **URUBU**, de José Umberto Dias e Robinson Roberto Sales Barreto (Salvador - BA).
23. Documentário: **URUBU**, de José Umberto Dias e Robinson Roberto Sales Barreto (Salvador - BA).
24. Enredo-Ficção: **CENA 1 TOMADA 2**, de Francisco Quadra Andrez (Suzano - SP). Com Luiz Colombo Saleim, Antonio Lipari, Emi Silva e Amadeu José de Moraes.

**PROGRAMA III** 6.ª feira — 18/08/78 — 19 e 21:30 horas Sábado — 19/08/78 — 14 e 16:30 horas

25. Experimental: **TABELA**, Equipe Pesquisa 8 (Campinas - SP).
26. Documentário: **ACHADOS E PERDIDOS**, de Abel Paparrizky.
27. Enredo-Ficção: **BRANCO E PRETO**, de Cláudio Moraes, Com Otávio Augusto Cintra.
28. Animação: **VENETA**, de Fábio Del Carlo.
29. Experimental: **MELHOR TRILHA SONORA**, de Isay Weinfield e Márcio Kogan.

**MELHOR MÚSICA ORIGINAL** — Troféu Fotográfica. 2 Caixas Acústicas Quasar QC 404, Coladeira Fuji de Luxo, 15 filmes Kodak Super 8, 10 fitas Sony C90 e 10 fitas Basf C60.

**MELHOR SOLUÇÃO DE APRESENTAÇÃO** — Troféu Fotográfica. 2 Refletores Silver Light 1.000 watts com estajo, Flash Frata Tron, 15 filmes Kodak Super 8, 5 fitas Sony C90 e 5 fitas Basf C60.

**MELHOR ATOR** — Troféu Fotográfica. Câmara Polaroid EE44, 15 filmes Kodak Super 8, 5 fitas Sony C90 e 5 fitas Basf C60.

**MELHOR ATRIZ** — Troféu Fotográfica. Binóculo D. F. Vasconcellos Turfist, 15 filmes Kodak Super 8, 5 fitas Sony C90 e 5 fitas Basf C60.

**FILME DE VOTO POPULAR** — Troféu Fotográfica. Conjunto de Som Gradiente - Receiver AM/FM Síntese STR 1050, Toca Discos Garrard G6800 - Caixa Acústica Master 667, 20 filmes Kodak Super 8.

**PRÊMIO ESPECIAL** — Troféu ARES 8 — Associação Paulista de Cineastas Super 8.

SERÃO DISTRIBUÍDOS CERTIFICADOS DE PARTICIPAÇÃO A TODOS OS CONCORRENTES

AUTÊNTICA  
FREQUÊNTICA  
DEMOCRÁTICA  
ROMÂNTICA  
POLÍTICA  
PROFÉTICA  
CIBERNÉTICA  
CROMÁTICA

FOTOPTICA

FANTÁSTICA  
DIPLOMÁTICA  
PLÁSTICA  
ECLETTICA

30. Documentário: **TERMINANDO**, de Carlos Schmidt, (Porto Alegre - RS).

31. Experimental: **GENEALOGIA DO CENÁRIO**, de Natan Herrat Levin, Paulo Sérgio Pedreira de Almeida e Orlando Alves Avanh Neto. Música de Sérgio Lage, composta especialmente.

32. Enredo-Ficção: **FUGA**, de Roberto Elizabetsky, Com Mário Weksler.

33. Experimental: **NO MENTAL**, de Alexandre Damás de Aroual. Música composta especialmente pelo realizador.

34. Enredo-Ficção: **O REGIME**, de Louis Chilson, Com Brenda Susan Chilson e Elias Levy Jr.

35. Experimental: **ZERO**, de Maria do Carmo, Carmemaria, Virginia Gutierrez, Rodolfo Raica e Geraldo Costa.

36. Documentário: **MATISA**, de Cláudio Frazzine e Jayme Marazzato.

**PROGRAMA IV** Sábado — 19 e 21:30 horas Domingo — 20:08:78 — 14 e 16:30 horas

37. Documentário: **ESCALADOR DE NOITE**, de Tereza e Sérgio Beck.

38. Experimental: **GRAND PRIX**, de Sérgio Liberman.

39. Enredo-Ficção: **PEQUISA DE OPINIÃO PÚBLICA**, de Alberto e Mayelá Baumstein, Com Carlos Fernandes, Pinga, e Geolon Ferraz.

40. Documentário: **CLOSE-UP: REGINA DUARTE**, de Marcos Augusto Craveiro. Música composta especialmente por Henrique Silvestre, Valéria Birar, Dulce Duarte e Maria Lúcia Duarte. (Campinas - SP).

**INTERVALO** — 10 minutos

41. Documentário: **PAULICÉIA**, de Flávio Dal.

42. Enredo-Ficção: **7 PORTAS, 7 CHAVES**, de Abílio Mangel, Com Mônica e José Augusto Nascimento.

43. Experimental: **OVO DE COLOMBO (CARAVELAS)**, de Leonardo Crescenti Neto e Carlos Porto de Andrade Jr.

44. Animação: **PUDIM DE MORANGO**, dos Irmãos Wagner (Curitiba - PR).

45. Experimental: **ATERPATASIO**, de Cláudio Moraes.

46. Enredo-Ficção: **AMOR PREDOMINANTE**, de Manuk Paladiani, Com Maria Everalda e João Geraldo.

47. Experimental: **RETRATO DE MARY KILARWEIN**, de Adelino dos Santos Abreu e Helena da Cunha Bueno, Com Selma Egger.

48. Enredo-Ficção: **MELHOR FILME DE ENREDO**, de Isay Weinfield e Márcio Kagan, Com Raul Cortez e Luis Kupfer.

**ESPECIAL** Domingo — 20:08:78 — 20:00 horas

**TEATRO CULTURA ARTÍSTICA** — Rua Nestor Pestana, 196, Itapetininga, de São Paulo.

**1ª PARTE**: Filmes fora de concurso.

**PARADISO** — Filmes de curta duração, com Sérgio Hings, Yvete Boná, Yola Maia e outros. Duração: 15 minutos.

**SALTO** — Ficção-enredo, de Henrique de Macedo Neto, Com Antonio Maschio. Duração: 15 minutos.

**JURI OFICIAL**

1. Alcino Teixeira de Mello (Presidente do CONCINE)

2. Alfredo Sternheim (Cineasta e Crítico de Cinema FOLHA DA TARDE)

3. Apollô Silveira (Programador)

4. Carlos Ziegelmeier (Publicitário)

5. Carlos Ziegelmeier (Produtor Executivo Revista Play Boy e Professora de Fotografia FAAP)

6. Cecília Peirão (Produtora Executiva Revista Play Boy e Professora de Fotografia FAAP)

7. Dalva Assumpção Souto Mayor (Delegada do Ministério de Educação e Cultura de São Paulo)

8. Dulce Ribeiro Simonsen (Empresária)

9. Eliane Góes (Estudante de Comunicação Visual FAAP)

10. Eneias Alvarez (Diretor Assessor de Planejamento de Cinema do Estado de São Paulo)

11. Foyez José de Macedo Neto (Diretor Superintendente de Cinema do Estado de São Paulo)

12. FOTOPTICA e Professor de Fotografia FAAP)

13. Igácio de Loyola Brandão (Jornalista e Escritor)

14. John Herbert (Ator e Cineasta)

15. José Rubens Siqueira (Cineasta)

16. Leandro Tocantins (Diretor de Operações Nbo. Comerciais EMBRAFILME)

17. Lella Marcia - maral de Freitas (Representante EMBRAFILME)

18. José Luiz Librandi (Representante de Cinema GRIFE)

19. Maria Luiza Librandi (Representante FUNARTE - SP)

20. Maria Luiza Librandi (Representante FUNARTE - SP)

21. Mário Schenberg (Crítico de Arte)

22. Maria Leite Ribeiro (Representante EMBRAFILME)

23. Marlene França (Atriz)

24. Pedro Natal (Gerente de Propaganda e Promoções de KODAK)

25. Pola Verjuck (Cineasta e Pesquisadora do Instituto de Cinema do Estado de São Paulo)

26. Susanne de Azevedo Marques (Diretora Revista IRIS)

27. Rebeca Aronis (Museóloga)

28. Regina Jehá (Cineasta)

29. Thomas Farkas (Cineasta e Presidente da FOTOPTICA)

30. Victor Geraldo Simonsen (Empresário e Musicólogo)

**PRÊMIOS PARA OS VENCEDORES DO VI SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8**

**EMBRA FILME** — R\$ 30.000,00 — Melhores Filmes do Festival: Júri Oficial e Júri Popular

**MELHOR FILME DO FESTIVAL** — Troféu Fotográfica, Filmmaker Sankyo XL 600 S, Projetor Sankyo Sound 501, 50 filmes Kodak Super 8, 20 fitas Sony C90 e 20 fitas Basf C60.

**MELHOR FILME DE ENREDO/FICÇÃO** — Troféu Fotográfica, Filmmaker Norris, 5002 Sonoro, 30 filmes Kodak Super 8, 10 fitas Sony C90 e 10 fitas Basf C60.

**MELHOR FILME DE ANIMAÇÃO** — Troféu Fotográfica, Filmmaker Yoshida 20 XL, Coladeira Fuji de Luxo, Editor Sun Star, modelo 1400, 30 filmes Kodak Super 8, 10 fitas Sony C90 e 10 fitas Basf C60.

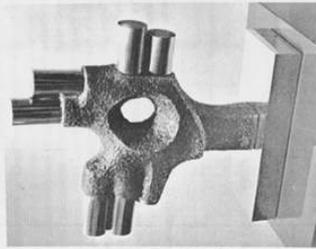
**MELHOR DOCUMENTÁRIO** — Troféu Fotográfica, Projetor Paximat Super Sound, 30 filmes Kodak Super 8, 10 fitas Sony C90 e 10 fitas Basf C60.

**MELHOR FILME EXPERIMENTAL** — Troféu Fotográfica, Projetor Norris Normal de Luxe, 30 filmes Kodak Super 8, 10 fitas Sony C90 e 10 fitas Basf C60.

**MELHOR FOTOGRAFIA** — Troféu Fotográfica, Flash Frata Tron, Coladeira Fuji de Luxo, 15 filmes Kodak Super 8, 5 fitas Sony C90 e 5 fitas Basf C60.

## GRANDE PREMIO GRIFE

Calabrone, escultor, pintor, ourives, ceramista...  
 ...arresão e estera em vínculo profissional...  
 ...escultor consistente e vivo...  
 ...representante de seu tempo...  
 ...com maleável e múltipla conição de artista...  
 ...permanência na história...  
 ...com seu humanismo...  
 ...a imemória do pré-existente...  
 ...mágico sortilégio...  
 ...que faz o tempo parar...  
 ...Perturbador e envolvente mistério...  
 ...de um mundo para além das idades...  
 ...estontantes diálogos...  
 ...de dimensões nebriantes e apavoradoras...



Grande  
 Premio  
 Grife



Calabrone

R. Pontual — Rio  
 J. C. Vieira — São Paulo — S. Paulo  
 P. M. Bard — São Paulo — S. Paulo  
 Sergio Millet — São Paulo — S. Paulo  
 E. V. — São Paulo — S. Paulo  
 Saly — São Paulo — S. Paulo  
 Il Messaggero — Roma  
 Ennio — Roma  
 B. Rivarola — Milano  
 Fenestre — Milano  
 A. Uva — Rio de Janeiro  
 Ennio — Paris  
 Tony Spiteris — New York  
 Carter Ratcliff — New York  
 Art. International — New York  
 O Estado de S.P. — S. Paulo  
 Ennio — S. Paulo  
 Tribune de Geneve — Geneve  
 Arnold Kohler — Geneve  
 M. Schlemberg — S. Paulo

## OS RUMOS DO SUPER 8

Tendo participado do júri de todos os festivais de Super 8 GRIFE/FOTÓPTICA, agora enriquecido pelo patrocínio de outras prestigiosas entidades, penso ter uma visão clara do desenvolvimento do uso dessa bíblia. O progresso técnico obtido foi enorme. De um lado porque as câmeras, projetores e equipamentos de edição de imagem e de som tornaram-se aperfeiçoados pelas fábricas, permitindo aos realizadores a obtenção de uma qualidade que se aproxima da obtida nos filmes realizados com uma preocupação que ultrapassa a simples documentação de viagens ou de cenas familiares, pois, estes filmes realizados com uma preocupação que ultrapassa a simples documentação de viagens ou de cenas familiares, pois, estes para o Super 8 a mesma o antigo standard 8 sempre foi satisfatório. De outro lado, os realizadores que exercem de fazer, de manter contato com um grupo cada vez maior de aficionados e mesmo de frequentar as escolas no exercício de fazer, vem muito na técnica de filmar, de montar, de sonorizar. O que se pode ver hoje nos filmes que chegam para o atual festival chega a entusiasmar diante das frequentíssimas produções daquele primeiro festival realizado no Teatro Paoli, há vários anos atrás. Já do ponto de vista de conteúdo, crédito que desde aquele festival os realizadores demonstraram uma preocupação raramente presente nos filmes comerciais.

Não uma intenção de agradecer para vender. Mas uma tentativa de expressar sua inventividade, seus anseios, seu interesse de contestar repetidos modelos que tem mantido o cinema como forma de expressão artística, na mais conservadora das artes, embora experimentando um novo paradigma, a utilização do Logio que muito poucos conseguem atingir plenamente esses objetivos. Muitos diretores, muitos esse aferenciado. Pelo que vi nos últimos festivais, e quando deles almejoando um dia partir para vãos mais altos, tem uma posição mais respeitável do que muitos dos que estão realizando filmes comerciais, embora não alcancem o mesmo escabimento. Neste momento que o cinema brasileiro começa a se transformar em bom negócio, acredito que dessa juventude poderá sair um grupo de cineastas capazes de desenvolver a obra que a genialidade de uns poucos iniciaram para a criação do verdadeiro cinema brasileiro, ainda que não consigam encontrar os caminhos da fortuna...

HENRIQUE DE MACEDO NETTO

L'Absinthe

BB  
 BRAZILIAN BLEND  
 WHISKY

DISCOTHEQUE  
  
 CARAMUJO

Rua Jerônimo da Veiga, 45 Fone: 852.8776

**Restaurante/Escola**  
**Senac**  
 Avenida Trindades, 822  
 5º andar - São Paulo

OS UNIFORMES DE NOSSAS RECEPCIONISTAS  
 TEM O GRIFO DE

# SK sônia coutinho

Rua Pedro Toques, 68 Tel. 257-1544

### AGRADECIMENTOS

BASF BRASILEIRA S.A.  
 D. F. VASCONCELLOS S.A.  
 EVADIN IND. E COM. LDA.  
 FOBRASCO IND. E COM. LDA.  
 FOCAL S.A. — COM. E IMP.  
 FUJI FILM DO BRASIL LDA.  
 GRADIENTE ELETRÔNICA LDA.  
 KODAK DO BRASIL IND. E COM. LDA.

OS EQUIPAMENTOS DE SOM UTILIZADOS SÃO DE MARCA QUASAR SÉRIE QUARK

ORWO DO BRASIL S.A.  
 POLAROID DO BRASIL LDA.  
 PRODUTOS ELETRÔNICOS FRATA LDA.  
 QUASAR ENGENHARIA IND. E COM. LDA.  
 SONY MOTORADIO COM. E IMP. LDA.  
 SOSECAL S.A. COM. E IMP.  
 YASHICA DO BRASIL IND. E COM. LDA.

OS EQUIPAMENTOS DE SOM UTILIZADOS SÃO DE MARCA QUASAR SÉRIE QUARK

São Paulo, agosto de 1978

As técnicas de miniaturização óptica — que representam importantes interfaces, tanto no desenvolvimento de máquinas, como nos processos químicos de registro de imagem — encontraram no bítolo super 8 mm um inusitado campo de aplicações na arte, na educação e na utilização descontraída do usuário final.

Os esforços que os realizadores brasileiros de filmes super 8 têm desenvolvido no sentido de expandir as aplicações desse tipo de película devem merecer nosso respeito e nossa admiração.

São esse respeito e essa admiração que explicam a participação formal do Ministério da Educação e Cultura, através de sua Delegacia Regional em São Paulo e Mato Grosso do Sul, no VI Festival Nacional, que se realiza nas dependências deste órgão.

O estímulo aos desdobramentos de novas tecnologias e de suas aplicações à criação artística e à educação fazem parte da política global do Ministério.

Por isso, tenho certeza de que os realizadores do filme super 8, veteranos ou neófitos, encontrando, nesta oportunidade um excelente espaço de convívio intelectual e emprepermuta de valores criativos.

*Deiva Assumpção Sourito Mayor*  
Delegada Regional do MEC em São Paulo  
e Mato Grosso do Sul

A Fundação Nacional de Arte — FUNARTE tem sua origem nas diretrizes traçadas pela Política Nacional de Cultura, expressão do propósito do Ministério da Educação e Cultura de incrementar o desenvolvimento artístico dentro do próprio contexto do desenvolvimento.

A FUNARTE passa a representar assim um novo instrumento estrutural da dinâmica das atividades culturais no âmbito do MEC, calcada na moderna orientação preconizada pela UNESCO no sentido da descentralização administrativa com vista a uma melhor execução da política governamental no setor.

Instituída pela Lei n.º 6.312, de 16 de dezembro de 1975, com personalidade jurídica adquirida em 29 de março próximo passado, é o FUNARTE órgão vinculado ao Departamento de Assuntos Culturais, cabendo-lhe, observados os planos e objetivos do MEC, como atribuições legais:

- formular, coordenar e executar programas de incentivo das manifestações artísticas;
- apoiar a preservação dos valores culturais caracterizados nas manifestações artísticas e tradicionais representativas da personalidade do povo brasileiro;
- apoiar as instituições culturais oficiais ou privadas que visem o desenvolvimento artístico nacional.

A FUNARTE entende a cultura como o fator criativo da sociedade brasileira. Apreendida como um todo orgânico, e especialmente sensível às manifestações desse organismo através das diferentes áreas de atividades artísticas, encarnadas no triplice aspecto do criador-obra-espectador, sob suas precepções, técnicas e procedimentos.

Em termos prospectivos, a FUNARTE pretende estar sempre atenta às formulações da consciência crítica da cultura artística nacional. Propõe-se a sondar as raízes mesmas do processo cultural brasileiro, instrumentando-se para levar às atividades artísticas em todo o país o mais eficiente e real apoio.

*Roberto D. M. Perreira*  
DIRETOR EXECUTIVO DA FUNARTE

# JANDA

ONDE É MAIS FÁCIL COMPRAR SEU DODGE



REVENDEDOR AUTORIZADO

Rua Rosa e Silva, 104

ANEXO 24 – *Catálogo do VII Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.*  
(Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)



**Super 8: apenas um hobby ou cinema de verdade?**

**N**o começo foi um acessório de lazer para quem tivesse habilidade, gosto e algum dinheiro. Casamentos, festas, formaturas ou viagens de férias deixaram de ser apresentados através das antiquadas molduras dos slides. Da febre doméstica passaram ao uso institucional. Para filmes de propaganda, na promoção de vendas ou treinamento. Ao mesmo tempo, um fértil movimento cinematográfico com festivais e mostras em vários estados brasileiros, deu importância definitiva à bitola Super 8 mm.

As inúmeras inovações técnicas lançadas — algumas inclusive de bitolas profissionais — evidenciaram desde o início o potencial do Super 8. Afinal, no mundo inteiro e, principalmente, no Brasil, foi fulminante. E o brasileiro revelou que além de músico, poeta, médico e louco, também era cineasta.

Foram, a 20 de dezembro de 1976, o comunicado de n.º 574 da Caecx, jogava água fria em todo o embalo crescente. Numa lista de produtos estrangeiros considerados superfluos e com importação proibida, estavam nomeadamente o Super 8 e o Super 8 e fotografia. Por um lado começava o drama dos ligados a essas atividades, a cavitar, por os de ligado degredadores e por outro dos aficionados amadores e profissionais de cinema e fotografia. Logo após as praticidades das lojas começavam a esvaziar e substituir seus estoques por artigos que nada tinham a ver com Super 8.

A Super 8 durou quase o tempo de serem perdidas as experiências. A 9 de agosto de 1977, foi comunicado da Caecx, de n.º 609, suspendia a proibição comunicada anteriormente. Mas passava a exigir o depósito compulsório no valor de 100% da mercadoria a importar. Sem similar nacional o produto Super 8 passaria a chegar de novo ao público, entretanto, por preços quase absurdos. Xerxa e o movimento?

Alguns passaram a importar. Outros se reuniram em equipes para dividir as despesas de transporte. Haveria sempre uma saída para o realizador não estrair sua paixão.

Em comparação às outras bitolas, o Super 8 continua barato e econômico. Acessível e prático. Porém os que continuam sua atividade revelam a fibra incansável de sobreviventes. E sabem que há poucas opções para a escolha da máquina. O equipamento do filme. Que não existe à venda o filme preto, como os lançamentos vivemos em constante atraso quanto aos lançamentos de novos modelos e acessórios. Os paulistas e cariocas têm o privilégio de contar em suas cidades com laboratórios de revelação, cópiagem e magnetização, com qualidade de serviços, entretanto, nem sempre capazes de outras partes da distância lida.

As expectativas de quem se dedica a Super 8 não têm sem parar a carência dos serviços que a distância lida.

E de forma geral o realizador não é atendido na proporção de sua atividade e seu trabalho.

Enquanto o mais amplo apoio vem sendo dado ao longo e ao curta de outras bitolas, o Super 8 continua sua luta para se impor, para provar que não é superfluo, que não é apenas um hobby caseiro e inconsequente, e que não se trata apenas de uma forma de expressão cinematográfica com idéias e sentimentos quaisquer, procurando seu próprio caminho e permitindo o desenvolvimento de uma forma de expressão ao alcance de qualquer um. Já é chegada a hora de seu reconhecimento e de uma constatação: Super 8 também é cinema.

**ABRAO BERMAN**

**VII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8**

de 13 a 18 de agosto 1979  
Teatro São Pedro  
Rua: Albuquerque Lins, 171 - São Paulo  
Grife, Fotoplica  
Mec Funarte, Kodak, Embrafilme  
Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo



Retire seu convite GRATIS nas seguintes lojas:  
**GRIFE** **FOTOPICA**

## Programa geral

- 2.ª feira - dia 13**  
19 e 21:30 h - Projeção de filmes em concurso - Programa I
- 3.ª feira - dia 14**  
14 às 16 h - Estúdio (auditório superior) - Mostra paralela de filmes em concurso.  
16 às 18 h - Estúdio -  
2.º Seminário de Estudos e Debates.  
Programa II.
- 4.ª feira - dia 15**  
14 às 16 h - Estúdio - Mostra paralela de filmes fora de concurso.  
16 às 18 h - Estúdio - 2.º Seminário de Estudos e Debates.  
19 e 21:30 h - Projeção de filmes em concurso - Programa III.

## 2.º seminário de estudos e debates sobre cinema super 8

- 3.ª feira - dia 14 - 16 às 18 h**  
**A IMPORTANCIA DO CINEMA ALTERNATIVO**  
Participação de João Batista de Andrade, diretor de "O Problema Social do Lixo" - 1963.  
Entre os 29 filmes que participam, exercendo as mais diversas funções, destacam-se "Gama!" - 1969, "Paulicéia Fantástica" - 1970, "Trabalhadores Rurais de São Paulo" - 1972, "Mercado no São Paulo de Rua" - 1972, "Globo" - 1972, "Walter Gullida" - 1972, "Dorramundo" - 1977 (vencedor do Festival de Gramado), "Greve" e "Trabalhadores: Presente!" - 1979. Ganhou ainda os prêmios "Air France de Cinema" para Melhor Diretor em 70, "Governador do Estado" em 71 e Prêmio Especial do Juri na Jornada Brasileira de Documentaristas em 1976, entre outros. É sócio fundador da APACI e membro da ABDI.

- 4.ª feira - dia 15 - 16 às 18 h**  
**A ESTÉTICA E A PENETRAÇÃO DO FILME DE CURTA METRAGEM**  
Idéias e posicionamento sobre o tema com participação de Deney Oliveira.  
(Deney começou sua carreira de cineasta em 65 com o curta metragem "Escravos de Job", premiado no Festival do Jornal do Brasil. Dirigiu para a TV-Globo os documentários "O Medo" e "Nervos de Aço". Produziu, roteirizou e musicou os filmes "Marcelo Zona Sul" e "André, a Cara e a Coragem". Dirigiu "Amante Muito Louca", que lhe deu os prêmios de Direção no Festival de Gramado, Governador do Estado e APCA. Dirigiu também "Ur" e "A Última".  
"Focinho dos Trezentos". Fundou o Grupo Opinião. Atualmente também é Presidente da APACI.

- 5.ª feira - dia 16**  
14 às 16 h - Estúdio - Mostra paralela de filmes fora de concurso.  
16 às 18 h - Estúdio - 2.º Seminário de Estudos e Debates.  
19 e 21:30 h - Projeção de filmes em concurso - Programa IV.
- 6.ª feira - dia 17**  
14 às 16 h - Estúdio - Mostra paralela de filmes fora de concurso.  
16 às 18 h - Estúdio - 2.º Seminário de Estudos e Debates.  
19 e 21:30 h - Mostra Especial: Premiados de 78 e filmes estrangeiros.
- Sábado - dia 18**  
13 às 18 h - Estúdio - Encontro das Associações e Grupos de Realizadores de Cinema Super 8.  
20 h - Entrega de certificados e prêmios com projeção dos filmes vencedores.

- 5.ª feira - dia 16 - 16 às 18 h**  
**O SUPER 8 NO CAMPO AUDIOVISUAL**  
Participação de Luís London.  
(Luís é formado em Comunicação Visual e professor de cinema no GRIFE e no SESC. Suas realizações em Super 8 foram premiadas em festivais de São Paulo e Curitiba. Trabalha atualmente nas áreas de produção audiovisual e comercial, utilizando o filme Super 8).
- A DISTRIBUIÇÃO PARALELA DO SUPER 8**  
Participação de Felipe Bacelar de Macedo, Presidente do Conselho Nacional de Cine Clubes, representando a DINAFILMES, distribuidora ligada à Federação Paulista de Cine Clubes.
- 6.ª feira - dia 17 - 16 às 18 h**  
**AS POSSIBILIDADES DO SUPER 8 PROFISSIONAL**  
Laboratório Flick, expondo sobre as possibilidades de aplicação do Super 8 para outras biblias, processo da jarela molhada, transferência do filme para vídeo-cassete e truçagens em geral.

- Sábado - dia 18 - 13 às 18 h**  
**ENCONTRO DAS ASSOCIAÇÕES E GRUPOS DE REALIZADORES DE CINEMA SUPER 8**  
Promovido pela Associação Paulista de Realizadores de Cinema - ARES 8 - com o intuito de sistematizar a problemática comum e encaminhar soluções, estudar a criação de um órgão representativo dos cineastas e grupos em nível estadual, discutir a possibilidade de distribuição de filmes Super 8 e estabelecer contato com órgãos estaduais e federais de educação e cultura.

## VII super festival nacional do filme super 8

Neste ano o Festival repete o número de filmes inscritos em 78. 110. Diante do tempo limitado reservado às projeções, um juri de seleção prefez o melhor filme do Tavares (cinesta Super 8), Francisco Ponce (cinesta) e o melhor filme de curta metragem, Cuba Bueno (cinesta S8) e prof.ª de cinema, José Joaquim Moreira Filho (cinesta S8). Leo Amorim (editor-chefe da revista Novidades Fotópica) e Maria do Carmo Carmo Carmo (cinesta S8), destacam 40 filmes em prioridade para concorrerem:

- Em 1.ª programação a serem apresentados 28 filmes de São Paulo, 3 de Campinas (SP), 2 do Rio de Janeiro (RJ), 2 de Sorocaba (SP), 1 de Salvador (BA), 1 de Curitiba (PR), 1 de São Vicente (SP), 1 de Santo André (SP) e 1 de São Bernardo do Campo (SP).**

### PROGRAMA I

- 2.ª feira - dia 13 - 19 e 21:30 horas**  
1. Enredo-Ficção: **TUDO AZUL**, de Cláudio Morais e Alcindo Bovi. Adaptação de conto de Julio Cortázar.  
2. Documentário: **LIBERDADE, IGUALDADE, FRATELERNIDADE**, de Moysés Baumstein.  
3. Enredo-Ficção: **A NOIVA**, de Antonio de Pádua Toledo Lessa.  
4. Documentário: **O HERói**, de Geraldo Mello.  
5. Experimental: **A PRIMAVERA DE PRAGA**, de Carlos Porto de Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto.  
6. Enredo-Ficção: **PASSAVIDA**, de Roberto Elisabetsky. Com Solange Costa.

### INTERVALO - 10 minutos

7. Enredo-Ficção: **KITNET**, de Ana Maria Guardilha e Roberto Pimenta. Com Romeu de Freitas, Sauli de Oliveira, Fanny Bittencourt, Orlando Paolini, Mara Marzan e outros.  
8. Animação: **MOTO LOCO**, de Giorgio Croce e Fernanda Barreto (Rio de Janeiro).  
9. Documentário: **SOBREVIDENTES DO LIXO**, de José Márcio Passos e Benyau Fon (Maceió).  
10. Experimental: **TALHOS**, de Victor Gerhardt.  
11. Enredo-Ficção: **CAMINHO DE VOLTA**, de Marcos Augusto Craveiro (Campinas). Com Paulo Camargo, Zezé Lima, Eduardo Romêiro, Lúcio de Souza e outros.

### PROGRAMA II

- 3.ª feira - dia 14 - 19 e 21:30 horas**  
12. Documentário: **TRINDADE PARA OS TRINDADEIROS**, de Adriana Mattoso.  
13. Enredo-Ficção: **CLEOPATRA**, de Luiz G. Lacanna, Marcos A. Bertoni e Sérgio Mancini. Com os autores e José Braga, Paulo Castro, Cláudio Julio e outros.  
14. Experimental: **FRUTO PROIBIDO**, de Edmundo Lúcio Gloridiano.  
15. Documentário: **MOMENTOS MUSICAIS - FRANZ LISZT**, de Carlos Morais e Lohair Americano.  
16. Animação: **TANGRAM**, de Geraldo Mello e Carmen Carvalho.

### INTERVALO - 10 minutos

17. Enredo-Ficção: **CASAMENTO DE UMA MARIA**, de Benyau Fon, Paulo Passos (Maceió). Com Eglia Vieira e Silvério Santos.  
18. Animação: **HARMONIA**, de Aurélio Giovannini.  
19. Documentário: **FIM DE LINHA**, de Claudine Petina Camargo (Campinas).

20. Animação: **QUADRO A QUADRO**, de Flávio Del Carlo. Com Rogério Nacende e Antônio Figueiredo.  
21. Enredo-Ficção: **OS FANTASMAS**, de Roberto Morais, Roberto Magri, Fábio Cortias, José Alberto Lovetto, Franco de Rosa e outros.

### PROGRAMA III

- 4.ª feira - dia 15 - 19 e 21:30 horas**  
22. Enredo-Ficção: **COTIDIANO**, de Jesus de Paula Assis e André Passos Bessel.  
23. Experimental: **LOCO-BREK**, de Cláudio Leone.  
24. Enredo-Ficção: **DINHEIRO, A MOLA DO MUNDO**, de Jery Grut e Valéria Constantino.  
25. Animação: **OH... CEUS**, de Paulo Serra.  
26. Enredo-Ficção: **JOAO E MARIA, UMA COCOCHANCHADA POLITICA**, de Moysés Baumstein.

### INTERVALO - 10 minutos

27. Enredo-Ficção: **BRABEZA**, de José Umberto Dias e Robinson Roberto Salles Barreto (Salvador). Com Márcia Cristina e José Umberto.  
28. Animação: **A ARVORE DA VIDA**, de Pedro Perez Andreu. (São Vicente).  
29. Enredo-Ficção: **OLHO POR OLHO**, de Caetano Roberto Cinnamun.  
30. Documentário: **DANIELLE, CARNAVAL E CINZAS**, de José Augusto Iversen (Curitiba).

### PROGRAMA IV

- 5.ª feira - dia 16 - 19 e 21:30 horas**  
31. Enredo-Ficção: **ABSTRACAO**, de Omar Cabrino Filho (São André). Com Omar Cabrino e outros.  
32. Animação: **GINASTICA LATINA**, de Moysés Baumstein.  
33. Documentário: **TAIPA**, de José Márcio Passos e Benyau Fon (Maceió).  
34. Enredo-Ficção: **NO FIM, TODOS ACABAM DORMINDO...**, de Isay Weinfeld e Márcio Kogan. Com Roberto Oroco e outros.  
35. Experimental: **ARQUITECTURA**, de Leonardo Crescenti Neto. Com Márcia Stammato e Thales Pan Chacon.

### INTERVALO - 10 minutos

36. Documentário: **O PROJETO ESPERANCA... OU IMPASSES E AMEAÇAS DO CRESCIMENTO SELVAGEM**, de Margarida Sodré Cardoso e Wilson Pereira Cardoso (São Bernardo do Campo).  
37. Animação: **1.º DE MAIO**, de Alberto P. Barcellos.



## Opus: mais uma opção para o super 8

A expectativa de conhecer os resultados da exibição de cinema Super 8 fora dos festivais fez nascer a 1.ª Sala Permanente de Cinema Super 8 do Brasil em uma península deserta e dirigida por Abílio Buarque de Gusmão.

durante o ano inteiro. Funcionando todas as terças-feiras, de 6 a 7 horas, no Café Teatro Opus 2.004 (R. da Consolação, 2.004, São Paulo), vem popularizando a produção independente de bitola estreita e criando um novo hábito entre o público. Ele passa de espectador a jurado e decide, por votação, os melhores filmes de cada programa.

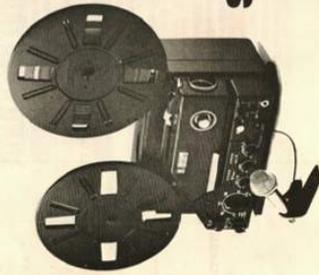
Semanalmente é apresentado um programa diferente de 5 a 7 filmes. No final do mês são dedicados os melhores filmes de cada trimestre a três primeiras semanas. No final de cada trimestre são destacados os melhores entre os vencedores de cada mês. O final do concurso, dia 4 de dezembro, irá revelar o melhor de todos entre os vencedores dos 3 trimestres do concurso.

Para concorrer, são aceitos filmes de qualquer tema, realizados originalmente em Super 8 ou Single 8 mm, feitos em qualquer época, mesmo já premiados. Os filmes devem ser sonoros, com uma gravada na própria película e por menos de 14 segundos por segundo, duração máxima de 30 minutos.

Os prêmios são em equipamento de cinema, filme virgem e livros. Serão entregues até o final do ano 80 livros sobre Super 8 da Summus Editorial; 452 filmes Super 8 Kodak; 9 editores Yashica; 3 filmadoras Sankyo XL 3008 e mais um projetor e filmador Sankyo para o grande vencedor do ano.

As inscrições permanecem abertas até o dia 28 de novembro e podem ser feitas no Grife Centro de Estudos de Cinema, Rua Estados Unidos, 2240, mediante a entrega do filme.

## A marca oficial do VII Super Festival Nacional do Filme Super 8.



**Sankyo**



Distribuidor

U.P.A.S.A.

# Calendário dos concursos e festivais super 8 no Brasil

### AGOSTO - 1979

I BIENAL INTERNACIONAL PAINEIRAS DO CINEMA AMADOR  
26 de agosto a 2 de setembro  
Realização do Clube de Cinema do Morumbi  
Av. Dr. Alberto Penteado, 605 - São Paulo  
Inscrições encerradas.

### SETEMBRO - 1979

I CONGRESSO NACIONAL DE CINEMA SUPER 8  
24 a 30 de setembro  
Realização da ABAC - Associação Bahiana de Cinema  
e do Cine Clube de Salvador  
Rua Carlos Gomes, 31 - Salvador - Bahia.

### 1.º CONCURSO NACIONAL DE FILMES SUPER 8 SOBRE ALETTAMENTO MATERNO

Realização da Sociedade Brasileira de Pediatra e Sociedade de Pediatra de São Paulo  
Informações: Sociedade Brasileira de Pediatra - Rua Otaviano, 79/80, São Paulo  
Inscrições até 31 de agosto no GRIFE.

### OUTUBRO - 1979

SUPER 8 CORUZA ESPECIAL  
Programa Ação Super 8  
TV-2 Cultura - Rua Carlos Scheer, 179 - São Paulo  
Inscrições até 15 de setembro.

### 5.º FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO DE CAMPOS - FJ

Data a ser determinada  
Realização da Prefeitura Municipal de Campos  
Inscrições abertas.

### NOVEMBRO - 1979

5.ª MOSTRA NACIONAL DO FILME SUPER 8  
Realização do Centro Federal de Educação  
Tecnológica do Paraná - Curitiba - Paraná  
Inscrições de 1.º de setembro a 12 de outubro.

### III FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 e 16 MM DO RECIFE

Realização do Grupo de Cinema Super 8 de Pernambuco  
Rua do Hospital, 104 - Recife - Pernambuco  
Inscrições de 1.º de setembro a 31 de outubro.

### VII FESTIVAL NACIONAL DE CINEMA AMADOR DE SERGIPE

26 de novembro a 2 de dezembro  
Realização do Clube de Cinema de Sergipe  
Rua Itabá, 566 - Aracaju - Sergipe  
Inscrições abertas.

### DEZEMBRO - 1979

V FESTIVAL DE SUPER 8 DO CEARÁ  
1.ª quinzena  
Realização do Clube de Cinema de Fortaleza  
Rua Sarrif Dumont, 2.600.

ficha técnica do Festival

Presidente — ABRAO BERMAN  
Diretor Geral — ROBERTO FUFRASSO DA SILVA  
Diretor Executivo — MARCOS GALIARZA  
Coordenadores — MARLESE TONI e HELOISA CINTRA VIDIGAL  
Coordenador de Serviços — ANTONIO CARLOS BRULOTTO  
Diretor de Arte — MARIA CECILIA FELLI (assistente)  
Assistentes — HANNA PAPAUTZKY e JANE BERMAN  
Secretárias — ANA CAROLINA DE OLIVEIRA e ANA LUIZA  
VIEIRA SUELI MARIA PETRINI e MARIA ANGEA CARNEVALLI

Officer-hoy — ROBERTO FUFRASSO DA SILVA

ENCERRAMENTO DO CONCURSO ANUAL DE SUPER 8 DA SALA PERMANENTE DE CINEMA DE VANGUARDIA  
4.ª quinzena  
Cajá Leandro Opus 2204  
Rua da Consolação, 2004 - SP

### JANEIRO - 1980

VI FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO DE ALAGOAS  
1.ª quinzena - cidade de Penedo  
Realização do Clube de Cinema de Penedo  
Competição apenas para realizadores alagoanos.

### MARÇO - 1980

VII FESTIVAL SUPER 8 DE CAMPINAS  
1.ª quinzena  
Realização do Centro de Ciências, Letras e Artes  
Rua Bernardino de Campos, 869 - Campinas - SP

2.º FESTIVAL SUPER 8 SOBRE AGRICULTURA IRRIGADA  
Data a ser determinada  
Realização do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas  
- Divisão de Relações Públicas  
e das sedes - Fortaleza - Ceará  
Inscrições abertas de 15 de janeiro a 28 de fevereiro.

### 4.º FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DE OIRAMADO

Realização da AGACINE - Associação Gaúcha de Cinematografia  
Pa. D. Feliciano, 39 - sobrela - Porto Alegre - RS

### ABRIL - 1980

IV FESTIVAL SUPER 8 DE FILMES ESPORTIVOS  
1.ª quinzena  
Realização da Secretaria Municipal de Esportes  
Rua Pedro de Toledo, 1.561 - São Paulo

### MAIO - 1980

IV CONCURSO NACIONAL DE FILMES SUPER 8 PARA A EDUCACAO DO TRANSITO  
1.ª quinzena  
Realização do DSV e Companhia de Engenharia de Tráfego  
- São Paulo

### JUNHO - 1980

III FESTIVAL NACIONAL PAINEIRAS DO FILME SUPER 8  
Realização do Clube Paineiras do Morumbi - São Paulo

### JULHO - 1980

I FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DO ABC  
2.ª quinzena  
Realização do Meritinos Futebol Clube  
Av. Cumhuho do Mar, 3.222 - Rudge Ramos  
- São Bernardo do Campo

### AGOSTO - 1980

VIII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8  
1.ª quinzena  
Realização do Grife Centro de Estudos de Cinema e Fotografia  
Inscrições de 1.º a 30 de junho  
Rua Estados Unidos, 2240 - São Paulo

Projeto — DEPT. FILMOGRAFIA, FOTOGRAFIA  
SEM — DEPT. DE ENGENHARIA E SISTEMAS FOTOPTICA  
QUASAR

## Juri oficial

1. Abel Papatzky (cinasta Super 8)
2. Alex Persichino (publicitário e vice-presidente da Alcântara Machado)
3. Carlos Roberto Silveira (cinasta)
4. Dalva Assumpção Souto Mayor (chefe de fotografia de cinema)
5. Eduardo Monteiro da Silva (delegado do MEC - SP)
6. Alexandre Masud (assessor de imprensa do Conselho Nacional de Cultura)
7. Francisco Luis de Almeida Salles (membro do Conselho de Orientação do Museu da Imagem e do Som)
8. Henrique de Macedo Netto (diretor superintendente da Fotóptica e prof. de cinema da FAPF)
9. José Riba de Siqueira (cinasta)
10. Lamberto Scipioni (fotógrafo)
11. Luis London (produtor de audiovisuais e prof. de cinema do GRIFE).

## Juri popular

Formado por pessoas do público escolhidas por sorteio na abertura do Festival.

### PROGRAMA DE ENCERRAMENTO

Sábado - dia 18 de Agosto - 20 horas  
Entrega de certificados a todos os participantes  
Revelação dos vencedores e entrega dos prêmios  
Projeção dos filmes premiados

### ESTAS FORAM AS EMPRESAS QUE TORNARAM POSSÍVEL COM SEU INESTIMÁVEL APOIO A REALIZAÇÃO DE MAIS UM FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8.

- Basf Brasileira S.A.  
Braswex S.A. - Indústria e Comércio  
Centro de Componentes Eletrônicos - CCE  
D. F. Eletrônicos S.A.  
Equipamentos Fotográficos Equifoto Ltda.  
Fobrasco Indústria e Comércio Ltda.  
Focal S.A. - Comércio e Importação  
Fuji Photo Film do Brasil Ltda.  
Gradiente Eletrônica Ltda.  
Kodak Brasileira Indústria e Comércio Ltda.  
Lando Eletrônica Ltda.  
Orwo do Brasil S.A.  
Osram do Brasil - Cia. Nacional de Lâmpadas  
Polyvox S.A. - Indústrias Eletrônicas  
Produtos Eletrônicos Frata Ltda.  
Quasar Engenharia Indústria e Comércio Ltda.  
Sony Motorizado Comércio e Importação Ltda.  
Sosecal S.A. Comércio e Importação  
Summa Eletrônica Ltda.  
3M do Brasil Ltda.  
Texas Instrumentos do Brasil Ltda.  
Yashica do Brasil Imp. e Com. Ltda.

38. Enredo-Ficção: **YOU MORRER AS 5 E MEIA**, de Adolfo Giamolla (Sorocaba). Com Ademir Reziani e outros.
39. Enredo-Ficção: **FILMATEGAN, LINGUAGIK, ANIMATRUP, DESINIREN**, de Marcos Artuda Bertoni.
40. Documentário: **EPILOGO**, de Claudiné Perina Camargo (Campinas).

### PROGRAMA ESPECIAL - FORA DE CONCURSO

- 6.ª feira - dia 17 - 19 e 21:30 horas
- MOSTRA DE PREMIADOS DE 1978**
1. Melhor Filme do Festival: **OVO DE COLOMBO (CARAVELAS)**, experimental de Carlos Porto de Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto.
2. Melhor Enredo-Ficção: **PESQUISA DE OPINIAO**
3. Melhor Animação e Trilha Sonora: **VENETA**.
4. Melhor Filme do Festival (Juri Popular): **O REGIME**, de Luis Chilson.
5. Melhor Experimental e Solução de Apresentação: **GRANDE PRIX**, de Sérgio Lisboa Giraud.

### INTERVALO - 10 minutos

- MOSTRA INTERNACIONAL**  
**AFRICA DO SUL - TOO YOUNG FOR HEROES**, ficção de John Deipport (a confirmar).  
**ESTADOS UNIDOS - THE HARVESTER**, ficção de Larry Foster.  
**ARGENTINA - SONORAMA**, ficção de Tony Siedlaczek.  
**ARGENTINA - VIOLINES INDOBRES Y LANTEJUELAS**, de Carlos Faibel.  
**ARGENTINA - LA FRUTA EN EL FONDO DEL TAZON**, ficção de Roberto Cenderelli

ESTÁ DE VOLTA  
COM O MESMO ARGUMENTO  
E ROTEIRO AMPLIADO!

A PRÁTICA DO SUPER-8  
de N. Bou e P. Darcy  
adaptado por Alberto Berman



O LIVRO DE CABECEIRA  
DO SUPEROTISTA

244 páginas — Cr\$ 250,00

um lançamento

**summus editorial**  
Caixa Postal 13.814 — São Paulo

OU LOJAS DE CINÉ-FOTO

Através de 4 Cursos

o **GRIFE**

ensina os segredos do Cinema SUPER 8

Escolha um deles  
**CURSO BÁSICO DE PRÁTICA DE CINEMA**  
**CURSO BÁSICO DE CINEMA PARA CRIANÇAS**  
**CURSO DE ANIMAÇÃO E TRUÇAGEM**  
**CURSO DE REALIZAÇÃO**

Rua Estados Unidos, 2240  
Fones: 852-1704 / 64-0380  
São Paulo - Capital

OFERTA ESPECIAL PARA NOVOS ASSINANTES

Assine **FOTÓPTICA**  
SOVIMON  
Cr\$ 250,00

VOCÊ RECEBERÁ EM SUA CASA 12 PUBLICAÇÕES

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_  
Assinatura: \_\_\_\_\_

CASO SEJA RENOVACAO ASSINALE AQUI   
MANDE CHEQUE NOMINAL FOTÓPTICA LTDA. CAIXA POSTAL 2000 - CEP 01000

# Prêmios

## MELHOR FILME DO FESTIVAL

- Troféu Fotoptica
- Contrato profissional com a Kodak para realização de um filme em Super 8
- Filmadora Sankyo Super XL-61-200 S
- Projetor Sankyo Stéreo 800
- Prêmio EMBRAFILME - Cr\$ 25.000,00
- 01 filme impresso Super 8 da Sosecal
- 10 filmes Super 8 da 3M
- 50 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony
- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

## MELHOR FILME DO FESTIVAL

- JURI POPULAR
- Troféu Fotoptica
- Conjunto de Som Integrado Gradiente System 95, com 200 watts de potência
- Discos Garrard 630 S, Cassete Deck Frontal, e duas caixas acústicas Gradiente com Rack
- Prêmio EMBRAFILME Cr\$ 25.000,00
- 01 filme impresso Super 8 da Sosecal
- 10 filmes Super 8 da 3M
- 50 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony
- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

## MELHOR ANIMAÇÃO

- Troféu Fotoptica
- 01 coladeira Fuji
- Projetor Cinekon S-80
- 01 Receptor de Rádio Sankyo
- 10 filmes Super 8 da Sosecal
- 20 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony
- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

## MELHOR DOCUMENTÁRIO

- Troféu Fotoptica
- Amplificador Polyvox AP 800
- Sintonizador Polyvox TP 300 - AM-FM
- Relógio Eletrônico de pulso Texas
- 10 filmes impresso Super 8 da Sosecal
- 20 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony
- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

## MELHOR ENREDO — FICÇÃO

- Troféu Fotoptica
- Filmadora Fujica AXM-100 - Single 8
- Editor Faximat LB 200
- 01 filme impresso Super 8 da Sosecal
- 10 filmes Super 8 da 3M
- 20 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony

- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

## MELHOR EXPERIMENTAL

- Troféu Fotoptica
- Mixer Quasar QM 884
- Rádio Gravador CCE CR 210
- Editor Yamaha 8 PE-RS
- 01 filme impresso Super 8 da Sosecal
- 10 filmes Super 8 da 3M
- 20 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony
- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

## MELHOR HUMOR

- Troféu Fotoptica
- 01 Coladeira Fuji
- Binóculo DFV - Turdist
- Flash Frata Tron
- 01 filme impresso Super 8 da Sosecal
- 10 filmes Super 8 da 3M
- 20 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony
- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

## MELHOR DIDÁTICO

- Troféu Fotoptica
- 01 Coladeira Fuji
- Editor Hanimex E-800
- Flash Frata Tron
- 01 filme impresso Super 8 da Sosecal
- 10 filmes Super 8 da 3M
- 20 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony
- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

## MELHOR FOTOGRAFIA

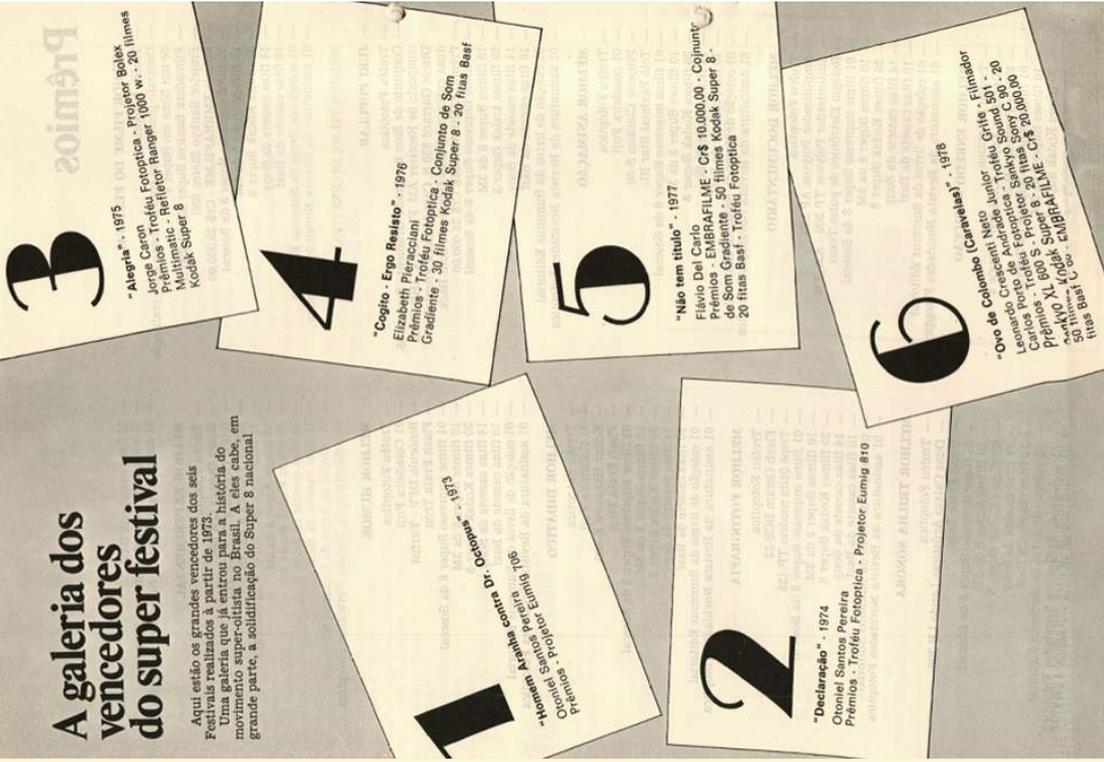
- Troféu Fotoptica
- Flash Ostram BCS-32
- Tripe stütz modelo TP-125
- 01 filme impresso Super 8 da Sosecal
- 10 filmes Super 8 da 3M
- 20 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony
- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

## MELHOR TRILHA SONORA

- Troféu Fotoptica
- Duas Caixas Acústicas Lando LB 206
- Flash Frata Tron
- 01 filme impresso Super 8 da Sosecal
- 10 filmes Super 8 da 3M
- 20 filmes Kodak Super 8
- 14 fitas cassete da Sony
- 10 fitas cassete da Basf
- 01 coleção de livros da Summus Editorial
- 01 assinatura da Revista Novidades Fotoptica

# A galeria dos vencedores do super festival

Aqui estão os grandes vencedores dos seis Festivais realizados à partir de 1973. Uma galeria que já entrou para a história do movimento super-olista no Brasil. A eles cabe, em grande parte, a solidificação do Super 8 nacional.



ANEXO 25 – Carta de João Batista Marques de Assunção (relações públicas do ECAJA) para Abrão Berman, datada de 10 de julho de 1979. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

## ECAJA FILMES

Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos

C. G. C. 04.091.146/0001-40 — Rio Branco - Acre

RUA FRANCISCO MANGABEIRA - 272

Ilm<sup>o</sup>. Sr.

Abrão Berman

DD. Presidente do GRIFE

São Paulo - Capital

Rio Branco, 10 de Julho 79.

4cf

Prezado Senhor

Acusamos com prazer o recebimento dos cartazes, regulamentos e as fichas de inscrições, para participarmos do VII SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER-8. Ao ensejo deste conclave salientamos que muito nos honrou e sensibilizou tal convite.

Desejosos que estamos de participarmos deste evento, vimos esclarecer algumas situações de interesse mútuo:

1 - Considerando que o regulamento do FESTIVAL só aceita filmes na velocidade de 24 q.p.m. e que nossos filmes por razões óbvias foram tomados à razão de 18, automaticamente ficamos fora do FESTIVAL.

2 - Considerando este FESTIVAL da maior importância para nós, por se tratar de uma amostra especificamente super-8, decidimos ir à São Paulo para participarmos dos debates ou seminários e levar os filmes: "A LUTA EN BUSCA DO AMOR" e "O AMANTE DA FORTUNA" e mais dois documentários intitulados: "PARADA CIVICA DE RIO BRANCO" e "TÁ RUÇO, AMIGO!", este último versando sobre as inundações do Rio Acre - para exibição ao público em sessão especial a critério do FESTIVAL, sem caráter competitivo.

3 - Considerando nossa participação, por um lado muito proveitosa e por outro muito onerosa, o grupo decidiu enviar um representante, já que desta vez não contamos com ajuda oficial. E solicitamos providências no sentido de arranjar acomodação para o seu representante no FESTIVAL, ou indicar um Hotel próximo do TEATRO SÃO PEDRO, mais precisamente na Alameda Barão de Limeira, onde será dispensável / gasto com condução etc... e que o preço seja compatível com nossos poucos recursos, para que possamos levar ao gabinete do Governador do nosso Estado a proposta de hospedagem; aguardando resposta urgente nos despedimos.

Atenciosamente,

*João Batista Marques de Assunção*  
João Batista Marques de Assunção  
RELAÇÕES PÚBLICA DO GRUPO ECAJA

Adalberto Queiroz de Melo

Diretor do Grupo ECAJA

ANEXO 26 – Carta de José Contreras Russo (relações públicas da KODAK) para o GRIFE, datada de 9 de agosto de 1979. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)



São Paulo, 9 de agosto de 1979

Ao  
Grife  
Rua Estados Unidos, 2240  
São Paulo - SP.

Prezados Senhores:

Tem a presente a finalidade de confirmar o interesse da Kodak Brasileira em participar na premiação dos concorrentes ao VII Super Festival Nacional do Filme Super 8, que se realizará de 13 a 18 de agosto próximo.

Nessas condições reiteramos nossa disposição em oferecer os seguintes prêmios:

- 300 Filmes Super 8;
- Contrato dos serviços profissionais do participante classificado em 1º lugar, para realização de um filme sobre a Kodak Brasileira.

Desejando pleno sucesso ao evento, subscrevemos.

Atenciosamente,

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'José Contreras Russo', written over a horizontal line.

José Contreras Russo  
Relações Públicas

JCR/mdf

KODAK BRASILEIRA COMERCIO E INDUSTRIA LTDA. - SÃO PAULO: RUA GEORGE EASTMAN, 213 MORUMBI - CEP 01000 - C.P. 225 - FONE: 542-0111 • RIO DE JANEIRO: CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO, 268, CEP 20000 - C.P. 849 - FONE: 284-4722 • PORTO ALEGRE: RUA CRISTÓVÃO COLOMBO, 1385 - CEP 90000 C.P. 994 - FONE: 22-9588 • RECIFE: RUA IMPERIAL, 1047/69 - CEP 50000 - C.P. 201 - FONE: 224-1808.

FORM. 82 (200.000)



Ilmo. Sr.  
José Contreras Russe  
Relações Públicas Kodak Brasileira  
São Paulo - SP

Curitiba, 04 de janeiro de 1.981.

*Do andar  
Cy No 6  
80.000 - Curitiba  
PK - Bncif*

PREZADO SR.

Desde o momento em que recebi a notícia da premiação no Super Festival Nacional de Cinema Super 8 de 1.979, procurei imediatamente contato com V. Sa., observando logo de início que nem um plano havia sido elaborado pela Kodak com referência à cidade premiada, isto é, quando prourei-os pare o contato dias após o término do festival, os srs. não tinham absolutamente pensado no que constituiria o "Contrato Profissional" oferecido.

Assim sendo, embora estivesse e atitude, propus apresentar a V. Sa. um roteiro inicial, de referência, com preços dos serviços, etc. para então deslanchar um adequado plano de trabalho, após a aprovação de V. Sa.

Apresentei o esqema de forma oficial, datilografado e baseado em conversas que mantivemos no contato inicial. V. Sa. ficou de dar-me uma resposta dias seguintes, por telefone, o que não ocorreu e em vista de meu interesse pelo serviço, passei a ligar de Curitiba, cebeando eu mesmo marcar uma data em que iria a São Paulo, para conhecer a Kodak e visitar a fábrica em São José dos Campos. Para isso pedi uma passagem e hospedagem uma vez que só para os contatos iniciais, havia ido ao Morumbi Cêrce-g de 4 vezes sem qualquer ajuda, mas sim porque repentininha grande interesse na realização do filme-prêmio, como profissional.

Quando desta ida a São Paulo, liguei novamente dias antes e pedi para ficar não no hotel MDVOTEL como os srs. haviam marcado, mas sim no hotel Broadway, onde pelo mesmo preço poderia ir levando minha esposa. V. Sa. concordou e ainda tomei o cuidado de ligar ao Novotel para conferir os valores de diárias e então em confronto com as do Broadway, poder seguir tranquilo a São Paulo. Chegando a V. escritório fui eficientemente assessorado por sua secretária que levou-me a conhecer todo o laboratório e demais instalações, mas a ida a São José dos Campos ficou transferida por estar todo o complexo industrial em vies de entrar em greve, acompanhando demais fábricas paulistas. Propus então voltar a São Paulo para a visita duas semanas depois por minha conta e aproveitar a estada do momento sob custeio da Kodak, para passar com minha esposa. Ainda na ocasião V. Sa. me deu um adiantamento de 3 mil cruzeiros, para refeições.

Neste ponto da história é que começou o que V. Sa. chama de "desinterbase de minha parte". Não voltei a São Paulo para a ida a São José

Kodak... continuação...

por dois motivos : a) fui informado pelo gerente do Hotel Broadway, que a conta apresentada a V. Sa. não havia sido paga (foi paga depois por - mim mesmo) e b) não tinha nada, mas nada mesmo, até o momento, bem como - até o final de nossos contatos, escrito - isto é - o falso prêmio "Contrato Profissional" estava totalmente "no ar". Não sabia da aprovação - de meu plano, muito menos do orçamento pedido e não podia assim contar - nuar pois como bem sabe Abrão Berman, sou realmente um profissional que vive com o Super 8 e do super 8, o que já não é fácil. Na verdade estava deixando outros contratos, assinados e sacramentados, frisar bem, para me lançar quase a uma aventura, sem saber o que ganharia e quanto ganharia.

Tive culpa nisso tudo ? Acredito que sim, pois deveria - já no começo ter deixado em pratos limpos o que seria e quanto montaria o Contrato Profissional. Mas... o tempo passou e foi ficando, restando, isto sim um prejuízo de cerca de 20 mil cruzeiros, entre hotéis, idas a São Paulo, etc.

Não quero com estas explicações, de forma alguma ficar incriminando a V. Sa., pois se culpo algo, culpo sim a estrutura que não foi montada pela Kodak, na época certa, para atendimento ao prêmio. Espero que os amigos vencedores deste ano, tenham melhor sorte.

Atenciosamente...

*Jose Augusto Iwersen*  
José Augusto Iwersen

Esc. Abrão Berman

ANEXO 28 – *Catálogo do VIII Super Festival Nacional do Filme Super8 mm.*  
(Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

**CARTA ABERTA**

São Paulo, 4 de Agosto de 1980.

CARTA ABERTA AO SR. CELSO AMORIM  
DIRETOR GERAL DA EMBRAFILME

Ilmo. Sr.  
Celso Amorim  
Diretor Geral da EMBRAFILME  
Prezado Senhor,

Tomo a liberdade de dirigir-me ao senhor através do programa do VIII Super Festival Nacional do Filme Super 8, conhecendo de antemão sua acessibilidade e seu esforço contínuo, através de seu cargo, em oferecer o maior estímulo possível ao cinema brasileiro de forma geral.

Na verdade, confesso, eu pretendia utilizar este espaço para escrever um prefácio exaltando a contínua elevação de nível técnico e artístico da produção independente da biola estreita em Super 8 e Single 8, conforme poderá ser constatada numa visão dos filmes concorrentes desse ano. Eu pretendia também dizer que, como resultado disso tudo e do aumento crescente do número de cineastas independentes que vão surgindo, cresce a realização de festivais em suas próprias cidades, com a participação de cineastas estrangeiros, e a realização de cursos de aperfeiçoamento em áreas de educação de trânsito, prevenção de acidentes, treinamento materno, turismo, ecologia etc. E, por fim, o reconhecimento da direção da TV-2 Cultura de São Paulo dando o maior apoio ao programa Ação Super 8 que produzir e apresentar e que recentemente voltou a ter sua duração em 1 hora.

Porém, no momento de maior entusiasmo, quando a programação dos filmes deste festival já estava organizada, quando já estava confirmada a presença de Lenny Lipton, papa do cinema Super 8 nos Estados Unidos, vindo inclusive para fazer uma cobertura jornalística para a revista Super 8 Filmmaker, mundialmente conhecida, tomei conhecimento de notícias sombrias que começaram a pairar sobre todo este movimento.

Fui informado por diversos importadores que, embora esteja legalmente liberada a importação de equipamento de cinema Super 8, existem instruções internas no Banco do Brasil, proibindo a emissão de licença de importação de filmes, projetores e editores.

Levei-me que a 20 de Setembro de 1976, através do comunicado de Cacex de n.º 574, a importação fora inteiramente proibida. Super 8 incluído no grupo de importação proibida, juntamente com outros equipamentos como material fotográfico, câmbio, voalva, patas de fgado de ganço, conhaque francês etc. Cacex a interdição de Roberto Farias, diretor geral da Embrafilm na época, foi possível se provar a importância do Super 8 como veículo de comunicação e cultura. Assim, a 9 de agosto de 1977, um novo comunicado da Cacex de n.º 609 suspendeu a proibição e os realizadores voltaram a respirar tranquilos.

Agora, caso sejam verdadeiras as notícias que o Super 8 não poderá mais ser importado, pergunto-me o que será do futuro do cinema independente. Sem similar nacional, a proibição acabará estimulando o contrabando e a entrada ilegal no país por preços que se tornarão verdadeiramente absurdos. A prática do cinema se tornará tão cara que matará em pouco tempo tudo aquilo que foi construído pelos idealistas nos últimos anos. Sou um desses idealistas que reconhece que fazer cinema profissional é uma possibilidade cada vez mais remota e inacessível, mas como muitos, sinto necessidade de me comunicar através do cinema, qualquer que seja a sua biola. E eu, como tantos, independentemente da atividade profissional, recorro a essa forma de expressão como registro de nossa realidade, como forma de comunicação e de participação social.

Se há necessidade de se importar o equipamento é porque não há similar nacional. Segundo consta nenhum fabricante tem condições de se importar o equipamento de alto investimento que seria o lançamento de marcas nacionais. Assim, enquanto a evolução técnica lança em seus países de origem uma aparelhagem cada vez mais moderna como resultado da evolução técnica, pergunto, como ficamos nós? E em que o governo pretende economizar impedindo a sua importação?

Sr. Celso Amorim, em nome de todos os cineastas amadores e profissionais, de todos os professores de cinema e organizadores de festivais, de todos aqueles, enfim, que estão envolvidos pelo cinema de biola estreita por pura paixão, peço-lhe que interaja até onde lhe for permitido. Todos nós estamos à sua disposição para provar, a qualquer instante, a importância da continuidade desse trabalho. Entretanto, caso nada seja possível de ser feito e o bloqueio for mantido, seguramente este será nosso último festival. E o coração do fim de uma de nossas poucas manifestações artísticas genuinamente brasileiras.

Atenciosamente,  
**Abraão Berman**

de 4 a 9 de agosto

**VIII Super Festival Nacional do  
Filme Super 8**

Auditório Fundação Getúlio Vargas  
Av. 9 de Julho, 2029 - São Paulo

GRIFE-FOTOPTICA-KODAK  
Cue Clube CAAE-Embrafilm - Meo Fuvante  
Secretaria de Estado da Cultura

Compre Grife nos seguintes locais:  
Grife - R. Estados Unidos, 2240  
F.T. 7... T.J. 1. 228.1

## CALENDÁRIO

### Concursos, festivais e mostras super 8 no Brasil

#### AGOSTO - 1980

**ESTUDANTES EM AÇÃO** - SUPER 8  
Concurso de filmes para estudantes de 2º grau  
Programa Ação Super 8 - até novembro  
TV-2 Cultura - São Paulo  
Rua Carlos Spera, 179  
Inscrições abertas.

**MOSTRA SUPER 8 SEMANAL**  
Super 8 Restaurante e Bar  
Rua Manoel Guedes, 110 - Iaim - São Paulo  
Inscrições abertas.

#### I FESTIVAL DE CINEMA 8 MM DO RIO DE JANEIRO

Instituto de Arte e Cultura  
Rua Marquês de Abrantes, 55 - Rio de Janeiro  
Inscrições encerradas.

#### SETEMBRO

**IX JORNADA BRASILEIRA DE CURTA METRAGEM**  
Dias 8 a 14  
Coordenação Central de Extensão da Universidade Federal da Bahia  
Rua Aryjujo Pinho, 32 - Canela  
Salvador - Bahia  
Inscrições encerradas.

#### 2º CONGRESSO - CONGRESSO NACIONAL DE CINEMA SUPER 8

2ª quinzena  
ABACI - Associação Bahiana de Cinema  
Clube de Engenharia da Bahia  
Rua Carlos Gomes, 31 - Salvador - Bahia  
Inscrições abertas.

#### OUTUBRO

**IV JORNADA DE CINEMA SUPER 8 DO MARANHÃO**  
De 1 a 5  
Depo. de Assuntos Culturais  
Universidade Federal do Maranhão  
Rua das Flores, 109-A - São Luís - Maranhão  
Inscrições até 15 de setembro.

#### 2º FESTIVAL DE OSÓRIO DE CINEMA AMADOR

De 31 de outubro a 2 de novembro  
Prefeitura Municipal de Osório  
Secretaria Osoiense de Turismo  
Rua Marechal Floriano, 980 - Osório - R. Grande do Sul  
Inscrições até 1º de outubro.

#### FEIRA NACIONAL DE HUMOR

De 1 a 31  
Fundação Cultural da Cidade de Curitiba  
Praça Garibaldi, 7 - Curitiba - Paraná  
Inscrições até 31 de agosto.

#### SUPER 8 CORUJA

TV-2 Cultura  
Programação Ação Super 8  
TV-2 Cultura de São Paulo  
Inscrições até 30 de setembro

#### NOVEMBRO

**6ª MOSTRA NACIONAL DO FILME SUPER 8**  
2ª quinzena  
Centro Nacional de Educação Tecnológica do Paraná  
Av. 7 de Setembro, 3.165 - Curitiba - Paraná  
(a ser confirmado).

#### IV FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DO RECIFE

2ª quinzena  
Grupo de Cinema Super 8 de Pernambuco  
Rua do Hospício, 194 - Recife - Pernambuco  
Inscrições até 31 de outubro.

#### VIII FESTIVAL NACIONAL DE CINEMA AMADOR DE SERGIPE

2ª quinzena  
Clube de Cinema de Sergipe  
Rua Itabiana, 566 - Aracaju - Sergipe  
Inscrições até 31 de outubro.

#### DEZEMBRO

**II FESTIVAL DE SUPER 8 DO CEARÁ**  
1ª quinzena  
Clube de Cinema de Fortaleza  
Rua Santos Dumont, 2.680 - Fortaleza - Ceará  
Inscrições até 15 de novembro.

#### II FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 DE STO. ANDRÉ

2ª quinzena  
CRIC - Circulo de Realizadores Independentes de Cinema  
Rua Xavier de Toledo, 176 - Sto. André - São Paulo  
Inscrições abertas até 30 de novembro.

#### JANEIRO, 1981

**VIII FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO DE ALAGOAS**  
1ª quinzena - Cidade de Penedo

#### EMATUR - Empresa Alagoana de Turismo

Praça do Centenário, 1.135 - Farol - Maceió - Alagoas  
Inscrições até 20 de dezembro.

#### MARÇO

##### VIII FESTIVAL SUPER 8 DE CAMPINAS

2ª quinzena  
Centro de Ciências, Letras e Artes  
Rua Bernardino de Campos, 989 - Campinas - SP  
Inscrições até 31 de janeiro.

##### 5º FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DE GRAMADO

2ª quinzena  
AGACINE - Associação Gaúcha de Cinematografia  
Praça D. Feliciano, 39 - sobreloja - Porto Alegre - RS  
Inscrições até 15 de fevereiro.

#### MAIO

##### III CONCURSO NACIONAL DE FILMES SUPER 8 PARA A EDUCAÇÃO DO TRÂNSITO

(a ser confirmado)  
DSV - Companhia de Engenharia de Tráfego  
Av. das Nações Unidas, 7.163 - São Paulo - Capital

#### II CONCURSO NACIONAL DE PARA-PREVENÇÃO DE ACIDENTES

2ª quinzena  
Associação Brasileira para Prevenção de Acidentes  
Rua Silveira Campos, 300 - Cambuci - São Paulo - Capital  
Inscrições até 30 de abril.

#### JULHO

##### III FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DO ABC

2ª quinzena  
ABCINE - Associação de Cinema Super 8 do ABC  
Rua Jurubatuba, 957 - 3ª a. - S. Bernardo do Campo - SP  
Inscrições até 30 de junho.

#### AGOSTO

##### IX SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8

De 10 a 15  
GRIFE - Centro de Estudos de Cinema e Folióptica  
Rua Estados Unidos, 2240 - São Paulo - Capital  
Inscrições até 30 de junho.

A requintada coleção de Livro álbum.

A venda nas melhores lojas de presentes, cinefoto e papelerias do Brasil.





## Mostra paralela de filmes fora de concurso

### PROGRAMA A 3ª feira - dia 5 - das 14:30 às 16:30 horas.

1. ADAM - Enredo-Ficção de Marcos Cavreio (Campinas).
2. A DANÇA DAS CORES - Experimental de Pedro Perez Andreu (S.Vicente).
3. A ARTE FIGURATIVA DE GERALDO ALBERTINE - Documentário de Pedro Perez Andreu (S.Vicente).
4. CIDADE E CULTO - Documentário de Celso Maciel.
5. GRACIAS A DEUS (Macaj) - Documentário de Antonio Souza (Rio de Janeiro).
6. RITUAL - Experimental de Victor Gerhard (Rio de Janeiro).
7. BLACK DAY - Experimental de Victor Gerhard (Rio de Janeiro).
8. EXORCISMO - Enredo-Ficção de Francisco Simões (Rio de Janeiro).
9. A ÚLTIMA ESSÊNCIA - Experimental de Francisco Simões (Rio de Janeiro).
10. RECADO - Experimental de Ricardo Mendes Mineiro (Belo Horizonte).
11. UMA PRAÇA EM UMA TARDE - Documentário de Marco Antonio Nuni.
12. O BARULHINHO - Enredo-Ficção de Adolfo Glanolla (Sorocaba).
13. CAEM OS PREÇOS - Animação de Rudy Felix Brock (Petro Aligre).
14. O CAO NOSSO DE CADA DIA - Didático de Arnaldo Melman.
15. ODISSEIA - Experimental de Alberto Esodo e Rogério Russo.
16. QUINTO - Experimental de Filip Rasmussen.
17. SEQUESTRA PALULISTANA - Documentário de Edmundo Lúcio Gordiano.
18. APENAS CREPI/SCULO - Enredo-Ficção de Edes Barbosa (Montes Claros).
19. A METAMORFOSE DE KAFKA - Enredo-Ficção de Marcos Gimeses e Antonio Juaquez.

### PROGRAMA B 4ª feira - dia 6 - das 14:30 às 17:30 horas

22. EFEITOS ESPECIAIS (SEM TRUCAGENS) - Documentário de Gilberto Vanzelli.
23. SETE CIDADES DO PAUÍ - Documentário de Gilberto Vanzelli.
24. AVENTURAS NA REPÚBLICA DO SOL - Enredo-Ficção de Hugo dos Santos Silva Neto.
25. LUIZ DE QUEIROZ - Documentário de Milton Martini (Pracacaba).
26. P.S. - Documentário de Ricardo Camargo de Souza Dias.
27. FOGO-FATUO - Enredo-Ficção de Paulo Franco Rosa e Allison Japénez.
28. FA MUJTO CARO - Enredo-Ficção de Merry Guarguilla e Ana Maria Guarguilla.
29. A GUERRA NA AREIA - Documentário de Cândido Femandaz (Taubaté).
30. ENQUADRADO - Enredo-Ficção de Neyde Veneziano Monteiro (Santos).
31. RETRATO - Experimental de Fábio Rubinato.
32. DIVIDIR O PAO - Documentário de Guilherme Rozzino Neto.
33. O LIMITE - Enredo-Ficção de Roberto Saldou.
34. VALDAR PÉ - Experimental de Osmar Cabrito Filho (S.Vicente).
35. FESTA NA RUA - Enredo-Ficção de Roberto Saldou.
36. GÊNESIS - Enredo-Ficção do Grupo de Cinema 2 Apocalipse.
37. SAO PAULO - Experimental de Jehovah Dória Gonzaga.
38. DEU EM NADA - Experimental de Wilson Pereira Cardoso.

### PROGRAMA C 5ª feira - dia 7 - das 14:30 às 16:30 horas.

40. SUÍTE 19 - Enredo-Ficção de Níngarda Socié e Guiomar Hérick (São Bernardo do Campo).
39. ANIMADEIRA - Animação de Osmar Cabrito Filho (S.Vicente).
41. 17.88 - Animação de Décio Bitron Borelli.
42. O QUE EU VIM FAZER AQUI - Experimental de Salvador Perrotta Neto.
43. VISUALT - Experimental de Salvador Perrotta Neto.
44. A TRAJETÓRIA - Experimental de Marcelo Black.
45. COMO SE NÃO FOSSE ÓBVIO - Animação de Vivente Paulo Nenna de Deus (Jogi) das
46. MĂEZINHA QUERIDA - Enredo-Ficção de Vivian Mamberti.
47. BRASÍLIA - Documentário de Paulo Weinberger.
48. OS SETE PECADOS CAPITAIS - Animação de Regina Jofas e Maria Luiza Faria.
49. EQUILIBRIO ECOLÓGICO - Documentário de Antonio Paulo Ribeiro.
50. OS ALIENADOS - Enredo-Ficção de Nivaldo de Silva Granado.
51. LIXEIRO - Animação de Roberto Jofas.
52. PONHA O COMERCIAL AQUI (PLACE COMMERCIAL HERE) - Experimental de Nabih Mitani.
53. 100 MM - Animação de Dimitrios Mimicos e Cláudio Assale.
54. VIDAMANTE, UMA ALEGORIA - Experimental de Felipe Rajabally.
55. MAR BRAVO - Documentário de Felipe Rajabally.
56. O VAMPIRO DE JOSÉ AUGUSTO IVERSEN.

Duração: 1-10 hora. Prêmio "Produtor Independente" do Instituto Norte-Americano de Cinema.

### INTERVALO - 10 minutos

ÁFRICA DO SUL - TOO YOUNG FOR HEROES (1976) Enredo-Ficção de John DeJont. A estréia de espíes da J. Edgar Hoover em acampamentos franceses durante a 2ª Guerra Mundial. Duração: 40 minutos; Prêmio "Melhor Filme" no Festival de África do Sul em 1976.

ARGENTINA - LA LLAVE (1979) - Enredo-Ficção de Sergio Anson. A realidade e a fantasia se misturam no mundo solitário de uma mulher. Duração: 13 minutos. Selecionado para representar a Argentina no Festival de UNICA (União Internacional de Cinema Amador) em Buenos Aires.

ARGENTINA - UN FILM (1979) - Experimental de Roberto Corderelli. A demonstração dos sentimentos de uma cineasta com o nascimento do primeiro filho. Duração 12 minutos. Selecionado para representar a Argentina no Festival de UNICA.

### 21:30 horas - MOSTRA ESPECIAL - PREMIADOS DE 79

1. Melhor Fotografia: LOCO-BREK, experimental de Cláudio Leoné.
2. Melhor Documentário (Empate): LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE, de Moysés Baumstein.
3. Melhor Experimental: ARQUITETURA DA MENTIRA, de Carlos Porto de Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto.
4. Melhor Animação: TANGRAM, de Geraldo Mello e Carmen Carvalho.
5. Melhor Documentário (Empate): TAIPA, de José Márcio Passos e Benvenuto Font (Augusto).
6. Melhor filme de Humor (Empate): CLEOPATRA, de Lily Lacampa, Marcos Bezerra e Paulo Marinho.
7. Melhor Filme de Animação: PRIMAVERA DE PRAGA, de Carlos Porto de Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto.
8. Melhor filme de Humor (Empate): NO FIM, TODOS ACABAM DORMINDO... de Isay Weintald e Márcio Kogan.
9. Melhor Enredo-Ficção e Melhor do Festival (Júri Popular): O ETERNO ADEUS, de Louis Chilson.

### PROGRAMA DE ENCERRAMENTO

1ª parte: Projeção de DANIELLE, CARNAVAL E CINZAS - Melhor Filme do Festival '79 (Jur. Oficial) documentário de José Augusto Iversen (Curitiba).

2ª parte: Entrega de certificado de participação aos concorrentes. Revelação dos vencedores e entrega dos prêmios.

3ª parte: Projeção dos principais filmes premiados.

27. Experimental: VITRINES, de Rui Vezzaro (Curitiba).

28. Enredo-Ficção: CLAUSTRO, de Cyro Ferraz Filho e Tio Paes de Barros. Adaptação da crônica "No Elevador", de Carlos Drummond de Andrade, e do conto "As Cabeças de 2ª Feira", de Ignácio de Loyola Brandão. Com Caio Mazzilli, Rogério Márcio, Alvaro Delvecz, Vera Lúcia Murino, Ulisses Nunes Jr. e André Scler.

### INTERVALO - 10 MINUTOS

29. Enredo-Ficção: NEM TUDO QUE RELUZ É OURO, de Ailton Sampaio. Com Leticia Costa Pinto, Celso Fonseca, Miguel Bartilotti e outros. (Salvador).

30. Animação: BATALHA, de Victor Gerhard (Rio de Janeiro).

31. Documentário: OS CACHINHAUÁS, de Ricardo Mendes Mineiro e Juliana do Couto Benficia (Belo Horizonte).

32. Enredo-Ficção: AGORA SOMOS NOZES, de Theodor Pappas, Valquíria Pimentel e Nanci Barbosa. Com Carlos Adão Volpato, Celso Maellari, Paulo Zocchi e outros.

33. Documentário: DOCE HUMANIDADE, de José Augusto Iversen (Curitiba).

### PROGRAMA IV

5ª feira - dia 7 - 19 e 21:30 horas

34. Documentário: CÍRIO DE NAZARÉ, de Ricardo Mendes Mineiro e Juliana do Couto Benficia (Belo Horizonte).

35. Didático: O PLANETA VIVO, de Tales Pedro de Souza e Edilberto Pereira (Curitiba).

36. Animação: O DRAMA DO JACAREOCA, de José Leone de Araújo (Rio de Janeiro).

37. Enredo-Ficção: GRÁTIA PLENA, de Carlos Porto de Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto. Com Isabella Cox Cabral e Rahmo Shammah.

### INTERVALO - 10 minutos

38. Didático: VER PARA CREER, de Maria Theresza Tom Amiri Beck.

39. Animação: NASCE UMA ESTRELA, de Sérgio Barber.

40. Enredo-Ficção: DESESPERO, de Rodolfo Raíça, Julio Blisnky e Paulo Weinberger. Adaptação de conto de Nelson Rodrigues. Com Sérgio Mamberti, Ana Beltrão, Genézio de Barros e Valéria Santos.

41. Experimental: ESCURA MARAVILHA, de Fernando Severo (Curitiba).

### MOSTRA INTERNACIONAL

6ª feira - dia 8 - 19 horas

ESTADOS UNIDOS - REVELATION OF THE FOUNDATION (1976) - Documentário de Lemmy Lipton. Com depoimentos de líderes do grupo Foundation of Religion e seu líder, um guru hindu, considerado um Deus pelos seus seguidores e suas nove esposas.

## JURI

- JURI OFICIAL**
- Abel Popaditzky (Cineasta Super 8)
  - Ana Valéria Constantino (Social member do "Dart" de Cinema Super 8 da ABAF - Associação Brasileira de Arte Fotográfica - Rio de Janeiro)
  - Angela Rodrigues Alves (Jornalista e Produtora de TV da Revista Playboy)
  - Cecília Pereira Ribeiro (Produtora de Vídeo)
  - Célio Sabadin (prof. de cinema do GTE)
  - Cláudio Wassermann (prof. de cinema do GTE)
  - Edson Ribeiro (chefe do Depto de Publicidade e Propaganda do Curso de Comunicação da FAAP)
  - Enéas Alvarez (Diretor do grupo Amacine de Pernambuco)
  - Fayez José Maud (Relações Públicas da Fotopica e Presidente do Conselho de Cultura da Equipe Jablon)
  - Fernando Ferreira (Crítico de cinema e representante da Diretoria de Operações Nbo Comerciais da Embrefilme - Rio de Janeiro)
  - Flávio Morais Rodrigues (Coordenador do Núcleo de Apoio à Indústria Cinematográfica da EMPATUR - Pernambuco)
  - Gilberto Di Piero (Giba Um) (Assessor da Superintendência de Exibição em TV EMBRAFILME - Rio de Janeiro)
  - Renato Bulcão (Presidente da ARES 8)
  - Rosa Saldiva (Diretora da Saldiva & Associados Propaganda)
  - Rubens Ewald Filho (Crítico de cinema de "O Estado de São Paulo")
  - Thomas Farías (Cineasta e Presidente da Fotopica)
- JURI POPULAR**
- Formado por pessoas escolhidas por sorteio na sessão de abertura do Festival.
- Fernando Ferreira (Crítico de cinema e representante da Diretoria de Operações Nbo Comerciais da Embrefilme - Rio de Janeiro)
  - Flávio Morais Rodrigues (Coordenador do Núcleo de Apoio à Indústria Cinematográfica da EMPATUR - Pernambuco)
  - Gilberto Di Piero (Giba Um) (Assessor da Superintendência de Exibição em TV EMBRAFILME - Rio de Janeiro)
  - Henrique de Macedo Netto (Vice-Presidente da Fotopica e professor de fotografia da FAAP)
  - João Rubens Siqueira (Cineasta)
  - Márcia Fernandes Lobato (Técnica em Comunicação Social do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná)
  - Maria Luiza Librandi (Coordenadora da FUNARTE - São Paulo)
  - Mário Schenberg (Crítico de Arte)



## Apresenta seus mais recentes sucessos em filmes SUPER-8 DUBLADOS EM PORTUGUÊS!

- BOLT, MISSÃO KABATE**  
Personagem que resolve seus problemas com a arte de Kung Fu
- ENURBALADO**  
Um menino brinca entre um carro e um caminhão
- OS PASSAROS**  
Um dos primeiros filmes do mestre Hitchcock
- PSICOSE**  
O clássico dos clássicos do mestre do suspense Alfred Hitchcock
- O HOMEM COBRA**  
A primeira aventura do homem que se transforma em uma cobra assassina
- A MORTE DO CHEFO**  
Anthony Quinn interpreta um chefe de mafia de forma magistral e violenta
- MADIGAN**  
Henry Fonda protagoniza impressionantemente um assaltante em Manhattan
- O INCRÍVEL HULK (2 Roles)**  
A primeira aventura do médico que se transforma no "monstro verde"
- AEROPORTO**  
O primeiro filme da famosa série de terror no ar
- AEROPORTO 75**  
O filme "Clash" chocante entre um Boeing 747 e um pequeno avião que atrai a expectativa.
- O DIA DO CHACAL**  
A história do atentado contra Charles De Gaulle
- CHARLEY VARICK**  
A estória de um robô sensorial
- LOUCA ESCAPADA (2 Roles)**  
Dois filmes de terror que seguem um policial para manter a tábua de fôlego.



CONHEÇA TODA A COLEÇÃO UNIVERSAL 8 DE FILMES FAMOSOS COM MAIS DE 40 TÍTULOS.

## PRÊMIOS

- MELHOR FILME DO FESTIVAL**
- Troféu Fotopica
  - Prêmio Especial com a Kodak para realização de um filme em Super 8
  - Prêmio em dinheiro - EMBRAFILME
  - Filmadora Sanyo XL 620
  - 50 filmes Kodak Super 8
  - 20 fitas cassete Sony
  - 08 fitas cassete Wattec
  - 01 álbum Kassuga
  - 01 álbum Cartona
  - 01 coleção de livros da Summus Editorial
  - Filação à ARES 8
  - Assinatura da revista Novidades Fotopica
- MELHOR HUMOR**
- Troféu Fotopica
  - 20 filmes Kodak Super 8
  - Toça fitas para carro GX 41 Evadin
  - Triplê Stutz Roll Tape
  - Coladeira Roll Tape
  - 02 caixas acústicas Lando 308 LB
  - Módulo de Som Wattec
  - Microfone WM 100 Vozzo
  - Fone de ouvido WSPH 100 Wattec
  - 08 fitas cassete Sony
  - 08 fitas cassete Wattec
  - 08 fitas cassette Bassf
  - 01 álbum Kassuga
  - 01 álbum Cartona
  - 01 coleção de livros da Summus Editorial
  - Filação à ARES 8
  - Assinatura da revista Novidades Fotopica
- MELHOR FILME DO FESTIVAL JURI POPULAR**
- Troféu Fotopica
  - Prêmio Especial com a EMBRAFILME
  - Filmadora Sanyo XL 620
  - 50 filmes Kodak Super 8
  - 20 fitas cassete Sony
  - 08 fitas cassete Wattec
  - 08 fitas cassette Bassf
  - 01 álbum Kassuga
  - 01 álbum Cartona
  - 01 coleção de livros da Summus Editorial
  - Filação à ARES 8
  - Assinatura da revista Novidades Fotopica
- MELHOR FOTOGRAFIA**
- Troféu Fotopica
  - 20 filmes Kodak Super 8
  - Módulo Quasar 2240
  - Flash Pentax Auto Robo
  - Módulo de Som Wattec
  - Boia térmica Lunafoto
  - 20 fitas cassete Sony
  - 08 fitas cassete Wattec
  - 08 fitas cassette Bassf
  - 01 álbum Kassuga
  - 01 álbum Cartona
  - 01 coleção de livros da Summus Editorial
  - Filação à ARES 8
  - Assinatura da revista Novidades Fotopica
- MELHOR TRILHA SONORA**
- Troféu Fotopica
  - Mixer Cygnus SAM 800
  - 20 filmes Kodak Super 8
  - Fone de ouvido WSPH 50 Wattec
  - 08 fitas cassette Wattec
  - 01 álbum Kassuga
  - 01 álbum Cartona
  - 01 coleção de livros da Summus Editorial
  - Filação à ARES 8
  - Assinatura da revista Novidades Fotopica
- MELHOR DIDÁTICO**
- Troféu Fotopica
  - Editorial
  - Filação à ARES 8
  - Assinatura da revista Novidades Fotopica
- MELHOR ANIMAÇÃO**
- Troféu Fotopica
  - Revista PR 220 Polyvox
  - 20 filmes Kodak Super 8
  - Editor Yashica 8 PERS
  - Flash Frata 55
  - Rádio portátil RPF M41
  - Motorzido
  - Fone de ouvido WSPH 100 Wattec
  - 20 fitas cassete Sony
  - 08 fitas cassette Wattec
  - 08 fitas cassette Bassf
  - 01 álbum Kassuga
  - 01 álbum Cartona
  - 01 coleção de livros da Summus Editorial
  - Filação à ARES 8
  - Assinatura da revista Novidades Fotopica
- MELHOR DOCUMENTÁRIO**
- Troféu Fotopica
  - Bióscopo DFV Turist 10x40
  - 20 filmes Kodak Super 8
  - Amplificador/Equalizador para carro GR 100A - Tojo
  - Flash Frata Tron
  - 20 fitas cassete Sony
  - 08 fitas cassette Wattec
  - 08 fitas cassette Bassf
  - 01 álbum Kassuga
  - 01 álbum Cartona
  - 01 coleção de livros da Summus Editorial
  - Filação à ARES 8
  - Assinatura da revista Novidades Fotopica
- MELHOR ENREDO - FICÇÃO**
- Troféu Fotopica
  - Projektor Rollei para slides
  - 20 filmes Kodak Super 8
  - Editor Motorizado Hamminex E800
  - 20 fitas cassete Sony
  - 08 fitas cassette Wattec
  - 08 fitas cassette Bassf
  - 01 álbum Kassuga
  - 01 álbum Cartona
  - 01 coleção de livros da Summus Editorial
  - Filação à ARES 8
  - Assinatura da revista Novidades Fotopica

## Como a crítica viu o festival em 1979

Reprodução integral da matéria de Rubens Ewald Filho publicada pelo jornal O Estado de São Paulo dia 19 de Agosto de 1979.

**HUMOR. O MAIOR PREMIADO NO FESTIVAL DE SUPER 8**

As sem de várias temas de "Super-8" em verdade-amor: "Todo país precisa de heróis". A imagem seguinte é a do Presidente Figueiredo com os braços esticados numa de suas famosas fotos fazendo ginástica. Através da animação quadro a quadro, é pintada no presidente a roupa e capinha colorida do Super-Homem, enquanto o letrero conclui: "Pobre do país que precisa de heróis".

Foi com a apresentação, deste filme, "O Herói", de Geraldo Filho, que se deu o primeiro prêmio de melhor filme de curta-metragem. Também se fizeram sentir no VII Super Festival Nacional do Filme Super 8, encerrado ontem no Teatro São Pedro. Pouco mais tarde, com "Babazão", um incompreensível drama balano de José Dias e Robinson Barreto, quebrou-se outro mito: o do erotismo. A heroína Márcia Cristina passa a maior parte do tempo sem roupa, sem se deter na nudez frontal ou numa gratuita cena de masturbação.

Com o filme "Os senomédicos", os trabalhos não foram lembrados pelo júri que preferiu premiar outra tendência marcante: a do humor. Em meio a muitos filmes de discursível criatividade e melodramas que não passavam de paródias não-intencionais de filmes profissionais, foi através do humor que os cineastas do Super 8 pareceram ter encontrado sua melhor alternativa. "Cupômetro" de Luiz Lacanna é uma sátira eschuchada à Mãe Berta, o filme de Elizabeth Taylor, enquanto "O Exmo Adeus" de Louis Chilson se aproxima mais do humorismo judeu-norte-americano de Woody Allen e "No-Fim Todos Acabam Dormindo", uma sucessão de "gags" que não deixam de recordar Jacques Tati. Todos eles eram principalmente muito engra-

desmistificando o falso brilho do travestido para revelar o lado mais patético e humano de sua vida. A fúria certiora já faziam fitas no gênero. ("The Queen", "Portrait of Jesus"), mas o fira tem um impacto inegável, principalmente quando Danielle apresenta seu "marido", com quem vive junto há muitos anos. Novamente a conclusão se impõe: "Danielle" é, com todas as limitações da técnica do Super 8, um filme muito superior ao que se assiste por aí em matéria de curta-metragem.

Já se falou muito também sobre essas limitações da técnica Super 8, posição, e nível de qualidade técnica crescido. O som sincronizado deixou de ser um problema sério, há belos trabalhos de fotografia (como no premiado "Looco-Break") e a edição já não dá pulos como antigamente. O único obstáculo sério continua a ser mesmo a falta de idéias da maior parte dos realizadores. Nesse sentido, o VII Festival foi até mesmo um retrocesso do ano anterior, que tinha um melhor nível médio.

Dentre os 40 filmes selecionados havia alguns de uma assustadora ingenuidade. Filmes que se pretendiam sérios e humor involuntário. No primeiro se esperavam por maridos, adolecentes que fogem de casa (para no fim descobriu que tudo é um sonho), mendigos que passam fome em pleno Natal. Somente todos os concorrentes sofreram de um defeito insuperável: a verbosidade. Os realizadores desconhecem a arte da brevidade, gastam vinte minutos para dizer o que não tomaria mais de cinco.

Uma outra tendência também registrada no Festival foi a da estética da miséria. Não se viu mais os representantes nordestinos (do "Casamento de uma Maria", presidiado por uma cópia ruim: foi o grande injustificado do Festival).

le óbvio que o maior interesse desse gênero de produção industrializada é a diversificação de seus produtos e formas a concorrência em seus sistemas industriais que produzem esse póer em perigo um fatramento grande sabedoria e malícia.

Posto bem, andaram dizendo por aí que a Kodak decretou a morte do Super 8 e que infelizmente o videocassete vem chegando para tomar o seu lugar. O pior é que escreveram, mas ninguém ouviu. Por isso, resolvemos publicar na fiação a carta que a Kodak enviou à Federação Brasileira de Cinema Super 8, desmentindo tudo.

Não seria possível que o Japão, o maior fabricante de videocassetes, não tenha Super 8 em sua linha de produtos? O sistema ótico, os índices seriam invertidos.



Foto: J. P. P. / O Estado de São Paulo

## O fim do super-8: Verdade ou mentira?

Reprodução de matéria de Carlos Sampaio publicada na revista PÁGINA 8, nº 10, volume 2.

Quem se arriscava a levar em suas férias um equipamento completo de videocassete?

Lembrem-se de que isto representa um peso acima de cinco quilos, distribuídos em uma câmara, baterias e o gravador de videocassete propriamente dito, tudo pendurado em cima da vitina. Outro detalhe, quem quiser ver o que gravou, tem de usar o próprio visor da câmara, tenha corrente elétrica.

Tanto é assim que, quando perguntaram a Jürgen Kegelmann, diretor da Braun, empresa que vem desenvolvendo excelentes projetos no campo da eletrônica e atualmente lançou no mercado o menor videocassete do mundo, sobre a sua opinião quanto ao futuro do Super 8, ele respondeu: "Se todos estivessem usando equipamentos de videocassete no momento atual e aparecesse um Super 8 na mão, certamente ninguém iria mais querer usar o videocassete".

Texto da carta datada de 20 de março de 1980 enviada por Pedro Natal, gerente de Propaganda e Promoção de Vendas da Kodak, à Federação Brasileira de Cinema Super 8:

"Com relação à notícia ultimamente divulgada informando que a Kodak logo deixará de comercializar o Super 8, temos a honra de informar que todas as câmeras e gravadores que foram produzidos até o momento continuam a ser produzidos. A Eastman Kodak Co. anunciou, logo sim, que as filmadoras sonoras não mais fazem parte da nossa linha de produtos.

No entanto, continuaremos a oferecer a linha de filmadoras Super 8 para cinema mudo e projetores para filmes mudos e sonoras que, acreditamos, satisfazem as necessidades dos consumidores. Além disso, continuaremos a produzir o Super 8 mudos e sonoras e esperamos continuar a fazê-lo por muito tempo."

Optando pela segunda, levaremos a grande vantagem em filmar algo dentro da nossa dentro da nossa realidade, mas justamente por não termos uma infra-estrutura no setor, e conseqüentemente não sabermos lidar com as técnicas inerentes a esse tipo de cinema, acabaremos por realizar um material que, por melhor que possa parecer visualmente, dificilmente atingirá a sua finalidade, ou seja, transmitir um determinado conhecimento. Nessas condições, esse material poderá ter todas as nomenclaturas, menos a de Educativo.

A solução não nos parece outra que montar entre nós um aprendizado do "métier", o qual depende muito mais do seu conhecimento do que de maquinário, o mesmo utilizado nos outros gêneros do cinema.

Partindo desse princípio, chegamos à feliz conclusão que o Super 8 também poderia ser bastante útil ao Cinema Educativo. Pelo pequeno porte e leveza de seus equipamentos, levaria vantagem nas filmagens "in loco", mas solicitadas nessa categoria de filme, bem como na apresentação do material pronto, facilmente projetável em qualquer ambiente.

Concluindo, o Cinema Educativo ainda é um campo inexplorado entre nós, e se nos apresenta como mais uma opção para os cineastas brasileiros, em especial os superoitistas.

Resta aprender a fazê-lo.

**FRANCISCO CONTE**

## Ares-novos

A ARES-8 foi fundada com o objetivo de proteger e conquistar o espaço necessário à livre realização e expressão naquela que é a única bitola acessível até mesmo à classe média baixa e ao operariado altamente especializado.

A censura econômica sempre existiu na produção de cinema, e a revelia de esforços bem intencionados de diversos grupos, a produção de cinema no país sempre esteve nas mãos das classes dominantes, apesar dos setores mais esclarecidos destas classes terem produzido um cinema contestatório e populista, mas nunca verdadeiramente popular.

Está claro que a ARES-8 nunca fingiu acreditar que, porque as câmeras, filmes e projetores, além das facilidades

que estes oferecem, são muito mais baratos que os seus irmãos maiores, eles automaticamente estão disponíveis à maioria da população. Mas existe a certeza de que estes equipamentos poderiam estar disponíveis à população, mas existe a certeza de que estes equipamentos poderiam estar disponíveis à população, caso existisse um interesse dos órgãos ligados a cultura, e mais especificamente a cinema, neste sentido.

Aliás o movimento super-8 foi durante muito tempo atacado tanto pelos profissionais de cinema ligados a estrutura comercial, quanto por aqueles realizadores independentes que acostumados a utilizar o 16mm (que por algum motivo desconhecido virou bitola ideológica), acusavam os super-oiteiros se serem crianças interessadas em divulgar a mais nova jogada mercadológica de uma multi-nacional americana. E o super-8 foi sempre tratado como brincadeira, até o dia que a censura afrouxou e grandes produtores de 35mm começaram a reduzir as suas porno-chanchadas para super-8 em versão condensadas para consumo familiar. Copiando a onda estrangeira com o devido atraso, a bitola reduzida foi designada como o grande veículo de pornografia. Mas isto deve mudar em breve, quando uma grande fábrica de brinquedos lançar no mercado as pistolas-visores capazes de projetar bobinas de três minutos, que terão um preço mais acessível do que editores mudos e manuais. Talvez esta fábrica de brinquedos não tenha ainda se dado conta do enorme mercado que ela poderá estar criando, inclusive para o realizador independente.

Importante durante todo o período de organização do movimento super-8, foram as pessoas que centralizavam os realizadores em torno do si. Abrão Berman, Fernando Spencer, Jonicael Cedraz, Hélio Lemos Jr., Carlos Schmidt foram algumas das pessoas que nunca deixaram a peteca cair. Durante este período, a ARES-8 sob a presidência de Jorge Caron, sempre esteve presente em todos os eventos e festivais importantes, apoiando e sugerindo e mais do que tudo, brigando pelo respeito ao realizador de super-8. Não foram poucas as vezes que a ARES-8 se distanciou do realizador constante de super-8 para defender a profissionalização que a meu ver só agora pode vir a ser viável. E os verdadeiros e desconhecidos profissionais de super-8, aqueles que

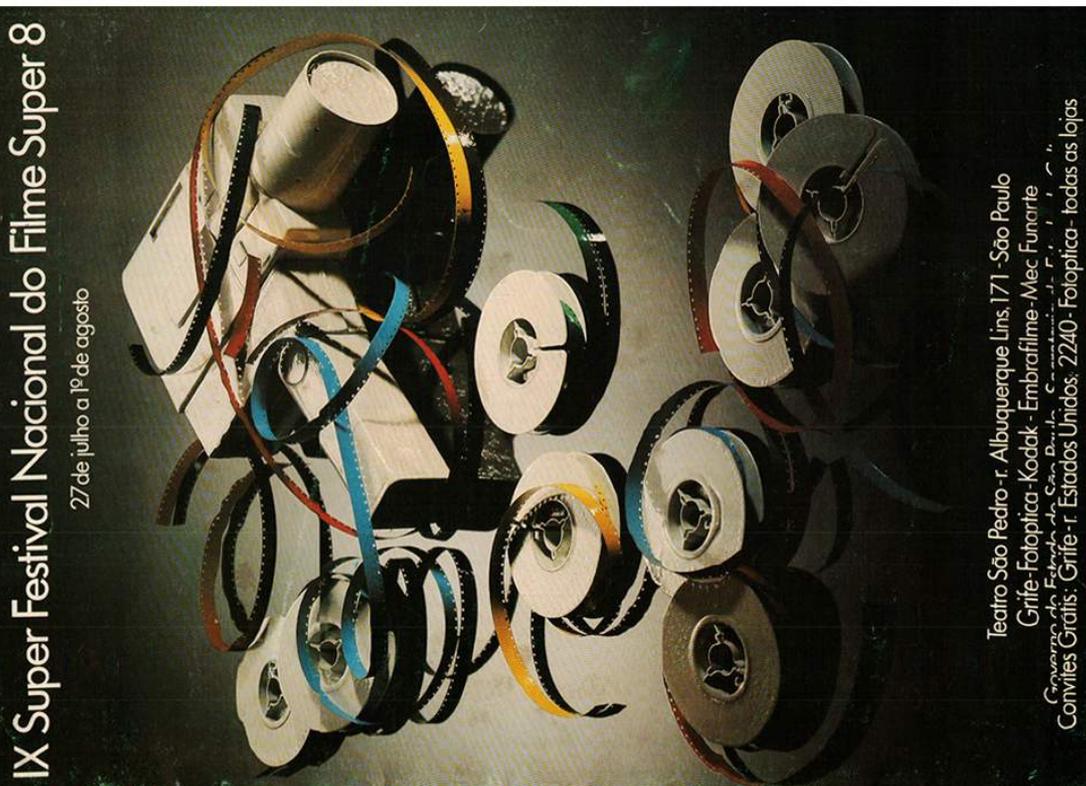
filmam casamentos e preparam filmes institucionais nunca encontraram na ARES-8 o respaldo que mereciam. Hoje em dia o super-8 amadureceu o seus frutos começam a surgir, e está mais do que na hora da ARES-8 reconhecer esta nova realidade e começar a trabalhar no sentido de facilitar as coisas para todos os realizadores. Entre os planos que a ARES-8 preparou para estes dois anos que abrem a década, estão a facilitação do acesso de qualquer realizador de super-8, inclusive aqueles não residentes no estado de São Paulo, aos materiais e serviços indispensáveis, através de convênios com laboratórios e fornecedores. Além disso, a ARES-8 pretende estabelecer uma dinâmica para distribuir os filmes nos festivais nacionais e internacionais. Um ponto muito importante serão os acordos de reciprocidade que a ARES-8 vai estabelecer com as diversas associações dentro e fora do país. Mas a batalha maior será a distribuição dos filmes para a televisão, meta muito mais viável do que a distribuição de cópias nos cine-clubes, que por sinal nunca se mostraram muito interessados na veiculação dos filmes super-8, salvo poucas exceções. Todo realizador de super-8, mesmo aqueles que se especializaram apenas em filmes turístico-familiares são bem-vindos, e temos certeza que no próximo ano já poderemos distinguir entre dois tipos básicos de realizadores: aqueles que estão nas associações, e aqueles para quem realizar super-8 será tarefa dispendiosa e ainda assim rançosamente amadora.

**Renato Bulcão**

### Ficha Técnica do Festival

Presidente - Abrão Berman  
Diretor Executivo - Marcos M. Gaiarsa  
Coordenadores - Marli Toni e Heloisa Cintra Vidigal  
Coordenador do Seminário - Abrão Berman  
Diretor de Arte - Antonio Carlos Espiloto  
Maria Cecília Feili (Assistente)  
Sergio Pacheco de Castro  
Assistentes - Hanna Papautsky e Chantal Brissac  
Contato - Sara Ruth Citron  
Secretárias - Célia Oliveira Silva e Mary Cleuse Vieira, Suelli M. Petrisin e Maria Ângela Carnevalli  
Office-Boys - Alton F. de Souza, Maurício Antonio da Silva, Jonas Xavier S. Neto e Jorge Jhonoda  
Projeção - Dept.º Filмотeca Fotóptica  
Som - Dept.º de Engenharia e Sistemas Fotóptica/Quasar

**IX Super Festival Nacional do Filme Super 8**  
27 de julho a 1º de agosto



Teatro São Pedro - r. Albuquerque Lins, 171 - São Paulo  
Grife Fotópica - Kodak - Embrafilme - Mec Funarte  
Convites Grátis: Grife - r. Estados Unidos, 2240 - Fotópica - todas as lojas

**EDITORIAL**

Parece que foi ontem. O auditório da CV na noite de encerramento do VIII Super Festival parecia que ia explodir. Nunca tínhamos visto tanta gente junta num festival Super 8. Lembro-me como senti medo que algo pudesse acontecer. Não havia um só espaço disponível nem na plateia nem no palco. E lá fora outro tanto de gente querendo entrar, berrando, ameaçando quebrar as portas de vidro. Momentos que traziam a prova absoluta de um imenso interesse de público por um tipo de cinema que acabara de ser considerado supérfluo pelo governo. No programa do festival, na primeira página, uma carta aberta dirigida a Celso Amorim, diretor geral da Embrafilme, fazia justamente um apelo para que ele intervisse junto ao Ministério da Fazenda e da Cacex para que a proibição de importação do equipamento Super 8 fosse suspensa. A carta não teve resposta até hoje. E a proibição continua em vigor.

É na ausência dos prejuízos, o momento perdeu mais um lance: em maio passado a TV Cultura trouxe do ar, depois de 6 anos, o programa Ação Super 8. O único no gênero na América do Sul, o único a abrir uma janela para o cinema independente, o único a permitir uma grande participação do espectador. As razões permaneceram tão nebulosas quanto as próprias decisões da Cacex.

Enquanto vamos sentindo o fechamento de todas as portas possíveis, as fronteiras para a divulgação de nosso Super 8 no estrangeiro vão aumentando. Em março passado fui convidado para ir ao México para falar sobre o Super 8 do Brasil e mostrar o melhor da produção. Em junho para Toronto, no Canadá. Em outubro próximo para Caracas. Como um verdadeiro embaixador não deixo de sentir orgulho quando o público de outros países vibra com nossos filmes, marcados por um "sabor tropical exclusivo, repletos de sinceridade e sentimento", conforme dizem as críticas.

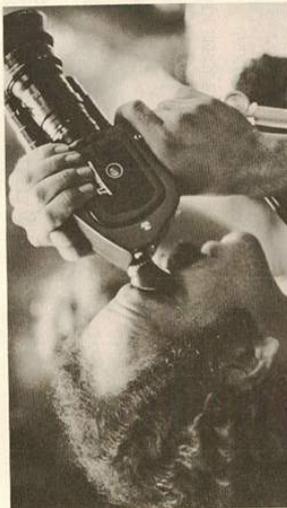
Se há preocupação em se exportar nossos longas de 35 mm, alguns com indiscutível capacidade de agradar as plateias de qualquer parte do mundo, porque não reconhecer de uma vez por todas que, paralelamente, o Super 8 também pode ser um veículo interno e externo de divulgação de nossa cultura, nossos costumes e tradições, sem as mesmas e complicadas trilhaes comerciais? Porque não reconhecer de uma vez por todas que cinema Super 8 não é supérfluo? Que, custando mais barato que a produção das outras bitolas, poderia ser acessível a todos aqueles que querem dizer alguma coisa através do cinema? Nosso idealismo impulsiona nossos objetivos. Enquanto houver gente querendo fazer e mostrar seus filmes, enquanto houver gente querendo ver esses filmes, enquanto houver gente nos fazendo acreditar que vale a pena continuar nosso trabalho, estaremos aqui. Mas seria tão bom se de uma vez por todas, fossem derrubadas as barreiras e o cinema Super 8 se tornasse livre de verdade! Num clima da mais absoluta abertura.

**Abraão Berman**



**Ainda clima de restrições no IX Festival**

## Super 8 com visão internacional



German J. Cerezo. Comissão Internacional do IX Super Festival Nacional do Filme Super 8.

A presença de German Carretto, professor do Taller Escuela de Cine y Artes Visuales de Caracas e um dos organizadores do Festival Internacional del Nuevo Cine Super 8 da Venezuela, ganha uma significativa importância em nosso festival. Exatamente no momento em que nos preparamos para



"7 Imagens Impossíveis" de Robert Malingreau.

que passaremos a ter no ano que vem, O que queremos, com a inclusão de uma parte competitiva para filmes estrangeiros é aumentar ainda mais o leque dessa visão e possibilitar o crescimento das produções, embora independentes, de países cuja distribuição comercial é quase nula entre nós. Esse trabalho vai exigir de nossa parte uma ampliação em nossa divulgação que, entretanto, já está sendo garantida pela Federação Internacional de Cinema Super 8, cuja sede é em Montreal. Assim, encontramos a melhor maneira de comemorarmos essa década de realizações, onde todos sairemos gratificados. Completando o quadro das inovações, também a partir de 82, passaremos a aceitar na parte competitiva nacional filmes também projetados...



"La Morsa Umana"

## Concursos e festivais Super 8 no Brasil

- AGOSTO 1981**  
**I CONCURSO NACIONAL DE FILMES SUPER 8 SOBRE AS PESSOAS DEFICIENTES**  
 Data a ser determinada  
 Inscrições: Depto. Cultural - RTC Rádio e Televisão Cultura  
 Rua Carlos Spina, 179 - São Paulo  
 Informações: AIDE - Associação de Integração dos Deficientes  
 Rua Oriental Moa, 62 - São Paulo.
- IX FESTIVAL NACIONAL DE CINEMA DE SERGIPE**  
 De 26 a 30  
 Universidade Federal de Sergipe  
 Av. Ivo do Prado, 612  
 49.000 - Aracaju - Sergipe  
 Inscrições abertas até 31 de julho.
- SETEMBRO**  
**X JORNADA BRASILEIRA DO CURTA METRAGEM**  
 1ª quinzena  
 Coordenação Central de Extensão da Universidade Federal da Bahia  
 Rua Araújo Pinho, 32 - Canela  
 40.000 - Salvador - Bahia.  
 Inscrições abertas.
- 2º FESTIVAL DE CINEMA 8 MM DE SOROCABA**  
 2ª quinzena  
 Clube Sorocabano de Cinema 8 mm  
 Rua Dr. Alvaro Soares, 287  
 Sorocaba - São Paulo  
 Inscrições até 30 de agosto.
- OUTUBRO**  
**V JORNADA DE CINEMA SUPER 8 DO MARANHÃO**  
 1ª quinzena  
 Depto. de Assuntos Culturais  
 Universidade Federal do Maranhão  
 Rua das Hortas, 109-A - São Luís - Maranhão  
 Inscrições até 15 de setembro.
- 2º FESTIVAL FOTOÓPTICA SUPER 8 DA BAIXADA SANTISTA - SALA AMARELA**  
 Dias 15 e 16 Av. Ana Costa, 549 - Parque Baneirão Center - Santos - SP  
 Inscrições até 30 de Setembro apenas para realizadores residentes na Baixada Santista e ABC.
- 3º FESTIVAL DE OSÓRIO DE CINEMA AMADOR**  
 2ª quinzena  
 Prefeitura Municipal de Osório  
 Secretária Osoriense de Turismo  
 Rua Marechal Floriano, 980 - Osório - R. Grande do Sul  
 Inscrições até 1º de outubro.
- 2ª FEIRA NACIONAL DE HUMOR**  
 De 1 a 31  
 Fundação Cultural da Cidade de Curitiba  
 Praça Garibaldi, 7 - Curitiba - Paraná  
 Inscrições até 31 de agosto.
- NOVEMBRO**  
**2º FESTIVAL DE SUPER 8 DA LOJA SÃO PAULO AMORC**  
 2ª quinzena  
 Loja São Paulo - AMORC da Antiga e Mística Ordem Rosacruz  
 Rua Borges Lagoa, 1.345 - Vila Mariana - São Paulo Capital.  
 Inscrições até 14 de novembro.
- DEZEMBRO**  
**V FESTIVAL DE SUPER 8 DO CEARÁ**  
 1ª quinzena  
 Clube de Cinema de Fortaleza  
 Rua Santos Dumont, 2.680 - Fortaleza - Ceará  
 Inscrições até 15 de novembro.
- JANEIRO 1982**  
**VIII FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO DE ALAGOAS - PENEDO**  
 1ª quinzena  
 EMATUR - Empresa Alagoana de Turismo  
 Praça do Cemitério, 1.135 - Parol - Maceió - Alagoas  
 Inscrições até 20 de dezembro.
- MARÇO**  
**IX FESTIVAL SUPER 8 DE CAMPINAS**  
 De 22 a 28  
 Centro de Ciências, Letras e Artes  
 Rua Bernardino de Campos, 989 - Campinas - SP  
 Inscrições até 15 de fevereiro.
- 6º FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DE GRAMADO**  
 2ª quinzena  
 AGACINE - Associação Gaúcha de Cinematografia  
 Praça D. Feliciano, 39 - Sobrelaja - Porto Alegre - RS  
 Inscrições até 15 de fevereiro.

## PROGRAMA GERAL

### 2ª feira - dia 27

Projeção de filmes em concurso - PROGRAMA I  
19:00 h - Formação do Juri Popular  
21:30 h - Apresentação do Juri Oficial.

### 3ª feira - dia 28

14:30 às 18:00 h - Mostra Paralela - Filmes fora de concurso - PROGRAMA A - Audit. Superior.  
19:00 e 21:30 h - Filmes em concurso - PROGRAMA II.

### 4ª feira - dia 29

14:30 às 18:00 h - Mostra Paralela - Filmes fora de concurso - PROGRAMA B - Audit. Superior.  
19:00 e 21:30 h - Filmes em concurso - PROGRAMA III

### 5ª feira - dia 30

14:30 às 16:30 h - Mostra Paralela - Filmes fora de concurso - PROGRAMA C - Audit. Superior.  
16:30 às 18:30 h - 4.º Seminário de Estudos e Debates sobre Cinema - Audit. Superior.  
19:00 e 21:30 h - Filmes em concurso - PROGRAMA IV.

### 6ª feira - dia 31

15:30 às 18:00 h - 4.º Seminário de Estudos e Debates sobre Cinema - Audit. Superior.  
19:00 às 24:00 h - Mostra Internacional.  
24:00 h - Sessão Málidita

### Sábado - dia 1/8

15:30 às 18:00 h - 4.º Seminário de Estudos e Debates sobre Cinema - Audit. Superior.  
20:00 h - Encerramento: Entrega de Certificados, Revelação e projeção dos filmes vencedores.

### 4.º SEMINÁRIO DE ESTUDOS E DEBATES SOBRE CINEMA

#### PROGRAMA

**5ª feira - dia 30 - 16:30 às 18:30 horas**  
**O OUTRO LADO DA PORNOCHANCHADA**  
Exposição de David Cardoso, ator, produtor e diretor de cinema. Diretor da Decar Produções Cinematográficas, recordista de bilheteria nacional com filmes como "Amadas e Violentadas", "19 Mulheres e 1 Homem" e "A Noite das Taras".

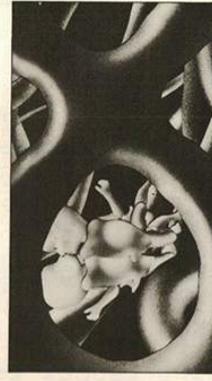
**6ª feira - dia 31 - 15:30 às 18:00 horas**  
**O PAPEL DO DIRETOR DE CINEMA**  
Exposição de Roberto Santos, diretor dos filmes "A Hora e a Vez de Augusto Matraga", "As Três Meses de Solano", "Anjo Mau", "O Grande Momento", "O Homem Nu".

**Sábado - dia 1/8 - 15:30 às 18:00 horas**  
**AS EXPERIÊNCIAS DO LONGA METRAGEM EM SUPER 8 NA VENEZUELA**

Exposição de German Carreto, professor do Taller Escuela de Cine Y Artes de Caracas e um dos organizadores do Festival Internacional del Nuevo Cine Super 8 da Venezuela.  
Projeção do filme "Fetos", experimental de Ricardo Jabardo.



Cena do filme 'DEU PRA TI', ANOS 70 - Sessão Málidita



"Fetos" de Ricardo Jabardo



"Folha" Sinfonia Tronari de Thom Reuwar

## Festivais internacionais em 81

### ARGENTINA

XI CONCURSO INTERNACIONAL DE CINE AMATEUR DE LA REPUBLICA ARGENTINA  
Dia 26 de setembro  
Peña Foto Cine 8 mm  
Casilla de Correo nº 55 19 000 - La Plata - Argentina  
Inscrições até 28 de agosto.

### VENEZUELA

VI FESTIVAL INTERNACIONAL DEL NUEVO CINE SUPER 8  
1.º semana de outubro  
a/c Julio Neri  
Av. Rio de Janeiro, Ed. Lorenal B - ap. 52  
Chuao - Caracas - Venezuela  
Inscrições até 1.º de setembro.

### PORTUGAL

10.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA NÃO PROFISIONAL DO ALGARVE  
de 20 a 23 de agosto  
Realização do Zoom Núcleo de Cineastas  
Estrada de Mesquidade, 41 - 4.º Dto.  
1.800 - Lisboa - Portugal  
Inscrições abertas até 1.º de agosto.

### ABRIL

2.º CONCURSO DE FILMES SUBMARINOS  
1.º quinzena  
Programa Nacional de Atividades Subaquáticas da ACM  
Rua Nestor Pestana, 147 - 3.º andar - São Paulo  
Inscrições até 26 de março.

### JULHO

IV FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DO ABC  
2.º quinzena  
ABCine - Associação de Cinema Super 8 do ABC  
Rua Jurubatuba, 957 - 3.º a. - S. Bernardo do Campo - SP  
Inscrições até 30 de junho.

### 3.º FESTIVAL SUPER 8 SOBRE O MEIO-AMBIENTE

2.º quinzena  
Centro Cultural e Desportivo do SESC  
Rua Ipiranga, 155 - Praticaba - São Paulo  
Inscrições até 5 de julho.

### X SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8

I SUPER FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME SUPER 8  
De 26 a 31  
GRIFE - Ação Super 8 Centro de Estudos de Cinema e FOTOPTICA  
Rua Estados Unidos, 2240 - São Paulo  
Inscrições até 15 de junho.



Produtos óticos e cine-foto LTDA.

Fitas Adesivas para Super 8 e Single 8  
*Splicing Tape*

- Para uso manual ou em coladeiras

- Base Políester

- Embalagem para 100 e 500 emendas

- Indústria Nacional

RGM Produtos Óticos e Cine Foto Ltda.  
Rua Januário Capuá, 87 - Bairro do Limão  
São Paulo, SP - CEP - 02722

# Buffet Diva

## Salão de festas

- Bar - Mitzva - Bris
- Casamentos - Cocktails
- Festas Infantis
- Inaugurações
- Reuniões - Serviços de Chá
- Café da Manhã
- Almoço Executivo

Av. Rebouças, 1738 - Pinheiros - São Paulo  
Estacionamento Próprio  
Tel. - 9817.7410/9817.1301

## PROGRAMA

Após assistir aos 81 filmes inscritos, totalizando 13.300 horas de projeção, a comissão de seleção prévia, formada pelos cineastas Super 8 Fernando Tavares, Lara Rodrigues e Maria do Carmo Carramenha e pelas profas. de cinema Helena do Carmo, Balerio e Marilise Toni, atribuiu a cada filme notas de 0 a 5. Diante do tempo disponível de 330 minutos para as 4 sessões oficiais do Festival, foram destacados 30, em média entre 2,8 e 5,0. Os demais serão apresentados nas 3 sessões da Mostra Paralela.

Dos concorrentes 21 filmes são de São Paulo, 2 do Rio de Janeiro, 2 de Salvador, 2 de São André, 1 de Porto Alegre, 1 de Macaé, 1 de São Bernardo do Campo.

Por categorias: 14 de Enredo-Ficção, 8 Documentários, 5 Experimentais e 3 de Animação. Não tendo sido selecionado nenhum filme para a categoria Didático, fica criado o "Prêmio Especial do Juri", onde concorrem todos os filmes selecionados.

### PROGRAMA I 2ª feira - dia 27 - 19 e 21:30 horas (Censura: 16 anos)

1. Experimental: AS TESTEMUNHAS, de Paulo Roberto Acóli de Lima Aguiar (Rio de Janeiro).
2. Enredo-Ficção: O X DO PROBLEMA, de José Carlos Corradi. Com Osvaldo Barreto, Maria Yuma, Luis Carlos e Márcio de Luca. Adaptação de conto de Légia Fagundes Telles.
3. Documentário: CARTILHA, de Jorge Caron e Márcia Pantalão.
4. Experimental: REFLEXÃO, de Osmar Cabrino Filho (São André). Com Luiz Carlos Carminatti.

### INTERVALO - 10 minutos

5. Documentário: O DIA DO PARAÍSO, de Sérgio Caires Berber.
6. Experimental: MÃOS de Antônio Luiz Mézar.
7. Enredo-Ficção: NINGUÉM TE OUVIRÁ NO PAÍS DO INDIVÍDUO, de Carlos Porto de Andrade Jr. e Leonardo Crescentini Neto. Com Fernando Lion e Beto Margarido.

### PROGRAMA II 3ª feira - dia 28 - 19 e 21:30 horas (Censura: 16 anos)

8. Documentário: UM SEMEADOR DE ALEGRIA, de Paulo Sá Vieira (Salvador). Com Mr. Cristófer ou Cristóvão de Oliveira.
9. Experimental: O LIVRO VÓO DAS AVES, de Silvério Garbin.
10. Enredo-Ficção: CONCERTO, de Marcos Berroni, Sérgio Mancini e José Braga. Com Alexandre Carneiro.
11. Animação: ODÍSSÉIA, de Alberto Prado e Rogério Prado.
12. Enredo-Ficção: A CLASSE OPERÁRIA VAI..., de Francisco Pompeu. Com Romildo Mansani e outros.

### INTERVALO - 10 minutos

13. Documentário: CARTA ABERTA, de Celso Lopes.
14. Enredo-Ficção: EM BUSCA DO OURO, de Moysés Baumstein. Com Fernanda Iasi e Moacir M. Jr.
15. Enredo-Ficção: PARALELAS, de Osmar Cabrino Filho (São André). Com Luiz Carlos Carminatti, Newhillon Queiroz e outros.

### PROGRAMA III

- 4ª feira - dia 29 - 19 e 21:30 horas (Censura: 18 anos)
16. Documentário: NA BOCA DA MATA, de Celso Brandão (Maceió).
17. Enredo-Ficção: LIN E KATZAN, de Edgard Navarro (Salvador). Com Paulo Barata e Alberto Leão. Adaptação da novela de Chico Buarque de Holanda.
18. Documentário: FILM D'LINHA, de Antonio José Pereira Neto. Com Anne Paulo Bisilati.
19. Enredo-Ficção: BOND DIA, de Anamarita Dias. Com Luciana de Paiva e Egon Ricardo. Adaptação do conto "En. Morena", de Waldemar Helena Jr.

### INTERVALO - 10 minutos

20. Enredo-Ficção: PSICASTENIA, de Guiomar Horácio (S. B. do Campo). Com Virgílio Bandeira.
21. Documentário: ESSAS SONRISAS, de Jorge Caron.
22. Enredo-Ficção: CONTOS NEUROTICOS, de Tito Becker (Porto Alegre). Com José Guaraci Fraga e outros.

### PROGRAMA IV

- 5ª feira - dia 30 - 19 e 21:30 horas (Censura: 16 anos)
23. Experimental: ESTERTORES E FRAGMENTOS, de Cyro Ferraz Filho e Tio Paes de Barros. Com Calo Mazilli.
24. Enredo-Ficção: ANÁTEMA, de Albino Carlos. Com Luiz Nunes e outros.
25. Animação: Z&Y\$(IMPOSSÍVEL, de Victor

26. Enredo-Ficção: ATLÂNTIDA, de Francisco Conte. Com José Mauro Padovani, Isadora de Faria, Artalino Macedo, Wiladimir Soares, Sven Sörg, Cláudia Rodrigues, Elson Espardieri e Tio Paes de Barros.

### INTERVALO - 10 minutos

27. Enredo-Ficção: UMA TRILOGIA GROTESCA, de Moysés Baumstein. Com o realizador, Pamy Malosso, Jan Eichbaum, Katha Escas, Nice Wangalili, Roberto Negreiros e Rocio Da Paz.
28. Documentário: ESTAÇÃO DA LUZ, de Rodolfo Brandão.
29. Enredo-Ficção: CORAÇÕES MARINHOS, de Carlos Porto de Andrade Jr. e Leonardo Crescentini Neto. Com Américo Silveira e Isabela Cox Cabral.
30. Animação: NASCE UMA ESTRELA - CAP. IV - EPISÓDIO II: A AUDÁCIA DO HOMEM, de Sérgio Caires Berber.

### MOSTRA INTERNACIONAL - (Cens. 16 anos) 6ª feira - dia 31 19:00 horas - CANADA-QUEBEC

- BAR ROCK: Experimental de Michel Payette. A estranha visão de um bar destruído por um incêndio. 8 minutos.
  - VISIONS: Experimental de Philippe Bergeron. 15 min.
  - VIDANGE: Enredo-ficção de Mathieu Duncan. Algo terrível aguarda um homem diante de sua casa numa manhã. 7 min.
- (Colaboração: Federação Internacional de Cinema Super 8).

### 19:30 horas - PORTUGAL

- A GOTA DE MEL: Enredo-ficção de António Cunha. Um pastor vem a uma aldeia para comprar mel. Durante a pesagem uma gota escorre pelo frasco e cai no chão. Uma mosca a vê. Só esse fato serve para demonstrar como uma guerra pode ser iniciada. 16 min.
  - OSOM DA MONTANHA: Documentário de Nuno Monteiro Pereira. Num aldeia isolada do mundo renasce a Tuna de Carvalhal, talvez o único som ainda não influenciado e como era há 50 anos. 15 min.
  - GRONICA DE UM CASO VULGAR: Enredo-ficção de J. Paulo Ferreira. Com Maria d'Oliveira Moita. Uma mulher chega em casa após um dia de trabalho. Vive só num ambiente arrumado, porém frio. Naquela noite, entretanto, ela sai da rotina. 30 min.
- (Colab.: Núcleo dos Cineastas Independentes - Lisboa)

### 20:30 horas - PORTO RICO - EUA

- EL LUSTRE: Experimental de Eduardo Canovas. 3 min.
- IDUS DE MARÇO: Experimental do mesmo autor. 4 min.

### 20:45 horas - ÁFRICA DO SUL

- FOREVER AUTUMN: Enredo-ficção de John DeJorpt. Baseado em fato verídico, quando um homem foge da prisão e passa a cometer uma série de crimes. 20 min.
- (Colab.: Grupo Cinecraft - Campinas)

- 21-10 horas - BÉLGICA
  - CANCELAS OU LA PEDAGOGIE DU MASQUE ET DE LA PLUME: Enredo-ficção de Armand Zaminetto. Em sua auto-satirização um professor ignora o mundo de seu filho e seus alunos. 15 min.
  - LE MEMOIR VIVANT: Animação de Norbert Barnich e Eunice Huchins. Inspirado na pintura surrealista de René Magritte. 11 min.
  - 7 IMAGES IMPOSSIBLES: Enredo-ficção de Robert Mageresau. Através de 7 seqüências curtas, a tentativa de uma linguagem do cinema imediato, espontâneo, transmitindo sensações, sonhos ou pesadelos, obsessões ou fantasias. 20 min.
- (Colab.: Centre de Création et Diffusion Super 8 de Bruxelles).

### INTERVALO - 15 minutos

### 22:30 horas - VENEZUELA

- Apresent.: German Carreto
  - BOIVAR, SINFONIA TROPICAL: Enredo-ficção de Diego Rivas. Longa narração sobre Bolívar, personagem histórico mítico, visto através de 2 ângulos, realístico e o poético. Sem diálogos, os vários aspectos de sua vida são transformados numa sinfonia de imagens e sons. Selecionado para a Mostra Especial no Festival de Cannes 1981. 75 min.
  - TV 0: Enredo-ficção de Carlos Castillo. A TV penetrando nas relações mais íntimas. 10 min.
  - UNO PARA TODOS Y TODOS PARA TODOS: Enredo-ficção de Carlos Castillo. Os condicionamentos criados pelo cinema como espetáculo e tratados até atingirem seus extremos. 9 min.
- (Colab.: Taller Escuela de Cine Y Artes Visuales - Caracas)

- MEIA-NOITE - SESSÃO MALDITA (Cens. 18 anos)
- DEU PRA TI, ANOS 70 - 1ª longa metragem gaúcho em Super 8, de Nelson Nodotti e Ciba Assis Brasil. Com Pedro Santos, Ceres Victoria, grupo Vem de-se Sonhos, grupo Falou o João. "Um filme sobre memória, sobre como as coisas acontecem e voltam a acontecer na cabeça da gente, anos depois de terem acontecido. Daí vem a visão fragmentada da narrativa e a multiplicidade de personagens nos vários momentos escolhidos da década". Prêmio de Melhor Filme do Festival Super 8 de Gramado 1981. Duração: 2 horas.

### PROGRAMA DE ENCERRAMENTO

#### Sábado - dia 1/08 - 20:00 horas

- 1ª Parte: Projeção de GRÁTIA PLENA, de Carlos Porto de Andrade Jr. e Leonardo Crescentini Neto. Melhor Filme do VIII Super Festival 80 (Júris Oficial e Popular) e Melhor Trilha Sonora. 20 minutos.
- 2ª Parte: Entrega de certificado de participação aos concorrentes.
- Revelação dos vencedores e entrega dos prêmios.
- 3ª Parte: Projeção dos filmes premiados.

## PARALELA

# Mostra paralela de filmes fora de concurso

### PROGRAMA A

1. LINDA MASCARENHAS - Doc. de José Marcio Passos (Maceió). 10 min.
2. 1989 A.D. - Ficção de Pedro Perez Andreu (S. Vicente). 3 min.
3. OS CAMINHOS DO FOGO - Exper. de Francisco Simões (RJ). 6.30 min.
4. TRANSEUNTES - Exper. de L. Paulo Vasconcelos (P. Alegre). 8 min.
5. AMANSÃO STRABOS - Ficção de Elizabeth Gerab - 7 min.
6. SIMBA, O HERÓI - Ficção de Paulo Roberto Reis - 6 min.
7. CHICRETES - Exper. de J. Judas, G. Lacaz e A. Walter - 15 min.
8. LENDAS - Animação de Priscilla Greig e Vera Falkenberg - 20 min.
9. ROBERTA - 0099287 - Ficção de J. Alencar (RJ) - 10 min.
10. SISTEMA CIRCULATÓRIO DOS MAMÍFEROS - Didático de G. Moretti - 8 min.
11. BANG BUND - Ficção de Regina Blesa - 4 min.
12. ETROM - Ficção de Michael Namur - 8 min.
13. ERA UMA VEZ - Ficção de Doris Lange - 4 min.
14. SERTÃO SÓ - Ficção de Sergio Lisboa Graud - 7 min.
15. CASA DE VIDRO - Ficção de M. Namur e C. Roberto Marcondes - 10 min.
16. LA BOUCHE - Exper. de Thomas Pappou - 3 min.
17. TERRA DE PROMISSÃO - Docum. de M. Namur, Ricardo P. Silva e F. G. olombak - 12 min.
18. O HOMEM-MEMBRO - Exper. de Thomas Pappou - 7 min.
19. JÚLIO, O ANIMAL - Exper. de Thomas Pappou - 20 min.

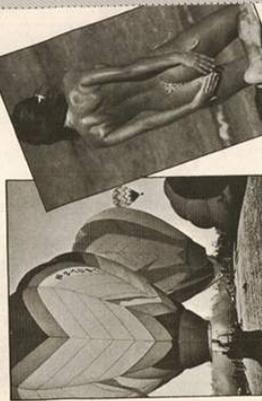
20. SAMASIÚ - Ficção de Rubens Cocuroci - 20 min.
- PROGRAMA B
- 4\* feira - dia 29 - das 14:30 às 18 h
21. MASHOUE E MIEU - Ficção de Celso Ribero - 6 min.
22. XEROX - Ficção de Nelson A. Silva F. - 8 min.
23. A SOMBRA DE SIEM SI MAIOR - Ficção de Caio C. França - 7 min.
24. INTERLÚDIO - Ficção de Roger Dvila - 8 min.
25. BORBOLETA - Ficção de Edmundo Lúcio Giordano - 7 min.
26. VIDA EM LLUTO - Ficção de Caio C. França - 14 min.
27. UM VOO COM O 14 BIS - Docum. de Adilson Pontes - 20 min.
28. JEITO DE CORPO - Docum. de Ana Luiza Muylaert e M. Ferrar - 17 min.
29. O CARTUCHO SUPER 8 TEM REALMENTE 3 MINUTOS? - Exper. de Alex A. Pereira - 3 min.
30. OPERARIO EM CONSTRUÇÃO - Ficção de Marcos Mirzaem - 16 min.
31. DEU EM NADA - Exper. de Margarida Sociaré e Guiomar Horácio (S.B. Campo) - 4.30 min.
32. BRECHT, BRECHT - CANÇÃO DO DRAMATURGO - Didático de Ana Maria Guargilha e Maurício de Castro - 6 min.
33. PIUHHH! A ARCA DE NOÉ - Ficção de Celso Lopes - 19 min.
34. CONSTELAÇÃO - Ficção de Marco Aurélio e Mário José - 3.30 min.
35. ZUMBIDO X ZUMBIDO - Ficção de Guilherme Bonfim - 8 min.

36. OS BEIJA-FLORES - Docum. de Fernando C. Villafraza - 11 min.
37. SE NAO FOSSE ISSO SERIA AQUILLO - Docum. de Renato Bulcão - 8.30 min.
38. OS GUPPIES - Didático de Fernando C. Villafraza - 13 min.
- PROGRAMA C
- 5\* feira - dia 30 - das 14:30 às 16:30 h
39. NASCENTES E POENTES DO BRASIL - Docum. de Gilberto Vanzelli - 10 min.
40. TRANSFERÊNCIA - Ficção de Jorge Alberto Moura (Aracaju) - 12 min.
41. FERINHA DE NATAL - Docum. de Djalmino M. Moreno (Aracaju) - 15 min.
42. TEORIA RELATIVA - Animação de Joaquim Santana - 4.20 min.
43. A ARVORE - Animação de Adolfo Gianolla (Sorocaba) - 1 min.
44. PAULA E BERETTO - Ficção de Edes Barbosa (Montes Claros, MG) - 10 min.
45. PARANOIA ELETRÔNICA - Ficção de Paulo Luciano - 8 min.
46. DELS CRIULO HOMEM QUE CRIOU A MAQUINA QUE... - Animação de Paulo Luciano - 4 min.
47. OSNANI - Ficção de George Gurgel do Amaral - 10 min.
48. A SANTIDADE DO PRAZER - Ficção de José Augusto Iwersen (Curitiba) - 20 min.

OBS - Por problemas técnicos não serão apresentadas os filmes WILLIAM, O GAROTO DA VITÓRIA, O GABOTO DE CARLOS DRUMOND DE ANDRADE E EU, ficção, ambos de Rubens Platt, e RED RUBBER, ficção de Javier Judas e A. Brillinger.

## Saiba tudo sobre foto, cine, som e ótica lendo FOTOPTICA

Você não pode deixar de curtir os ensaios coloridos e em branco e preto dos mais conceituados fotógrafos brasileiros e internacionais. Sepções técnicas para ampliar seus conhecimentos fotográficos. Artigos sobre som para você saber tudo sobre esse maravilhoso mundo. E mais: reportagens sobre super 8, ótica e um completo noticiário que vai deixar você por dentro de tudo o que acontece em artes visuais no Brasil e no mundo.



### INSTRUÇÕES

- 1 - Preencha todos os dados solicitados à máquina ou em letra de forma.
- 2 - Date e assine nos lugares indicados.
- 3 - Mande cheque nominal à Fotoptica Ltda. Caixa Postal 2030, CEP 01000.
- 4 - Recorte o Certificado na linha pontilhada e cole e coloque-o no Corneio. Não é preciso selar. O porte já está pago.

Receba sua revista sem sair de casa  
**Cr\$ 480,**  
 oferta especial.  
 Promoção válida por tempo limitado.

Assine FOTOPTICA agora!

Preencha, assine, recorte e envie hoje mesmo este certificado. Não perca mais tempo.

### Certificado Especial de Reserva

SIM, quero fazer uma assinatura de revista NOVIDADES FOTOPTICA, recebendo 6 exemplares em meu endereço. Segue anexo um cheque no valor de Cr\$ 480,00 em nome de Fotoptica Ltda.

Nome \_\_\_\_\_  
 Endereço \_\_\_\_\_  
 Bairro \_\_\_\_\_  
 Cidade \_\_\_\_\_  
 Estado \_\_\_\_\_  
 CEP \_\_\_\_\_  
 Tpl. \_\_\_\_\_  
 Assinatura \_\_\_\_\_  
 Data \_\_\_\_\_

Caso seja renovação assinale aqui.

Mande cheque nominal à Fotoptica Ltda. Caixa Postal 2030, CEP 01000. Não é preciso selar. O porte já está pago.



## Como a crítica viu o festival em 1980

Reprodução integral da matéria de Rubens Ewald Filho, crítico de cinema e presidente do júri oficial do VIII Super Festival Nacional do Filme Super 8, publicada pelo jornal O Estado de São Paulo no dia 10 de agosto de 1980.

### "MEDIOCRIDADE E POUCA OUSADIA"

Pela primeira vez em sua história, o VIII Super Festival Nacional do Filme Super 8, o júri oficial e o popular chegaram ao mesmo resultado esotérico de animação: "Primum", onde se fala de "Gratia Plena", de Carlos Portenti Neto, como o melhor filme (por unanimidade, no caso do júri oficial). O resultado não poderia ser outro. O filme se destacava da mediocridade geral como um oásis num deserto, um trabalho de tão grande sensibilidade (a fotografia, por exemplo, forçava positivamente os verdes e vermelhos que fez o júri modificar uma outra tradição: a de não acumular prêmios. "Gratia Plena", o retrato angustiante e ascético de uma fíera sem vocação, ganhou também um merecido prêmio de melhor trilha sonora.

Podera ter sido ainda mais premiada, caso o festival não tivesse também a finalidade de incentivar novos valores, particularmente num momento dedicado ao VIII Super Festival Nacional do Filme Super 8, mas uma vez sobre reserções alendadas. Essa reserção de nível poderia ser explicada pela ausência esta ano de autores dos mais empunhados realizadores do Brasil (Moisés Baumstark, Flavio Del Carlo), alguns dos quais já fizeram a transição para o cinema dito profissional.

A pouca criatividade dos 41 filmes selecionados para o Festival se refletiu numa absoluta ausência de ousoadas. NUMERUM ANTONIO ALBERTINI, S. PAULO, 1980.

des em dois outros trabalhos vindos também do mesmo estado: "A Luminosa Espera do Apocalipse" e "Doce Humanidade" (o que consistia a vitalidade do Movimento Super 8 no Paraná).

Na ingrata categoria de filme didático, o premiado foi o correto "O Berne da Pecúlia", de Jehovah Dória Gonzaga (um Jean Marzon melhorado), enquanto como filme experimental, o curitibano Fernando Severo, ganhou o prêmio por seu "Escura Maravilha", ao mostrar o cemitério de Curitiba ao som de "That's Entertainment". O melhor filme de animação foi "Sob Nova Direção", de Marcos Armada Bertoni, uma inteligente mistura de cenas ao vivo, desenho e bonecos. A melhor fotografia foi para outro filme didático: "Ver para Cver", de Maria Thereza Temperini Beck, um preciso trabalho de macrofotografia de animais subaquáticos.

Como sempre, a categoria mais ingrata é a de emedoficção, sempre prestes a resvalar para o ridículo dos diálogos ruins e atores amadores. "Cláusula", de Cyro Ferraz Filho e Tito Paes de Barros, foi merecidamente o melhor (instaurando histórias de Drummond e Ignácio de Loyola Brandão, retrata a angústia de um ascensionista).

Prejudicado por uma projeção deficiente, um público fiel, mas apático, pelo baixo nível médio de realização, este VIII Festival deve dar graças aos seus pela existência de "Gratia Plena". É o caso raro de um único filme de alta qualidade para justificar todo um Festival.

- Microfone eletrônico MC-22-A - Le Son
  - Flash Frada Tron
  - Lâmpada para cinema DXC - 500x120 - GTE
  - Kit de Fitas Cassete - Watec
  - Álbum Capseta - Greika
  - Álbum Kassaga
  - 02 Oculos de sol Ray Ban - Bausch & Lomb
  - Fone de ouvido tipo stereo car - Mod. FC 5.000 - DAM
  - 2 splicing Tape - RGM
  - Makieta Técnica Fotopica
  - Livro "Lipton on Film Making"
- MELHOR DOCUMENTÁRIO**
- Trêfala Fotopica
  - Chama Yehuda ME-1
  - Flash Frada 55-C
  - Tela Knox "White Mate" - 1,25 x 1,25 m.
  - 20 filmes Super 8 Kodak - 40 ASA
  - 10 filmes Super 8 Kodak - sonoros
  - 02 Casas Acústicas Lando 208
  - Lâmpada para cinema DXC 500x120 - GTE

### JURI OFICIAL

- (vice-presidente da Fotográfica e prof. de fotografia)
- Abel Papalitzky (cinesta Super 8)
  - Carlos Amaral de Fonseca (R.J.) (produtor e crítico de cinema - representante do Mobral Cultural)
  - Camila Butcher (fotógrafa)
  - Celso Petroni (advogado - cinesta Super 8)
  - Cristina Branco (estudante de Comunicações)
  - Cibele Cortez (produtora fotográfica)
  - Doriana Tamburini (estudante de Recursos Audiovisuais e Relações Públicas)
  - Fayez José Mauad (relações públicas da Fotográfica e membro do Conselho de Cultura da Equipe Janelon)
  - Henrique de Macedo Netto

### JURI POPULAR

- (produtor cinematográfico e advogado)
- Reinaldo Dias (R.J.) (cinesta)
  - Roberto Santos (cinesta)
  - Rubens Ewald Filho (crítico de cinema de O Estado de São Paulo)
  - Rubens Fernandes Jr. (membro da Secretaria de Cultura do Estado)
  - Maria Luiza Librandi (fotógrafa, cineasta Super 8 e representante da ABAF)
  - Mauro Alice (coordenadora da Funarte - SP) (montador)
  - Neide Trindade (R.J.) (assessora do Dept. de Operações Não Comerciais da Embrafilme)
  - Pedro Natal (gerente de propaganda e promoções da Kodak)
  - Paula Vantuck (crítica de cinema de O Estado de São Paulo)
- Formado por pessoas escolhidas por sorteio na sessão de abertura do Festival.

### COLABORADORES

- Duas grandes empresas contribuíam para o sucesso técnico ao IX Super Festival Nacional do Filme Super 8, a POLYVOX S.A. INDS. ELETRONÍCAS com projeto e instalação do sistema de som e a ORWODO BRASIL S.A., que cedeu o sistema de projeção sonora.
- A Polyvox instalou:
- 01 Pré CM 5000
  - 02 POWER PM 5000
  - 04 Vox 150
  - Gravador CP 850 D
- O sistema de som foi completado por:
- 01 Equalizador Quasar QE 10000,
  - 01 Mixer Gradiente

- Orno, foi composta de:
- 03 Projetores Sankyo Stereo 800 equipadas com objetivas HI-PRO Zoom F = 15 - 30 mm, 1:1,10.
- AEG - Telefunken S.A.  
BL - Ind. Ôtica Ltda.  
Braswey S.A. Ind. e Com.  
Bayer do Brasil - Div. Foto - AGFA  
Cartona Cartão Photo Nacional S.A.  
CCE Com. de Componentes Eletrônicas  
DAM Ind. e Comércio  
D.F. Vasconcelos  
Ewald Ind. e Comércio Ltda.  
Focal S.A. Ind. e Com.  
Fuji Photo Film do Brasil  
GTE do Brasil S.A.  
Gradiente Eletrônica Ltda.

## Um pouco de oxigênio para o cinema

Não é nossa intenção reproduzir aqui todos os problemas sociais, políticos e econômicos que afligem o nosso país nos tempos que correm. Todas as pessoas que pensam já estão bastante preocupadas e mesmo desorientadas sem saber que milagre acontecerá para permitir que se encontrem soluções adequadas para todos eles. É possível que, mesmo as pessoas do governo percam muitas vezes a perspectiva dos olhos e que na tentativa de corrigir um defeito acabam provocando outros. Nossa idéia é apenas mostrar às autoridades ligadas ao comércio exterior que pretendendo resolver um problema (o déficit da nossa balança cambial) sufocaram algumas atividades (geralmente importantes à realidade de qualquer país contemporâneo).

formas de lazer e manifestação artística podem desaparecer da vida brasileira, mundo são estimuladas e apoiadas. Para conter a importação e assim equilibrar nossa balança cambial, as autoridades de nosso país além de estimular a exportação, proibiram a importação de diversos produtos em que não se consegue compreender os critérios utilizados para a seleção das mercadorias censuradas. Podemos tomar whiskey ou vodka, mas não podemos fotografar e filmar.

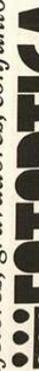
Certamente que diante de tamanha aberração preferimos crer tratar-se de um equívoco dos homens responsáveis por essas decisões que, diante de tantos e intrincados problemas, não perceberam a escolha que faziam.

Para nós que estamos de fora é possível que as coisas fiquem mais claras. Queremos não somente apontar o fato, mas sugerir uma solução que atenderá não só os anseios de quem quer ver o cinema brasileiro desenvolver-se permitindo aos jovens o acesso à ca-

Henrique de Macedo Netto

# A Fotoptica conserta o seu aparelho em menos tempo do que você levou para quebrá-lo.

Câmeras, filmadoras, projetores, gravadores, conjuntos de som, etc, etc, etc.



*A requintada coleção de Livro álbum*

A venda nas melhores lojas de presentes, cinefoto e papelerias do Brasil.

**HASSUG**  
magico-magnético

**CURSOS FOTOGRAFIA**

**BÁSICO AVANÇADO**

**ESPECIAIS**

Matrículas Abertas

**ESCOLA DE FOTOGRAFIA**

R. Maria Figueiredo, 293  
[Alt. nº 400 - Av. Paulista]

**FICHA TÉCNICA DO FESTIVAL**

- Presidente - Abrão Berman
- Diretor Executivo - Marcos M. Guansa
- Coordenadores - Marilise Toni
- Coordenador do Seminário - Heloisa Cirna Vidigal
- Diretor de Arte - Abrão Berman
- Assistentes de Arte - Antonio Carlos Espiloro
- Contato Publicitário - Sérgio Pacheco de Castro
- Assistentes - Nilde Luiza Certgola
- Secretárias - Sara Ruth Citron
- Operadores - Hanna Papautsky
- Equipamentos - Charial Brisse
- Operadores - Célia Oliveira Silva
- Operadores - Mary Cleusa Vieira
- Operadores - Daniela Guedes de Oliveira
- Operadores - Danilo F. de F. Fotopac
- Operadores - Alberto Ferraz
- Operadores - Nelson Yoshizaki Coki
- Operadores - Sidney Edson Monteiro
- Operadores - Sanyko Stereo
- Operadores - 800 - Orvo do Brasil S. A.
- Operadores - Som - Polyvox S. A.

**CAFÉ PELE**

O Cafézinho que está sendo servido neste IX super festival nacional do film e super 8 é o "Café Pele".



R. Maria Figueiredo, 293  
[Alt. nº 400 - Av. Paulista]

## DEPOIMENTOS

### Ponto de Cinema

Prizados superlotistas  
Onde estão vocês que não os alcançamos. No ano passado, encaminhamos correspondências a cerca de 200 superlotistas de todo o Brasil, e nenhuma resposta. Casê o ARES 8, realizadores e Associações superlotistas?

Para os que não conhecem, o Ponto de Cinema é a primeira sala de exibição comercial do Cinema Paralelo do Brasil e funciona em Porto Alegre, em caráter permanente, desde março de 1980. A sala foi criada para a exibição de filmes sem mercado comercial, quer pela biola (Super 8 e 16 mm), duração (filmes com duração superior a 15 min. e inferior a 68 min. não tem mercado comercial) ou filmes com certificado de censura vencido, que os cinemas comerciais não podem exibir.

A filosofia do Ponto de Cinema é valorizar o cinema amador ou profissional, garantindo a ele não só um espaço para a exibição, mas principalmente para um retorno financeiro, que é de 50% da bilheteria bruta.

Reformulado, de todos os 25 filmes em Super 8 exibidos no ano passado, apenas dois foram de realizadores que nos procuraram: J. Alencar (R/I) e Ewerton de Castro (SP). Os restantes foram exibidos devido a nossa solicitação. Com esse desinteresse, concentramos nosso trabalho nas obras dos realizadores de 35 mm como Silvio Back, Lynwillim, Roberto Santos e Corcina/R/I. Estes, clientes das dificuldades de comercialização dos filmes, acreditaram no Ponto de Cinema. Nossa reação foi a de apoiarmos quem está interessado em ver sua obra exibida.

A apatia dos superlotistas é inexplicável, pois o Ponto surgiu basicamente para a veiculação do seu trabalho, uma vez que em todos os festivais da biola, a choroadeira versava sobre o mesmo tema: a inexistência de mercado exibir da biola. Talvez pelo fato de não premiarmos os filmes nem possibilitarmos de momento grandes retornos financeiros, os realizadores tenham perdido subitamente o interesse pela exibição. Não somos contra

contra um trabalho altamente elogiável pela extrema organização e eficiência como os do GRIFE, do amigo André Berman. Somos, isto sim, contra esta atrelada vocação amadorística dos superlotistas brasileiros. Não fosse assim, já existiriam vários Pontos de Cinema no País. Daqueles que sempre exigiram apoio, o mínimo que se pode esperar é apoio.

**Carlos Schmidt Porto Alegre - RS**

Obs.: Se este texto estimular sua participação, o que desejamos, não envie minhe seus filmes de imediato. Mande-nos primeiro a sinopse, fotos e alguns dados pessoais para podermos programar seu filme oportunamente. Endereço para contatos: Rua Dona Laura, 386/16 - Rio Branco - 90.000 - P. Alegre/RS - Fone: 22.00.04.

### Super 8 no ABC

Festival tem julgamento, julgamento lembra justiça. É justiça seja feita: o movimento superlotista no Grande ABC iniciou-se em São Paulo, e mais exatamente no Grife.

Diversos realizadores da região vieram até a Capital para ampliar os seus conhecimentos cinematográficos de biola esportiva, outros se contentavam em produzir os seus trabalhos casuais, mas de uma forma ou de outra, os trabalhos eram feitos de maneira individual sem qualquer vínculo entre os aficionados.

O potencial era grande, mas faltava congregação dos superlotistas e transferência de experiências e transmissões em um movimento superlotista, digno de assim ser chamado.

E foi durante um bate-papo, em uma das salas do Grife que surgiu a idéia de reunir o pessoal do ABC. Estava acesso o estopim, bastava apenas deixá-lo queimar e o fogo correu rápido demais. Vindos não se sabe de que cantos, os aficionados do Super 8 lotavam a pequena sala cedida pelo Meninos Futebol Clube, que apesar de possuir um nome nada relacionado com cinema, tornou-se o centro

de conseqüências foram inevitáveis. Logo surgiu a vontade de se realizar um Festival, que acabou acontecendo em Julho de 1979 e, embora reunisse exclusivamente filmes realizados na região, serviu para demonstrar que os seus organizadores estavam certos: o potencial no Grande ABC era também grande.

#### Segredo

Valter da Costa Bispo, gerente da Fotopica de Santos e líder do Super 8 naquela cidade, costuma dizer que os filmes do ABC "revelam o clima depressivo da região, que se tornou famosa no País inteiro por ocasião da greve dos metalúrgicos". Mas o que mais caracteriza o movimento superlotista no ABC é o sentimento de solidariedade entre os realizadores. Todos estão prontos a ajudar os seus colegas na realização de filmes, o que faz com que cada dia mais aumente o número de interessados pela arte.

A ABCme - Associação de Cinema Super 8 do ABC, que congrega o grande maioria dos aficionados da região e que já realizou três festivais, permanentemente faz mostras de filmes da região e de outras localidades em contínuo intercâmbio. Nestas mostras são apresentados filmes que incluem aqueles muito bem elaborados até as simples produções caseiras, mas que para os seus realizadores possuem grande valor.

#### TV e Festival

A região não tem tido muita oportunidade para apresentar os seus filmes na Capital. Acreditava-se que a Turbulente Grande ABC tenha sido a localidade que mais se ressentia com a retirada do programa Ação Surman per 8 organizado por André Berman na RTC - Rádio e Televisão Cultural. Quem acompanhava os Cursos de Aniversário, Bichinho de Estimulação, Super 8 Coruja e, recentemente o quadro Estudantes em Ação Super 8, coordenado por Yara Rodrigues, pode ver com clareza que o movimento superlotista no ABC é levado muito a sério se for considerado o número de participantes nessas sessões e

Alguns nomes como Redineis Bonini, Manilene Bertolami, Agilberto Cerqueira, José Roberto Pereira, Edvaldo Aguiar, Jadir Chari e Marcos Munhoz Ribeiro, através dos seus filmes ajudaram a mostrar ao público televisual a existência de uma comunidade de afinidade da região.

Por ocasião do II Festival de Cinema Super 8 do ABC que reuniu realizadores de outras localidades, diversos nomes despontaram apesar da presença de concorrentes mais experientes. Willi Walter e sua equipe com o filme Amor Atropelado e José da Rocha e Guimaraes Horácio, com Pais e Filhos foram premiados em primeiro e segundo lugar, respectivamente.

Outros filmes fazem sucesso dentro e fora da região e com eles outros nomes se destacam como Margarida Sodré (Deu em Nádia) José Aparecido de Moraes (O Nairzinho e Sonhos de Acinico) e Osmar Cabrito Filho (Egêgrico).

Sem dúvida, ainda é pouco o número de películas premiadas, mas o que realmente importa é que cresce o movimento da região envolvendo e reunindo os seus aficionados ensinando a participação de todos.

### Wilson Pereira Cardoso - Diário do Grande ABC - SP

### Sala Amarela

Resumo Histórico

O Super-8, como manifestação de arte e criatividade, sempre existiu em Santos, ou melhor dizendo, o "cinema" sempre aconteceu em Santos, desde o tempo do 16 mm., como uma manifestação individual, isolada. Se pesquisarmos com profundidade, talvez venhamos a encontrar um ou outro grupo que, entre si, trocavam idéias e exibiam seus "filminhos". Era só.

Surgiu então em Santos o superlotista amador Valter da Costa Bispo, que tendo a seu favor ser também o Gerente da filial Fotopica de Santos sentiu a necessidade de ter um grupo de

idéias, ideais e experiências, deu a partida no movimento superlotista que passou a ser conhecido como SALA AMARELA.

Valter da Costa Bispo havia movimentado os elementos ligados aos "Cine-Foto" de Santos em torno de um original concurso de Super-8. Estabeleceu-se um tema: Saúde e Lar. Criou-se equipes formadas por Diretores de Fotografia (os fotógrafos amadores) Câmeras (os cineastas do Super-8), Rolêntas, etc., (aqueles que estavam interessados entre Foto e Cine) e foi dada a largada com a distribuição de filmes virgens, ofertas de várias lojas e entidades.

O cenário não teve o sucesso desejado por muitas e várias divergências que não nos cabe aqui analisar ou relatar. O importante é que a semente havia sido acolhida por solo fértil e veio.

Não contando com a cobertura de um Cine-Foto que emprestasse uma sala para reuniões ou projeções, os recém reunidos superlotistas, liderados por Mauro de Jesus e Alex, não deram sossego ao Gerente Fotopica para que lhes fosse cedido num dia da semana a sala do mezanino da loja. E, como a pintura dominante da referida sala era o amarelo, surgiu logo o epíteto de SALA AMARELA ao espaço físico onde todas as sextas-feiras têm sido (e sempre serão exibidos) os filmes feitos por seus frequentadores.

A princípio eram poucos os frequentadores e muitos ainda os exibidores, mas quem lá ia uma vez por curiosidade, voltava sempre e trazia um amigo consigo, acalamentado pelo fraternal calor humano e o espírito de sincera amizade que congregava todos num mesmo e único nível.

O espaço físico SALA AMARELA passou a ser denominada de um estado de espírito, de uma filosofia, de um modo de ser e de agir em termos de arte, de Super-8.

E na maioria das vezes os novos que surgiam eram carentes de informação, de orientação técnica, já que não existiam, como não existem ainda cursos de Super-8 em Santos, todos

mentos, de suas experiências e verdadeiros cursos práticos eram ministrados no amistoso bate-papo da SALA AMARELA. O espírito, a filosofia SALA AMARELA virou lenda. Muitos eram os que procuravam seus frequentadores em busca de esclarecimentos, de explicações, de orientações, de exibições. E logo a lenda virou notícia. Estrapalou o limite físico que a Fotopica havia lhe emprestado. Espirou-se por Santos, máxime pelos orfanatos, pelos clubes infantis e pelos sociais. Programações de projeções de filmes feitos pelos frequentadores da SALA AMARELA, como Mauro, Felipe, Okida, Dalmo, Marivaldo, Gilberto, Waldir e muitos outros eram requisitadas e efetivadas em vários locais.

E a notícia virou realidade e realização. A presença de filmes feitos pelos integrantes da SALA AMARELA foi e está sendo requisitada, exigida mesmo em outras cidades.

Já estivemos em festivais de Sorocaba, Campinas, pontos recepcionados e festejados em São Bernardo do Campo pelo ABCme e em São Paulo pelo Foto Cine Clube Bandeirantes. Aqui em Santos em outubro de 1980, a SALA AMARELA patrocinada pela Fotopica realizou o "1.º Festival Fotopica-Super-8 da Baixada Santista". Festival esse realizado na Associação dos Engenheiros e Arquitetos, com a presença média de 540 pessoas. Este ano muitas foram as solicitações para que esse Festival, à realizar-se dias 15 e 16 de outubro próximo (em vista do grande sucesso alcançado) fosse realizado em âmbito nacional. Não nos consideramos capazes de tão grande façanha. Acolhemos então além dos da Baixada, os nossos amigos superlotistas do ABC ligados à SALA AMARELA por laços de fraternidade amizade comum e pelo grande e incontestante apoio que nos deram ao início de nossa formação ideológica. A SALA AMARELA ainda mantém concursos trimestrais em que participam seus frequentadores e sempre com premiação ofertada pela Fotopica.

ANEXO 30 – Carta de Marcílio Eiras Moraes (chefe da acessória técnica da FUNARTE) para Abrão Berman, datada de 12 de maio de 1982. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)



Ministério da Educação e Cultura  
Fundação Nacional de Arte

Rua Araújo Porto Alegre, 80  
20030 - Rio de Janeiro - RJ

Em, 12 / 5 / 82.

Of. nº 890 /82-ATEC/FUNARTE

Do: Chefe da Assessoria Técnica da FUNARTE

Ao: Diretor Geral do Grife-Ação Super-8  
Centro de Estudos de Cinema

Vimos acusar o recebimento da solicitação do Grife-Ação Super-8, no sentido de apoiar a realização do X Super Festival Nacional do Filme Super-8 e do 1º Festival Internacional.

Lamentamos informá-lo, no entanto, que a FUNARTE não dispõe de recursos para apoiar atividades de cinema, já que tem outras áreas sob sua direta responsabilidade, como música, folclore e artes plásticas.

Recomendamos a V.Sa. que encaminhe a referida solicitação à EMBRAFILME, órgão do Ministério da Educação e Cultura responsável pelo apoio ao cinema nacional.

Atenciosamente

Marcílio Eiras Moraes  
Chefe da Assessoria Técnica

Ilmo. Sr.  
Abrão Berman  
Diretor Geral do Grife-Ação Super-8  
Centro de Estudos de Cinema  
Rua Estados Unidos, 2240  
01427 - Jardim América - SP

IB/rob

ANEXO 31 – Catálogo do X Super Festival Nacional do Filme Super 8 mm. (Acervo Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP)

### EDITORIAL

Em 1973, quando realizamos o I Super Festival Nacional do Filme Super 8, os preços da película de filme super 8 eram de R\$ 20,00. Então, com o avanço da tecnologia, os preços foram diminuindo e agora, com o lançamento do filme Super 8, os preços são ainda mais baixos, tornando mais acessível a todos os interessados em fazer filmes. Além disso, com o lançamento do filme Super 8, os preços das películas de filme Super 8 foram reduzidos para R\$ 10,00, tornando mais acessível a todos os interessados em fazer filmes. Além disso, com o lançamento do filme Super 8, os preços das películas de filme Super 8 foram reduzidos para R\$ 10,00, tornando mais acessível a todos os interessados em fazer filmes.

Foto: N. P. - Arquivo do Museu Paulista

#### Transforme seus filmes Super 8, Single 8, slides e filmes 16 mm em Video Cassete

A Fotoptica está pronta para fazer a conversão de seus filmes Super 8, Single 8, slides e filmes 16 mm em Video Cassete. A conversão é feita em um aparelho especial, mantendo a qualidade original dos filmes. O preço é muito baixo e a entrega é rápida. Contate-nos hoje mesmo!

**FOTOPTICA**  
Informações em:  
Rua Major Deputado, 105  
Tel.: 31-2838

#### CURSOS DE DESENHO ANIMADO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS

16mm e Super 8

**ESTÚDIO DE GRAVAÇÃO LABOR FOTOGRAFICO EDICAO DE JORNAL VIDEO CASSETE**

**ADULTOS E CRIANÇAS**

**ESTÚDIO SÉRGIO TASTALDI**  
AL. CARREI. N. DA SILVA, 2200 TEL: 2472/2501/2592

## X Super Festival Nacional do Filme Super 8.

### I Super Festival Internacional do Filme Super 8.

**2 a 7 de agosto de 82**

**Teatro Hebraica - rua Hungria, 1000**  
São Paulo - Brasil

Convites Grátis: Grife Rua Estados Unidos, 2.240 e nas lojas Fotoptica.

EMBRAPFILME - CO-PATROCÍNIO DA PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - Prefeito Antônio Salim Curatel  
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA - Secretário Mirco Chama



# REPORTAGEM

## Vídeo e Vídeo

Diferente no século XXI, da Revolução Industrial, a revolução do vídeo mudou a maneira de se comunicar. No campo das artes, o vídeo tornou-se uma linguagem própria, com suas regras e seu vocabulário. Hoje, o vídeo é usado em todos os meios de comunicação, seja para fins educativos, seja para fins de entretenimento. O vídeo é uma linguagem que nos permite expressar ideias e sentimentos de uma maneira mais direta e mais poderosa. O vídeo é uma linguagem que nos permite expressar ideias e sentimentos de uma maneira mais direta e mais poderosa.



VHS (Videocassettes)

Em um tempo marcado por rápidos avanços de tecnologia, os meios de comunicação também se atualizam. O vídeo é um dos meios de comunicação mais modernos e mais poderosos. O vídeo é uma linguagem que nos permite expressar ideias e sentimentos de uma maneira mais direta e mais poderosa. O vídeo é uma linguagem que nos permite expressar ideias e sentimentos de uma maneira mais direta e mais poderosa.

**Ficha Técnica do Festival**  
 Presidente: Arno Bertoni  
 Presidente de Honra: Sérgio Frusacoff  
 Presidente de Honra: Sérgio Frusacoff  
 Presidente de Honra: Sérgio Frusacoff  
 Presidente de Honra: Sérgio Frusacoff

**INTERNACIONAL**  
 1977 - ALGERIA - Documentário de Jorge Caerpo.  
 1978 - ALGERIA - Documentário de Jorge Caerpo.  
 1979 - ALGERIA - Documentário de Jorge Caerpo.  
 1980 - ALGERIA - Documentário de Jorge Caerpo.

**INTERVALO - 10 minutos**  
 22. Filme - HEROSSEQUESTRA SENSUAL - de Rainer Erbe.  
 23. Filme - HOMEM ARANHA CONTRA O DRAGON - de Robert Rodriguez.  
 24. Filme - O LADRÃO DE BICHOES - de Robert Rodriguez.

**PROGRAMA DE ENCERRAMENTO**  
 25. Filme - PROJETO DE COBRAS DAS MARINHAS - de Roberto Damasceno.  
 26. Filme - PROJETO DE COBRAS DAS MARINHAS - de Roberto Damasceno.  
 27. Filme - PROJETO DE COBRAS DAS MARINHAS - de Roberto Damasceno.

**28. Filme - PROJETO DE COBRAS DAS MARINHAS - de Roberto Damasceno.**  
 29. Filme - PROJETO DE COBRAS DAS MARINHAS - de Roberto Damasceno.  
 30. Filme - PROJETO DE COBRAS DAS MARINHAS - de Roberto Damasceno.

**Mostra de Vídeo**  
 Uma grande exposição que apresenta a história do vídeo e o papel dele na cultura. A mostra é uma oportunidade para quem quer conhecer mais sobre o vídeo e sua importância na sociedade atual. A mostra é uma oportunidade para quem quer conhecer mais sobre o vídeo e sua importância na sociedade atual.



**Ficha Técnica do Festival**  
 Presidente: Arno Bertoni  
 Presidente de Honra: Sérgio Frusacoff  
 Presidente de Honra: Sérgio Frusacoff  
 Presidente de Honra: Sérgio Frusacoff

# JURI

## Juri Oficial (Fest. Nacional)

**Alfredo Poldoski** - Presidente do júri e coordenador do júri oficial.  
**Antonio Carlos de Moraes** - Presidente do júri oficial.  
**Carlos Eduardo de Moraes** - Presidente do júri oficial.  
**Edson Luiz de Moraes** - Presidente do júri oficial.

## Juri Oficial (Fest. Internacional)

**Amador de Almeida** - Presidente do júri oficial.  
**Antonio Carlos de Moraes** - Presidente do júri oficial.  
**Carlos Eduardo de Moraes** - Presidente do júri oficial.  
**Edson Luiz de Moraes** - Presidente do júri oficial.

## PRÊMIOS

**Prêmio de Melhor Filme Nacional**  
 Prêmio de Melhor Filme Internacional  
 Prêmio de Melhor Direção Nacional  
 Prêmio de Melhor Direção Internacional

## Juri Popular (Fest. Nacional)

**Amador de Almeida** - Presidente do júri popular.  
**Antonio Carlos de Moraes** - Presidente do júri popular.  
**Carlos Eduardo de Moraes** - Presidente do júri popular.  
**Edson Luiz de Moraes** - Presidente do júri popular.

## Juri Oficial (Fest. Internacional)

**Amador de Almeida** - Presidente do júri oficial.  
**Antonio Carlos de Moraes** - Presidente do júri oficial.  
**Carlos Eduardo de Moraes** - Presidente do júri oficial.  
**Edson Luiz de Moraes** - Presidente do júri oficial.

## Festival Internacional

**Amador de Almeida** - Presidente do festival.  
**Antonio Carlos de Moraes** - Presidente do festival.  
**Carlos Eduardo de Moraes** - Presidente do festival.  
**Edson Luiz de Moraes** - Presidente do festival.



Juri Oficial do Festival Nacional



ANEXO 32 – Lista de vídeos na Mostra de Vídeo Tape dentro do *X Super Festival do GRIFE*. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)



**X SUPER FÉSTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8  
I SUPER FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME SUPER 8**

.Tangran  
Geraldo Mello e Carmen Carvalho  
.No fim todos acabam dormindo  
Isay Weinfeld e Márcio Kogan  
.Teatro Passarela  
Rosina Schwarz  
.Embaralhados  
Abel Papautzky  
.Presença  
Ana Maria Guariglia  
.Um Semeador de Alegria  
Paulo Sá Vieira  
.Ajudem-nos, Por Favor  
Adilson Pontes  
.João e Maria, uma cocochanchada Política  
Moisés Baumstein

4 - José Roberto Aguiar  
.A Divina Comédia - Parte A ..... 32m.  
.Sonho e Contra Sonho - Parte A ..... 24m.

**REALIZAÇÃO**  
GRIFE - Rua Estados Unidos, 2240 - São Paulo, SP - Brasil - CEP 01427 - FOTÓGRAFIA - Al. Juna, 434 - Alameda - Sorocaba, SP - Brasil - CEP 06500  
APOIO:  
Cajuru Gallery, A Helvécia, Embrafilme, MEC-Funarte, Secretariado Municipal de Cultura.



**X SUPER FÉSTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8  
I SUPER FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME SUPER 8**

MOSTRA DE VÍDEO TAPE

SISTEMA BETAMAX - MARCA SONY  
- Tapes demonstrativos da Sony

SISTEMA U.MATIC - MARCA SONY  
1 - José Roberto Aguiar  
Where is South America? ..... 43m.

2 - Olhar Eletrônico  
Show da Praça ..... 45m.

3 - Filmes Super 8 transcritos para Vídeo Tape ... 180m.  
.Estertores e Fragmentos  
Tito Paes de Barros e Cyro Ferraz Filho  
.Nasce uma Estrela  
Sergio Calres Berber  
.Liberdade, Igualdade, Fraternidade  
Moisés Baumstein  
.Uma Trilogia Grotesca  
Moisés Baumstein

**REALIZAÇÃO**  
GRIFE - Rua Estados Unidos, 2240 - São Paulo, SP - Brasil - CEP 01427 - FOTÓGRAFIA - Al. Juna, 434 - Alameda - Sorocaba, SP - Brasil - CEP 06500  
APOIO:  
Cajuru Gallery, A Helvécia, Embrafilme, MEC-Funarte, Secretariado Municipal de Cultura.



## X SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 I SUPER FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME SUPER 8

- 5 - José Roberto Aguilár .  
.A Divina Comédia - Parte B ..... 32m.  
.Sonho e Contra Sonho - Parte B ..... 24m.

### SISTEMA VHS - MARCA SONY

- 1 - José de Boni  
.Visita a Jacobo ..... 118m.
- 2 - Otávio Donaschi  
.Figuras de Umbral ..... 10m.  
.Meditação no Espaço ..... 25m.  
.Projeções da Memória ..... 15m.
- 3 - Sergio Tastaiddi  
.Animações ..... 100m.
- 4 - Adelino dos Santos Abreu  
.Closeyes ..... 11m.

**REALIZAÇÃO**  
GRFE - Rua Estados Unidos, 2240 - São Paulo, SP - Brasil - CEP 01427 - FOTÓPTICA - Al. Juscel. 434 - Alphaville - Barueri, SP - Brasil - CEP 08400  
APOIO:  
Cygares Gallery, A Hébraca, Emorfilme, MEC-Faranti, Secretaria Municipal de Cultura.



## X SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 I SUPER FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME SUPER 8

- 5 - Carlos Porto, Leonardo Crescenti, Marcelo Machado  
Isabella, Diana Midlin, Ihek - Trabalho realizado  
no Curso de Pós-Graduação FAU.  
Orientação Profa. Dra. Elide Monzaglio.  
.Vila Itororô ..... 20m.

- 6 - Artur Matuck  
.Maurício Prisioner ..... 21m.  
.Ataris wort it the planet Mega ..... 24m.

### GLOBO VÍDEO

- 1 - Trechos de programas e shows da Globo  
2 - Recordes  
3 - Programas de Treinamento

**REALIZAÇÃO**  
GRFE - Rua Estados Unidos, 2240 - São Paulo, SP - Brasil - CEP 01427 - FOTÓPTICA - Al. Juscel. 434 - Alphaville - Barueri, SP - Brasil - CEP 08400  
APOIO:  
Cygares Gallery, A Hébraca, Emorfilme, MEC-Faranti, Secretaria Municipal de Cultura.

## X SUPER FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 I SUPER FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME SUPER 8



Com um público formado por mais de 1.500 pessoas foram anunciados na noite de sábado, dia 7 de Agosto, no Teatro Hebraica, os vencedores do X Super Festival Nacional do Filme Super 8 e I Super Festival Internacional do Filme Super 8.

O Juri Oficial do Festival Nacional foi composto por: Alfredo Palácios ( produtor de cinema e Presidente do Sindicato da Indústria Cinematográfica do Estado de S.Paulo), Aurora Duarte ( produtora de cinema), Bernardo Korobow ( programador de cinema do M.I.S. e da Fundação Cinemateca Brasileira), Carlos Amaral da Fonseca ( produtor e crítico de cinema do Jornal de Letras - RJ), Elizabeth Hartmann ( atriz), Fayez José Mauad ( relações públicas da Fotóptica), Giúrgia Matarazzo ( divulgadora de cinema), Ghaha dos Santos Abreu ( professor e produtor de vídeo), Ivan Kudrna ( cineasta), Jairo Tadeu Longhi ( cineasta ), Jean Claude Bernardet ( estudioso e crítico de cinema), José Caio Maghidman ( diretor cultural da Hebraica), João Luiz Vieira ( professor de cinema - RJ), Marlene França ( atriz), Néli Solitrenick ( repórter fotográfica), Otoniel Santos Pereira ( publicitário e cineasta Super 8), Pola Vartuok ( crítica de cinema), Rosely Carmona ( arquiteta e decoradora), Rubens Ewald Filho ( crítico de cinema), Rui Teixeira ( fotógrafo) e Sérgio Augusto de Andrade ( crítico de cinema e publicitário). e indicou como melhores filmes:

MELHOR FILME DO FESTIVAL E MELHOR ATRIZ ( Isadora de Faria): SAUDADE, experimental de 20 minutos, de Leonardo Crescenti Neto e Carlos Porto de Andrade Jr - que recebem este prêmio pela 4ª vez.

MELHOR DOCUMENTÁRIO: PRAIA DO FLAMENGO, 132, de 20 minutos, de Clovis Molinari Jr. do Rio de Janeiro.

MELHOR FICÇÃO: ZEFA, 20 minutos, de Cícero Bathomarco e Paulo Sá Vieira, de Salvador.

MELHOR ANIMAÇÃO: GENI, 5 minutos, de Sérgio Berber.

MELHOR EXPERIMENTAL: ALFA...TETRA, 10 minutos, de Victor Gerhard, do Rio de Janeiro.

MELHOR FOTOGRAFIA E MELHOR ATOR ( Henrique de Macedo Netto): HISTÓRIA PASSIONAL: HOLLYWOOD, CALIFORNIA, ficção, 20 minutos, de Leonardo Crescenti Neto, Carlos Porto de Andrade Jr. e Louis Chilson.

MELHOR TRILHA SONORA: CADEIA GLOBAL, ficção, 10 minutos, de Renato Gianolla e equipe ( Sorocaba ).

PRÊMIO ESPECIAL DO JURI: ADIOS, AMÉRICA DO SUL, ficção, 15 minutos, de Sérgio Silva, de Porto Alegre.

MENÇÕES HONROSAS: MANDARIA FLORES NÃO FOSSE A CHUVA, ficção, 20 minutos, de Cyro Ferraz Filho, Tito Paes de Barros e Osmar Cabrino Filho.  
e ASTROFAGIA, ficção, 20 minutos, de Marcos Bertoni.

MELHOR FILME DO JURI POPULAR: HISTÓRIA PASSIONAL: HOLLYWOOD, CALIFORNIA

MELHOR DO FESTIVAL INTERNACIONAL ( Juri composto por realizadores paulistas concorrentes do Festival Nacional):

1º lugar: BOGUS, animação, 15 minutos, de Ghislain Honoré e Jacques Jezzi - BELGICA.

2º lugar: MALE ORDER, experimental, 8 minutos, de Nilo Manfredini - ESTADOS UNIDOS.

3º lugar: SANS LEGENDE, experimental de 10 minutos, de Manuel Gomez - BELGICA.

4º lugar: HOMENAGE (ADOLFINA VIVE), documentário, 15 minutos, de Eduardo Canovas e C.Malavé - PORTO RICO.

5º lugar: JOHN LINDQUIST, PHOTOGRAPHER OF THE DANCE, documentário, 30 minutos, de Bob Brodsky e Tony Treadway - ESTADOS UNIDOS.

- agradecemos a divulgação -

Organizadores do festival: GRIFE-AÇÃO SUPER 8 Centro de Estudos de Cinema e FOTOPTICA

ANEXO 34 – Carta de Pedro T. Natal (gerente de comunicações da KODAK) para Abrão Berman, datada de 3 de agosto de 1983. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)



São Paulo, 3 de agosto de 1983

RG&C-178/83

Ilmo.Sr.  
Abrão Berman  
Ação Super 8  
Centro de Estudos e Promoções de Cinema S/C Ltda.  
Rua Estados Unidos, 2240  
São Paulo - SP

Caro Abrão

Agradeço o envio da sua carta, já que nos dá oportunidade de esclarecer, com toda a honestidade, a situação do Super-8 no Brasil com relação à Kodak ou vice-versa.

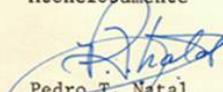
1. Realmente, no princípio deste ano, a Kodak descontinuou a fabricação do filme S-8 ENA 40 ASA, em função da grande queda de demanda no mercado mundial e, conseqüentemente, no Brasil, tornando assim, economicamente inviável a sua fabricação.
2. Está havendo no Brasil, desde 1979, uma queda real na demanda dos filmes S-8 em geral e para que tenha idéia da realidade, aqui estão alguns números em unidades que o mercado vem absorvendo:

1979	1980	1981	1982	1983
1.000.000	483.000	346.000	264.000	100.000 (previsão)

3. A Kodak não prevê uma recuperação substancial nesse mercado, porém continuará oferecendo o filme ELA 160 ASA, filme de alta sensibilidade para filmagens em interiores ou ao ar livre em condições moderadas de iluminação, para câmaras com controle de exposição automática ou manual.
4. Tanto o Laboratório Kodak como outros independentes continuam mantendo o processamento normal para filmes S-8.
5. A direção futura da Kodak, em todos os segmentos dos seus negócios, será baseada em produtos inovadores, produtos que estenderão o alcance das nossas habilidades em novas tecnologias a serem aplicadas em áreas já familiares do mercado fotográfico.

Permaneço à sua disposição.

Atenciosamente

  
Pedro T. Natal  
Gerente de Comunicações

PTN:mopa

cc.: G.Galan  
W.Seidenthal/A.Vercelli/W.Ladewig

KODAK BRASILEIRA COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA - SÃO PAULO: RUA GEORGE EASTMAN, 213 MORUMBI - CEP 01000 - C.P. 225 - FONE: 542-0111 • RIO DE JANEIRO: CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO, 268, CEP 20000 - C.P. 849 - FONE: 284-4722 • PORTO ALEGRE: RUA CRISTÓVÃO COLOMBO, 1385 - CEP 90000 C.P. 994 - FONE: 22-9588 • RECIFE: RUA IMPERIAL, 1047/69 - CEP 50000 - C.P. 201 - FONE: 224-7166.

ANEXO 35 – Catálogo do XI Super Festival Nacional do Filme Super 8 mm. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

XI Superfestival Nacional do Filme Super 8  
II Superfestival Internacional do Filme Super 8

15 a 20 de agosto de 83



EDITORIAL



Havia um clima de suspense no ar. Falávamos poucos dias para serem encerradas as inscrições do XI Festival e não tínhamos a mínima ideia do qual seria o número de filmes inscritos. Em 82 foram 100. Haveria este ano uma quantidade de filmes que justificasse e sustentasse a realização do evento? Afinal, no último ano tivemos o Super 8 e convidamos com a ênfase de sempre para a realização do próximo festival no preço do filme virgem provocando uma reação constante dos realizadores que não encontravam filmes nas lojas.

Com as inscrições encerradas respiramos aliviados e surpresos. Os 80 filmes chegados provavam mais uma vez a vitalidade do movimento e a garra dos cineastas independentes. E dos 36 selecionados para a parte competitiva 13 eram de estrangeiros. Pronto, o Festival deste ano já estava garantido. Mas e daí? E depois? Formos falar com o Pedro Natal, Gerente de Comunicações da Kodak, para saber das coisas. O que ele nos informou e que a Kodak, para este ano, já estava descontinuando a produção do filme Super 8 ENA-40 ASA, em favor do filme grã-britânico de demanda no mercado mundial, o filme Super 8 convencionalmente, no Brasil. A Kodak não prevê uma recuperação substancial nesse mercado, porém continuará oferecendo o filme ELA 160 ASA, filme de alta sensibilidade para filmagens em interiores ou ao ar livre em condições moderadas de iluminação, para câmaras com controle de exposição automática ou manual. Tanto o Laboratório Kodak como outros independentes continuam mantendo o processamento normal para filmes Super 8.

Conclusão: se o filme Super 8 continua sendo fabricado, distribuído, vendido e revelado; se continua sendo usado e apreciado pelos realizadores em suas produções; se continua sendo utilizado pelo público para ver esses filmes, então não há motivo para o Super 8 já morrer? Nossa motivação continua. Lutamos pela defesa da livre expressão, pela divulgação de nossa cultura popular, pela importância do cinema como forma de comunicação. Esse movimento precisa ser mantido enquanto tudo isso for importante. Para garantir nossa palavra, a data do Festival em 84 já está reservada. Como dissermos no programa do festival passado: enquanto houver gente filmando, criando, produzindo suas obras com garra e força, nós aqui estaremos.

A. S. P.

## PROGRAMAÇÃO

Após assistir aos 80 filmes inscritos para o FESTIVAL NACIONAL, a comissão de seleção prévia, formada por José Maria de Fátima, José Carlos de Fátima, Fernando Wittbold Rocha (cineasta SB), Helena da Cunha Bueno (professora de cinema e vídeo do Ação Super 8), Lara Rodrigues (cineasta SB), Maria do Carmo Carramenha (produtora de audiovisuais), Nelson Rodrigues (cineasta SB) e Raul Wassermann (prod. de cinema do Ação Super 8), atribuiu a cada filme notas de 0 a 5. Diante do tempo disponível para as 4 sessões oficiais foram destacados 36 para a parte competitiva, com médias entre 2,3 e 5,0. 21 filmes são de São Paulo, 3 de Salvador, 2 de Campinas, 2 de Sorocaba, 1 de Volterram, 1 de Guarujá, 1 de São José do Rio Preto, 1 de Ribeirão Preto, 1 de Santos, 1 de Londrina e 1 de Brasília. Por gênero, 12 são documentários, 1,2 de enredo-ficção, 6 experimentais e 6 de animação, conforme classificados por seus autores. 13 filmes são de cineastas estrangeiros. Os demais filmes serão apresentados fora de concurso nas 3 sessões da Mostra Paralela.

Para o FESTIVAL INTERNACIONAL não foi feita seleção prévia, prevendo-se a apresentação de 34 filmes de 11 países

### 2ª feira - dia 15

#### FESTIVAL NACIONAL - PROGRAMA I - 20h

ESPECIAL - FORA DE CONCURSO - ESTREIA NACIONAL - ROSA DE MAIO, enredo-ficção de Leonardo Crescente Neto e Carlos Porto de Andrade Jr. Trilha sonora de Bruno Negri, Com Carla Camurati e Roberto Magli.

#### EM CONCURSO

1. Enredo-Ficção: *NEUROSE*, de Adilson Ferreira Macher (Estreante). Com formado Barateiros. Autor: Adilson José Macher. Edição: Edson Bianchi. País: Brasil. SP.
2. Enredo-Ficção: *PREZADO ACAPALAZ*, de Maria Angélica Ribeiro. (Salvador, BA).
3. Animação: *VELHINHA*, de André Martirani, Cao Hamburger, André Rosa, Walter Inocêncio e Fernando Caldera (Estreantes).
4. Experimental: *SOUND PATTERNS*, de Victor Gerhard (Rio de Janeiro, RJ).

#### INTERVALO - 10 minutos

5. Documentário: *QUARTA DIMENSÃO*, de Ana Maria G. de Aguiar.
6. Enredo-Ficção: *RAPUNZEL*, de Rafael Rios Filho e José Roberto Rios. Com Hélio Zaccaro, Clau Neves, Rafael Rios, Ana Crispin, Leírco Ruffa e Carmo Vendramini.
7. Documentário: 226, de Tuo Becker (Porto Alegre, RS).
8. Enredo-Ficção: *A REVOLUÇÃO DAS MASSAS*, de Marcos Bertoni. Com Wagner Serra.

### 3ª feira - dia 16

#### FESTIVAL INTERNACIONAL - PROGRAMA I - 20h

**SELEÇÃO PORTUGAL**  
*INFINITAMENTE MAIS AO SUL* - Enredo-Ficção de Vítor Silva.  
*REQUEM PARA UMA CIDADE* - Documentário de Vítor Silva.  
*A QUEDA* - Enredo-Ficção de João Paulo Ferreira.

#### INTERVALO - 10 minutos

**FESTIVAL NACIONAL - PROGRAMA II - 21:15h**  
9. Documentário: *PAIXÃO MALUADA*, de Sérgio Barber.  
10. Experimental: *CORREDOR*, de Julio Campos e Jussara

11. Experimental: *PASSOVAL*, de Rodolfo Rajca. Com Fábio Andrade, Izete Bösch e Arnon Gila.
12. Animação: *OS OLHOS DA TERRA*, de Nelson Coelho Nascimento.
13. Enredo-Ficção: *AS APARÊNCIAS ENGANAM*, de Sérgio Cordeiro (Estreante). Com Antonio Carlos Tumbold, Suail Gonçalves e Vera Varella.

#### INTERVALO - 10 minutos

1. Enredo-Ficção: *GÊNESIS*, de V.J. Lorenzo Izquierdo, Com Carmen Taznato, Gison Consalvi, Iraci Nascimento, J. Carlos Cenovitz, Norma Gardemann, Roberto Barros e outros. (Londrina, PR).
2. Animação: *BUS STOP*, de André Rosa e Fernando Hamburger, Walter Inocêncio, André Rosa e Fernando Caldera (Estreantes).
16. Enredo-Ficção: *PAI-HACOS*, de Rafael Rios Filho e José Roberto Rios. Com Rafael Rios, Clau Neves, Jorge Prati, Inês de Jesus, Ruy Torres e Arcelini Rios. Inspirado na obra de Leoncavallo.
17. Documentário: *DR. XARÉLU*, de Murilo José Machado (Estreante). (Campinas, SP).
18. Enredo-Ficção: *A TO COMPASSOS DA MORTE*, de Louis Chison. Com José Alberto Lovetto, Brenda Susan e Mara Ciccione.

### 4ª feira - dia 17

#### FESTIVAL INTERNACIONAL - PROGRAMA II - 20h

**SELEÇÃO CANADA**  
*HALFWAY TO HEAVEN* - Documentário de Axel Russell.  
*THE MAGIC PUZZLE* - Animação de Bruce Scott.  
*RUSHES* - Experimental de Benoit Misk.  
*LA MAIN* - Animação de Pierre Saint-Denis.  
*UNE SIMPLE LETTRE* - Enredo-Ficção de Daniel Thibault, Robert Proulx.  
*HUMANIDADE UN TEMPS* - Animação de Yves Lapointe.

#### INTERVALO - 10 minutos

**FESTIVAL NACIONAL - PROGRAMA III - 21:15h**  
19. Documentário: *SALVE EMANUA*, de Nairal Knabben.  
20. Animação: *EM ALGUM LUGAR DO ESPAÇO*, de Alexandre Rodrigues Lima Maciel e Rubio Brosco Jr.

21. Experimental: *CEVÁRIOS DA NATUREZA*, de Wilson José Okida (Estreante). (Santos, SP).
22. Documentário: *MESTRE PASTINHA, CAPDEIRA ANGOLA*, de Paulo Sá Vieira (Salvador, BA).
23. Enredo-Ficção: *OPROBRO*, de Renato Gandola e Nelson Sanches Jr., Grupo Zoomin. Com Nilton Campos, Nelson Mezger e José Luiz Nobilo (Sorocaba, SP).

#### INTERVALO - 10 minutos

24. Documentário: *ADAMOLI*, de Milton Marini (Praecaba, SP).
25. Enredo-Ficção: *O PACOTE*, de Robinson Roberto Sales Baretto. Com Apertor Fido, Cláudio Cavalcanti, Fernando Prata, Osmar Feres, Francisco Carlos e outros (Salvador, BA).
26. Experimental: *PROJEÇÃO*, de Marcos Bertoni.
27. Documentário: *FOR AQUELES QUE NÃO FALAM*, de Nelo Lúcio Pena e Márcia Cristina Craveiro (Estreantes). Participação de Cláudio Cavalcanti. (Campinas, SP).
28. Animação: *PALGANO SOBRIHDO O PRINCIPE E A PLEBEIA*, de Sérgio Barber. Participação de Maria Tereza.

### 5ª feira - dia 18

#### FESTIVAL INTERNACIONAL - PROGRAMA III - 20h

**SELEÇÃO BÉLGICA**  
*MAGAZINE, MAGAZINE* - Experimental de Chantal de Spiegelier.  
*CONTE OBSCUR* - Animação de Manuel Gomez.  
*MUSÉE D'ART* - Experimental de Jean-Claude Wouters.  
*LES GÉOMÈTRES* - Animação de Willy Aulers.  
*ALÉUTIQUES INSTANTANÉES* - Animação de Manuel Gomez.  
*PHALLOCTERE* - Animação de Manuel Gomez.

#### INTERVALO - 10 minutos

**FESTIVAL NACIONAL - PROGRAMA IV - 21:15h**  
29. Enredo-Ficção: *DÓIS GUILIES*, de Marcus Eurico Alvaro (Estreante). Com Hossain Agha, Jocius Anrcim, adaptado do poema de Névo Carlos de Alarcão (Brasília, DF).  
30. Documentário: *O NAVIO OCCIDENTAL*, de Maria Tereza Temperini e Mário Roberto Guati Pexoto.

## PROGRAMAÇÃO

31. Enredo-Ficção: X & Y, de Antônio Luz Mátar. Com Jamila Witsoun, Ricardo Daccache, Nádia Chifati, Eduardo Lins, Tania Chahine, Paula Barros e outros.  
32. Anúncio: **CHOCOLATE DO CARDEAL**, de Luz Rocha Soares, Fábio Galletti, Sérgio Korn e Nelson Coelho.

### INTERVALO - 10 minutos

33. Experimental: **TRAMA**, de Raquel Klepacz e Miniam Zatecka (Estreantes).  
34. Documentário: **LAR, DOCE LAR**, de José Décio Lima Cardoso (Estreante).  
35. Enredo-Ficção: **TERCERO VÉRTICE**, de Silverio Garbón Rodríguez, de Astoriz Santos, Com Maria Anita Jorge e Nilda Reppetto. Teatralizado: **DE UM BOVO HERÓI COBRADO**, de Isaías Santos (Estreante) (Guaraná, SPI).

### INTERVALO - 10 minutos

**FESTIVAL INTERNACIONAL - Continuação PROGRAMA III**  
SELEÇÃO VENEZUELA - a ser divulgada.

### 6ª feira - dia 19

#### FESTIVAL INTERNACIONAL - PROGRAMA IV - 20 h

**SELEÇÃO VÁRIOS PAÍSES**  
REPÚBLICA DOMINICANA: **A UN DIOS SIN FE** - Enredo-Ficção de José Ortega.  
URUGUAI: **FORMAS** - Animação de Gabriel Orientation Boluk.  
BOLÍVIA: **EL COJO** - Enredo-Ficção de Gabriel Orientation.  
ARGÉLIA: **TRANSSEER** - Enredo-Ficção de Hammoudi Abdelwahab.  
ARGÉLIA: **LA JOIE DES ENFANTS** - Enredo-Ficção de Houari Bourmaaza.  
INGLA TERRA: **BONZO'S LAST TRICK** - Animação de Lewis Cooper.  
BRASIL: **SALUDADE** - Experimental de Leonardo Crescenti Neto e Carlos Porto de Andrade Jr.

### INTERVALO - 10 minutos

TUNÍSIA: **LE TUNNEL**, Enredo-Ficção de Rhida Ben Halima.  
ARGENTINA: **A BORDO DE UN CARRITO** - Documentário de María Paz.  
ARGENTINA: **PAPÁ GRINGO** - Documentário de Mário Piazza.

### INTERVALO - 10 minutos

**SELEÇÃO ESTADOS UNIDOS**  
**EXCERPT FROM UNDERTOW** - Experimental de Bill Knowland (Califórnia).  
**DISTANT MEMORIES** - Enredo-Ficção de Terry Podnar.  
**OF BRICK AND STONE** - Experimental de Terry Podnar (Ohio).  
**UNDERWATER BLUES** - Experimental de Pol Marchal (Porto Rico).  
**COM AMOR SE VENCE EL DRAGON** - Enredo-Ficção de Moncho Conde e Eduardo Canovas (Porto Rico).  
**A CATAMARAN** - Enredo-Ficção de Jay Wjasinghe (Califórnia).

### SELEÇÃO PORTUGAL

Experimental de António Afonso.  
**AMIGOS** - Enredo-Ficção de António Afonso.  
**AS BOBOLÉIAS QUEIMAM SE NO FOGO** - Enredo-Ficção de Vítor Silva.

### Sábado - dia 20

#### PROGRAMA DE ENCERRAMENTO - 20 h

1ª parte - Revelação dos vencedores do Festival Internacional.  
2ª parte - Entrega de certificados de participação aos concorrentes.  
3ª parte - Revelação dos vencedores do Festival Nacional. Projeção dos filmes premiados.  
Participação especial do grupo do Kka Tap Center - Destaque para Stanley Kahn e Kka Sampato.

## FILMES FORA DE CONCURSO

### PROGRAMA A

#### 3ª feira - dia 16 - das 14 às 17:30 h

1. **ESTRUTURA HUMANA** - Enredo-Ficção de Criado Coêvão - 20 min.  
2. **GUERRA E PAZ** - Animação de Walter Budni (Rio de Janeiro) - 12 min.  
3. **ATLETISMO** - Experimental de Waldyr Esteves de Sá (Santiago do Chile) - 10 min.  
4. **BARCELONA** - Animação de Waldyr Esteves de Sá (Santiago do Chile) - 10 min.  
5. **ERA VFMELHO SEU BAIÃO** - Enredo-Ficção de Henrique Magalhães Loubo Pessoa (PB) - 13 min.  
6. **PLÁ** - Enredo-Ficção de Werner Schumarm (Curitiba, PR) - 10 min.  
7. **A MÁQUINA DO TEMPO** - Exer. de Carlos Alberto Boeira - 13,30 min.  
8. **HUJUUU** - Animação de Wilson José Odeia (Santos, SP) - 4 min.  
9. **ARGENTINA... SUAS PÁISAGENS** - Documentário de V. J. Lorenzi (Londrina, PR) - 22 min.  
10. **DALHO VILHADOS POIBOS** - Enredo-Ficção de Beto Rodrigues (Rio de Janeiro, RJ) - 11 min.  
11. **GUAR E UMA ARTE** - Enredo-Ficção de Alexandre e Solange R.L. Maciel (Sorocaba, SP) - 11 min.  
12. **FEITOS FILMES** - Exerim. de F. Esp (Santos, SP) - 8 min.  
13. **BAGDAD-SANTOS, COM ESCALAS** - Enredo-Ficção de Fimesp (Santos, SP) - 16 min.  
14. **E AGORA...** - Enredo-Ficção de José Roberto Guari - 3 min.  
15. **SERÁ** - Enredo-Ficção de Marcelo Assis - 8 min.  
16. **TUTUMÁIA** - Enredo-Ficção de Edson J.R. de Fonseca e Ronald José Magalhães (Curitiba, PR) - 15,30 min.

### PROGRAMA B

#### 4ª feira - dia 17 - das 14 às 17:30 h

17. **OLHO DO MUNDO** - Enredo-Ficção de Cássio Roberto M. Guimarães - 15 min.  
18. **RODA MÚDIA** - Enredo-Ficção de Cássio Roberto M. Guimarães - 15 min.  
19. **BR BOSCÁ DE FAVELA** - Enredo-Ficção de Priscilla M. Priscilla - 15 min.  
20. **MAQUELAREMA** - Exerim. de Milton Marim (Piracicaba, SP) - 5 min.  
21. **COMÉ CHOCOLATES** - Enredo-Ficção de Luiz Celso de P.F. Jr. e Sérgio Ferreira - 20 min.  
22. **TODOS SÃO IGUAIS** - Enredo-Ficção de Mauro de Jesus Santos, SPI - 9 min.  
23. **AMOR PALUSTURBANO** - Enredo-Ficção de Antonio José R. da Fonseca - 25 min.  
24. **BEZUPE MOSSAS FALHAS** - Enredo-Ficção de Carlos Batista e Antonio Francisco Taboas da Silva, SPI - 6 min.  
25. **APP** - Enredo-Ficção de Marcos Jardim - 15 min.  
26. **TEMA DE ILIA** - Document. de João César Pin - 4 min.  
27. **VIDA BOA** - Enredo-Ficção de Roger Souto (Ponto Alegre, RS) - 20 min.  
28. **O PROPERÍDIO E AS PAPIS DE SOROCABA** - Document. de Vitor Filho - 17 min.  
29. **PAPIS ELOS** - Exerim. de Bernardino Filho - 2 min.  
30. **ALBUM DE RECORDAÇÕES** - Enredo-Ficção de Bernardino Corral - 20 min.

### PROGRAMA C

31. **CORAÇÃO SILEITO** - Enredo-Ficção de Lore William - 10 min.  
32. **BESAME MUCHO** - Enredo-Ficção de Lore William - 10 min.  
33. **OS REIS NOS SEUS MOS MOSOS** - Enredo-Ficção de César Cassar P. e José Eduardo Bertagna - 5,30 min.  
34. **HUABERTO E MARTA** - Enredo-Ficção de César Cassar P. e José Eduardo Bertagna - 17 min.  
35. **MANDE NOTÍCIAS DO MUNDO DE LÁ...** - Enredo-Ficção de César Cassar P. e José Eduardo Bertagna - 20 min.  
36. **MENSAGEM** - Document. de Sérgio Augusto - 10 min.  
37. **OS REIS NOS SEUS MOS MOSOS** - Enredo-Ficção de César Cassar P. e José Eduardo Bertagna - 5,30 min.  
38. **SUSAMA** - Document. de Rafael Rios P. e José Roberto Rios - 4,30 min.  
39. **TEMPOS MODERNOS** - Enredo-Ficção de José Renato F. de Almeida (Curitiba, PR) - 13 min.  
40. **UM OUTRO CAVAL** - Exerim. de Roberto Maia e Fernando Cassini Jr. - 5 min.  
41. **UM BEIJU PRESSO DA GARGANTA** - Enredo-Ficção de Vítor Ricardo e Maria Emilia IS - 20 min.  
42. **SOVHOS** - Exerim. de Benjamin Franklin e Jerônimo Cattali M. da Silva Filho - 2 min.  
43. **CARAMELO DE LEITE** - Enredo-Ficção de Rubens Courceni - 8 min.  
44. **A ZOVIA DO AGRAD** - Document. de Clóvis Moimani Jr. (Rio de Janeiro, RJ) - 18 min.

## PRÊMIOS

### MELHOR FILME DO FESTIVAL

**Júri Oficial**  
Troféu Fotográfica  
Prêmio Embrafilme — aquisição:  
Cr\$ 1.500.000,00  
Equipamento de Som Sharp  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### MELHOR FILME DO FESTIVAL

**Júri Popular**  
Troféu Fotográfica  
Prêmio Embrafilme — aquisição:  
Cr\$ 1.500.000,00  
Câmera Praktica  
Assinatura da Revista Fotográfica  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica

### MELHOR ENREDO FICÇÃO

Troféu Fotográfica  
Prêmio Embrafilme: Cr\$ 50.000,00  
Câmera prática MF-1  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### MELHOR DOCUMENTÁRIO

Troféu Fotográfica  
Prêmio Embrafilme: Cr\$ 50.000,00  
Gravador CCE  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### MELHOR ANIMAÇÃO

Troféu Fotográfica  
Prêmio Embrafilme: Cr\$ 50.000,00  
Fleto-gravador Estéreo  
Sanyo M. 7700  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica

10

### MELHOR EXPERIMENTAL

Troféu Fotográfica  
Prêmio Embrafilme: Cr\$ 50.000,00  
Telefone Gradiente  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### MELHOR FILME DE ESTREANTE

Troféu Fotográfica  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### MELHOR FOTOGRAFIA

Troféu Fotográfica  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### MELHOR TRILHA SONORA

Troféu Fotográfica  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### MELHOR ATOR

Troféu Fotográfica  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### MELHOR ATRIZ

Troféu Fotográfica  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI

Troféu Fotográfica  
Album Cartona  
Maleta Térmica Fotográfica  
Assinatura da Revista Fotográfica

### FESTIVAL INTERNACIONAL

1º Lugar - Troféu Fotográfica  
2º Lugar - Troféu Fotográfica  
3º Lugar - Troféu Fotográfica  
4º Lugar - Troféu Fotográfica  
5º Lugar - Troféu Fotográfica

### COLABORADORES

Association pour le Jeune Cinéma  
Québecois  
Kika Tap Center  
Philippe Chevassat  
P. M. 22 Bar  
Bar Phi Phi  
Consulrado Geral do Canadá  
Cartona - Cartão Photo Nacional S.A.  
CCE - Comércio de Componentes  
Eletrônicos  
Orvo do Brasil S.A.  
Ind. Eletrônica Servo do Brasil Ltda.  
Sharp S.A. Equipamentos Eletrônicos  
Yasuda do Brasil Ind. e Com. Ltda.

## JÚRI

**JÚRI OFICIAL  
FESTIVAL NACIONAL**  
Rubens Evangelino - Crítico de  
Cinema e Vídeo de Toronto  
e TV Globo  
Paul Teixeira - Fotógrafo

### JÚRI POPULAR FESTIVAL NACIONAL

Formado por pessoas escolhidas por  
sorteio na sessão de abertura do  
Festival.

**JÚRI OFICIAL  
FESTIVAL INTERNACIONAL**  
Emile Cavillon - Conselheiro do  
Ministério da Cultura da Bélgica  
Marcel Croes - Jornalista e Diretor do  
Festival Super 8 de Bruxelas  
Richard Clark - Cineasta, Diretor do  
Festival Super 8 de Montreal e da  
Federação Internacional de Cinema  
Super 8  
Sheila Hill - Diretora do Festival de  
Cinema e Vídeo de Toronto  
Agnès Godard - Jornalista da  
Associação de realizadores no  
Festival Nacional.

**JÚRI OFICIAL  
FESTIVAL NACIONAL**  
André Kószel - Cineasta  
e produtor  
Roberto Miller - Diretor,  
CONCINE e Presidente em exercício  
do Sindicato da Indústria  
Cinematográfica do Est. de São Paulo  
Borjeb Vorobov - Programador de  
cinema do Museu da Imagem e do  
Som e da Cinematografia do Est. de São  
Paulo  
Betina Bertran - Estudante da Escola  
Superior de Propaganda e Marketing  
do São Paulo Estudantes do Curso de  
Carla Godard - Estudante da FAAP  
Carlos Eduardo Lima da Silva -  
Redator-chefe da revista Crítica da  
Informação e Prof. de Jornalismo da  
ECA-USP  
Carlos Righi - Estudante do Curso de  
Comunicação da FAAP  
Faizez José Mauad - Relações Públicas  
da Fototeca  
Fernique de Macedo Netto - Vice-  
presidente da Associação  
Paulista de Fotografia  
Geórgia da Embrafilme junto à  
imensa

José Carlo Magalhães - Diretor  
Cultural da Hebraica  
Lenita Assaf - Editora de Beleza e  
Saúde da revista Nova  
Leonardo Crescenzi Neto - Cineasta  
Super 8  
Malcarm Forast - Cantor, Compositor  
e Videomaker  
Nelly Salimenc - Redator-fotográfica  
Olyvia Kriebel - Crítico de Arte do Jornal  
da Tarde  
Poja Varruck - Crítica de Cinema de  
O Estado de São Paulo  
Roberto Miller - Cineasta e Produtor de TV  
Rogério Pereira - Crítico de Cinema do  
Shopping News

11



"Saudade": de Carlos Porto Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto

# "Super 8 no confronto com o Video-teipe"

Reprodução integral da matéria de Rubens Ewald Filho, crítico de cinema e membro do júri oficial do X Superfestival Nacional do Filme Super 8, publicada pelo jornal O Estado de São Paulo no dia 8 de Agosto de 1982.

Se a reação do público foi menos cálida do que nos anos anteriores, isso aconteceu por problemas geográficos do auditorio da Hebraica e de difícil acesso e principalmente porque houve uma mudança na qualidade do nível dos concorrentes. O que se não fosse a participação de Carlos Porto Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto e Carlos Portu, não seria absurdo não premiá-los se competitiva — teria sido uma total desolação.

Se a reação do público foi menos cálida do que nos anos anteriores, isso aconteceu por problemas geográficos do auditorio da Hebraica e de difícil acesso e principalmente porque houve uma mudança na qualidade do nível dos concorrentes. O que se não fosse a participação de Carlos Porto Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto e Carlos Portu, não seria absurdo não premiá-los se competitiva — teria sido uma total desolação.

Pode-se argumentar que eles já são verdadeiras estrelas do movimento, consagrando-se tetra-campeões neste ano. Além de terem conquistado o prêmio de melhor filme em 1979, em 1980, em 1981 e em 1982.

Volado pelo júri oficial como melhor filme do ano, "Saudade", de Carlos Porto Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto, ganhou o prêmio de melhor filme de curta duração. E certamente teria ganhado outros prêmios se não houvesse a tendência natural num festival de se dividir a premiação.

Será que alguém duvida ainda do talento de dupla Crescenti e Porto, principalmente depois de seu sucesso internacional? A sensibilidade, o cuidado, o bom gosto com que realizam seus filmes, a maneira como eles conseguem fazer com que o espectador se identifique com os personagens (como o injustiçado "Mandabão Flores não Fosse a Chuva" que teve que se contentar com duas menções honoríficas, do júri oficial e do público).

Nem por isso, a média dos filmes selecionados (38 entre 100 apresentados ao júri de Pré-Seleção) melhorou muito. Os filmes continuam a ser alongados demais, com frequência se perdendo em narrações retundentes, nos pontos acadêmicos e ingenuidades. O setor que mais sofre com isso é o Documentário. O melhor num foi o vencedor da categoria, "Praia do Flamengo, 132", de Chris Moura, realizado por Rubens Ewald Filho. Outros filmes pelo menos tiveram o cuidado de registrar a destruição do prédio da UNE.

Nas outras categorias, o critério do menos num permanece em evidência. O vencedor foi "Zélio", dos Icaros (Caco Bathomarcio e Paulo Sbarra). Esperamos que além de eles não terem conseguido ainda fazer o pulo para o profissionalismo, seria absurdo não premiá-los se continuarem a produzir os melhores filmes.

Este ano "Saudade" foi votado o melhor filme e deu ainda o prêmio de melhor atriz para Isadora de Faria (também vencedora no ano passado). O outro filme daele, "História Passional: Hollywood Califórnia" (que também foi

desse ao filme ganhador "Adiós, América", de Carlos Porto Andrade Jr. e Leonardo Crescenti Neto, que ficou em segundo lugar. O terceiro lugar foi para o filme "Pra Frente Brasil". Mas por suas intenções — afinal é pelo menos um filme com alguma proposta — do que pela realização, ele ganhou o Prêmio Especial do Júri.

A Mostra Internacional também não chegou, propriamente a trazer surpresas, a não ser a de revelar uma inesperada presença da subcultura gay, seja em termos de sensibilidade ou temática (como alguns filmes de curta duração, com alguns temas bastante interessantes). Mas não há dúvida de que todos os filmes concorrentes têm uma dignidade de realização (mas afinal já não são os melhores de cada país?). Segundo o júri, o vencedor foi "Bogus", um filme de animação belga, de Gilleslin Honoré e Jacques Iezzi, sobre um massal que se forma numa pia. Mesmo assim é um filme alongado e desigual. O mesmo se pode dizer do segundo colocado: o americano "Male Order" de Nino Manfredi. Obtiveram os outros prêmios: 3º colocado, "Sara Luvina" da Bélgica, de Jean-Louis Van der Linden; 4º lugar, "Homenagem ao Rio de Janeiro", de Eduardo G. Malave e S. John Lundgren; e 5º lugar, "John Lundgren, Photographer of the Dance", dos Estados Unidos, de Bob Brodsky e Tony Treadwell.

Não se deve procurar no exterior, porém, a resposta para a indagação: o Super 8 vai mesmo acabar? Na dúvida, há aqueles que advogam a possibilidade de uma convivência pacífica com o vídeo-teipe (da mesma maneira que o cinema conseguiu coexistir com o seu tradicional inimigo, a Televisão) mas a única "abertura" veio justamente do filme vencedor, "Saudade", que utiliza o teipe para as sequências de abertura e o vídeo-teipe para a história principal.

flash-back que a heroína vê reproduzida na tela de tevê. Uma solução? Nunca. Mas pelo menos é um começo.

## 12 anos de Super 8 no Brasil

De 20 a 25 de Setembro próximo o Super 8 volta a ocupar um espaço de destaque. Durante uma semana inteira o Centro Cultural Hebraicas vai apresentar o melhor da produção independente na área de filmes premiados em todos os festivais do Grife-Adão Super 8 e Fotográfica. Na retrospectiva uma revisão na obra dos grandes realizadores brasileiros: Carlos Porto Andrade Jr., Leonardo Crescenti Neto e Carlos Portu de Andrade Jr., entre outros. As sessões terão ingresso grátis e serão sempre às 20 horas. E na véspera de seu encerramento, dia 24 de Setembro, a partir das 16:30 horas, haverá um amplo debate sobre a situação do cinema independente e as perspectivas do cinema Super 8. Agrade a quem quiser agendar desde já. A programação dos superfestivais será fundamental.

## Rio verá Super 8 no MAM

Os cariocas que não puderem vir a São Paulo durante nosso Festival terão oportunidade de ver as produções estrangeiras e os filmes premiados aqui de 24 a 28 próximo no Museu de Arte Moderna, sob a coordenação de Jorge Moura e João Luz Vieira. Este será o primeiro passo para uma exposição de aliança entre Rio e São Paulo, sendo o Super 8 o primeiro passo. Além da mostra de filmes haverá debates com participação de vários artistas profissionais. Com entrada franca. Se puder, vá conferir.

## CONCURSOS E FESTIVAIS

### BRASIL

*XII JORNADA BRASILEIRA DO CURTA METRAGEM - SALVADOR* - Setembro: 1.ª quinzena - Coordenação Central de Extensão da Universidade Federal da Bahia - R. Araújo Pinho, 32, Canela, 40.000 Salvador, BA.  
*4.º FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DE SOROCABA* - Outubro: 25 a 29 - Inscrições até 10 de Setembro: Clube Sorocabano de Cinema - R. Dr. Alvaro Soares, 287, 18.100 Sorocaba, SP, ou Ação Super 8, São Paulo.  
*XI FESTIVAL SUPER 8 DE CAMPINAS* - Março 84: 2.ª quinzena - Centro de Ciências, Letras e Artes - R. Bernardino de Campos, 989, 13.100 Campinas, SP.  
*8.º FESTIVAL DE CINEMA SUPER 8 DE GRAMADO* - Março: 2.ª quinzena - Inscrições até 15 de Fevereiro: AGACINE (Associação Gaúcha de Cinematografia) - Pça. D. Feliciano, 39, Sobrelaja, 90.000 Porto Alegre, RS.  
*II FESTIVAL ESTADUAL SUPER 8 DA BAIXADA SANTISTA - SANTOS* - Junho: 1.ª quinzena - Inscrições até 10 de Maio: Clube Foto Amigos de Santos.  
*XII SUPERFESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER 8 - III INTERNACIONAL - SÃO PAULO* - Agosto: 13 a 18 - Inscrições até 15 de Julho: Ação Super 8 - R. Estados Unidos, 2240, 01427 São Paulo.

### EXTERIOR

*FRANÇA - 45ème RENCONTRE MONDIALE DES CINEASTES NON-PROFESSIONNELS* - Paris, 2 a 11 de Setembro - UNICA e Fédération des Clubs Français de Cinéastes: 54, Rue de Rome, 75.008 Paris.  
*ALEMANHA - XII INTERNATIONALE AMATEURFILM-FESTSPIELE* - Inscrições até 15 de Setembro: Georg-Voigt-Straße 37, D-3550 Marburg/Lahn, Western-Germany.  
*MALTA - XXII GOLDEN KNIGHT INTERNATIONAL AMATEUR FILM FESTIVAL* - Novembro: 23 a 26 - Inscrições até 20 de Outubro: P.O. Box 450, Valletta, Malta.  
*BÉLGICA - 5ème FESTIVAL INTERNATIONAL DU FILM SUPER 8 - LIEGE* - Novembro: 9 a 13 - Inscrições até 15 de Outubro: Centre Super 8, 12 Rue P.E. Janson, B-1050 Bruxelles, Belgium.  
*BÉLGICA - FESTIVAL INTERNATIONAL DE L'IMAGE ET DU SON* - Novembro: 23 a 27 - Inscrições até 30 de Outubro: Briart René, 5 Haie des Chênes, 4052 Dolembreux, Belgium.

*FINLÂNDIA - THE X INTERNATIONAL AMATEUR FILM FESTIVAL OF ROVANIEMI* - Novembro: 1 a 15 - Inscrições até 1.º de Outubro: The Arctic Circle Film, Rovaniemi Aarno Selander, Vuopajantie 14, 96.400 Finland.  
*CANADÁ-QUEBEC - FESTIVAL INTERNATIONAL DU FILM SUPER 8* - Fevereiro: 1.ª quinzena - Inscrições até 10 de Janeiro: Richard Clark, 9155 Rue St. Hubert, Montréal, Québec, H2M 1Y8.  
*ESTADOS UNIDOS - ANN ARBOR SUPER 8 FILM FESTIVAL* - Fevereiro: 2.ª quinzena - Inscrições até 15 de Janeiro: Ann Arbor Film Cooperative, P.O. Box 7592, Ann Arbor, Michigan, 48107.  
*ESPAÑHA - II CERTAMEN DE CINE SUPER 8 AFICIONADO DE CUENCA* - Fevereiro: 2.ª quinzena - Inscrições até 1.º de Fevereiro: Asociación Conquense de Cine Amateur, Apartado 85, Cuenca.  
*ARGENTINA - 5.º CONCURSO INTERNACIONAL DE CINE AMADOR DE LA PLATA* - Março: 2.ª quinzena - Inscrições até 1.º de Março: Cine Foto La Plata - Casilla de Correo n.º 4, Sucursal 4, (1900) La Plata, República Argentina.  
*ESPAÑHA - XIV FESTIVAL DE CINE SUPER 8 DE BADALONA* - Maio: 1.º quinzena - Inscrições até 15 de Abril: Museu Municipal (Secció Cinema Amateur), Plaça del Bisbe Iruita 1, Badalona.  
*PORTUGAL - 13.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA NÃO PROFISSIONAL DO ALGARVE* - Maio: 2.ª quinzena - Inscrições até 1.º de Maio: P.O. Box 8091, 1800/1900, Lisboa.  
*ITÁLIA - 35.ª MOSTRA DEL CINEMA NON PROFESSIONEL DE MONTECATINI* - Julho: 1.ª quinzena - Inscrições até 1.º de Junho: Sr. Romano Fattorossi, Via Menotti 10, 20120 Milano.  
*AUSTRÁLIA - MELBOURNE INTERNATIONAL FILM FESTIVAL* - Julho: 2.ª quinzena - Inscrições até 15 de Junho: Mr. Les Barnes, 18 Moore St., East Brighton, Austrália 3187.  
*VENEZUELA - FESTIVAL INTERNACIONAL DEL NUEVO CINE SUPER 8* - Agosto: 1.ª quinzena - Inscrições até 10 de Julho: Apartado 61482, Chacao 1060, Caracas.  
*CANADÁ-ESTADOS UNIDOS - THE VIDEO-SUPER 8 FILM FESTIVAL - TORONTO - ST. AUGUSTINE* - Outubro 84: 1.ª quinzena - Inscrições até 1.º de Setembro: Sheila Hill, Box 7109, Postal Station A, Toronto, Ontario, M5W 1X8.

ANEXO 36 – Reportagem da revista Isto É, sobre o término das atividades do GRIFE, datada de 8 de fevereiro de 1984. (Acervo Museu da Imagem e do Som de São Paulo)

SUPER 8

## Cai o último tempo

Por mais de doze anos ele foi o vértice da produção de filmes Super 8 no Brasil, um verdadeiro defensor da bitola que animou os circuitos alternativos dos anos 70. Produziu vários curtas-metragens, montou cursos especializados, promoveu onze festivais e, mais recentemente, incorporou o vídeo às suas atividades, numa trajetória que transformou a produtora Grife na escola Vídeo Ação Super 8. Mas Abrão Berman. 42 anos, resolveu entregar os pontos perante a

de Berman: "Estou mais interessado em retomar minhas outras atividades de ator, diretor e roteirista de cinema".

Berman faz questão de frisar: ele não fechou a firma – apenas passou as chaves do imóvel – e continuará colocando seu acervo de 120 filmes à disposição dos interessados. Continuará também a dar aulas de cinema e comunicação na Fundação Armando Alvares Penteado, a fazer suas críticas de cinema na Rádio Gazeta e a promover o Festival Nacional do Filme Super 8, com a Fotoptica (o próximo acontece em agosto). Pois, segundo afirma Berman, o Super 8 não morreu – apenas foi boicotado. Em 1980, quando o governo taxou-o como supérfluo e proibiu a importação de novos equipamentos, Berman viu até sinais de censura. "Claro, é uma

EDUARDO SIMÕES



Berman e o que restou de sua escola: um final melancólico

crise geral e, na terça-feira passada, fechou para balanço por tempo indeterminado. É uma era que se encerra para um certo tipo de produção independente do cinema brasileiro.

Não que Berman concorde com a derrota do Super 8 pela videomania. Pelo contrário: ele insiste em que não se trata apenas de dois processos diferentes, mas de duas linguagens extremamente específicas. Para ele, o problema são os custos da manutenção de uma escola, com aumento de aluguel, impostos e outras taxas que "multiplicariam por quatro o preço dos cursos" – que, até a semana passada, custavam 54 mil cruzeiros (vídeo, três semanas de duração) e 75 mil (Super 8, três meses de duração). Nem a hipótese de voltar a produzir filmes, para agências de publicidade e empresas, passou pela cabeça

forma muito fácil de comunicação, você leva o projetor aonde quiser e exhibe quando quer." Berman acredita ainda que sempre haverá gente interessada em mexer com o cinema – e, quanto à moda do vídeo, garante que este só roubou do Super 8 a faixa do "consumidor doméstico", aquele que registra o batizado do filho e outras cenas banais. Mesmo assim, admite que os alunos de vídeo, em sua escola, superavam numericamente os de Super 8, os últimos que acabaram comprando o equipamento posto em liquidação por Berman em sua sala: três câmaras, três projetores, seis editoras e seis coladeiras, mais alguns tripés e lâmpadas. Um melancólico final para um espaço onde estudaram Cláudio Cunha, Flávio del Carlo, a atriz Annamaria Dias e até Cassandra Rios. ▲

ISTOÉ 8/2/1984